

«Quem vê o Fado como coisa do passado,  
Não entende que este Fado  
É o agora do futuro».

Fernando Girão<sup>1</sup>

«É tarde demais para ser pessimista!  
A cultura, a educação,  
a investigação e inovação  
são recursos inesgotáveis!».

*Home*<sup>2</sup>

---

1 **GIRÃO, Fernando**, *Fado Cor do Sentimento*, poema interpretado por Joana Amendoeira, 2008.

2 **BERTRAND**, Yann Arthus, *HOME*, in <http://www.home-2009.com/us/index.html>, 2008, visualizado a 3 de Setembro de 2010, pelas 21:33.

## **ÍNDICE**

Agradecimentos.....	4
Índice de Figuras.....	6
Lista de Acrónimos.....	7
Resumo.....	8
Abstract.....	9
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
1.1. Objecto de estudo e operacionalização de conceitos-chave.....	10
1.2. Plano Exploratório .....	14
<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>15</b>
<b>I CAPÍTULO – O FADO EM PORTUGAL</b>	
1. A história do Fado: Origens e Memórias.....	21
2. O Mundo do Fado.....	25
2.1. O Fado na cultura e nas artes.....	25
2.1.1. Literatura, Prosa e Poesia.....	26
2.1.2. Televisão, Cinema, Teatro.....	28
2.1.3. Pintura e escultura .....	31
2.1.4. Imprensa, Publicidade e Rádio.....	32
2.1.5. Aqui, ali, entre nós.....	34
2.1.5.1. - Museu do Fado.....	35
3. O Fado ontem e o Fado hoje. Projecção do amanhã.....	37
3.1. Novas vozes.....	37
3.2. Novo público.....	38
3.3. Novos Financiadores e Trustees.....	39
3.4. Novas Vias de Divulgação.....	40
4. Internacionalização do “nosso” Fado .....	41
4.1. Até onde chega o nosso Fado.....	43
<b>II CAPÍTULO – FADO – UMA (NOVA) MATRIZ PARA A ESTRATÉGIA CULTURAL AO SERVIÇO DE PORTUGAL</b>	
1. Análise da Política Cultural Externa Portuguesa: do Estado Novo até 2009.....	47
1.1. Programas de Governo (1974 até 2009).....	48
1.2. Eventos de Promoção de referência.....	51
2. O factor Cultural na Política Externa Portuguesa: o Poder Suave.....	53
2.1. Uma Estratégia Cultural em definição.....	55
2.2. Organismos/instituições estatais envolvidas.....	56
2.3. Diplomacia cultural e/ou Diplomacia pública.....	58
2.4. Rede informal & Comunidades .....	59
3. A cultura ao serviço do país.....	61
3.1. Cultura versus Economia – Investimento na Cultura.....	62
3.2. Cultura versus Educação.....	64
3.3. Cultura versus Propaganda.....	65
3.4. Mecenato.....	67

4. O fado ao serviço da Política Externa Portuguesa.....	69
4.1. Promoção de Portugal e dos produtos portugueses.....	70
4.2. Candidatura do Fado a Património Cultural Imaterial da UNESCO.....	72
5. Fado-cultura, matriz da imagem de Portugal no Mundo?.....	74
5.1. Uma Estratégia Cultural ao serviço de Portugal.....	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
CONCLUSÃO.....	80
BIBLIOGRAFIA.....	86
Anexos.....	94
Anexos I) Momentos.....	94
Anexo II) Entrevistas.....	95
Anexo III) Afins.....	196

## **Agradecimentos**

O trabalho que se apresenta, tendo sido elaborado como Dissertação de Mestrado em Relações Internacionais, área de Especialização em Relações Diplomáticas e Cooperação, é o resultado de um longo período de investigação, de exploração, de dedicação e busca da compreensão da realidade. Não procuramos entendê-la na totalidade, mas desafiamos-nos a descobrir, a clarificar uma parcela muito específica que, por tal e pela sua complexidade, não seria alcançável nos seus elementos constituintes fundamentais sem a cooperação de intervenientes específicos. Assim, foi necessário contar com o auxílio e apoio de várias instituições e singulares seres, aos quais gostaria de agradecer.

Ao ISCSP que, desde o primeiro ano de estudos desenvolvidos no Ensino Superior, foi a minha Escola, a minha segunda casa. Aqui cresci. Obtive conhecimento, sabedoria e elevei a minha vontade de saber cada vez mais, cada vez melhor!

Ao Presidente, Professor Catedrático Doutor João Faria Bilhim, por levar o ISCSP cada vez mais longe, cada vez mais alto, procurando projectar nas novas gerações académicas um ensino e conhecimento sólidos.

Ao Coordenador da Unidade de Coordenação Científica e Pedagógica de Relações Internacionais, Professor Catedrático Doutor António de Sousa Lara, pelo tempo dedicado ao ISCSP e pela real aposta no desenvolvimento de competências através da existência e aprendizagem de matérias relevantes no programa de estudos da Licenciatura e do Mestrado em Relações Internacionais.

Aos Professores da Licenciatura em Relações Internacionais por todo o saber transmitido, por todas as aulas leccionadas, por todos os momentos partilhados e ideias debatidas em quatro anos intensos e cruciais da minha formação académica, profissional e sobretudo pessoal.

Ao Professor Victor Marques dos Santos enquanto docente das três cadeiras frequentadas no 2º Ano de estudos do Mestrado em Relações Internacionais.

Um agradecimento particular e especial, à Professora Doutora Sandra Rodrigues Balão, orientadora deste projecto final de Mestrado – a dissertação. Revelou-se sempre disponível, sempre presente. Partilhámos ideias, esclareci dúvidas, debati perspectivas. De facto, alguém com quem tenho vindo a aprender muito. Ensinaamentos que para sempre ficarão e um sentido crítico perante a realidade que jamais se libertará do meu modo de olhar para tudo o que nos rodeia, para tudo o que quotidianamente nos atinge e nos assola a vida.

A todos os directores e elementos de instituições públicas e/ou privadas relacionadas com o fado e com a preservação deste enquanto elemento de cultura e de identidade portuguesa. Por me terem ouvido e respondido a elencos de questões, dúvidas e inquietações.

A todos os organismos e organizações/instituições estatais que se disponibilizaram a receber-me nas suas instalações para entrevistas, conversas, esclarecimentos referentes à problemática em estudo.

A todas as produtoras, artistas, fadistas, investigadores, “peões” do mundo do fado que generosamente cederam tempo da suas vidas e carreiras para a concretização de entrevistas, para conversas enriquecedoras e descontraídas. Sem eles a abordagem e exploração, bem como a investigação desenvolvida para a compreensão do objecto de estudo em apreço seria pobre e o objectivo inalcançável.

À minha mãe, força da natureza; onde tudo faz harmoniosamente sentido e nada falta!  
Tudo se consegue!

Ao meu irmão Tiago que inicia o seu projecto de vida a passos sólidos. Dotado de um sentido de perfeição e de uma paz temível, tranquiliza qualquer pessoa e suaviza qualquer desgosto. Um bom coração palpita em si!

À minha família por todo o interesse no meu projecto, nos meus anseios e desejos, nas minhas vontades e desventuras. São sustento em matéria viva.

Aos meus amigos, meus pertences da alma e oleiros da minha pessoa. Sempre curiosos pelas minhas descobertas, sempre despertos para a minha problemática, sempre presentes para o desanuvio.

Aos meus colegas pela compreensão e paciência.

Ao João pela confiança creditada. Pelo amor oferecido. Pela vida partilhada. O ponto de equilíbrio, a luz ténue que ilumina o percurso terreno. O futuro nos pertence!

A todos o meu profundo e merecido obrigada!

**Índice de Figuras**

Figura 1 – Mudar as políticas da Política Externa.....	54
Figura 2 – Adaptação da Fig.1 introduzindo o fado na esquemática da Política Externa.....	70
Figura 3 – Uma Estratégia Cultural ao serviço de Portugal.....	76
Figura 4 – Análise SWOT.....	79

**Lista de Acrónimos**

APA – Associação Portuguesa de Amesterdão

CIG - Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género

CML – Câmara Municipal de Lisboa

CPLP – Comunidade de Países de Língua Portuguesa

EGEAC – Empresa Municipal de Gestão de Equipamentos e Actividades Culturais

EUA – Estados Unidos da América

IC – Instituto Camões

IPAD – Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento

ISCTE – Instituto das Ciências do Trabalho e da Empresa

ISCSP – Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas

IVA – Imposto de valor acrescentado

PIB – Produto Interno Bruto

RTP – Rádio Televisão Portuguesa

SPA – Sociedade Portuguesa de Autores

SWOT – Strength Weakness Opportunities Threats (Pontos fracos, Pontos fortes, Oportunidades, Ameaças)

UNESCO – Conferência Geral das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UTL – Universidade Técnica de Lisboa

## **Resumo**

O trabalho de investigação que se segue aborda a questão da política cultural externa portuguesa, centrando-se no período entre o Estado Novo e 2009, e a necessidade expressa de edificar uma estratégia cultural forte e visível.

Para tal, apontamos o fado como possível matriz desta (re)nova(da) estratégia. O fado que é presença nas artes, nas manifestações e produções culturais, sobretudo, ao longo do último século. O fado que, enquanto produto cultural genuíno e internacionalizado, transporta e difunde consigo a língua portuguesa, o particular jeito de ser português e parte da cultura que nos identifica. E que é símbolo e representa a presença de Portugal no Mundo.

É certo que a empatia ou a identificação com o produto depende do público receptor – dos gostos, dos intelectos, do sentir, da alma – mas é inegável que o fado leva o ouvinte a querer compreender, a querer conhecer Portugal, o ser português<sup>3</sup>. E, apesar de não existirem dados concretos nem um estudo aprofundado, é legível, pelos inúmeros testemunhos e confissões captadas, que muitos cidadãos do mundo querem aprender o português porque já ouviram cantar o fado.

No contexto de permanente crise, financeiramente agravada nestes últimos anos, ***Fado - Matriz para uma (nova) Política Cultural Externa. Uma Estratégia Cultural ao serviço de Portugal*** equaciona a cultura enquanto via possível para uma solução estrategicamente ganhadora ou, pelo menos, elemento-chave, desta alternativa. Uma chave criativa para a fuga ao panorama de constrangimento e restrição económica, assim como, de empreendedorismo fatalista. Equacionamos o fado como matriz potenciadora dessa mesma possível solução cultural.

Porque investir na cultura não é desperdiçar fundos, mas repensar uma estrutura social, institucional, educacional e de investimento consideramos que hoje, Portugal precisa de deixar a neblina. É agora que Portugal precisa de arriscar e cumprir-se enquanto país!

## **Palavras-chave:**

Fado; Cultura; Estratégia; Política Cultural Externa; Portugal; Internacionalização.

---

<sup>3</sup> Cfr. **PASCOAES**, Teixeira de, *Arte de ser português*, Assírio & Alvim, Lisboa, 1991.

## **Abstract**

The following academic work addresses the portuguese cultural policy's issue, from New State till 2009, and the expressed need to build a cultural strategy inside and outside borders.

To achieve that main goal, we indicate *Fado* as a possible matrix for this (re-)new(-ed) strategy. *Fado*, that is present in arts, in cultural events and productions, especially, in this last century.

*Fado*, as a genuine and an internationalized cultural product, brings and diffuses with him the portuguese language, the particular way of being portuguese and also part of the culture that identifies each one of us. And that it's a symbol and represents the presence of Portugal in the World.

For sure the empathy or the identification with this product it depend on the public: what they like, what they want. However it's undeniable that *Fado* takes to the listener the curiosity to understand what is said in each song. The listener wants to understand the language, wants to know Portugal and the Portuguese people.

Although there are no detailed numbers, neither a depth study, is assured, by numerous testimonies and some particular confessions, that many world citizens want to learn portuguese language because they have already heard a *fado*.

In a context of permanent crisis, financially exacerbated in this last year, ***Fado – The Matrix for a (new) Cultural Foreign Policy. A Cultural Strategy to Portugal*** sees culture as a possible way for a strategic and winner solution or a part of this alternative. A creative key to escape from the constrained and restricted environment as well as this fatalistic entrepreneurship; it predicts *fado* as a potentiating matrix of that cultural solution.

To invest in culture is not just wasting money but it's a way of rethinking a social, institutional and educational structure.

Portugal needs to leave the mist! It's right now that Portugal needs to take risks and to be fulfilled as a country!

## **Key-Words:**

Fado; Culture; Strategy; Cultural Foreign Policy; Portugal; Internationalization

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1. Objecto de estudo e operacionalização de conceitos-chave

Pensar que outrora estivemos longe do território onde agora estamos confinados, que conquistámos terras, povos e culturas...Pensar que estas conquistas nos elevaram enquanto país, pátria, império...

Hoje Portugal ainda chora os que partiram! Hoje Portugal ainda relembra o sonho do V Império nunca alcançado e que tarda em edificar, pela demorada chegada de D. Sebastião<sup>4</sup>!

Esquecemo-nos que, para lá do que descobrimos, daquilo que territorial e materialmente já não nos pertence, existe uma cultura, uma alma, uma expressão portuguesa repartida, difundida em todos e cada um dos pontos do vasto roteiro quinhentista. Subsiste uma cultura portuguesa! Algo que nos pertence, nos diferencia e nos torna mais nós.

Mas o que é a “cultura”?

É a «acção de cultivar a terra; o produto do cultivo da terra; o conjunto das técnicas necessárias para obter do solo produtos vegetais para consumo.»<sup>5</sup>. Mas também é o «desenvolvimento de certas faculdades através da aquisição de conhecimentos; educação; o conjunto dos conhecimentos adquiridos que contribuem para a formação do indivíduo enquanto ser social.»<sup>6</sup>. Mais: «É o saber; o conjunto de costumes, de instituições e de obras que constituem a herança de uma comunidade, de um grupo de comunidades; sistema complexo de códigos e padrões partilhados por uma sociedade ou um grupo social e que se manifesta nas normas, crenças, valores, criações e instituições que fazem parte da vida individual e colectiva dessa sociedade ou grupo; (...) desenvolvimento dos conhecimentos e das capacidades em domínios considerados necessários para todos.»<sup>7</sup>. «Em termos operativos, cultura é genericamente considerada como o desenvolvimento espiritual, intelectual e estético de uma sociedade ou povo.»<sup>8</sup>

E porque «(a) escolha do tema, portanto, deve obedecer a critério seguro, honesto e verdadeiro (...) sigam-se, pois, as tendências próprias do espírito, as inclinações intelectuais, os estudos predilectos»<sup>9</sup>. Como tal, a investigação que aqui se desenvolve tem como objectivo fundamental apresentar o fado como factor matriz de cultura de um povo; buscar efectivamente a sua operacionalidade e validade como instrumento aglutinador que constitui um eixo central

4 Cfr. **LOURENÇO**, Eduardo, *Labirinto da Saudade*, Gradiva, Lisboa, 2000, p.22.

5 Dicionário da Língua Portuguesa, Porto Editora, Porto, 2004, p. 65.

6 Idem.

7 Idem, *ibidem*.

8 **SEBASTIÃO**, Sónia Margarida Pedro, *O Destino Manifesto*, Proposta de Tese de Doutoramento em Ciências Sociais na Especialização em Ciências da Comunicação, UTL-ISCS, Lisboa, 2008, p. 29.

9 **RÊGO**, António Silva, *Noções de Metodologia e Crítica históricas*, Gabinete de Estudos Ultramarinos, Centro Universidade de Lisboa, MCMLI, p. 28.

para onde tendem a convergir as medidas que parecem estar a dar corpo à orientação estratégica de uma (nova) Política Cultural Externa Portuguesa. Mencionamos *(Nova) Política Cultural Externa Portuguesa* porque subsiste a dificuldade em identificar estratégias, medidas e os caminhos a trilhar para garantir a concretização efectiva desses mesmos objectivos. A efectividade daquilo que se projecta (quando se projecta), que se define (quando tal definição existe) é intermitente, pouco estudada.

Procurando responder à pergunta de partida de toda a investigação – **Será possível apresentar o Fado como matriz de uma estratégia cultural portuguesa, para a consolidação de uma (nova) política cultural externa?** - o fado apresentar-se-á ao longo da dissertação como elemento base de uma dinâmica cultural externa e difusor do nosso país, da sua imagem e cultura no exterior. Uma força motriz da nossa projecção e actuação enquanto Estado soberano e detentor de uma cultura. O fado é o nosso objecto de estudo.

Analizamos, num segundo eixo, a política externa portuguesa e questionamos a vertente cultural no seu seio, limitando a problemática no hiato temporal entre o Estado Novo e 2009, aquando do fim do XVII Governo Constitucional de Portugal. Confrontamos o «conjunto de iniciativas que emanam do actor estatal, com vista a mobilizar para o seu serviço o máximo de factores disponíveis, tanto na esfera internacional como no domínio interno.»<sup>10</sup>, ou seja, uma política, um conjunto de medidas que a serem tomadas beneficiariam o Estado e cooperariam na sua interacção no actual ambiente internacional complexo, diminutamente homogéneo, mas intensamente globalizado. A política cultural externa é o meio em que o nosso objecto de estudo surge propomos uma nova estratégia para a executar.

***Fado – Matriz para uma (nova) Política Cultural Externa. Uma Estratégia Cultural ao serviço de Portugal*** tenciona alertar para a importância da cultura enquanto cromossoma vital da sociedade. A analogia que aqui apresentamos é utilizada por considerarmos que o corpo em causa, o país, necessita de repensar estratégias, equacionar e solidificar propostas e sustentavelmente aplicar políticas exequíveis e com durabilidade no espaço e tempo, particularmente no panorama actual de crise (que se arrasta há vários anos). Assim a nossa inquirição conduz-nos a equacionar se “não constituirá a cultura uma resposta possível ao panorama ameaçador, decadente e negativo que actualmente vivemos?” “Não será a cultura um cromossoma vital à sociedade? Uma resposta para a crise?”

Optámos pelo objecto de estudo “Fado” por ser único na sua génese e identidade, por ser um elemento que empiricamente se apresenta como aglutinador da cultura portuguesa, por ser transversal, também, aos vários domínios e sectores de actividades da sociedade portuguesa: das artes, à economia, da história, ao turismo (entre outras). Neste ponto, torna-se importante esclarecer que, não incluímos o fado de Coimbra, ou antes a Canção de Coimbra. Subsiste entre as duas melodias uma hegemonia, o que desde logo demonstra que não pretendem ser confundidas, nem tão pouco miscigenadas. Tivemos em consideração a opinião

10 **PALMA**, Elisabete Cortes, *Cultura, Desenvolvimento e Política Externa*, IDI-MNE, Lisboa, 2006, p. 23.

dos participantes dos dois universos e, depois de ponderarmos, limitámos o nosso estudo ao fado, canção de Lisboa. O Fado enquanto expressão popular urbana lisboeta mas que se expande como melodia portuguesa, Fado de Portugal.<sup>11</sup>

Estrategicamente estudamos o fado e esperamos que a partir dele possamos avançar um pouco mais. Procuramos um patamar superior onde se lance uma proposta de estruturação da cultura, da política cultural externa, tendo por base a identificação e posterior articulação de elementos chave que parecem estar “enevoados” ou permanecem simplesmente perdidos e desconhecidos.

Mas porquê estrategicamente? O que pretendemos alcançar ao apresentarmos uma “estratégia” cultural?

«Pensamento estratégico só há um. Diferentes são as motivações dos agentes envolvidos no processo estratégico e os contextos de aplicação das conclusões obtidas.»<sup>12</sup>

Como tal a responsabilidade é clara. A estratégia assume-se como «a arte que permite, independentemente de qualquer técnica, dominar os problemas que só por si são colocados por qualquer duelo, para permitir justamente utilizar as técnicas com o máximo de eficácia [...] pode admitir-se que a finalidade da estratégia seja atingir os objectivos fixados pela política, utilizando, o melhor possível os meios de que se dispõe.»<sup>13</sup>. Neste sentido, o fado será um dos melhores meios que dispomos para a implementação da política cultural externa que a política idealiza.

No desenvolvimento da nossa análise optámos por seguir uma linha que parte do particular para o geral assente, sobretudo, no método indutivo. Partimos da questão central e dos objectivos traçados para uma conclusão que não pode ser deduzida destas de ânimo leve. Centrámos a nossa atenção no fado para que, mediante o seu estudo e posterior compreensão, possamos não só entender a cultura como um todo, mas sobretudo o fado integrado e influente no seio desta de modo decisivo e, até, condicionador. Deste modo, procuramos avançar no sentido de desenvolver a capacidade de compreensão-explicação do país, da sua política cultural externa em articulação com a sua estratégia nacional (existente e a ser criada).

A realidade e os factos constituintes mostram, claramente, que há que repensar políticas culturais, há que (re-)equacionar o orçamento para a cultura, há que (re-)colocar a cultura na sociedade e torná-la um produto disponível, acessível aos cidadãos. Não se trata de instrumentalizar ou manipular. Trata-se de estimular, de proporcionar, de partilhar e de “provocar” a sua elaboração e difusão em Portugal e no Mundo.

---

11 Os vários inquiridos crêem apenas na existência de um “fado” sendo o outro, de Coimbra, não considerado fado, mas “canção”. Um debate que teria, se quiséssemos disso fazer, um distinto objecto de estudo.

12 **ABREU**, Francisco, *Estratégia. O grande debate Sun Tzu e Clausewitz*, Edições Colibri, Horizontes da Polis, Lisboa, Novembro 2000, p.1.

13 **BEAUFRE**, André, *Introdução à Estratégia*, Edições Silabo Lda, 1ª Edição, Lisboa, 2004, pp. 35 e 37.

É urgente compreender que a componente cultural arrasta outras vertentes: quer a política quer a económica; a do comércio de produtos, de circulação de bens e de pessoas. «A cultura nacional é um curioso fenómeno do espírito colectivo, e resulta da combinação de muitos elementos.»<sup>14</sup>.

A cultura edifica o *soft power* que vai para além da perspectiva da influência, da persuasão, da capacidade de conduzir o outro a agir de determinado modo<sup>15</sup> e que aglutina no seu conceito, «a habilidade de seduzir, o poder de atrair.»<sup>16</sup>. É a tentativa do verdadeiro «negócio de conquistar amigos e influência através da cultura.»<sup>17</sup>.

A perspectiva de análise, no domínio das Relações Internacionais, é funcional e simultaneamente sistémica. Centramo-nos na realidade, na funcionalidade dos dados e do meio onde surgem das constatações que obtemos. Destes retiremos e estudamos as várias valências, as distintas facetas do objecto de estudo.

Por fim, qual o enquadramento da temática na disciplina, no âmbito das Relações Internacionais? Ora, se em Relações Internacionais estudamos as sinergias, as interacções entre sujeitos, actores, Estados, instituições, organizações e se esta dinâmica das «Relações Internacionais comporta um número de variáveis cada vez maior: as estratégias, o carácter nacional, as ideologias, as lideranças, a natureza dos regimes, o sentido das alianças, as novas tecnologias aplicadas»<sup>18</sup>, esta investigação pretende revelar como um elemento cultural tem propriedades para criar e prolongar relações entre países, povos e pessoas; como o fado alcança, enquanto elemento identitário português, o proveito de influência, de identificação de um país num contexto internacional e provoca “relações” entre os Estados quer de um modo formal ou informal.

Pode ser considerada, no fundo, uma nova abordagem das Relações Culturais Internacionais, que procura levantar e apelar à criatividade dos temas, dos elementos estudados e das opções em constante “adequação” a um presente e um futuro em permanente mutação.

E porque o fado por si só é um produto cultural genuíno que se constrói e se dissemina sem fronteiras, sem vistos e sem formalidades; porque o fado transporta em si e consigo

---

14 DIAS, Jorge, “Estudos do carácter nacional português”, in **Estudos de Antropologia Cultural N°7**, Centro de Estudos de Antropologia Cultural, Lisboa, 1971, p.13.

15 Cfr. BALÃO, Sandra Maria Rodrigues, “Soft Power, Hard Power”, Recensão, in **AA.VV., Revista de Ciências Sociais e Políticas**, n° 1, ISCSP-UTL, Lisboa, 2007 p. 224.

16 Cfr. NYE JR., Joseph S., *Soft Power: The means to success in World Politics*, Public Affairs, New York, 2004, p. 56.

17 «*Business of winning friends and influence through culture*»: Cfr. PALMA, Elisabete, apontamentos retirados da aula leccionada pela Mestre Elisabete Palma, no âmbito da cadeira de Seminário de Práticas Diplomáticas, 4º ano de Licenciatura em Relações Internacionais, ISCSP-UTL, Lisboa, Ano Lectivo de 2006/2007.

18 ALMEIDA, Políbio Valente de, *Teoria Geral da Estratégia*, Edição da Associação Académica, ISCSP, Lisboa, Março, 1987, p.1.

Portugal e revela-o ao e no Mundo; porque o fado é «uma matriz identitária do nosso País.»<sup>19</sup>, merece ser equacionado como motor da nossa política cultural externa, como matriz de uma estratégia cultural.

E talvez haja um “fado” em cada cultura, mas igual a este, só o nosso!

## **1.2. Plano Exploratório**

Após a apresentação e introdução do objecto de estudo, do objectivo definido e da justificação da pertinência da problemática em apreço partimos para a visão panorâmica da estrutura do trabalho.

Este está dividido em dois blocos de referência que se ramificam em questões mais específicas e persistentes ao longo da investigação.

Iniciamos o nosso percurso com o capítulo dedicado ao fado, no seio do qual abordamos a especificidade deste elemento cultural, sintetizamos a sua história e apresentamos considerações sobre algumas teorias que explorámos devido à sua credibilidade e factos apresentados. Passamos, depois, a explorar a ligação que se estabelece entre o fado e o universo cultural das artes nomeadamente com o cinema, o teatro, as artes plásticas, entre outras. Revisitamos, ainda, vozes antigas, com base nas quais procuramos apresentar a possibilidade de projectar novas entoações, novos públicos, novos financiadores, novos meios e canais para promoção do fado. Deste modo, e seguindo uma via descritiva, procuramos explorar e revelar o sentido estratégico deste produto português internacionalizado e a transversalidade da sua importância na cultura.

Segue-se o bloco temático sobre a nossa proposta do Fado enquanto motor de uma estratégia cultural. Inquirimos a importância do factor cultural, analisamos programas de governo entre o Estado Novo e 2009, questionamos as estratégias que têm sido desenvolvidas; analisamos a magnitude dada à cultura no nosso país, através da leitura e análise de documentos, de estudos, de notícias, de artigos, confrontando-a com campos próximos e com os quais se confronta diariamente e ao longo dos tempos. Abrimos, aqui, espaço à reflexão e investigação; debatemo-nos com a viabilidade da proposta, com as acções que se constatarem terem sido ou estarem a ser desenvolvidas no terreno através das iniciativas estatais e/ou com eventos que são construídos e realizados por redes sociais, informais, por grupos de cidadãos anónimos, grupos associativos, recreativos, comunidades de emigrantes, mecenas, entre outros. Procuramos explorar os meios e as estratégias através das quais o fado promove, divulga, representa o nosso país no mundo, mas também as dificuldades que enfrenta. Procuramos apresentar e demonstrar em que medida podemos avançar para a

---

19 **NERY**, Rui Vieira, *Para uma História do Fado*, Público, Lisboa, 2004, p. 14.

proposta concreta de centrar no Fado a linha de orientação estratégica da Política Cultural Portuguesa, fazendo gravitar em torno dele as restantes iniciativas coadjuvantes da política cultural nacional interna e externa.

As considerações finais encerram o plano de exposição da investigação reunindo as diversas componentes do estudo, as conclusões singulares e uma visão global do trabalho desenvolvido. Procuramos responder a inquietudes e a questões levantadas desde o início, assumimos verificar a hipótese, uma resposta à questão que espoletou a investigação.

## 2. METODOLOGIA

«Toda a investigação parte de um certo problema e (...) o objectivo da mesma [investigação] é precisamente procurar solucionar esse problema.»<sup>20</sup>. O caminho não é directo. Todo e qualquer trabalho de investigação, é, por si só, um processo multidisciplinar e multidimensional, com questões, objectivos e respostas, validações que vão surgindo, com premissas que vão sendo substituídas e repostas por outras. Nada é estável e numa realidade em constante mudança as teorias criam-se, renovam-se, substituem-se<sup>21</sup>.

De igual modo «temos a noção que o método não é uma fórmula rígida, uma receita a aplicar cegamente: por isso, na tradição aprendida, adaptámo-nos às realidades estudadas, num quadro expositivo que (...) pretende desde o primeiro momento ser basicamente dinâmico, quase um motor de perguntas que feitas no domínio do real (...) constituem a matéria primeira do processo científico.»<sup>22</sup>.

Assume-se que «o universo humano não é algo de indiferenciado e que existe pronto a ser descoberto. Compreender o mundo de diferentes maneiras é, aliás, um papel essencial da pesquisa social e a capacidade de ver tais diferenças e tornar inteligíveis os diversos pontos de vista é uma contribuição fundamental que a teoria pode dar ao processo de pesquisa.»<sup>23</sup>.

A questão central desta investigação consiste em posicionar o fado como matriz de uma política cultural externa. Será válida esta opção ?

Espoletou a dúvida, estabeleceram-se os objectivos, que se fixaram como «importantes precisamente porque derivam de teorias, que são o conjunto de presunções e leis subjacentes,

---

20 **MALTEZ**, Adelino, *Princípios de Ciência Política. Introdução à Teoria Política*, 2ª edição, ISCSP, Lisboa, 1996, p. 37.

21 Cfr. **POPPER**, Karl, *Open Society and its Enemies: Hegel and Marx*, Vol. II, Routledge, Oxon, 2002, p. 287.

22 **BESSA**, António Marques, *Quem governa? - Uma Análise Histórico-Política do Tema da Elite*, 1ª Edição, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa, Março de 1993, p. 37.

23 **MOREIRA**, Carlos Diogo, *Planeamento e Estratégias da Investigação Social*, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa, 1994, p.19.

que tratam de explicar o comportamento dos fenómenos em estudo.»<sup>24</sup> e partiu-se em busca da veracidade e aplicabilidade da questão; passou-se da exploração da temática à realidade.

A pergunta de partida mantêm-se:

**Será possível apresentar o Fado como matriz de uma estratégia cultural portuguesa, para a consolidação de uma (nova) política cultural externa?**

Enumeram-se questões coadjuvantes, reflexões que contribuem para apurar a pergunta chave:

◆ Será o fado passível de ser utilizado como instrumento, como meio, como elemento de divulgação de outras áreas de interesse estratégico nacional como o turismo, a economia, o comércio?

◆ Poderá ser um foco construtor e disseminador de *soft power*?

◆ Existe, ou não, um sentido empreendedor associado a este Fado?

◆ Qual a importância efectiva, real, do Estado na cultura, na política cultural externa?

◆ Não se sustentará esta política cultural externa, esta promoção da cultura portuguesa maioritariamente em redes informais, impessoais, libertas de normas, leis ou directivas?

◆ Será este produto cultural capaz de ser verdadeiramente aglutinador de uma estratégia nacional para uma política cultural externa?

Várias são as questões, particulares inquietações que culminam na necessidade de delinear, postular e aplicar uma Política Cultura Externa que permita ao nosso país, à nossa sociedade, uma fuga do ciclo menor em que se encontra.

Para procurarmos responder às questões que neste âmbito podem ser equacionadas e que no contexto desta investigação levantámos, procurámos encontrar e evidenciar «o nexo existente entre um facto conhecido e outro desconhecido, mas que se deseja conhecer.»<sup>25</sup>, e por isso, optámos por uma forte componente empírica, de observação directa, participante, com recurso a entrevistas, a deslocações ao terreno, trabalho de campo; a constatações sensoriais e presenciais com as quais procurámos enriquecer, e ao mesmo tempo contribuir para uma maior credibilização do discurso que pretendemos homologar. Colocámos, igualmente, uma ênfase na análise de conteúdo de letras, obras artísticas que nos permitissem «fazer inferências, válidas e replicáveis, dos dados para o seu contexto.»<sup>26</sup>.

Construímos entrevistas semi-estruturadas, nas quais «o entrevistador faz sempre certas perguntas principais mas é livre de alterar a sua sequência ou introduzir novas

24 **BALÃO**, Sandra “Moisei Ostrogorski: o problema da corrupção”, in **BESSA**, António Marques (Coord.), **Elites e Poder – Ensaios**, ISCSP, Lisboa, 1997, p.79.

25 **REGO**, António Silva, *ob. cit.*, nota 9, p. 77.

26 **KRIPPENDORF**, K., “Content Analysis: An introduction to its Methodology”, Cit. in, **SILVA**, A. S; **PINTO**, J. M., *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Ed. Afrontamento, p.103.

questões»<sup>27</sup>, com o objectivo de captar de um modo mais autêntico e próximo, a relevância de tal temática para o entrevistado. Procurámos conhecer a opinião dos intervenientes directos, questionando-os, tornando o seu pensamento uma porta aberta e a sua boca uma forma de libertar convicções, vivências...até de segredos e algumas confidências!

Tomou-se o risco de uma observação participante que poderá ser menos rígida, menos racional baseada em percepções e relatos. Admitimos tornar matéria de estudo, fonte de conhecimento, as palavras de quem trabalha com o fado, de quem vive no mundo do fado, de quem vive o fado como modo de ser e forma de estar quotidianamente. É certo «que as entrevistas não esgotam o tema; e a selecção poderia certamente, ser alargada. Porquê estes nomes e não outros? Escolher e optar é um risco por natureza aleatório.»<sup>28</sup>.

As alternativas passariam sempre por restringir a investigação a documentos já escritos, a fontes e registos disponíveis. O resultado seria, em nosso entender, mais pobre, mais distante da realidade, menos aliciante enquanto desafio. «Entendem-se que os designados correspondem (...) ao fim em vista (...) um excelente instrumento de trabalho.»<sup>29</sup>.

Foram, então, elaborados guiões de entrevista para recolher informações de quem vive, de quem está envolvido no universo da política externa, do fado ou da cultura em trâmites gerais. Realizaram-se entrevistas a fadistas, a investigadores, a académicos, a directores de museus e a agentes culturais ligados à divulgação de Portugal dentro e fora de portas, entre muitos outros peões do universo da temática esmiuçada e que se prestaram a colaborar por via dos questionários aplicados.

Todas as entrevistas elaboradas encontram-se anexadas à dissertação numa ordem cronológica. É visível que conforme a evolução temporal algumas questões ganharam mais relevância. Mediante a área de cada entrevistado, foram formuladas novas questões, tendo sempre por fio condutor o fado, a cultura, a política cultural externa, a temática do estudo.

E se por um lado a «pesquisa empírica é virtualmente impossível»<sup>30</sup> ela é, desde logo e por si considerada de forma isolada, incompleta. Existe a necessidade insistente de textos, documentos escritos, de fundamentações circunstanciais registadas que se apliquem à problemática enunciada.

Foi, por isso mesmo, necessário e vital recorrer a fontes documentais, a bibliografia disponível. Recolher dados, declarações e ideias. Transcrever citações, reescrever e articular conhecimento. No fundo, proporcionou-se a interacção da informação a fim de criar um pensamento lógico, consistente e, substancialmente, viável. Há que fazer evidenciar a sustentação necessária para a validação da investigação.

No sector das fontes documentais distinguimos as fontes primárias «constituídas por livros e outros documentos que foram produzidos pelas pessoas que estão a ser estudadas

27 **MOREIRA**, Carlos Diogo, *ob. cit.*, **nota 23**, p. 133.

28 **BASTOS**, Baptista, *Fado Falado*, Colecção Um século de Fado, Ediclube, 1999, p.9.

29 *Idem*, p.9.

30 **MOREIRA**, Carlos Diogo, *ob. cit.*, **nota 23**, p.29.

durante o próprio período de pesquisa.»<sup>31</sup>, incluindo nesta categoria publicações do Museu do Fado, e outros organismos e órgãos que trabalham neste universo contribuindo para a sua criação e manutenção como tal.

Recorremos, paralelamente, a fontes secundárias que, em oposição às primeiras, englobam documentos e livros escritos a *posteriori*, “fora” dos acontecimentos relatados e por indivíduos que não foram directamente intervenientes. É o caso de alguns dos diversos artigos de opinião extraídos de várias publicações, revistas e imprensa, bem como das inúmeras obras que abordam a temática do fado e política externa portuguesa que se exibem neste trabalho final.

É ainda importante salientar a escassa bibliografia disponível sobre o fado. Há ainda um longo percurso científico e académico a percorrer no que se refere ao estudo e produção científica nesta área, nomeadamente naquilo a que este elemento cultural português diz respeito, à sua aplicabilidade estratégica e potencial na sociedade.

O cruzamento dos dois tipos de fontes, primárias e secundárias, permite uma visão mais completa da problemática em apreço conjugando as perspectivas de quem a viveu e de quem a viu viver, ou a vive presentemente.

As fontes documentais, maioritariamente escritas, incluem, ainda, documentos directos e indirectos: acordos, protocolos, convenções, programas de governo, documentos oficiais, entre outros.

Incluímos também fontes documentais não escritas onde vigoram vídeos, documentários, exposições, entre outros elementos historiográficos que nos permitiram retirar conhecimento e ilações do e para o objecto de estudo. Os monumentos e museus visitados transmitiram-nos conhecimento, saber e elementos para a realização e concretização da investigação.

O estudo apresenta-se, maioritariamente, qualitativo, com recurso esporádico a dados numéricos que têm como principal objectivo evidenciar e clarificar as conclusões passíveis de ser obtidas a partir da análise documental. Procura-se, também, aferir se os números espelham a realidade ou se ampliam a divergência.

O binómio das análises explica-se: a análise qualitativa incide sobre a frequência de dados, sobre a repetida constatação de certas ideias e pensamentos, pretendem dar «uma visão “por dentro”»<sup>32</sup> enquanto a quantitativa se encontra presente quando são analisados dados provenientes de quadros, gráficos, estatísticas e valores que lançam as projecções, perspectivas, resultados.

Seguindo o que foi inicialmente dito, a metodologia é interdisciplinar. Não faria sentido centrarmo-nos apenas numa dinâmica, quando se quer abordar o universo multidimensional e multidisciplinar do fado enquanto proposta de matriz da política cultural externa portuguesa.

---

31 Idem, p.29.

32 Idem, *ibidem*, p. 101.

Logo, recorreremos a múltiplas disciplinas: da História à Política, passando pela Economia, Musicologia, Etnologia, entre outras. Um análise sistémica.

Definida a metodologia, fundamental «para garantir a eficácia dos resultados pretendidos, sob pena de perder o controlo»<sup>33</sup> e tentando seguir «aquela intenção de rigor e objectividade que implica o esforço racional para substituir a opinião (*dóxa*), pelo conhecimento (*episteme*)»<sup>34</sup>, parte-se para a investigação, para a constatação da realidade e para a recriação da mesma em conhecimento, em sabedoria, em novas premissas que se apresentem viáveis numa perspectiva científica.

Aproveitamos a nota metodológica, ainda, para ressaltar o facto de nem todos os vértices serem investigados e analisados neste trabalho. Assume-se a impossibilidade de «demonstrar todos os pressupostos, quer ideais, quer materiais das ideologias, das doutrinas, das teorias políticas.»<sup>35</sup>.

«Será sempre a nossa visão, a nossa selecção dos factos e das informações, a nossa inteligência sobre uma temática.»<sup>36</sup>. Nada é tido como único, exclusivo ou imutável. Neste preciso momento novas informações estarão disponíveis e uma realidade distinta poderia ser estudada. A evolução é constante e deve ser acompanhada de novos e libertos estudos.

A questão surgiu, os objectivos prevaleceram, a pesquisa impôs-se! Será o fado potenciador e por si só capaz para a promoção da cultura portuguesa no mundo? Será o fado matriz da cultura portuguesa? E quão primordial é o papel da cultura na nossa sociedade, na nossa política, na nossa estratégia externa? Caber-nos-á a nós ou ao Estado o papel de criar, canalizar e ostentar a nossa cultura?

Colocamos o fado como arte até o obtermos enquanto potencialidade. Partimos do particular para o geral; descortinamos uma das facetas da cultura portuguesa obtendo no fundo a noção da sinergia da cultura no seu colectivo, no seu todo. Recorreremos sobretudo ao método indutivo.

Pretendemos, de um modo científico, obter as respostas e enunciar as constatações quer positivas, quer negativas. O desafio é alcançá-las. Sempre através de um método de causalidade, de constatação, de veracidade.

Um último apontamento para o facto do trabalho ser impresso em papel reciclado, um contributo ambiental para uma causa global que, tal como a cultura, deve ser potenciada por cada um de nós.

---

33 **BALÃO**, Sandra Rodrigues, *A Fórmula do Poder*, ISCSP, Lisboa, 2001, p. 220.

34 **MALTEZ**, Adelino, *ob. cit.*, nota 20, p.41.

35 **LARA**, António de Sousa, *Da História das Ideias Políticas à Teoria das Ideologias*, 2ª Edição, Pedro Ferreira, Lisboa, 1995, p. 60.

36 **SOARES**, Andreia Mendes, *União Europeia: que modelo político?*, 1ª Edição, ISCSP, Lisboa, 2005, p. 72.

## I CAPÍTULO – O FADO EM PORTUGAL

«Herdamos três palavras que arrastamos na alma:  
saudade, sebastianismo e fado.»<sup>37</sup>

«A procura das raízes é, simultaneamente,  
o prosseguimento do nosso destino.»<sup>38</sup>

«Porque é que o Fado se chama Fado?»<sup>39</sup>. Porque se designa de Fado uma das formas mais tradicionais de cantar o nosso destino? A nossa identidade cultural? A nossa história?

«A questão é seguramente das mais curiosas de tudo quanto rodeia o Fado e, em rigor, não há até hoje nenhuma resposta que se possa considerar absolutamente certa. (...) A verdade é que enquanto destino, sorte, acaso, o termo faz de há muito parte da língua portuguesa.»<sup>40</sup>.

Dos mais simples aos mais elaborados dicionários e enciclopédias de língua portuguesa a terminologia de fado apresenta-se como «destino; sorte; fortuna; o que necessariamente tem de acontecer; fatalidade.»<sup>41</sup>. A partir do século XIX é anexada a designação musical da palavra: é a «canção típica lisboeta, de carácter popular, geralmente interpretada ao som de guitarra portuguesa e que pode ter um andamento lento ou rápido.»<sup>42</sup>.

Numa regressão mais profunda podemos, ainda, relatar a presença dos “fadós” na

---

37 HALPEN, Manuel, *O Futuro da Saudade, O novo Fado e os novos Fadistas*, Dom Quixote, 2004, p.25.

38 MALTEZ, José Adelino, “As raízes e o destino cultura portuguesa”, in **Separata do Boletim da Academia Internacional da Cultura Portuguesa**, nº 17, Lisboa, p. 104.

39 CARVALHO, Ruben de, *Um século de Fado*, 1ª Edição, Ediclube, Alfragide, 1999, p. 55.

40 Idem, p. 55.

41 *Dicionário da Língua Portuguesa, ob. cit., nota 5*, p.78.

42 Idem, p.78.

cultura clássica, na antiguidade. Uma «força a que até os deuses estavam submetidos, e que geria todos os destinos.»<sup>43</sup>.

De certo modo o conceito, o sentido da palavra tem-se mantido invariável. No fado não se toca, não se intervém. O Fado ninguém o muda. Não tem dono, nem regras, nem deveres. O Fado é um «episódio de intervalo.»<sup>44</sup>. O fado acontece.

Descortinamos agora as origens, as curiosidades, as distintas manifestações artísticas deste “desabafo” português. Apresentamos e prolongamos o nosso Fado.

## **1. A história do Fado: Origens e Memórias**

«Sendo o seu aparecimento uma realidade ainda hoje polémica, de um ponto de vista histórico o Fado é inquestionavelmente uma manifestação musical relativamente recente, mais ainda na forma como hoje o conhecemos.»<sup>45</sup>.

Não são certas datas, nem locais de nascimento, no entanto apontam-se várias teorias e teses. Alguns investigadores discursam sobre a criação do género no Brasil, entre os escravos africanos residentes, num registo distante do actual. Outros defendem o imediato surgimento do cantar entre os marinheiros portugueses, sendo depois trazido para os bairros lisboetas.

Algumas perspectivas defendem o surgimento do fado por influência da África lusófona, numa degeneração do lundum angolano ou da morna cabo-verdiana, também longínqua das melodias, composições e letras fadistas a que temos acesso hoje.

Outras ligam-no aos antigos e românticos trovadores ou às heranças árabes.

São diversas e desconcertantes as opiniões. São múltiplas as opções que buscam esclarecer o seu aparecimento, muitas as possíveis causas de influência. Teorias, plausíveis, mas apenas teorias.

Incerta a sua origem, é concreto que «o fado é um produto de tudo isto; um produto da mestiçagem física que responde inevitavelmente a uma mestiçagem cultural.»<sup>46</sup>. Independentemente do local, data do feliz acaso, o fado é resultado do que fomos, da nossa diáspora quinhentista e de tudo o que nos transformou em portugueses. Tem história mas mantém-se actual pelas temáticas que aborda: saudade, nostalgia, a força e descontrolo dos sentimentos, a desmedida forma de viver portuguesa. «Atendendo a que todas as músicas são

---

43 *Nova Enciclopédia Portuguesa*, Volume 10, Ediclube, 1991, p. 885.

44 **PESSOA**, Fernando, “Inquérito sobre o Fado”, in **Notícias Ilustrado**, nº 44, II Série, Lisboa, 14 de Abril de 1929, p. 6.

45 **CARVALHO**, Ruben de, *ob. cit.*, **nota 39**, p. 37.

46 **BRAGA**, João, entrevista realizada no âmbito da tese, 29 de Outubro de 2009, Lapa. Ver anexo II, p. 95.

cocktails e que não conhecemos músicas em estado virgem, também o fado nasceu de qualquer coisa e não de geração espontânea.»<sup>47</sup>.

Os primeiros registos da palavra fado enquanto género musical surgem no século XIX, em diversos documentos, relatórios de viagens, de expedições, de missões de armadas estrangeiras que ao passarem pelos portos brasileiros registam com as suas palavras a existência de uma melodia distinta que era dançada pelos negros de um modo entusiasta e simultaneamente “imoral”, para os intelectos mais puritanos<sup>48</sup>. São inúmeras as descrições e redacções detalhadas daqueles momentos. E, partindo destes mesmos documentos percebemos que «as suas diferenças em relação ao Fado posterior praticado na Metrópole, tal como este chegou até nós, são evidentes (...) Este fado dançado no Brasil (...) está longe de ser o Fado português. Mas constitui um núcleo duro da sua origem.»<sup>49</sup>. É uma das possíveis vias para a sua génese.

Em Portugal os primórdios da terminologia colocam-se na primeira metade do século XIX, numa sociedade ambígua, díspar, com um fosso desregulado entre classes sociais. Aqui as casas de fado surgem como casas de prostituição, de marginalidade. As fadistas (aqui um termo do género feminino) são tidas por prostitutas. As descrições dos espaços são reprovadoras do mesmo e a cada ínfimo pormenor torna-se menos tolerável a entrada nesse mundo.

Tudo é dotado de uma visão fatalista que torna as casas de “fado” e as fadistas invariavelmente destinadas a tal: há resignação. Foi o destino que as entregou a tal posição. Mais uma vez cruzam-se os conceitos do fado enquanto fatalidade e enquanto género musical.

O termo fadista viria, uns decénios mais tarde, a alastrar e a chegar também ao universo masculino. O fadista era visto como um indivíduo participante também ele no circuito marginal, um «termo pejorativo que se aplicava a rufiões»<sup>50</sup> e a desordeiros. «Fadista remetia para adjectivos negativos, conotados com marginalidade, prostituição; era um rufia, um proxeneta.»<sup>51</sup>.

No século XIX o fado não era de todo bem visto e situava-se nas margens de uma sociedade crítica, moralista, que censurava os fadistas, o seu jeito de ser, o seu modo de estar. Criou-se um estereótipo, construíu-se uma ideia demasiadamente concebida que seria depois dificilmente negada.

«Houve também tradicionalmente uma atitude de mau estar, da intelectualidade progressista portuguesa desde as grandes rupturas do século XIX em relação ao fado.»<sup>52</sup>.

---

47 HALPEN, Manuel, *ob. cit.*, nota 37, p. 33.

48 Cfr. NERY, Rui Vieira, Rui Vieira, *ob. cit.*, nota 19, p. 21.

49 *Idem*, p. 23.

50 *Nova Enciclopédia Portuguesa*, *ob. cit.*, nota 43, p. 885.

51 BRAGA, João, entrevista *cit.*, nota 46. Ver anexos II, p. 95.

52 NERY, Rui Vieira, entrevista realizada no âmbito da tese, Lisboa, 7 de Dezembro de 2009. Ver anexos II, p. 95.

O fado ocupou páginas de variados escritores como Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Camilo Castelo Branco, Fialho de Almeida. Escritores e críticos sociais da Lisboa “provinciana”, da Lisboa inerte, inculta, distante das restantes capitais europeias. Minuciosamente descreveram os fadistas, o ambiente fadista, o fado.

Curiosamente, no final do século XIX, o fado torna-se meio de divulgação, de expressão ao serviço da reivindicação social dos operários e suas revoluções. Era meio de divulgar as injustiças, de pedir melhor sorte, melhores condições de vida. Sobe, também, aos primeiros palcos de revista.

Inserido novamente numa rota negativa, o Fado viria a alcançar novos contornos apenas no século seguinte.

Com o Estado Novo, e com o Decreto-Lei de 6 de Maio de 1927, relativo à censura, o fado começa a ser “limpo”, a ser transformado pelo regime político. Deixa de ser considerado marginal, ou pelo menos, não tanto como outrora. Mas começa, simultaneamente, a tentativa de domesticar o fado, tentativa essa que mais tarde acaba por se revelar um insucesso.

Segue no advento da rádio e ocupa lugar nas telefonias de Portugal. Mantém-se no teatro de revista, com cartazes apelativos e públicos assíduos. Difunde-se para lá de Lisboa.

«Desde meados do século XX a história do fado tem correspondido a um trajecto de consagração. Perspectivada nacional e internacionalmente, integrando gradualmente a programação das mais prestigiadas salas de espectáculo, o Fado conquistaria adeptos nos quatro cantos do mundo»<sup>53</sup>.

Inegável é o contributo de Amália Rodrigues, a âncora deste novo ciclo do fado. Levou o fado a todo o público; transportou os grandes poetas e a mais rica poesia na sua voz. Divulgou Portugal no Mundo. E, apesar de ter sido conotada com o regime Salazarista, não passava, afirmam as vozes mais próximas da realidade, de uma vítima da sua época, do sistema político em que estava inserida.

É sabido que Salazar recorreu a distintos instrumentos para a sua campanha, para a sua manipulação política. Recordemos os três F's que construíam parte da sua ideologia: Futebol, Fátima e Fado.<sup>54</sup> «Uma inquestionável instrumentalização (...) não deixa também de reflectir as contradições e maus tratos por que passam as manifestações de cultura popular urbana.»<sup>55</sup>. O ditador percebera que se deveria aliar ao fado e não tanto condená-lo. «Fizeram dele a pretensa canção da alma portuguesa e o espelho de um regime.»<sup>56</sup>. Mas o Fado seria sempre o “circo” para o pobre? Um modo de entreter, de afastar os cidadãos ostracizados num

---

53 **OSÓRIO**, José Manuel, *Todos os fados, no princípio era assim...*, Edimpresa Editora Lda., Lisboa, Abril 2005, p. 4.

54 Cfr. **PINHO**, Adriano de Correia, *A vida é um Ensaio*, Biblioteca 24Horas, 1ª Edição, São Paulo, 2010, p. 91.

55 **BASTOS**, Baptista, *ob. cit.*, nota 28, p. 208.

56 *Fado - Vozes e Sombras*, Catálogo da exposição no Museu Nacional de Etnologia no âmbito de Lisboa Capital Europeia da Cultura, Electa, Lisboa, 1994, p. 11.

regime fechado, controlador e perseguidor dos mais livres de pensamento e de espírito? Pela sua natureza, o fado viria a encontrar um caminho livre.

Depois da revolução de Abril de 1974, o fado sofre das mais fortes demonstrações de hostilidade. Os tempos eram de instabilidade, de euforia, de ansiedade. O fado é tido como música do regime abatido. É retirado da televisão, é interrompida a Grande Noite do Fado (espectáculo maior do estilo musical). O objectivo é castigar o fado, bani-lo.

Apenas no final do decénio de 70 do século XX é recuperado o fôlego. O fado reaparece devido a fenómenos, que apesar de distintos, conseguiram em conjunto trazer-lhe vida: a edição do disco de Carlos do Carmo, “O Homem na cidade” com poemas de Ary dos Santos, um poeta, um homem publicamente de esquerda que tentou o aproximar do fado às elites políticas, às distintas plataformas sociais; e uma publicação académica, um estudo dirigido pelo Professor Joaquim Pais de Brito, que sentindo uma lacuna no estudo da cidade de Lisboa, e dos seus costumes, decide enviar várias equipas de investigadores para o terreno que acabaram por recolher informação e testemunhos sobre o fado.

O fado insurgia-se como componente, elemento-chave da sociedade lisboeta, da cultura portuguesa.

É de sobressair, mais tarde, a entrada do fado no circuito da World Music, a música mais erudita, tradicional, genuína e exótica por ser diferente de tudo o resto. A música que revela as raízes dos povos, das culturas, dos indivíduos.

O percurso foi longo e repleto de flutuações, mas algumas certezas ficaram. Amália iluminou o fado e concedeu o alento para que novas vozes surgissem. «Deixara já de ser a cantadeira Amália Rodrigues para ser no imaginário e na iconografia, pura e simplesmente – o Fado!»<sup>57</sup>. Com a sua morte, surgiu uma vaga, há tanto ansiada, de novos fadistas, novos guitarristas, novos compositores, novos modos de cantar e entoar o fado.

O fado entrou num novo ciclo. Há quem recuse falar em moda «porque a moda é uma coisa volátil.»<sup>58</sup> mas encontra-se num bom ciclo, que por mero acaso ou por mérito próprio já se prolonga há alguns anos. «O fado encontra-se, assim, ao mesmo nível de produção, de apresentação que qualquer outro estilo de música.»<sup>59</sup>.

E se ainda em 1994 no âmbito de Lisboa, Capital Europeia da Cultura e aquando da primeira exposição em que o fado se tornou um objecto, um tema museológico, existia uma névoa, um impasse face ao seu futuro, parece-nos possível consolidar hoje a percepção relativamente ao seu bom estado de saúde. Contudo, mantemo-nos cépticos quanto à sua preservação e conservação, quanto à qualidade que se quer perene num produto genuíno.

---

57 Idem, p. 264.

58 **CARMO**, Carlos do, entrevista realizada no âmbito da tese, Lisboa, 13 de Outubro de 2009. Ver anexos II, p. 95.

59 **GUERREIRO**, Katia, entrevista realizada no âmbito da tese, Chiado – Lisboa, 22 de Setembro de 2009. Ver anexos II, p. 95.

O facto é que o fado, como qualquer outro elemento inserido num mundo globalizado, sofre alterações, sofre mutações<sup>60</sup>. Transforma-se com as novas gerações, com as novas correntes. Neste sentido decorreu a iniciativa da candidatura do Fado a Património Cultural Imaterial da UNESCO. «Estas candidaturas a programas da UNESCO aquilo que prevêem são planos de salvaguarda feitos com um horizonte mínimo de 10 anos e nos quais cada Estado membro, neste caso Portugal, se compromete a desenvolver um conjunto muito alargado de medidas de preservação daquele dito património. »<sup>61</sup>.

Portanto aqui procura-se investigar, estimular, salvaguardar o que nos distingue enquanto cidadãos detentores de uma cultura particular. Preservar o Fado, mas sem o tornar um objecto de museu, fechado entre quatro paredes. O fado auto regenera-se.

Hoje, em pleno século XXI, o fado intensifica-se no circuito mundial da grande música, dos grandes festivais, das grandes salas, teatros; palcos europeus e transcontinentais. O fado continua a cantar Portugal, a difundir a língua portuguesa no mundo e acaba por concretizar a realização de política cultural portuguesa dentro e fora do país. São centenas dentro de Portugal e milhares no mundo, por ano.

No fundo parece-nos legítimo questionar se será o fado uma música do mundo, uma *World music*? Ou antes uma música para o Mundo? Única e liberta?

Resta sempre uma constatação: «O fado é, antes de mais, sentimento.»<sup>62</sup>. Está no Mundo e para o Mundo. E, simultaneamente, constrói o seu próprio mundo...

## **2. O Mundo do Fado**

### **2.1. O Fado na cultura e nas artes**

«Desde a sua estruturação, no primeiro quartel do século XX, enquanto género musical autónomo, o Fado conseguiu cruzar influências musicais e culturais diversas usufruindo dos novos públicos que o teatro de revista, a rádio, a gravação em disco e o cinema, progressivamente lhe trouxeram.»<sup>63</sup>.

---

60 Cfr. **BALÃO**, Sandra, *Globalização e Anti-Globalização no mundo contemporâneo, Uma visão analítica*, Edição do autor, Policopiado, Maio, 2008.

61 **PEREIRA**, Sara, entrevista realizada no âmbito da tese, Museu do Fado, 20 de Novembro de 2009, . Ver anexos II, p. 95.

62 «El fado es, ante todo y antes que nada, sentimiento.»: **BRÁNOVA**, Carmen, **FERNANDÉZ**, Miguel e **PIETRO**, Angle, *El fado desde Lisboa a la vida*, DG Editores, 2007, p. 90.

63 **PEREIRA**, Sara, in **OSÓRIO**, José Manuel, *ob. cit.*, **nota 53**, p. 4.

«O fado andou entre uma cultura e uma subcultura. As fronteiras são ténues (...) O fado inspirou cineastas e mais outras artes.»<sup>64</sup> e tem conseguido expressar-se nas mais distintas e inesperadas manifestações culturais: cinema, teatro, televisão; publicidade; pintura, escultura; fotografia; literatura, imprensa; entre outras vertentes que englobam a expressão da cultura, que constroem uma linguagem artística. O fado tem expressão na cultura e nas artes como muitos outros elementos não têm, e muitos outros nunca terão.

Uma vez mais, e como anteriormente mencionado na nota metodológica, não consideramos até ao ínfimo pormenor todo o universo artístico em que o fado surge. Optámos por seleccionar algumas das artes em que o fado mais se tem projectado e obtido maior visibilidade. Procurámos ser transversais, multidisciplinares e realistas. «Tem que ver com imagens, com versos, com desenhos, com fotografias, com poemas, com vidas. Não é, nem quis ser, um trabalho exaustivo (...) de tudo o que o fado tem para contar e de tudo o que, afinal, conta o que é o Fado. É tão só o resultado do ler, do ver, do ouvir (...) procurando apenas deixar o contributo para que com histórias do Fado, se vá fazendo a história do Fado.»<sup>65</sup>.

### 2.1.1. Literatura, Prosa e Poesia

Se hoje os fadistas cantam os grandes poetas, os maiores nomes da literatura portuguesa, também a palavra fado, e o fado enquanto música e forma de vida, são mencionados na escrita desde há muito. Luís de Camões dizia “Com que voz chorarei meu triste fado”<sup>66</sup>, num dos poemas que mais tarde viria a ser interpretado por Amália Rodrigues. Seria certa a apresentação da palavra neste contexto como destino, como fortuna, mas como se chora com a voz? Não choramos antes com lágrimas? Luís de Camões pretenderia já expressar o canto do nosso destino; o fado enquanto temática fatalista.

Já antes, Bocage nos seus poemas abordava a temática: «Ao amor quis esquivar-me, e ao dom sagrado| mas vencido no meu génio o meu destino| que havia de fazer? Cedi ao fado...»<sup>67</sup>. Era o tal infortúnio “fadista”, já aqui evidenciado, como o seria igualmente em tantas das cantigas de amor, escárnio e maldizer que se conservam na nossa literatura.

Atravessando os diversos séculos, vamos encontrando apontamentos de “fado” quer na prosa, quer na poesia: «Quem ouve o Fado lá longe| longe do nosso país| é que entende

---

64 **MÍSIA**, entrevista realizada no âmbito da tese, Chiado, Lisboa a 07 de Dezembro de 2009. Ver anexos II, p. 95.

65 **CARVALHO**, Ruben de, **GUINOT**, Maria, **OSÓRIO**, José Manuel, *Histórias do Fado*, Ediclube, Alfragide, 1999, p. 7.

66 **CAMÕES**, Luís Vaz de, *Sonetos*, Publicações Europa América, 1984, p.105.

67 **Bocage** in **NERY**, Rui Vieira e in **CARVALHO**, Ruben de, *ob. cit.*, nota 39, p. 14.

até ao fundo| tudo quanto o Fado diz!...»<sup>68</sup>. «Atenas produziu a escultura, Roma fez o direito, Paris inventou a revolução, a Alemanha achou o misticismo. Lisboa que criou? O Fado (...）」<sup>69</sup>.

Os grandes escritores de Portugal divagaram, teorizaram sobre o fado «Toda a poesia – e a canção é uma poesia *judada* – reflecte o que a alma não tem. Por isso a canção dos povos tristes é alegre, e a canção dos povos alegres é triste. O Fado, porém, não é alegre nem triste. É um episódio de intervalo. Formou-o a alma portuguesa quando não existia e desejava tudo sem ter força para o desejar. As almas fortes atribuem tudo ao Destino; só os fracos confiam na vontade própria, porque ela não existe. O fado é o cansaço da alma forte, o olhar de desprezo de Portugal ao Deus em que ele creu e que também o abandonou. No fado os Deuses regressam, legítimos e longínquos.»<sup>70</sup>. Há, de facto, uma ligação íntima entre o fado e as palavras.

Portugal é detentor de uma forte tradição poética. É irrefutável. Tem uma das grandes escolas de poesia da Europa. O fado canta, divulga a poesia. Depois há poemas dedicados ao fado, há textos onde o fado é a base de toda a semântica.

Em 1994, no âmbito da exposição *Fado – Vozes e Sombras*, no Museu Nacional de Etnologia, inserida na iniciativa Lisboa Capital Europeia da Cultura, Joaquim Pais de Brito escreve: «O fado parece estar hoje numa situação de impasse e de interrogação que só talvez a recente adesão de grandes nomes da poesia portuguesa poderá ajudar a sublimar.»<sup>71</sup>. É inequívoca a relação. Grandes nomes da poesia recheiam hoje repertórios de fado. É o caso do poeta Manuel Alegre que, a pedido do fadista João Braga, escreveu um poema para uma dos seus fados: “Há um fadista em cada português”. Ou o exemplo do poeta David Mourão-Ferreira que escreve para tantas entoações, para distintos sentimentos fadistas. E perder-nos-íamos se apontássemos aqui todos os nomes.

A poesia é, de facto, um elemento importante, senão o mais crucial e relevante do teorema do fado.

No panorama literário há, ainda, que referir a bibliografia, os livros que têm sido editados sobre o fado: a sua história, os mitos, os protagonistas. Mais recentemente todo o trabalho académico e científico que foi sendo desenvolvido para a recuperação do fado enquanto património, enquanto elemento cultural e das suas (possíveis) origens, grande parte no âmbito da Candidatura do Fado a Património Imaterial da UNESCO.

A literatura, a poesia, as palavras têm espaço para o fado; e o fado encontra nestas um modo de vida, a alma para a sua composição, um modo de prolongamento.

---

68 **COLAÇO**, Branca de Gonta, in **Notícias Ilustrado**, nº 44, II Série, Lisboa, 14 de Abril de 1929.

69 **QUEIRÓZ**, Eça de, *Os Maias*, Livros Brasil, Lisboa, n/d, p. 650

70 **PESSOA**, Fernando, *ob. cit.*, **nota 44**, p.6.

71 **BRITO**, Joaquim Pais de, *Fado: Vozes e Sombras*, Org. Sociedade Lisboa 94, dir. Joaquim Pais de Brito, Lisboa, 1994, p.7.

### 2.1.2. Televisão, Cinema, Teatro

Estendem-se nas mais variadas expressões artísticas; das palavras passamos às imagens, à representação, à vida.

Na sétima arte o fado esteve presente diversas vezes e tem sido, ao longo dos decénios, uma presença pontual nos cartazes, sobretudo a partir da entrada em cena de Amália Rodrigues. Com ela, o cinema, e o fado no cinema, recolheram louros, espectadores e espaço nas salas do país.

«A relação entre o fado e cinema (...) parece mais íntima e específica. O fado foi um tema predilecto das tentativas de criar uma cinematografia nacional simultaneamente popular no mercado doméstico e susceptível de interessar os públicos estrangeiros.(...) A inscrição do fado no código genético do cinema sonoro português [...] relação entre cinema e fado, assente na apropriação do segundo pelo primeiro enquanto tema narrativo e símbolo cultural.»<sup>72</sup>.

A fadista rodou várias longas metragens onde a sua voz e o seu fado tinham presença assídua. «Embora o notável talento dramático demonstrado por Amália Rodrigues no teatro, no cinema e na televisão nunca se tenha revelado em todas as suas potencialidades, até porque a cantora sempre se sobrepôs à atriz, a sua actividade nestes domínios é, apesar de tudo, muito mais vasta do que se poderia julgar, estendendo-se de Lisboa ao Rio de Janeiro de Paris ao México.»<sup>73</sup>.

São diversos os títulos que se espalharam pelas grandes salas portuguesas e que na tela exibiram também o fado. *Fado, História d'Uma Cantadeira*, de 1947, do realizador P. Queiróga, numa produção de Lisboa-Filme, juntou Amália Rodrigues, Vergílio Teixeira, Vasco Santana, António Silva e tantos outros grandes actores. A história do filme não se afasta nem da vida de Amália, nem da essência do fado: uma jovem cantadeira estreia-se num retiro, seguindo depois uma carreira no teatro e um destino de projecção internacional. Acaba por se afastar do seu grande amor. Quando este decide partir, a cantadeira regressa e com ela o amor dos dois<sup>74</sup>.

Estávamos apenas na primeira metade do século XX e o fado já era motivo de produção artística numa das áreas que lhe seriam para sempre transversais: *Capas Negras* (Armando Miranda,1947), *Fado* (Perdigão Queiróga, 1947), *História d'Uma Cantadeira* (Perdigão Queiróga, 1947), *Vendaval Maravilhoso* (Leitão de Barros,1949), *Os Amantes do*

---

72 **BAPTISTA**, Tiago, *Ver Amália – Os filmes de Amália Rodrigues*, Tinta da China, 1ª Edição, Lisboa, 2009, pp. 20 e 21.

73 **SANTOS**, Vítor Pavão dos, *Amália, uma Biografia*, Editorial Presença, 2ª Edição, Lisboa, Dezembro 2005, p. 239.

74 Cfr. **QUEIRÓGA**, P., *Fado, História d'Uma Cantadeira*, Lisboa-Filme, Lisboa, 1947.

*Tejo* (Henri Verneuil, 1954), *Sangue Toureiro* (Augusto Fraga, 1958), *Fado Corrido*, (Jorge Brum do Canto, 1964) e *As Ilhas Encantadas* (Carlos Villardebó, 1965), entre tantos outros filmes e documentários.

Alguns destes filmes têm sido restaurados e apresentados com novas versões de elevada qualidade. É o cinema português, clássico, que transporta em si o fado: o seu fado!

Mais recentemente, já no século XXI, o fado esteve nas bilheteiras com o filme *Fados* (2007), de Carlos Saura. Um filme musical, que conta e canta as histórias, as influências, o percurso do fado. No seu elenco integra grandes fadistas, guitarristas, e vários cantores dos quatro cantos do Mundo, abordando a dimensão da *World Music* onde muitos incluem o fado. Este filme, que surge no seguimento de outros filmes como *Flamenco* (1995) e *Tango* (1998) também do mesmo realizador, exibiu o fado a uma escala mundial. Um filme «que percorre o mundo com muito sucesso.»<sup>75</sup> e que conta com a participação de diversos fadistas portugueses no *casting*.

Em 2009, aquando dos dez anos sobre a morte de Amália, foi exibido o filme *Amália – o Filme* realizado por Carlos Coelho da Silva e que levou ao cinema mais de cem mil espectadores<sup>76</sup>. Um filme que ficcionou a vida de Amália Rodrigues, o símbolo maior do fado em Portugal e no Mundo. Um dos filmes portugueses com maior bilheteira e que perdurou nos cinemas durante alguns meses – sendo depois convertido em série televisiva.<sup>77</sup>

Para lá destas produções de maior impacto têm sido realizados outros filmes inspirados em alguns fadistas: Mísia, Aldina Duarte, Carlos Paredes com os *Movimentos Perpétuos – Tributo a Carlos Paredes*<sup>78</sup> entre muitos outros, em produções nacionais e estrangeiras.

A dificuldade maior, além do pouco e talvez mal direccionado investimento no cinema português, é a falta de estratégia, a falta de meios para atrair o público para o cinema português. Não faz parte das nossas tradições culturais a produção cinematográfica, nem temos uma indústria que nos permita uma produção anual elevada de filmes nacionais. Contudo, a existência de filmes de alta qualidade na produção nacional é notória.

Muitos outros projectos cinematográficos, nacionais e internacionais, com a temática e o objecto do fado, têm surgido nos últimos tempos. *Heaven's Mirror: A Portuguese Voyage*, de Joshua Dylan Mellars é uma das várias longas-metragens que pronunciam os novos interesses e os novos interessados pelo fado<sup>79</sup>.

No teatro, o fado propaga-se em inúmeras peças de teatro entre elas *A Severa* (1955) de Júlio Dantas no Teatro Monumental em Lisboa e inúmeras revistas. Em cima do palco

---

75 **CARMO**, Carlos do, *entrevista cit.*, nota 58. Ver anexos II, p. 95.

76 <http://ww1.rtp.pt/cinemax/?t=Cinema-portugues-tristessinas.rtp&article=264&visual=2&layout=8&tm=>, consultado em 13 de Janeiro de 2010, 20:50.

77 Cfr. <http://www.amaliathemovie.com/>, consultado a 13 de Janeiro, 21:04.

78 Cfr. **PERA**, Edgar, *Movimentos Perpétuos – Tributo a Carlos Paredes*, Lisboa, 2006.

79 Cfr. <http://www.portaldofado.net/content/view/2543/275/>, consultada a 17 de Setembro de 2011, 23:55.

conseguiu-se proporcionar «uma maior dignidade ao estilo e, simultaneamente, contribuir para a sua divulgação junto de camadas médias.»<sup>80</sup>.

Em 2011 surgiu, ainda, o musical de Filipe LaFéria, *Fado: A História de um Povo* que leva ao palco a história, o percurso do fado revelando-o como elemento chave e identificador de uma sociedade, de um povo num determinado período<sup>81</sup>.

Na televisão o fado tem mantido um percurso irregular. Quase todas as semanas podemos presenciar a intervenção de um fadista num programa de entretenimento, exibindo o seu último trabalho, prestando tributo a alguém, ou simplesmente colaborando no papel de ocupação de tempos livres e entretenimento que a televisão presta a uma elevada faixa da população portuguesa.

Em 1994 foi transmitida uma série televisiva: *Amália. Uma Estranha Forma de Vida*, do realizador Bruno de Almeida<sup>82</sup>. Durante vários anos foi exibida a Grande Noite do Fado, não fazendo agora parte da programação. Neste evento apresentavam-se novas vozes e elegia-se a nova revelação do Fado. Eram milhares de participantes que se deslocavam aos *castings*, eram dezenas de jovens e crianças que sonhavam com uma carreira promissora no fado. O evento mantém-se regular na cidade de Lisboa, mas sem transmissão televisiva neste momento.

Hoje, o fado marca presença todas as quartas-feiras e domingos na RTP Memória, um canal pouco atractivo e com menor audiência. O programa *Fado Vadio* (1978), exhibe concertos, actuações antigas de alguns dos grandes nomes do fado.

Recentemente foi inserida a entrega dos prémios Amália, uma cerimónia anual que distingue diversas áreas e personalidades afectas a diversas áreas dentro do universo fadista.

Em 2010 foi transmitida a série *Amália – o Filme*<sup>83</sup>, na RTP1, uma reprodução do filme exibido nas salas de cinema, mas aqui dividido em dois episódios.

São ainda alguns os documentários, entrevistas, reportagens que esporadicamente vão sendo realizados e divulgados ao público português. Alguns, inclusivé, trabalhos estrangeiros que depois são transmitidos nas televisões nacionais. É o caso do documentário conduzido pela fadista Mariza, *Mariza and the Story of Fado*<sup>84</sup>, realizado por Simon Broughton e produzido por Carl Simons para a BBC em associação com a Rádio e Televisão Portuguesa.

Muitos outros são quase anonimamente escoados na RTP2 sem grande divulgação prévia, apesar da iniciativa “Fado e Fados”. Exemplos são *Fado Celeste*, *As cordas de Amália*, entre outros quase perdidos<sup>85</sup>.

80 Cfr. **NERY**, Rui Vieira, in **CARVALHO**, Ruben de, *ob. cit.*, nota 39, p. 45.

81 Cfr. <http://www.filipelaferia.pt/fado/>, consultado a 14 de Janeiro 2011, 20:45.

82 **ALMEIDA**, Bruno de, “Amália. Uma Estranha Forma de Vida”, in <http://www.imdb.com/title/tt0112355/>, Brejão, 1995.

83 Cfr. <http://www.amaliathemovie.com/>, consultado a 13 de Janeiro 2010, 21:04.

84 Cfr. [http://www.linktv.org/programs/dd\\_marizafado](http://www.linktv.org/programs/dd_marizafado), consultado a 15 de Outubro de 2010, 00:36.

85 Cfr. <http://www.expressoelusitanas.pt/2010/08/19/documentarios-nacionais-nas-noites-da-rtp2/> consultado a 15 de Outubro de 2010, 00:40.

Nesta nova linha de acção impulsionada pela candidatura do fado a Património Mundial, recentemente assistimos à transmissão pela RTP1 da série de 5/6 episódios narrada por Carlos do Carmo, *Trovas Antigas. Saudades Loucas*, onde se desvendam segredos, histórias, episódios da cidade de Lisboa e do Fado.

### 2.1.3. Pintura e escultura

Ao longo do seu percurso o fado tem sido acompanhado por uma expressão plástica. Não é uma expressão apurada, nem repleta de um elevado sentido técnico mas cumpre alguns elementos que em diversas obras estão presentes: um forte sentido folclórico, com os ambientes que lhes estão associados: a comida, o fumo, a bebida, o sentido marginal do universo do fado; a herança proveniente dos ambientes tauromáquicos com a “gana” das lides, as botas, o vermelho quente; e por fim o imaginário do cancionero tradicional português. A tudo isto somamos as fainas e a vertente teatral inerente a uma música sofrida onde se “encarnam” personagens, onde se replicam momentos do destino, da sorte, da sina.

As cores são fortes, os ambientes intimistas; a simbiose do fado, do fadista; da guitarra e da expressão da vida. Todos estes elementos são próprios e do fado subsidiários: «os e as fadistas propriamente ditos, e os instrumentos musicais que os acompanham (...) os ambientes social e físico a que essencialmente pertencem, ou seja, os bairros populares de Lisboa.»<sup>86</sup>.

Nas telas recria-se o imaginário do fadista, alimentam-se os mitos, os costumes, os símbolos e os objectos que para muitos, supersticiosamente, não se desvinculam do Fado.

Iniciam-se rituais e prolongam-se palcos do quotidiano.

Numa breve análise da obra “O Fado” (1910), de José Malhoa, uma ou a mais representativa e identitária do universo fadista, observamos num ambiente escuro, um homem cantando profundamente, pela expressão do seu rosto, tocando a sua guitarra, entoando o que nos parece ser um fado. Não se ouve mas vê-se, percebe-se, sente-se. Num ambiente de taberna, temos vinho sobre a mesa, e uma mulher sem rosto, que fuma; um xaile negro nos seus ombros; e um outro cigarro na orelha do homem fadista. Os cabelos negros das duas personagens. Um vaso de manjerico que esboça a cidade de Lisboa, os seus ímpetos populares, mais bairristas. Vemos socas e botas; um candeeiro. O imaginário do Fado a óleo, num traço cénico e realista.

O Fado é o motivo da obra assim como toda a sociedade marginal, pobre, urbana que se apresenta associada a esta estranha forma de vida. Envolvida num escândalo absoluto e depois de uma tournée por Madrid, Paris, Londres, Buenos Aires, Rio de Janeiro a obra, tão controversa, só foi apresentada em Lisboa, em 1917. O fado já aqui se internacionalizava.

---

<sup>86</sup> **CARVALHO**, Ruben de, *ob. cit.*, **nota 39**, p. 69.

Tal como esta obra, uma das mais importantes e hoje residente no Museu do Fado, em Lisboa, muitas outras de distintos artistas preenchem o vínculo do fado na pintura e constroem a história plástica desta melodia: “Lusitânia no Bairro Latino”, de Júlio Pomar; “O café da Severa”, de Alberto de Souza; “Fado”, de Mário Eloy; entres outras dedicadas à cidade de Lisboa, às suas vivências e simbologias.

Mais uma área transversal ao fado, mais um ponto de cultura que não ficou indiferente «à musica mais genuína de Portugal, a música de Lisboa, com uma inquietude bem simples.»<sup>87</sup>.

Na escultura sublinhamos a estátua de Domingos Oliveira “Guitarra na Proa” (2000) uma homenagem à fadista e mulher Amália Rodrigues, à cidade e palco Lisboa e à harmonia e canção “Fado”. Da artista plástica, Joana Vasconcelos, surge o “Coração Independente” ou os corações independentes vermelho, preto e dourado (2006, 2005 e 2004 respectivamente) elaborados com talheres de plástico das respectivas cores. «A amarela é o ouro, a vermelha são os sentimentos, o amor e o sangue e o preto é a morte. Três peças que estão ligadas aos temas do fado. Não iria fazer um coração verde que não tem nada a ver com fado. As peças estão intimamente ligadas ao fado e ao meu modo de ver e entender o fado.»<sup>88</sup>.

#### 2.1.4. Imprensa, Publicidade e Rádio

«A existência de uma vasta imprensa dedicada ao Fado constitui um dos traços mais interessantes e reveladores da sua vida e evolução, tanto quanto uma indispensável fonte para o seu estudo.»<sup>89</sup>.

Foram inúmeros os folhetins, os folhetos, os jornais escritos sobre e para o fado e seus apreciadores. Nestas publicações liam-se poemas, noticiavam-se factos do mundo fadista, divulgavam-se nomes e publicitavam-se concertos, partilhavam-se acontecimentos do país e do mundo. Constituíam-se, na época, verdadeiros canais de informação.

Citamos alguns títulos: “O Fado” (1910) dirigido pelo poeta Carlos Harrington; “O Fadinho” (1910) dirigido por José Carlos Rates; entre outros.

Todos estes diários e semanários conseguiram divulgar, reforçar, edificar o fado. Hoje conservam-se como documentos para o estudo e investigação do fado enquanto objecto cultural, historiográfico e museológico.

---

87 «La música más genuina de Portugal, la música de Lisboa, con una inquietud bien sencilla»: **BRÁNOVA**, Carmen, **FERNANDÉZ**, Miguel e **PIETRO**, Angle, *ob. cit.*, nota 62, p. 69.

88 **VASCONCELOS**, Joana, entrevista realizada no âmbito da tese, Alcântara, 9 de Dezembro de 2010, Lisboa. Ver anexo II p. 95.

89 **CARVALHO**, Ruben de, **GUINOT**, Maria, **OSÓRIO**, José Manuel, *ob. cit.*, nota 65, p. 11.

Voluntária, ou involuntariamente, esta imprensa é intensamente acompanhada pela fotografia (muitas vezes assumida sob a forma de cartazes) onde se doam rostos, expressões e caras ao fado. A fotografia é, aliás, uma das artes que tem uma elevada expressão neste universo. É certo que se apresenta como transversal a muitas outras referidas (cinema, teatro, literatura), mas a fotografia consegue, e por si só, transmitir muito daquilo que temos hoje por e para o fado. Guarda em si verdades, memórias. Deixa herança.

E, se se publicitava o fado nos meios de comunicação, também o fado se aliava ao poder, ao objectivo da publicidade enquanto modo de vender um produto. Pouco a pouco as cantadeiras do fado iam dando passos no percurso publicitário. «Uma das primeiras utilizações de uma vedeta para efeitos publicitários (...) o luminoso sorriso da fadista Maria Alice proclamando os benefícios do Ovomaltine.»<sup>90</sup>. Outros exemplos: a publicidade a um novo modelo receptor de telefonia; ou o clássico cartaz onde figura Amália Rodrigues e o sabonete Lux no qual podemos ler “Eu uso o sabonete Lux”, inserido na exposição sobre Amália no CCB, em 2009, aquando da invocação dos 10 anos sobre a sua morte.

Mais recentemente, uma campanha contra a violência doméstica, promovida pela Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG) teve como rostos da campanha alguns fadistas; e a polémica campanha para a divulgação e venda do destino “Allgarve” na qual participava a fadista Mariza. A campanha para a Madeira enquanto destino de férias, após as cheias de Fevereiro de 2010, contou com a presença e colaboração de outros fadistas. A última campanha da *Barclays*, instituição financeira estrangeira, recorre ao Fado como banda sonora e linha guia do filme publicitário, fazendo uso da palavra “fado” para evidenciar o seu destino e o seu trajecto em solo português.

É certo que muitas vezes os fadistas participam, principalmente, como figuras públicas, mediáticas mas também aqui não deixam de ser fadistas, artistas, intérpretes do fado. Trata-se de uma nova forma de utilizar o potencial do fado para promover campanhas e, vice-versa, criando-se novos instrumentos de divulgação e comunicação, novas evidências de sucesso e prospecção.

E se já o sentimos, vimos e lemos então também já o ouvimos.

Na rádio o percurso do fado tem sido ambíguo. Num âmbito geral, a música portuguesa no seio das rádios portuguesas tem vindo a impor-se, a conseguir a percentagem obrigatória de emissão, sobretudo após a imposição de cotas para a passagem de música portuguesa nas emissoras radiofónicas<sup>91</sup>, percentagem que tem vindo a ser actualizada ao longo das legislaturas. Aqui o fado não se apresenta como excepção, mas talvez como alvo de maior resistência.

---

90 BASTOS, Baptista, *ob. cit.*, nota 28, p. 180.

91 Lei 54/2010, <http://www.gmcs.pt/index.php?op=fs&cid=1547&lang=pt>, consultada a 15 de Março de 2011, 18:30.

Outrora, quando a telefonia se evidenciava face à televisão como instrumento de entretenimento, era aqui que se ouvia, que se partilhava o fado. A rádio promovia a divulgação do fado, permitindo aos demais artistas uma presença em festas tradicionais em todo o país e estrangeiro.

Actualmente é raro ouvirmos fado na rádio. E porque será? Não constitui o fado uma grande fatia da música portuguesa que é ouvida e vendida? Então porque não roda nas faixas escolhidas?

O projecto Rádio Amália apresenta-se como singular. Uma rádio dedicada ao Fado, aos fadistas e aos amantes do fado. «A frequência 92.0 FM é uma porta sempre aberta onde o Fado mora.»<sup>92</sup>. Apresenta uma programação variada, ao longo de 24 horas, de melodia lisboeta.

Num mesmo sentido, pesquisando os “top's” de venda, através dos dados cedidos pela Associação Fonográfica Portuguesa<sup>93</sup> é concreto o impacto semanal da venda de discos e dvd's de fado em Portugal. Num exercício simples de soma, o panorama reflecte a primazia de grandes fadistas nas vendas discográficas apuradas semanalmente e com estatísticas anuais. Em 2010, foi Mariza que obteve o maior número de discos de platina, seguida de Ana Moura, Carlos do Carmo, Deolinda. No total de 54 discos de platina atribuídos em 2010, o fado arrecadou 31 unidades.

Então porque não será espelhado tal na telefonia? Fica a questão, continua a desventura.

#### 2.1.5. Aqui, ali, entre nós....

Constatamos que o fado se encontra difundido por toda a nossa sociedade, a nossa cultura. Arriscaríamos mesmo em afirmar um pouco por toda a nossa vida.

Da televisão à rádio, passando pelo cinema, teatro, literatura, fotografia. Expresso na escultura, pintura, expressão plástica e poesia. O fado está aqui, ali, entre nós.

São quantificáveis os concertos, espectáculos e momentos de música e harmonia. São inúmeras e variadas as exposições sobre o fado, fadistas.

O fado está nas ruas, na vida, nas casas de fado que se enchem nas noites quentes de Verão com imensos estrangeiros que têm curiosidade pelas trovas fadistas. «O ambiente é mágico e eles querem constatar. Querem descobrir mais e mais. Se a paixão já existia fora, aqui, numa casa de fados envolvem-se a um nível emocional muito elevado.»<sup>94</sup>.

92 In <http://www.amalia.fm/>, consultado a 13 de Janeiro de 2010, 21:21.

93 Cfr. Estatísticas 2010, <http://www.afp.org.pt/estatisticas.php>, consultado a 26 de Junho de 2011, 22:04

94 **MOUTINHO**, Pedro, entrevista realizada no âmbito da tese, 29 de Setembro, 2009, Bairro Alto, Lisboa. Ver anexos II, p. 95.

A cada dia o fado conquista novas melodias, novas expressões, novos artistas.

Há fado na dança: o bailado coreografado pelo português Hugo Vieira na Alemanha “Fado=Destino–À procura da Alma Portuguesa” revela tal presença. «Um bailado com aspectos teatrais e música ao vivo, e sobretudo uma história sobre o fado como modo de estar na vida [...para que o público] fique com uma ideia do que o fado representa para os portugueses, para a sua cultura.»<sup>95</sup>; ou o espectáculo apresentado pela Companhia de Dança Contemporânea de Sintra “Chama-me Fado”, no qual cinco bailarinas e cinco músicos dedicam a obra inteiramente ao fado; «o colectivo tem vindo gradualmente a dar espaço às raízes da cultura portuguesa»<sup>96</sup>.

Há fado noutros estilos musicais como o jazz. «Só há dois tipos de música, a boa e a má e, neste caso, ambos os géneros (fado e jazz) são do melhor que há.»<sup>97</sup>.

Há fado no meio académico como disciplina leccionada e investigada. Um novo interesse. Uma autonomização do género. Uma credencialização do seu estudo.

Há fado convertido em tema de férias: cruzeiro organizado e desenvolvido pelo Museu do Fado. Há fado em produtos tão gastronómicos e específicos como o vinho: Fado Vinho, da região do Alentejo.

Há fado nas moedas, onde “O Fado” foi cunhado na série Europa da autoria do escultor Vítor Santos e comercializado pelo Banco de Portugal. «Um dos símbolos maiores da cultura portuguesa e conhecido em todo o mundo, o Fado já merecia uma moeda assim.(...) o Fado tem hoje novos valores que continuam a projectar o fado internacionalmente.»<sup>98</sup>.

No passado ano, de 2011, até fado houve enquanto tema das marchas populares de Lisboa. Um apontamento criado devido à candidatura do Fado a património imaterial da UNESCO, mas que simultaneamente glorificou o município lisboeta, os bairros e compositores das marchas e o próprio fado enquanto género musical e modo de vida.

Recentemente o fado preenche um dos grupos da Sociedade Portuguesa de Autores (SPA) onde se encontram os criadores de melodias, letras, métricas do fado.<sup>99</sup>

Hoje, aqui, ali, entre nós, há fado no país, no mundo, na vida!

#### 2.1.5.1. - Museu do Fado

---

95 **VIEIRA**, Hugo, “Hugo Vieira estreia obra sobre o Fado na Alemanha”, in **RTP Notícias**, por Agência Lusa, Novembro, 2008.

96 “Dançar o fado”, in Jornal **Meia Hora**, Lisboa, 17 de Junho de 2009, p.13.

97 **CARMO**, Carlos do, “Count Basie e o Fado”, entrevista in Jornal **Meia Hora**, Lisboa, 28 de Outubro de 2008, p.10.

98 In “Moeda de colecção O Fado”- *Série Europa*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, S.A., Lisboa, Setembro 2008.

99 Cfr., <http://www.spautores.pt/comunicacao/noticias/criado-na-spa-o-grupo-de-trabalho-para-a-area-do-fado>, consultado a 18 de Setembro de 2011, 00:26.

Parece-nos impensável falar do fado “Aqui, ali, entre nós” e não apresentar a casa onde permanece desde 1998.

O Museu do Fado foi idealizado e consagrado pela Câmara Municipal de Lisboa e surgiu, sobretudo, pela necessidade emergente de expor o fado enquanto objecto de estudo num espaço museológico – no seguimento da exposição “Fado: Vozes e Sombras”, em 1994 no Museu de Etnologia no âmbito da iniciativa “Lisboa como Capital Europeia da Cultura”.

Com morada em Alfama, bairro típico e intimamente ligado ao fado, o museu é hoje passagem obrigatória no roteiro de Lisboa.

O espaço foi reformulado em 2008 e atingiu uma imagem atraente, uma coordenação e organização cronológica consistentes. «O Museu tem como missão a investigação, a preservação, a divulgação do fado. Trabalha em estreita articulação com a comunidade, com o universo fadista que foi um pressuposto central para a abertura deste museu.»<sup>100</sup>.

O espólio do museu obtém-se sobretudo através de doações, empréstimos. É a casa dos fadistas e dos amantes do fado. «No entanto, aquilo que o museu pretende deixar como pista para o visitante é que o fado não está no museu, mas lá fora. Falamos de um património imaterial, fugaz, irrepetível, incorpóreo. (...) Falamos de um património que não se materializa num outro testemunho a não ser na nossa memória.»<sup>101</sup>.

O museu desenvolve vários projectos, apoia iniciativas; alia-se a eventos, a mostras e a acções de divulgação do fado. Organiza exposições temporárias, concertos e espectáculos no próprio espaço disponível.

Neste espaço cultural, passam «uma média de 30 mil visitantes por ano (...) 65% são estrangeiros e os restantes são portugueses que vêm normalmente organizados ou em grupos – escolas, reformados, outras instituições.»<sup>102</sup>.

Actualmente o museu pertence e é tutelado pela Câmara Municipal de Lisboa, pelas mãos da EGEAC<sup>103</sup>, a empresa municipal que gere alguns monumentos e museus da capital portuguesa.

É uma casa contadora de história, replicadora de momentos. É um centro de partilha de música e conhecimento. O Museu de Fado é, sem dúvida, um ponto de partida, de passagem e de encontro para os apreciadores de fado, para os curiosos e para os turistas que atraídos pela fama do género musical pretendem conhecer e saber algo mais sobre esta música portuguesa.

Porque o fado não só se vê, não só se toca, mas sobretudo sente-se. Passar no museu do fado é experienciar, é absorver o sentimento, a sensação de se cruzar com o seu habitat.

---

100 PEREIRA, Sara, *entrevista cit.*, nota 61, Ver anexos II, p. 95.

101 Idem.

102 Idem, *ibidem*.

103 Cfr. <http://www.egeac.pt/>, consultado a 22 de Novembro de 2009, 17:20.

### 3. O Fado ontem e o Fado hoje. Projecção do amanhã

Desde os tempos da Severa até aos nossos, o fado tem construído uma história, uma régua cronológica. A mítica figura da jovem que encantou as obras de Júlio Dantas e que legou à cidade de Lisboa a sua imagem, continua hoje a ser inspiração, marca e recriação.

Ciclos houve em que o Fado foi ostracizado, marginalizado para passar depois a instrumentalizado e mais tarde escutado, cantado, vivido e popularizado.

Hoje, mais que outrora, o fado encontra um ciclo de renovação, de redescoberta e recuperação. O ciclo é, neste início de século XXI, positivo.

Mas será apenas uma moda? Ou é muito mais que isso?

Estará assegurada esta forma de viver, de cantar, de ser português? Talvez nunca tenha estado em risco.

O futuro ditará, mas «se o fado já cá estava antes de nós o cantarmos, há-de ficar enquanto nós existirmos como portugueses. O fado é um *factum*.»<sup>104</sup>.

#### 3.1. Novas vozes

A partir do decénio de 1990 considera-se que um novo fado terá surgido e com ele novos fadistas. Este «novo fado é heterogéneo por excelência.»<sup>105</sup>. Cria uma diversidade, uma diferenciação perante outro fado, perante outros intérpretes.

Há um revivalismo com pitadas de inovação, de recriação.

A verdadeira reviravolta deu-se com Mariza, artista que recolocou o fado acompanhado de um mediatismo e exportação exacerbados. Com ela, e após a sua conquista, muitos nomes foram surgindo. E se a resposta das editoras nos anos 80 do século XX seria que o fado não dava, não vendia, agora a resposta menciona que já existem demasiados artistas.

Anos antes houve um Paulo Bragança e uma Mísia que se assumiram como personagens importantes para a quebra de preconceitos e clichés associados ao fado. Foram criadores de ruptura e pouco compreendidos. No fundo, a novidade poucas vezes é imediatamente aceite e bem entendida. Tem de existir tempo e espaço para a aceitação, assimilação e admiração.

No distanciamento face a tais factos e acontecimentos, hoje é possível atribuir-lhes um papel chave e um enaltecimento pelos seus actos e caminhos.

Hoje, a escolha é possível e os estilos diferentes coabitam. São inúmeros os novos fadistas, os novos tons com que cantam a mesma harmonia. São profissionais, cada vez mais jovens.

---

104 **MÍSIA**, *entrevista cit.*, nota 64. Ver anexos II, p. 95.

105 **HALPEN**, Manuel, *ob. cit.*, nota 37, p. 98.

«Enfim, foram os novos fadistas que surgiram e que deram alento ao fado e perspectivas de futuro. Viram que o fado não ia, nem podia acabar. O fado não vai acabar, não vai acabar! Não vai mesmo!»<sup>106</sup>.

### **3.2. Novo público**

Ao passearmos pelas ruas dos bairros mais emblemáticos de Lisboa é quase inconcebível, e muito improvável, que não tenhamos como banda sonora do nosso percurso o fado. São várias as casas de fado que se espalham pelos bairros típicos lisboetas. E de uma qualquer janela ouvem-se versos; escutam-se fados e fadistas.

Se consultarmos a agenda cultural de Lisboa, e até mesmo um pouco por todo o país, são inúmeros os concertos, os espectáculos, os momentos de fado que quotidianamente nos são indicados.

Hoje, ouvimos fado nas mais variadas salas, anfiteatros, pavilhões, estádios em todo o país. O fado está dentro e fora de portas. Chega ao público como raramente o conseguiu.

A este novo fado apresenta-se um novo público.

Regressámos às origens. Querem-se ambientes intimistas: quer-se ouvir o fado comercial, o fado tradicional, o fado vadio. Paralelamente lançamos o fado nas ruas, em concertos nos jardins, nos pátios descobertos com uma vontade de inovar, de criar pressupostos fantasiados. Há fado no castelo, no terreiro, no miradouro.

E é unânime: os jovens fazem parte deste novo público, fazem parte deste suposto novo fado. «Desengane-se o leitor que pensa que o fado é coisa de (ou para) “velhos”, gente “cota” .»<sup>107</sup>.

Novamente muito se deve às novas vozes que conseguiram atrair pares da sua geração. Cantando novas vivências, novos compositores; somando novos instrumentos, novas sonoridades; atribuindo novas posturas, novos elementos da vida a este novo fado; apresentando-se com distintos trajés, diferentes discursos.

Hoje os jovens vivem o fado, dançam o fado. Novos projectos de música com influência e inspiração no fado semeiam novas batidas. Exemplos como “A Deolinda” colocam nos *Ipod*, nos *Mp3*, em festas e discotecas, a música, a guitarra portuguesa, o imaginário tradicional lisboeta e português. Ponto assente para o facto destes grupos não serem fado, mas terem como pilar base e vincante a composição fadista. «Dentro da sua liberdade individual cada um pode levar o fado consigo desde que o respeite e seja verdadeiro. O fado deve andar ao sabor

---

106 **AMENDOEIRA**, Joana, entrevista realizada no âmbito da tese, Chiado, Lisboa a 28 de Agosto de 2010. Ver anexos II, p. 95.

107 **PINTO**, Sandra, “Tudo isto é fado”, in **Visão**, Lisboa, Janeiro 2009.

do tempo, do seu tempo. Não se deve cristalizar. Quando uma música não fala do seu tempo, mais cedo morre que sobrevive. Já Camões falava do fado e nós continuamos....»<sup>108</sup>.

Hoje, este novo público é jovem, letrado e culto. Procura no fado a razão, as causas do seu sucesso no estrangeiro - se tem sucesso fora, se é editado fora, há que saber, ouvir este fado.

Este público procura no fado as suas raízes. Num mundo cada vez mais globalizado continuam a ser estes pontos que nos distinguem dos demais. O fado coopera na individualização de uma identidade nos jovens e para os jovens. Afinca-lhes o que de português têm; define como português o que sentem.

Não esqueçamos que o anterior público, fiel, mantém-se. Mas, hoje há famílias, há jovens na plateia, nas cadeiras, no lado oposto ao palco. Há um novo público, mais atento, mais próximo do fado. «Por vezes vem a avó, o filho e o neto (...) esta terceira geração está mais desperta para o fado não só pela conjuntura familiar, mas também pela nova geração de fadistas que está a aparecer.»<sup>109</sup>.

Se calhar tudo isto ocorre apenas porque o fado está na moda, mas provavelmente é muito mais que isso!

### **3.3. Novos Financiadores e Trustees**

Num “mercado”, numa indústria com novas características, surge o apoio, o financiamento de novos e diferenciados indivíduos, pessoas singulares e/ou colectivas. Com um elevado foco de interesse, hoje o fado é uma boa aposta, uma forma de promoção e um meio de obter lucros, reconhecimento e agradar a parte considerável de uma população.

Apoiam institucionalmente o fado entidades como o Ministério da Cultura, o Instituto Camões, a Câmara Municipal de Lisboa, o Museu do Fado entre outras instituições e organizações públicas – municipais, distritais, regionais – que patrocina, que “oferecem” o fado aos cidadãos, aos ouvintes, por vezes a termo gratuito.

São financiadores do fado muitos dos mecenas do país. É comum existirem concertos de fado oferecidos, patrocinados, apoiados por instituições financeiras e bancárias, por empresas multinacionais que também assim praticam parte do seu *branding*; por marcas que se associam ao ritmo do fado para transmitirem os seus valores e exercerem o seu *marketing*, «todo o tipo de contacto que a empresa tem com qualquer pessoa fora do mundo de fora.»<sup>110</sup>.

---

108 **BACALHAU**, Ana (*A Deolinda*), entrevista realizada no âmbito da tese, Lisboa, Dezembro de 2009. Ver anexos II, p. 95.

109 **CARMO**, Carlos do, *entrevista cit.*, nota 58. Ver anexos II, p. 95.

110 «Every bit of contact (that) company has with anyone in the outside world.»: **LEVINSON**, Jay Conrad, *Guerrilla Marketing*, New York, 2007, p. 3.

Numa instância final e, simultaneamente, bastante primária, é financiador e *trustee* o público que investe parte do seu capital num bilhete, num disco, que, deste modo, financia o fadista e o seu fado.

Por fim, não esqueçamos o próprio fadista que produz, grava o seu álbum e financia todo o processo até existir o retorno. Alguns dos artistas criaram a sua agência e o seu estúdio. São parte maioritária de todo o processo criativo e concepção do álbum, da produção e organização dos espectáculos. Investem o seu capital, esperando o retorno.

Assim, novos *trustees*, novos fundos e círculos de financiamento surgem também no fado. Cada vez mais longe dos subsídios, apoios ou canais estatais. Cada vez mais autóctones e independentes.

### **3.4. Novas Vias de Divulgação**

A globalização e o “globalismo” impulsionam e usufruem de novos meios de comunicação, de governação e sociabilização. «A globalização afectará os processos governativos e será afectada pelos mesmos (...) o globalismo é um estado mundial no qual este se envolve em redes de interdependência estabelecidas a distâncias multicontinentais.»<sup>111</sup>.

O fado não é excepção e dispõe hoje de novos meios de divulgação e promoção. Começamos pelo meio quotidianamente mais mediático e usado, a internet. De facto, «Para mares bravios da Internet, nada melhor do que uma boa nau portuguesa.»<sup>112</sup> e o fado dispõe desta maresia. Na internet são vários os *fóruns*, os portais, os *websites*, os blogs que fornecem mais elementos sobre o fado: história, fadistas, actualidades, concertos, entre outros.

Hoje impõe-se que os fadistas, as editoras, as próprias salas de espectáculos disponham *online* toda a informação necessária para que o público se informe e opte.

Espaços como o Myspace, o Facebook, e outras redes sociais são meios de rápida e gratuita promoção e difusão de eventos, notícias. Aproximam o fadista e o fado do cidadão comum e tornam a curiosidade num ponto a favor. Exemplo do uso desta potencialidade foi o concerto que Camané deu através do Facebook. Um concerto *online*, gratuito que inovou pela audácia.

Para lá dos meios electrónicos, hoje assiste-se ao fenómeno do fado em festivais de música, em festivais de Verão, em festas/ arraiais académicos. Outrora seriam espaços onde o fado seria impensável, mas constatamos a presença de fadistas como Mariza, Ana Moura, Camané, entre outros, nos recintos dos festivais que decorrem de norte a sul do país e

---

111 «Globalization will affect governance processes and be affected by them (...) globalism is a state of the world involving networks of interdependence at multicontinental distances.»: **KEOHANE**, Robert O., *Power and Governance in a Partially Globalized World*, Routledge London, 2002, p. 193.

112 **LOPES**, Luís Ferreira e **SANTOS**, Octávio dos, *Os Novos Descobrimentos. Do Império à CPLP: Ensaio sobre História, Política, Economia e Culturas Lusófonas*, Almedina, Lisboa, 2006, p. 165.

sobretudo no verão. É um novo espaço de divulgação, um novo reflexo da mediatização e da vincada proliferação do fado.

#### **4. Internacionalização do “nosso” Fado**

«Instrumentalizando-se a partir da segunda metade do século XX, foi instrumento de divulgação (...) e de difusão mais geral da cultura portuguesa.»<sup>113</sup>.

Desde cedo o fado apresentou uma raiz internacional. Não só pela sua(s) tese(s) de origem, que o transporta(m) do Brasil, do mundo lusófono ou das heranças árabes até nós, mas também pelo seu percurso pós-edificação na cultura da urbe lisboeta.

Mais uma vez, é impossível não mencionar Amália Rodrigues como a grande e principal causa desta internacionalização. Antes da “diva”, outras fadistas levavam o fado a alguns pontos do globo, mas dispersos. Numa derradeira escala mundial, Amália internacionalizou o fado sem quaisquer precedentes. «A minha carreira internacional deve-se a uma circunstância muito simples. Uns franceses vieram a Portugal fazer um filme e queriam uma pessoa que cantasse (1954). (...) e escolheram-me a mim. (...) Foi assim que começou a minha carreira internacional. O filme deu-me o pontapé de saída para França e a França deu-me o pontapé de saída para o mundo.»<sup>114</sup>.

Amália espalhou o nome de Portugal do México até Londres, do Japão até Nova York. Esteve em África, esteve intensamente na Europa, na Ásia, na América Latina, na América do Norte...Amália, Amália, Amália! «E de Paris à América Latina o seu nome continua a ser o mais conhecido e identificável com Portugal e com o Fado.»<sup>115</sup>.

Era, e continua, uma embaixadora, uma divulgadora de Portugal no Mundo, solitária e sem par à sua escala. «Um fenómeno que não tem paralelo na história do fado e da cultura portuguesa. Amália está no elenco das três melhores vozes do século (juntamente com Maria Callas e Frank Sinatra) mas cantava apenas com uma viola e uma guitarra portuguesa. É raro! Amália impulsionou o fado ao nível planetário.»<sup>116</sup>.

Hoje, o circuito construído pela fadista mantém-se aberto e receptivo a tantos outros fadistas que enchem salas por todo o mundo: Mísia, Cristina Branco, Camané, Katia Guerreiro, Mafalda Arnauth, Carminho, Mariza, os clássicos Carlos do Carmo e João Braga entre tantos outros. É difícil tentar mapear os seus concertos, as suas *tournés*. Não há limites, não há fronteiras para o fado.

113 **OSÓRIO**, José Manuel, *ob.cit.*, **nota 53**, p. 4.

114 **RODRIGUES**, Amália, in **SANTOS**, Vítor Pavão dos, *Amália, uma Biografia*, Editorial Presença, 2ª Edição, Lisboa, Dezembro 2005, p. 117.

115 **HALPEN**, Manuel, *ob. cit.*, **nota 37**, p.107.

116 **BRAGA**, João, *entrevista cit.*, **nota 46**. Ver anexos II, p. 95.

E pensar que há alguns anos atrás o fado não era editado em Portugal, nem acolhido pelo público. Casos como Mísia e Paulo de Bragança tiveram de sair do país para receberem o reconhecimento necessário para prosseguirem com as suas carreiras e vidas. A fadista Mariza teve de editar o seu primeiro álbum na Holanda, por falta de interesse das editoras portuguesas no mesmo.

É sintomática a necessidade de ir para fora, para depois alcançar um *status*, um “lugar ao sol” no panorama português.

Distantes desta realidade, as novas vozes conseguem com maior facilidade editoras, agências que as promovam e espaço na viagem internacional que se impõe a todos. É um fenómeno cada vez mais rápido e cada vez menos regulado por padrões de qualidade. A selecção natural acaba por se ocupar da sobrevivência dos melhores!

A internacionalização do fado permitiu a Portugal uma reposição cultural no Mundo. Quando se fala de fado, fala-se de Portugal. Quando se oferece fado a ouvidos estrangeiros, ensina-se a língua portuguesa, conta-se a história do nosso país a desconhecidos da alma lusa, pintam-se as paisagens de Portugal. «Eu chego a um sítio qualquer e as pessoas identificam-me com a minha terra, identificam-me com Portugal. Tenho uma verdade tão grande, tenho uma autenticidade tão grande e sou portuguesa.»<sup>117</sup>.

«É pelo fado que Portugal é conhecido em muitos sítios e é pelo fado que muitas pessoas que conheço aprenderam português.»<sup>118</sup>.

Sem esta internacionalização a investigação que propomos não teria fundamento, nem base de existência e sustentação.

Pela sua história, e pela História de Portugal, das raízes e costumes que transporta em si; pela sua transversalidade e presença natural nas distintas áreas culturais; pela sua regeneração e manutenção ontem, hoje e amanhã; pela sua capacidade de internacionalização desde sempre; pela sua difusão no mundo, pela sua presença diária em qualquer sala, teatro, cinema, festival em qualquer ponto do globo o fado merece destaque na equação de uma política cultural externa.

«Devemos usar o que designamos de poder inteligente, o role de instrumentos à nossa disposição – diplomático, económico, militar, político, legal e cultural – escolhendo o devido instrumento, ou o conjunto de instrumentos, para cada situação.(...) O poeta Terence, da Roma antiga, declarava que “a cada diligência o caminho do homem sábio é tentar em primeiro lugar

---

117 **RODRIGUES**, Amália, in **SANTOS**, Vítor Pavão dos, *ob. cit.*, nota 114, p. 181.

118 **MÍSIA**, *entrevista cit.*, nota 64. Ver anexos II, p. 95.

a via da persuasão.»<sup>119</sup>. Portanto um “poder suave”, mas “inteligente” no seu uso e recurso e sempre que necessário aliado a outros instrumentos, a outros meios.

«O fado vende e é exportável.»<sup>120</sup>. O fado é música e tem poder. O fado é genuíno e, ainda por cima, é português.

#### **4.1. Até onde chega o nosso Fado**

Não é fácil, nem difícil, perceber por onde anda o fado. De uma forma directa, o fado corre o mundo, todo o mundo. No entanto, há países mais receptivos ou que tiveram e têm maior impacto na divulgação e nesta crescente interiorização do fado.

Foram vários os fadistas que tendo um “não” em Portugal rumaram portas fora à procura de uma editora. Foram igualmente vários os que o conseguiram na Holanda, na França ou na Bélgica e que, com estes mercados consumados e metade da Europa conquistada, alcançaram uma “carta branca” para serem ouvidos e lançados em Portugal.

Quotidianamente, o nosso fado chega a todos os continentes e vai criando bolsas endógenas de curiosidade e amizade. «Neste momento, muito do que se faz por Portugal e pela língua portuguesa lá fora passa pelo fado.»<sup>121</sup>.

Tal quadro está patente nas diversas entrevistas elaboradas ao longo desta investigação<sup>122</sup>. São inúmeras e distintas as histórias em países longínquos, em culturas pouco ou nada semelhantes, em povos que sem nos conhecerem, nos “captam”, nos entendem: a Europa de lés a lés, o continente americano; a Ásia e África, a Oceânia. É planetário o fenómeno.

O fado é cantado para os quatro cantos do mundo. «O fado tem sido parte do nosso passaporte e do nosso B.I.»<sup>123</sup>.

Em Londres, em 2008, Mariza esgotou na abertura do festival lusófono e repetiu a proeza em tantos outros pontos geográficos; em 2009, em Goa, o Mestre António Cháinho, o guitarrista português mais internacional, deu dois concertos com a colaboração de cantores locais; em Belfort, França, foi apresentado o projecto “Encores Fado” de Custódio Castelo e Margarida Guerreiro. No mesmo ano, em Paris, Mafalda Arnauth promoveu o seu novo álbum

119 «We must use what has been called smart power, the full range of tools at our disposal—diplomatic, economic, military, political, legal, and cultural—picking the right tool, or combination of tools, for each situation. (...) The ancient Roman poet Terence declared that “in every endeavor, the seemly course for wise men is to try persuasion first.”» : **HERTZBERG**, Hendrik, *Smart Power*, in **The New Yorker**, [http://www.newyorker.com/talk/2009/01/26/090126ta\\_talk\\_hertzberg#ixzz1B6KT47tr](http://www.newyorker.com/talk/2009/01/26/090126ta_talk_hertzberg#ixzz1B6KT47tr), consultado a 11 de Janeiro de 2011, 11:08.

120 **HALPEN**, Manuel, *ob.cit.*, nota 37, p. 105.

121 **BRANCO**, Cristina, entrevista realizada no âmbito da tese, Parque Mayer – Lisboa, 2 de Outubro de 2009. . Ver anexos II, p. 95.

122 Ver entrevistas em anexos II, p. 95.

123 **COSTA**, António, “Fado candidato à UNESCO em 2009”, in **Jornal de Notícias**, Lisboa, Dezembro de 2008.

“Flor de Fado”, Katia Guerreiro apresentou-se na Argélia, Joana Amendoeira cantou na cidade do Cairo e Pedro Moutinho apresentou em Lisboa o seu novo álbum “Um copo de sol”. Ana Moura iniciou a sua digressão na Alemanha, depois de passar por Luxemburgo, França e de rumar posteriormente para a Suíça. Maria Ana Bobone cantou para os Reis da Jordânia; Cristina Branco, a convite do Governo de Macau, actuou naquele território.

O fado é cantado pelos meridianos e paralelos do planeta: descobrimos fadistas nos EUA, Japão, Holanda, Inglaterra, Espanha, Itália, Alemanha; descobrimos fadistas de raízes africanas e indianas.

«Na Suécia, tivemos 24 concertos durante um ano, foi uma das maiores digressões que realizei e aqui surpreendeu-me muita a reacção que eu pensaria ser distante, mas que foi muito calorosa.»<sup>124</sup>; «Há pouco tempo fui à Tailândia cantar (...) Foi muito engraçado porque é difícil de perceber como funcionam as emoções e o modo de expressão dos sentimentos de um povo, de uma cultura tão diferente.»<sup>125</sup>; «Outro facto curioso é (...) a minha ida agora à Arábia Saudita, a primeira vez que vou ao Médio Oriente.»<sup>126</sup>; «Fiz agora uma tournée na América do Sul que adorei.»<sup>127</sup>; «Fui o primeiro fadista a cantar na República Dominicana. Foi muito engraçado.»<sup>128</sup>; «Lembro-me sempre com muito carinho dos espectáculos que fiz em África (...) Foram espectáculos muito esforçados pela falta de material, pela falta de condições. (...) Faz sentido também ir a estes sítios, a estes países levar algo.»<sup>129</sup>; «Foi interessante a minha apresentação na ONU, em Nova Iorque»<sup>130</sup>, «Recentemente fiz uma viagem a Itália e foi genial.»<sup>131</sup>.

O fado não tem fronteiras. E é contangente. Desenvolve-se autonomamente. Como vírus, transporta-se nos corpos e propaga-se, mudando, criando as suas imunidades e resistindo aos anti-corpos.

Com o “nosso” fado difunde-se a língua, a cultura, Portugal e a “nossa” portugalidade. Com o “nosso” fado exportamos voluntária e involuntariamente parte significativa da nossa cultura.

Consideramos, chegados a este ponto da nossa investigação, existirem indícios suficientes que nos permitem equacionar a possibilidade, com uma estratégia adequada, de

---

124 **AMENDOEIRA**, Joana, *entrevista cit.*, **nota 106**. Ver anexos II, p. 95.

125 **CARMINHO**, entrevista realizada no âmbito da tese, Parque Mayer – Lisboa, Setembro de 2009. Ver anexos II, p. 95.

126 **GUERREIRO**, Katia, *entrevista cit.*, **nota 59**. Ver anexos II, p. 95.

127 **CAMANÉ**, entrevista realizada no âmbito da tese, Queijas – Oeiras, 28 de Setembro de 2009. Ver anexos II, p. 95.

128 **MOUTINHO**, Pedro, *entrevista cit.*, **nota 94**. Ver anexos II, p. 95.

129 **BRANCO**, Cristina, *entrevista cit.*, **nota 121**. Ver anexos II, p. 95.

130 **PIRES**, Nathalie, entrevista realizada via e-mail no âmbito da tese, Boston, EUA, 17 de Novembro de 2009. Ver anexos II, p. 95.

131 **ARNAUTH**, Mafalda, entrevista realizada no âmbito da tese, Bairro Alto – Lisboa, 20 de Novembro de 2009. Ver anexos II, p. 95.

*Fado – Matriz para uma (nova) Política Cultural Externa. Uma Estratégia Cultural ao serviço de Portugal*

ser possível com o “nosso” fado promover, estimular uma política cultural externa mais atractiva, mais pró-activa, efectiva e eficaz.

O Fado, por si só, já começou a cruzada. Agora falta o “político” aliar-se e tornar o caminho partilhado. Pouco instrumentalizado, mas muito potenciado.

## **II CAPÍTULO – FADO – UMA (NOVA) MATRIZ PARA A ESTRATÉGIA CULTURAL AO SERVIÇO DE PORTUGAL**

«A política cultural externa (...)  
uma espécie de combate de baixa intensidade  
que requer imaginação, criatividade, continuidade,  
coordenação e perseverança,  
necessitando, como tal,  
de um conjunto de instrumentos, de meios e de agentes.»<sup>132</sup>

«É o poder cultural e não outro,  
que devidamente ajudado deve presidir  
aos esforços e acompanhar a evolução.»<sup>133</sup>

«Envisage culture instrumentally,  
as a practical benefit (it's a  
great help out of  
our present difficulties.»<sup>134</sup>

A política externa assume-se como a política sectorial que o Estado constrói e conduz no exterior. Um conjunto de medidas que se congregam numa linha de acção desenvolvida fora das fronteiras territoriais do Estado. Uma perspectiva, uma estratégia que transcende o doméstico e se desenvolve na interdependência complexa<sup>135</sup> das relações internacionais entre Estados, organizações internacionais, instituições e os demais actores e agentes, prosseguindo sempre a ordem mundial social e natural.

Numa globalização acelerada e pouco regrada há que saber como agir e interagir com o “outro”, com aqueles que nos rodeiam. É estrategicamente necessária uma política externa sólida, concisa e exequível «para a concretização de cinco objectivos que asseguram, em

---

132 **MONGIARDIM**, Maria Regina de, *Diplomacia*, Coimbra, Almedina, 2007, p. 366.

133 **MOREIRA**, Adriano, “O Poder Cultural”, in **Nação e Defesa**, nº 18, Lisboa, Abril-Junho, 1981, p. 51.

134 **MILLER**, Toby e **YÚDICE**, George, *Cultural Policy*, London, Sage Publications, 2002, p. 9.

135 Cfr. **KEOHANE**, Robert O. e **NYE**, Joseph S., “Power and Interdependence in the Information Age”, in **Foreign Affairs**, Setembro/Outubro de 1998, vol. 77, nº5, p. 83.

última instância, a sobrevivência do Estado: a preservação do Estado na sua integridade, a segurança económica, a influência política, a influência cultural e a imagem.»<sup>136</sup>.

É vital uma política cultural externa assimilada e irrefutável. E porque «não existe uma política cultural já feita, é preciso ser melhorada, adequada; é um trabalho de diálogo.»<sup>137</sup>.

Reveremos, agora, o que tem sido feito; questionamos a importância da dimensão cultural da política externa; e rumamos para a nossa análise e subsequente proposta.

## **1. Análise da Política Cultural Externa Portuguesa: do Estado Novo até 2009**

«A Política Externa Portuguesa não se rege (...) por imperativos de fatalidade, nem resulta, tão pouco, de um cálculo matricial. E por mais política que seja a sua definição (...) decorre de legados históricos, de circunstâncias geográficas, de poderes e fraquezas, tanto próprias como alheios.»<sup>138</sup>.

Desde cedo, quase desde sempre, os povos, as nações, os países relacionam-se com o “outro”. Mas nem sempre se perspectivou algo nessas relações. Seriam meras trocas comerciais. Venda e compra de produtos, mais tarde de serviços. Trocas económicas, financeiras, tecnológicas. Circulação de bens, capitais, serviços e pessoas.

Hoje, e desde há uns curtos decénios, há tudo isso e muito mais. Há uma visão estratégica, há uma política de actuação no exterior: há uma política externa e uma política cultural externa que se deseja cada vez mais relevante.

Intensificou-se com o final da II Guerra Mundial, e sobretudo quando os Estados começaram a perceber que também através da cultura, dos valores conseguiriam algo mais. Através de uma política cultural externa delineada e forte conseguiriam atrair, seduzir, reavivar as suas relações, e inclusivé melhorar a sua posição no globo.

O conceito de *Soft Power* começou a ser praticado por alguns dos governos. O objectivo era «Conseguir que os outros queiram o mesmo que queremos através do poder de atracção e sedução. (...) É um poder que advém da capacidade de atrair e que é um poder atractivo.»<sup>139</sup>. Formulam-se novas políticas externas, novas políticas culturais externas.

Portugal não é excepção e tem vindo a definir a sua política cultural externa assente sobretudo na divulgação e internacionalização da Língua Portuguesa, no estreitamento das

---

136 **PALMA**, Elisabete Cortes Palma, *ob. cit.*, **nota 10**, p. 156.

137 **VILLEPIN**, Dominique, entrevista in **Agência Lusa**, Estoril, Novembro, 2009.

138 **LARA**, António de Sousa, *Ideologias e Política Externa Portuguesa*, Universidade Moderna, Porto, 1991, p. 21.

139 «Getting others to want the outcomes that you want (...with) power of attraction and seduction. (...) The power that comes from attraction (...and that) is an attractive power.»: **NYE JR.**, Joseph S., *ob. cit.*, **nota 16**, pp. 5 e 6.

relações com as Comunidades Portuguesas pelo Mundo e, ainda, na intensificação dos Programas de Cooperação que abrangem determinantes componentes culturais<sup>140</sup>.

Neste sentido, em 1920 são criados os primeiros leitorados portugueses em universidades estrangeiras, sobretudo europeias. Pretendia-se ensinar e divulgar a língua portuguesa através do leitor credenciado, certificado. Um transmissor, um mensageiro da língua e cultura portuguesa no mundo<sup>141</sup>.

Ao longo dos tempos criaram-se outras, e mais, estruturas e instituições/entidades nas quais se delegaram as competências de divulgação e promoção da língua e cultura portuguesa no mundo. Com a missão de criar iniciativas com e para os objectivos promulgados em cada momento.

Construiu-se, e tem vindo a tentar-se construir, uma política cultural externa viável, respeitável e bem sucedida, capaz de contribuir para «Um Portugal mais forte na Europa e no Mundo, confiante na sua identidade, na sua capacidade de modernização e na projecção global da sua língua será, assim, para o Governo, a prioridade das prioridades da sua política externa.»<sup>142</sup>.

### **1.1. Programas de Governo (1974 até 2009)**

Os programas de governo têm o objectivo de planificar, clarificar e apresentar propostas, definir objectivos e equacionar medidas com vista a assegurar a sua concretização para uma realidade constatada ou pretendida, por um dado executivo, durante um hiato temporal e num determinado Estado.

Qualquer cidadão é livre de consultar o programa do governo e conhecer a “carta de intenções” que se apresenta para a legislatura do país<sup>143</sup>.

Analisámos os vários programas de governo, desde 1974 até 2009, colocando a tónica nas questões da cultura e política externa. A abordagem flutua ligeiramente mediante os partidos que exercem o poder em cada conjuntura. Pontos perenes são partilhados por todos: a necessidade de mais e melhor investimento nas actividades e artes criativas e culturais; a necessidade de permanente adaptação legislativa e legal de estatutos quer das artes, quer dos profissionais; a certeza da capacidade educativa e social da cultura junto das comunidades portuguesas quer dentro, quer fora do país; a necessidade de uma política externa forte, coerente e explícita dos objectivos que internamente se defende e se pretendem conquistar.

---

140 Cfr. Programas de Governo, disponíveis em <http://www.portugal.gov.pt/pt/GC19/Pages/Inicio.aspx>, consultado pela última vez a 19 de Agosto de 2011, 23:40.

141 Cfr. **PALMA**, Elisabete Cortes Palma, *ob. cit.*, nota 10, p. 26.

142 In **Programa do XVII Governo Constitucional**, Lisboa, 12 de Março de 2005, p. 150.

143 Cfr. Programas de Governo, disponíveis em <http://www.portugal.gov.pt/pt/GC19/Pages/Inicio.aspx>, consultado pela última vez a 19 de Agosto de 2011, 23:40.

Em 1976, a Secretaria de Estado da Cultura funcionava sob a alçada do Primeiro Ministro de Portugal. A preocupação principal passava por desvincular a cultura da tendência propagandística que restava do antigo regime. Pretendia-se preservar e recuperar o património cultural, continuar a investigação do nosso legado, fomentar a cultura e qualquer criação artística. Ao nível da política externa a tónica recaía na vertente política, das relações estatais, multi e bilaterais, dos acordos e tratados<sup>144</sup>.

No seguinte programa do governo, a linha de actuação mantém-se. No Programa do II Governo Constitucional é possível constatar a preocupação pela expansão internacional da cultura portuguesa; a necessária e devida presença da língua portuguesa nos centros de decisão e promoção como a UNESCO; a importância das relações externas, nos vários domínios, como modo de combater um isolacionismo. «Procurar-se-á ainda o desenvolvimento das acções culturais que visem a promoção cultural e a manutenção dos laços entre emigrantes e Portugal.»<sup>145</sup>. No equilíbrio de tudo aquilo que é apresentado, a cultura está pouco presente nos objectivos do governo: novamente imperam a esfera política e o económica<sup>146</sup>.

O Programa do III Governo Constitucional é o primeiro, após o 25 de Abril de 1974, a especificar a terminologia “relações culturais internacionais” idealizando uma actuação sobretudo nos países de expressão portuguesa e junto das comunidades portuguesas. Mantém-se a meta da democratização quanto ao acesso e à criação de cultura.

As mesmas ideias vão sendo renovadas nos programas de governo consecutivos. Os pontos vão-se enumerando, as medidas vão sendo equacionadas. Começa a aliar-se a educação à cultura e à ciência. Existe a necessidade de formar profissionais. A aposta no impulsionar da criatividade é recalcada. «O Governo entende que a política externa portuguesa deve, antes de mais, servir os interesses políticos, económicos e culturais de Portugal.(...) E tem de dar de nós próprios uma imagem clara e isenta de ambiguidade, em nome de um povo que sabe quem é, onde está e o que pretende para si mesmo e para o mundo que o rodeia. Isto nem sempre tem acontecido.»<sup>147</sup>.

No Programa do VII Governo Constitucional surge o item da acção cultural externa que se apresenta como prolongamento da política cultural nacional: assume-se como sendo uma actividade da responsabilidade do Estado. Mantém-se a importância da promoção e ensino da língua e cultura portuguesas; a necessidade de preservar e intensificar os laços com as comunidades portuguesas e os países lusófonos; apoiar mais e melhor os artistas e distinguir as diferentes áreas artísticas e culturais; conservar o património material e a herança cultural<sup>148</sup>

---

144 Cfr. **Programa do I Governo Constitucional**, Lisboa, 23 de Setembro de 1976, p. 101.

145 In **Programa do II Governo Constitucional**, Lisboa, 23 de Janeiro de 1978, p. 161.

146 In **Programa do II Governo Constitucional**, Lisboa, 23 de Janeiro de 1978, p. 161.

147 In **Programa do VI Governo Constitucional**, Lisboa, 3 de Janeiro de 1980, p. 5.

148 Cfr. **Programa do VII Governo Constitucional**, Lisboa, 9 de Janeiro de 1981, p. 25

Em 1981, no decorrer da VIII legislatura, defendem-se pressupostos idênticos. Na cultura incita-se «conjugar a memória, a sensibilidade e a inteligência colectiva»<sup>149</sup> ambicionando, assim, a convivência do património, da arte e da ciência. «A cultura portuguesa tem de ser defendida como um bem soberano por excelência.»<sup>150</sup> e para tal há que estruturar, incentivar e estimular. «A cultura tem também direito à existência própria e activa, não como carga, mas justamente como suporte e alma da permanência em movimento que é o País.»<sup>151</sup>. Mantém-se o objectivo de busca de coerência no sentido de ligar a educação à cultura.

Criam-se institutos, surgem associações. Defendem-se categorias artísticas. Mantém-se o foco nas comunidades e nos países de língua oficial portuguesa. Garante-se a cultura como um bem criativo, libertador e socialmente digno. Contempla-se a possibilidade e o valor do mecenato bem como o seu enquadramento jurídico e fiscal. Referenciam-se as novas tecnologias da comunicação.

Em 1986, com a adesão às Comunidades Europeias, surge um novo campo de actuação da política externa portuguesa. A preocupação da integração europeia desenvolve-se paralelamente aos restantes cenários bilaterais e multilaterais, na vertente política, económica, cultural e restantes. É determinante a cooperação.

No Programa do XI Governo Constitucional, quando se assumia o discurso da regionalização e descentralização do poder político, as apostas na cultura, educação e política externa mantiveram-se semelhantes às legislaturas definidas anteriormente. «Relativamente ao Património, entenda-se que a sua salvaguarda e valorização é um direito e um dever dos cidadãos.»<sup>152</sup>.

Em 1991, assumia-se como prioridade a criação do Instituto Camões (IC) e mantinham-se os objectivos anteriormente definidos e defendidos: afirmação da língua portuguesa; cooperação e educação; a preservação do património; a relevância das comunidades portuguesas.

Com a “Nova Ordem Mundial” imposta, as linhas de actuação hegemonomizam-se. Os desafios são os da globalização, do multilateralismo intensificado. No programa do XII Governo Constitucional escreve-se claramente «O Estado não pode nem deve monopolizar a vida cultural, e tem, pelo contrário, a estrita obrigação de respeitar, viabilizar e estimular a multiplicidade e a variedade das iniciativas culturais surgidas no seio da sociedade civil.»<sup>153</sup> - o mesmo princípio que defendemos no fundamento da nossa investigação, e com base no qual apelamos à participação do Estado e à intervenção deste não para controlar, mas para estimular o fado enquanto elemento, produto cultural e potencial matriz de uma (nova) política cultural externa a considerar.

---

149 In **Programa do VIII Governo Constitucional**, Lisboa, 4 de Setembro de 1981, p. 39.

150 In **Programa do VIII Governo Constitucional**, Lisboa, 4 de Setembro de 1981, p. 39.

151 In **Programa do VIII Governo Constitucional**, Lisboa, 4 de Setembro de 1981, p. 40.

152 In **Programa do XI Governo Constitucional**, Lisboa, 17 de Agosto de 1987, p. 69.

153 In **Programa do XIII Governo Constitucional**, Lisboa, 31 de Outubro 1991, p. 86.

Entrando no novo milénio (1999-2002) a aposta centra-se na junção da tecnologia e da ciência, com a educação e a cultura. Ambiciona-se a inovação, a mais e melhor criação, a internacionalização da cultura. Reformam-se os passos para uma cooperação para o desenvolvimento através do Instituto da Cooperação Portuguesa, da Agência Portuguesa de Apoio ao Desenvolvimento, do Instituto Camões e das delegações técnicas. A expansão da língua portuguesa no mundo constitui um objectivo estratégico da política externa. A promoção da cultura portuguesa no estrangeiro é uma meta imposta.

Até à legislatura actual mantêm-se as linhas directrizes para a difusão da língua e cultura portuguesas no mundo, junto dos Estados que albergam grandes comunidades portuguesas e no espaço lusófono em geral. Ambiciona-se o aumento do orçamento disponível, tenta-se a transversalidade e universalidade das políticas culturais que se vão lançar e, pontualmente, activando. Contempla-se a preservação do património material; introduz-se o património imaterial. Portugal continua a actuar junto do eixo europeu, do eixo lusófono e das comunidades. É permanente e primária a internacionalização da língua – obtida, e segundo a nossa investigação, também pelo fado, embora tal facto não seja oficialmente reconhecido.

Evolutivamente, e sobretudo oficialmente nos textos das consecutivas legislaturas, a cultura vai tendo mais espaço, mais atenção. Compreende-se a sua importância enquanto elemento formador do indivíduo, do cidadão, da sociedade, do país. Quanto à política externa alinha-se nas frentes que lhe vão surgindo. Tenta chegar às dimensões que a globalização lhe impõe. A diplomacia apresenta-se, despercebidamente, como instrumento presencial e assente.

Em síntese, e após a análise dos 18 programas de governo publicados no hiato temporal estudado, a política cultural externa, tal como hoje a designamos, tem sido arquitectada sob pilares comuns em todas as legislaturas: cooperação, maioritariamente com o mundo lusófono, CPLP; acordos bilaterais com os demais Estados, sobretudo com os que albergam as grandes comunidades portuguesas; a promoção e ensino nas áreas da língua portuguesa e da divulgação da cultura portuguesa no estrangeiro – sobretudo literatura e da ciência.

## **1.2. Eventos de Promoção de referência**

«O maior acontecimento cultural nacional no exterior vai decorrer durante um mês e meio e, mais uma vez, estende-se para além das fronteiras da capital Madrid.»<sup>154</sup>, escrevia-se em Outubro de 2008 sobre a VI Mostra Portuguesa em Espanha. É um acontecimento de

---

154 **SUBTIL**, Inês, “Maior evento cultural português no exterior”, in [www.publico.pt](http://www.publico.pt), Lisboa, Outubro de 2008.

referência que se repete anualmente com um investimento sólido e grandioso e que gradualmente adquire maior impacto no espaço espanhol.

É nas “Expo”, nas “Capitais Europeias da Cultura”, nos diversos salões, mostras e feiras promovidas por esse mundo fora, que Portugal exhibe grande parte dos seus produtos e da sua cultura. São eventos ainda de impacto e que nos permitem o encontro com os apreciadores, com os admiradores e com os leigos que procuram mais e descobrem o melhor do nosso país.

Anualmente, nas mais distintas áreas e mercados, Portugal apresenta-se e representa-se com a criatividade, com os seus produtos, com a vontade de se promover, de criar novas redes comerciais.

Em 2008, na Expo Saragoça Portugal destacou-se pela marca tecnológica que imprimiu no seu pavilhão<sup>155</sup> que o demarcou dos restantes participantes.

Em 2010, na Expo Shangai, o pavilhão português vingou pela originalidade ao ser inteiramente revestido em cortiça: um produto português, ecológica e energeticamente eficiente; genuíno e identitário. Devido a esta participação de Portugal acabou por ser premiado com um Red Dot Award<sup>156</sup>.

Todos os anos, todos os meses, Portugal publicita-se, exporta-se. Música, gastronomia, cinema, moda, tecnologia. Muitos destas iniciativas têm o apoio estatal quer do AICEP, quer do Turismo de Portugal e Ministério da Economia. São locais, eventos estratégicos que reclamam e exigem um carimbo governativo das instâncias portuguesas.

Desde 2009 é de mencionar, como evento de referência em Portugal, a etapa do Campeonato do mundo de Surf em Peniche. Um investimento sobretudo local, com alguns apoios nacionais e patrocínios de marcas, que gradualmente tem obtido mais público, maior afluência, maior retorno económico.

O que começou por ser um teste à viabilidade da onda portuguesa, transformou Peniche e a Praia de Super Tubos, num local de passagem sagrado para surfistas de todo o mundo. Aumentaram as taxas de ocupação hoteleira, os lucros do comércio. Cresce a divulgação da vila piscatória pelo mundo. Eleva-se a constatação de colocar Portugal no circuito mundial do *surf*.

Igualmente, nos últimos anos, têm surgido novos avanços na área do cinema: iniciativas como o *Lisbon & Estoril Film Festival* e *Douro Film Festival* cooperam na colocação do país na rota cinematográfica. Exibições, exposições, workshops, palestras. Durante uma semana participam actores, realizadores, espectadores de todo o mundo. Estes festivais têm o apoio da Secretaria de Estado da Cultura (e anteriores Ministérios da Cultura).

---

<sup>155</sup>Em <http://aeiou.expresso.pt/expo-2008-vertente-tecnologica-do-pavilhao-de-portugal-sem-equivalente-no-evento-autarca-de-saragoca=f395195>, consultado a 13 de Novembro de 2009, 1:00.

<sup>156</sup> Cfr <http://www.dinheirovivo.pt/Buzz/Artigo/CIECO009085.html>, consultado a 18 de Agosto de 2011, 00:48.

As provas de Vela, as regatas ao largo de Cascais, Estoril, Belém que alojam equipas e atletas de todo o mundo.

Os tempos vão mudando, as tendências acompanham. Há um esforço para a criação, divulgação, participação em eventos que promovam, que internacionalizem o país, os portugueses e os seus produtos. Muito mais há a fazer, muito mais haverá a realizar. Retirar frutos da rede construída, criar oportunidades nos convites lançados.

São estes eventos que, em prática, implementam os objectivos lançados nos programas de governo, e que através das políticas, medidas, planos implementados, actividades e programações desenhadas tentam alcançar os objectivos do Estado soberano e do governo vigente.

## **2. O factor Cultural na Política Externa Portuguesa: o Poder Suave**

«A língua e a cultura constituem elementos patrimoniais da matriz identitária das nações. A sua defesa e promoção representam, por isso, uma expressão operatória inequívoca do conceito de interesse nacional permanente acentuando, ao mesmo tempo, a relevância decisiva da dimensão cultural da Política Externa.»<sup>157</sup>.

É trivial o debate sobre a cultura, a importância de tal elemento e das estratégias que são, ou deveriam ser, implementadas. É cíclico, mundial e transversal este quantificar do impacto da cultura na nossa sociedade, nos nossos dias; na nossa política, no nosso Estado; em todos nós.

«A Cultura pode produzir consolidação nacional, assegurada pelas instituições do Estado.»<sup>158</sup>.

Mais do que um instrumento, a cultura pode tornar-se uma aliada do poder político, da economia, da humanidade. Há que tomá-la nas exactas proporções, alinhavá-la em objectivos, políticas e medidas e executá-la para fins visíveis.

Nota-se um crescente valorizar da dimensão cultural na Política Externa através das iniciativas internacionais ao nível da UNESCO, da participação de Portugal e das delegações portuguesas em festivais, em feiras da literatura, música; em mostras gastronómicas, culturais; na tentativa de exportar a Marca Portugal, os nossos produtos, os nossos sabores. Tal «poder cultural manifesta-se através da capacidade de fazer aceitar perspectivas, ideias, atitudes e preferências, através da percepção cognitiva de imagens da realidade socialmente construída

---

157 **SANTOS**, Victor Marques dos, “Portugal, a CPLP e a Lusofonia – Reflexões sobre a Dimensão Cultural da Política Externa”, in **Negócios Estrangeiros**, Lisboa, 2005, nº 8, p. 71.

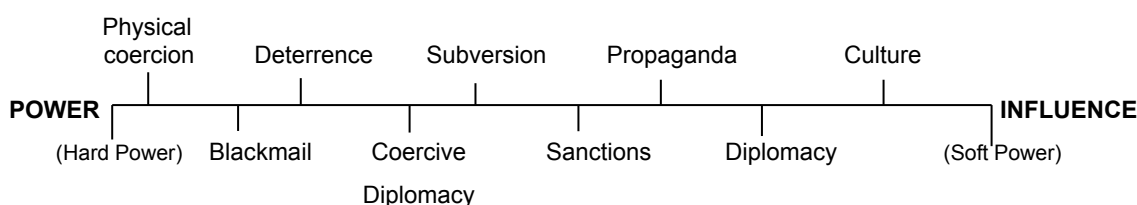
158 «Culture can produce national consolidation, secured by state institutions»: **MILLER**, Toby e **YÚDICE**, George, *ob. cit.*, **nota 134**, p. 9.

e condicionada pela informação veiculada pelo discurso comunicacional.»<sup>159</sup>. Este factor cultural provoca a desejada «influência mental difusa que se revela a médio prazo muito útil para fins económicos e políticos.»<sup>160</sup>.

No fundo, a “influência mental” é de base educacional, cultural. «(É), para a maior parte dos governantes, uma componente “instrumental” do poder.»<sup>161</sup>. É o “poder suave” que se pratica através da cultura, dos valores, ao dispor de outros fins e metas.

Na figura que se segue conseguimos visualmente captar quão longe se encontra o “poder” (*hardpower*, coerção, *sticks*) da “influência” (*soft power*, sedução, *carrots*) e onde se colocam os factores que identificamos como fulcrais numa política externa: cultura, diplomacia.

**FIGURA 1- Mudar as políticas da Política Externa**<sup>162</sup>



Através da cultura, da exportação da língua e produtos, movimentos e valores, produções culturais, os Estados defendem a sua soberania, implementam alguns dos seus padrões de vida e desenvolvimento, conseguem influenciar, persuadir e mudar pessoas, sociedades.

Segundo Joseph S. Nye, o *soft power* assenta em pontos chave como a cultura, os valores, as políticas e as instituições. É executado sobretudo através da diplomacia pública, bilateral e multilateral.

É assumido que hoje o «poder está em todo lado e em parte alguma: está na produção em massa, nos mercados financeiros, nos estilos de vida, nos hospitais, na escola, na televisão, nas imagens, em mensagens, nas tecnologias...»<sup>163</sup>.

159 **SANTOS**, Victor Marques dos, *Introdução à Teoria das Relações Internacionais, Referências de Enquadramento Teórico-Analítico*, ISCSP-UTL, Lisboa, 2007, p. 268.

160 **BESSA**, António Marques, *O Olhar de Leviathan*, ISCSP, Lisboa, 2001, p.100.

161 **SANTOS**, Victor Marques dos, *ob. cit.*, nota 157, p. 274.

162 **HILL**, Christopher, *The Changing Politics of Foreign Policy*, Palgrave Macmillan, New York, 2003, p.135.

163 «Power is everywhere and nowhere: it is in mass production, in financial flows, in lifestyles, in the hospital, in the school, in television, in images, in messages, in technologies...»: **CASTELLS**, Manuel, *The Power of Identity, The Information Age: Economy, Society and Culture*, Volume II, Blackwell Publishers, UK and USA, 1997, p. 309.

As políticas culturais, quer internas, quer externas, apresentam-se como canais disponíveis para a criatividade e a criação. São pontes que ligam a política à cultura. São forma de estratificar, de dar forma a um conteúdo por si só genuíno e eficaz.

Este *soft power* que se implementa nas relações externas, nas dinâmicas internacionais é consumado na já referida tentativa de atrair o outro para o nosso modelo, para a nossa forma de ser e estar na esfera inter-relacional.

Não será este o melhor meio de conseguir aliados sem danos colaterais? O *soft power* é de um modo simples um poder mais limpo, menos caro, mais eficaz e menos visível.

A cultura é um meio para implementá-lo. A diplomacia um instrumento para difundi-lo.

«O poder *soft*, cultural encontra-se menos sob o comando dos governos e é o que opera a mais longo prazo.»<sup>164</sup>.

### **2.1. Uma Estratégia Cultural em definição**

«Há poucos projectos e não há o devido incentivo. Quem tem os fundos precisa de motivação, de projectos aliciantes, no fundo sentir que está a empregar o dinheiro como meio de desenvolvimento. Há falta de estratégia na cultura.»<sup>165</sup>.

A «inexistência de um projecto cultural para o país»<sup>166</sup> consome páginas de imprensa onde são comuns as críticas, as acusações de problemas estruturais na cultura, na fracção da política destinada à dimensão cultural. É vincada a opinião de críticos, actores e agentes do universo cultural. É, igualmente, tema de tertúlias, ciclos de conferências e debates entre especialistas, intervenientes no meio.

«Nos últimos anos é muito difícil definir qual tem sido a política de cultura de Portugal. Porque nem sei se sinceramente tem existido.»<sup>167</sup>.

Mas se há uma estipulação e identificação da política externa portuguesa, das linhas orientadoras pretendidas ao nível cultural, como constatámos através da análise dos Programas de Governo, resta perguntar: o que falta para que se tome uma visão efectiva, uma atitude estratégica? Há ou não estratégia? Há investimento com previsão de ganhos, de alcance de objectivos?

«Antes de mais falta vontade política (...) falta a consciência da importância da vida cultural para o desenvolvimento sustentável e integral do país. (...) falta a consciência de que

---

164 «Soft, cultural power is less at the behest of governments and operates over much longer term»: HILL, Christopher, *ob. cit.*, nota 162, p.152.

165 CARMINHO, *entrevista cit.*, nota 125. Ver anexos II, p. 95.

166 PAIS, Ricardo, in **Público**, Novembro 2008.

167 DUARTE, Aldina, entrevista realizada no âmbito da tese, Lapa – Lisboa, Janeiro de 2010. Ver anexos II, p. 95.

sem uma vida cultural rica não há desenvolvimento económico-social nem qualidade de vida. (...) há, sobretudo, uma falta de estratégia cultural no sentido de haver um objectivo claro.»<sup>168</sup>.

Sem vontade política efectiva não é fácil testar a temática, verificar e mudar as políticas culturais internas e externas. Mas não será «obrigação fundamental do Estado português apoiar os artistas (...) sobretudo, criar condições para a produção, para a criatividade.»<sup>169</sup>?

Segundo o ex-embaixador de Portugal na UNESCO, Manuel Maria Carrilho, uma nova política cultural deve ser instaurada. «Um papel que deve ser assumido pelo Estado»<sup>170</sup> com fortes medidas e motivações estratégicas que apoiem a indústria criativa e cultural.

Numa proposta enviada, em 2009, à Fundação ResPublica, a instituição do Partido Socialista dedicada a discutir os pensamentos e as políticas públicas, Manuel Maria Carrilho apresenta a cultura como resposta para a crise, e a necessidade urgente da reestruturação das políticas culturais. O manifesto intensifica a importância da cultura, da necessidade de novas e fortes políticas culturais. Conclui que urge a necessidade de mudança e que «nenhuma nação é forte sem uma cultura viva»<sup>171</sup>.

São várias as promessas que vão sendo assumidas e que acabam por ser esquecidas nas sucessivas legislaturas governativas.

Não querendo passar tanto por itens financeiros, a estratégia que aqui abordamos e que consideramos ser necessária, baseia-se na criação de uma rede de meios, acordos, protocolos, parcerias que eficiente e eficazmente promovam, construam, dêem origem a cultura, a expressões culturais.

O fado sobrevive, vive e viaja pelo mundo, pelas agendas culturais, pelas salas de espectáculos pela sua pujança e genuinidade. Não é directamente prejudicado, mas é limitado pela falta de estratégia.

Afinal que estratégia? E com base em que instrumentos?

## **2.2. Organismos/instituições estatais envolvidas**

Pela divulgação da língua e cultura portuguesa no mundo, o Instituto Camões (IC) assume o papel principal sendo o órgão do Ministério dos Negócios Estrangeiros responsável pela implementação de planos, medidas, acções, iniciativas, actividades para a consumação da promoção e divulgação da cultura e língua portuguesa. Um pouco por todo o mundo o IC tem vindo a desenvolver as suas actividades culturais e de promoção da língua nos Centros

---

168 **NERY**, Rui Vieira, *entrevista cit.*, nota 52. Ver anexos II, p. 95.

169 **CANAVILHAS**, Gabriela, “É obrigação fundamental do Estado apoiar os artistas”, in **Público**, Novembro, 2009.

170 **CARRILHO**, Manuel Maria, entrevista in **Público**, Fevereiro de 2009.

171 **CARRILHO**, Manuel Maria, “A cultura contra a crise para uma refundação das políticas culturais”, in **Diário de Notícias**, Março de 2009.

Culturais Portugueses, nos Centros de Língua Portuguesa e noutros centros de acção cultural, ou estabelecimentos de ensino, nos quais intervém por efeito de assinatura de protocolos.

«Tal como no caso dos outros géneros musicais, o Fado tem merecido a nossa atenção e, ao longo os últimos anos, diversos fadistas têm marcado presença nas actividades culturais promovidas pelas Embaixadas e Centros Culturais portugueses no estrangeiro. (...) Por outro lado, repito, a programação é definida pelos responsáveis das Embaixadas e Centros Culturais que, de acordo com prioridades políticas, económicas, geoestratégicas, financeiras e, naturalmente, culturais, delineiam o seu Plano.»<sup>172</sup>.

Apesar de ser responsável máximo, as demonstrações efectivas de internacionalização da cultura portuguesa ficam longe dos resultados pretendidos. Não podemos equiparar o Instituto Camões a um British Council (BC); o *soft power* não é exercido de igual modo, o *pay-back* não é calculado, nem conseguido na mesma razão aritmética. Até em funções orçamentais falamos de valores distintos: em 2008, o IC teve um orçamento disponível de 14, 17 milhões de euros<sup>173</sup>, ao invés do BC que disponibilizou cerca de 616 milhões de libras<sup>174</sup>.

Em território nacional quem muito tem contribuído para a cultura e, em particular, para a promoção do fado tem sido a Câmara Municipal de Lisboa (CML) que, através da EGEAC, tem elaborado dinâmicas agendas culturais e muitas iniciativas em torno do fado<sup>175</sup>. São vários os concertos, os espectáculos com fadistas que têm lugar, sobretudo durante o mês de Junho, nas festas de Lisboa e em Julho com o Festival dos Oceanos.

Refere-se, ainda, a importante aquisição do espólio do fado pertencente ao britânico Bruce Bastin, pela CML e pelo Estado em 2009. O espólio é constituído por cerca de oito mil registos fonográficos e custou 910 mil euros

«Cinco ministros da Cultura e cerca de oito anos depois de ter vindo a público a existência deste espólio, a transacção da última tranche da colecção conclui-se.(...) o Estado deve ser o gestor e o garante inequívoco da “preservação de um património imaterial da cultura portuguesa”.»<sup>176</sup>.

Há acção, há tentativa de reanimação, contudo sentimos a falta de coordenação e a estratégia pouco alinhada entre as partes governamentais. Verificamos o pouco investimento na componente da comunicação, da publicitação da iniciativas. Por vezes falta tornar os eventos públicos.

---

172 **MARQUES**, Rita Sá, Instituto Camões, Lisboa, 1 de Fevereiro de 2010 – resposta por e-mail ao pedido de reunião. Ver anexo III p.196.

173 In [http://www.parlamento.pt/OrcamentoEstado/Documents/oe/2008/notas\\_explicativas/MNE.pdf](http://www.parlamento.pt/OrcamentoEstado/Documents/oe/2008/notas_explicativas/MNE.pdf), consultado a 18 de Fevereiro de 2009, 18:45.

174 In <http://www.fco.gov.uk/en/about-us/what-we-do/spend-our-budget/review-08-10>, consultado a 18 de Fevereiro de 2009, 19:01.

175 Ver agenda cultural de Lisboa, [http://agendalx.pt/cgi-bin/portal\\_agendalx/area.html?area=M%FAfica&genero=Fado&tabela=musicas](http://agendalx.pt/cgi-bin/portal_agendalx/area.html?area=M%FAfica&genero=Fado&tabela=musicas), consultado a 03 de Setembro de 2011, 12:20.

176 **CARDOSO**, Joana Amaral, “Espólio do fado comprado por 910 mil euros pelo Estado e Câmara de Lisboa”, in **Público**, em 12 de Agosto de 2009.

Neste «jardim da Europa à beira mar plantado»<sup>177</sup> muito fica por realizar a nível cultural e da execução das políticas culturais; e não se trata de criar mais empresas municipais ou organizações governamentais e ter elevados investimentos e dispersões de capital, de financiamento. É antes potenciar o que existe!

### **2.3. Diplomacia cultural e/ou Diplomacia pública**

«As definições das actividades políticas são notoriamente difíceis e política externa não é excepção.»<sup>178</sup>. A política externa é estruturada, mas dificilmente ou jamais, imposta ou instalada; é como que negociada e coordenada mediante o ambiente em que se instala. Não poderemos ter a mesma abordagem em países tão diferentes como França e Japão, ou a China e o Brasil, a título exemplificativo. Mediante a realidade há objectivos, meios e instrumentos variados.

Entre os instrumentos disponíveis para a consolidação da política externa apresenta-se a diplomacia.

A diplomacia é fundamental para estreitar e consolidar as relações entre países, no seguimento de uma política externa coesa e concisa. A diplomacia é crucial na omnipresente balança de poderes. «O sistema da balança de poderes não se propõe evitar as crises ou até as guerras. A funcionar adequadamente, espera-se que limite tanto a capacidade dos Estados dominarem outros bem como os contornos dos conflitos.»<sup>179</sup>.

Constata-se a dificuldade, no entanto, em perceber a real acção da missão diplomática do e no país; qual o seu verdadeiro contributo. Os documentos são de difícil acesso e as iniciativas pouco publicitadas. Sabemos da existência da rede diplomática, um conjunto de embaixadores, diplomatas portugueses estabelecido e difuso pelos diversos Estados. Existe uma rede consular estabelecida. Será determinante a sua acção?

Certamente que sim. A diplomacia é um instrumento crucial e dominante da política externa, sobretudo no presente contexto de globalização desregulada, em que potências emergentes são chamadas a dialogar e devem ser ouvidas pelos “senhores Estados”.

Na política cultural externa tal competência mantêm-se. A diplomacia, neste sentido cultural, tenta potenciar a promoção e ensino da língua e cultura portuguesa em diversos Estados e promove a presença de representantes da nossa cultura em diversos países, em

---

177 RIBEIRO, Tomás, *D. Jaime*, Ed. da Livraria Moré, Porto, 1874, p. 3.

178 «Definitions of political activities are notoriously difficult and foreign policy is no exception»: HILL, Christopher, *ob. cit.*, nota 162, p. 3.

179 «The balance-of-power system did not purpose to avoid crises or even wars. When working properly, it was meant to limite both the ability of states to dominate others and the scope of conflicts.»: KISSINGER, Henry, *Diplomacy*, New York, Simon & Schuster Paperbacks, 1994, p. 21.

distintos cartazes, festivais, mostras. Tenta «a promoção da imagem do país»<sup>180</sup> e a criação de uma “Marca Portugal”. É uma acção por si só auto-suficiente? Não, não o é (ou, pelo menos, não parece sê-lo). Voltamos ao ponto de partida: falta estratégia, sustentabilidade e alguma criatividade para que com a simplicidade e genuinidade dos produtos se alcancem grandes objectivos, resultados.

«A diplomacia cultural é um instrumento do ocidente.»<sup>181</sup> e a concretização desta diplomacia cultural conquista-se nos preceitos deste poder de atracção, de sedução, de influência não coerciva através da cultura, da língua. E vice-versa. O *soft power* a que por diversas vezes aludimos ao longo da investigação é no fundo um pretexto para que se exerça esta diplomacia cultural. Aqui, a palavra e a imagem são instrumentos activos, a favor ou contra os Estados, mediante a utilização e recurso que deles se faz.

Entramos na esfera da diplomacia pública. O seu «fundamento reside na pretensão de construir e divulgar, publicamente, uma determinada imagem do país, de promover um conjunto de valores, de justificar uma determinada acção ou de induzir a comunidade internacional para a aceitação pacífica de uma dada intervenção, e de angariar um capital de simpatia susceptível de dar eficácia e legitimidade à política externa delineada.»<sup>182</sup>.

A esta diplomacia pública alia-se um *marketing* e a um *branding* que trabalham para a construção de uma marca, de uma imagem, de uma mensagem que facilmente atraia a atenção dos demais.

A linha de separação é ténue. Complementarmente as duas vertentes, cultural e pública, são notórias para um desempenho exemplar da política externa e da política cultural externa.

## **2.4. Rede informal & Comunidades**

Com um apoio governamental e institucional aquém do necessário a cultura, as tradições, as raízes sobrevivem, maioritariamente, pela sua permanência nas pessoas, nos bairros, nas povoações, nas nações e com os esforços que estes executam para conseguirem tais conquistas e mostras. Os instrumentos existentes, as instituições operantes não alcançam a plenitude do objectivo, nem a generalidade do público.

Palpita, hoje e desde há alguns anos, um anseio de reavivar, de recuperar, de preservar e revelar parte daquilo que nos foi deixado por um legado, por uma “antiguidade”. Há uma necessidade de exaltar o “eu” colectivo em detrimento de uma cultura global.

180 «The promotion of the country's image»: **SANTOS**, Victor Marques dos, *Diplomacy, “Old” and “New” on the concept of Economic Diplomacy*, in **COSTA**, Carla Guapo (org), *New Frontiers for Economic Diplomacy*, ISCSP – UTL, 2009, p. 97.

181 «Cultural diplomacy is an instrument of the west.»: **HILL**, Christopher, *ob. cit.*, nota 162, p. 154.

182 **ALMEIDA**, Maria Regina Flor e, “A Diplomacia Pública”, in **Negócios Estrangeiros**, Lisboa, Dezembro de 2003, nº 6, p.62.

De norte a sul do país, de norte a sul dos hemisférios, as pessoas, as populações, recuperam tradições e exibem-nas. Parte desta tentativa de recriação do passado tem um objectivo turístico, de atracção de investimento, de captação de capital financeiro e humano. É, igualmente, modo e meio de afirmação da região, do país no mundo. É o orgulho de quem vive essas tradições e as consegue transmitir.

Muitas romarias, feiras, festivais e outras expressões culturais são desenvolvidas a nível regional, sectário ou mesmo por grupos recreativos, culturais, associações locais. Conseguem meios de financiamento próprios ou conquistam apoios e patrocínios de empresas, mecenas da região. Todos os anos há a recolha de fundos, de dinheiro e apoios no seio da população que, no fundo, se sente na obrigação de fomentar, de apoiar, de pagar parte das festas, das manifestações culturais que alimentam o povo, as romarias e a visita de emigrantes, estrangeiros.

Deste modo informal, quase paralelo e subversivo, as festas populares têm meio e modo de existirem, de sobreviverem.

E a questão surge: deverá ser o Estado (e só este), o seu governo e políticas, incumbidos desta responsabilidade ou é dever de cada um de nós preservar e divulgar o que nos constrói e que nos identifica, cá dentro e no mundo? E será que devemos separar a promoção interna da promoção externa?

Os movimentos migratórios desde há muito que acompanham o Homem. A procura incessante de algo melhor, a fuga perante um cenário de perigo de vida, a tentativa de conquista de direitos, liberdades, o simples desejo de aventura. Quase que por instinto fugimos, mudamos e adaptamo-nos. Conosco transportamos os nossos hábitos, os nossos costumes, difundindo-os.

Portugal não é excepção, as comunidades de portugueses abundam pelo mundo.

Por comunidade entende-se «uma realidade grupal ou societal, da qual se faz parte por natureza, à qual se pertence por inevitabilidade e não por opção, escolha ou decisão própria.»<sup>183</sup>. Uma realidade quase institucional que detém um carácter afectivo onde insurge um denominador cultural comum, um vínculo de pertença entre os membros. É um prolongamento do país lá fora e um foco de cultura. Um instrumento de difusão.

Com as comunidades surgem alguns movimentos associativos. Forma-se, nestas associações espalhadas pelo mundo, uma rede informal mas bem portuguesa onde se promovem concertos, festas, espectáculos e um role de iniciativas conexas ao ser português. Levam-se, através destes grupos recreativos e das comunidades portuguesas, cantores, artistas, agentes da cultura portuguesa aos vários cantos do mundo.

---

183 **SANTOS**, Victor Marques dos, “Lusofonia e Projecção Estratégica. Portugal e a CPLP”, in **Nação e Defesa**, nº109, 2ª série, Instituto da Defesa Nacional, Lisboa, Outono-Inverno 2004, p. 134.

«O Fado coloca Portugal no Mundo, mas o governo português não apoia. Quando organizamos algumas iniciativas, não só a APA mas também outras associações, comunicamos à embaixada, ao consulado. Nunca obtemos uma resposta concisa, nem apoios reais.

Nós cantamos o fado, os holandeses ouvem e desperta, em muitos deles, uma enorme curiosidade face ao nosso país, à nossa cultura, à nossa língua. Alguns deslocam-se, inclusivé, a Lisboa para conhecerem o fado, as casas de fado. Nós levamos holandeses estrangeiros a Portugal, à nossa cultura. Quem nos ajuda? Ninguém, por parte do governo, reconhece o trabalho que fazemos. Não existem apoios.»<sup>184</sup>.

«É admirável, o apoio de um grande número de clubes e associações portuguesas (nos EUA) que se esforçam por organizar noites de fado ou eventos nos quais incluem o fado como mais uma atracção. O fado é do povo e é o povo que o mantém vivo assistindo aos espectáculos dos nossos artistas.»<sup>185</sup>.

Assim se constrói uma rede informal de contactos, de iniciativas. Uma estrutura que sobrevive e é mantida em parte pelas comunidades e cidadãos portugueses espalhados no mundo que pela sua longitude e distância disseminam a sua portugalidade.

«Existem muitas comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo. Muitas têm associações (...). Talvez fosse bom aproveitar estas instituições associativas, não tendo o governo que intervir directamente mas ajudando-as a cumprir o seu dever, o seu princípio cultural.»<sup>186</sup>.

Talvez esteja aqui parte da solução e da potencialidade em aproveitar o que naturalmente é criado, acrescentando um voto de confiança, algum financiamento e o delinear de uma rede. Um juntar de pontos que traçará a linha da cultura portuguesa. Um novo caminho, menos marítimo, mas em que o império tal como no passado se ambiciona. Uma nova diáspora!

### **3. A cultura ao serviço do país**

«O sector cultural e criativo foi responsável, em 2006, por 2,8 por cento de toda a riqueza criada em Portugal e, nesse mesmo ano, empregou 127 mil pessoas, cerca de 2,6 por cento do total nacional.»<sup>187</sup>. Foram estes os dados revelados no início de 2010 pelo Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais do Ministério da Ciência,

---

184 **FADISTA**, Manuel, entrevista realizada no âmbito da tese, a 8 de Março de 2009, Associação Portuguesa, Amesterdão, ver anexo II, p.?

185 **PIRES**, Nathalie Batista, *entrevista cit.*, nota 130. Ver anexos II, p. 95.

186 **GARDÉS**, Elmar, entrevista realizada no âmbito da tese, a 8 de Março de 2009, Amesterdão. Ver anexos II, p. 95.

187 **QUEIRÓS**, Luís Miguel, "Sector cultural e criativo produziu em 2006 2,8 por cento da riqueza gerada em Portugal", in **Público**, 2010.

Tecnologia e Ensino Superior, no documento “O Sector Cultural e Criativo em Portugal”.<sup>188</sup>.

Este “sector cultural e criativo” alberga uma panóplia de produtos e produtores pouco categorizada e muito generalista, mas o facto é que os números revelam algum impacto. Valem o que valem, é certo; mas com certeza revelam que o montante gerado é bem superior ao montante estatalmente investido.

Ora, se gera riqueza, não fará sentido colocar a cultura no motor de fuga da crise? Não fará sentido, do ponto de vista económico, investir na cultura? A cultura pode salvar a economia?

«Talvez os momentos mais importantes em que a cultura interessa é quando os indivíduos se sentem num ponto de crise, quando as suas opções são muito limitadas, quando os sistemas de apoio se revelam inadequados e falham na satisfação daquelas que muitos de nós consideraríamos ser as necessidades básicas.»<sup>189</sup>.

### **3.1. Cultura versus Economia – Investimento na Cultura**

Apesar da evolução verificada ao longo dos últimos anos, permanece instituída a ideia de que a cultura é um espaço, um sector de investimento que poucos lucros gera. Algo que alguns políticos e cidadãos continuam a visionar como um luxo, ou como uma perda de tempo, dinheiro e esforço. É tida como jóia da coroa, um elemento decorativo, moral do Estado.

E em tempo de crise, qual das vias tomar? Investir ou cortar? Fortalecer, trabalhar estratégias ou congelar/cortar apoios?

«A cultura é economicamente cada vez mais relevante e é essencial na gestão de um país. [... Há que] passar da cultura do saber para uma cultura do fazer.»<sup>190</sup>.

Em 2008, e através de um estudo científico desenvolvido por uma equipa multidisciplinar do ISCTE<sup>191</sup>, o valor da língua portuguesa representava cerca de 17% do Produto Interno Bruto (comparativamente com o castelhano que representava em Espanha 15% do PIB). Tal valor é significativo e demonstra a importância da língua, da nossa língua, no mundo da economia, do comércio, dos negócios.

Através da língua constrói-se um acesso mais fácil a determinados mercados. «A influência dos factores de índole cultural revela-se, igualmente, como determinante muito

---

188 Cfr., [http://www.culturaonline.pt/SiteCollectionDocuments/Noticias/SCC\\_SumEx.pdf](http://www.culturaonline.pt/SiteCollectionDocuments/Noticias/SCC_SumEx.pdf), consultado a 28 de janeiro de 2011, 19:45.

189 “Perhaps the most important time that cultures matter is when individuals feel they are at crisis point, their options are very limited, their support systems are inadequate and they are even lacking what many of us would consider basic necessities”: **GANNON**, Martin J., *Paradoxes of Culture and Globalization*, Sage Publications, California State University, San Marcos, 2008, p. 31.

190 **RIBEIRO**, José António, entrevista in **Público**, Fevereiro, 2009.

191 “Estudo sobre o valor económico – Língua portuguesa vale 17% do PIB”, in **Expresso**, por Agência Lusa, em 18 de Novembro de 2008.

importante da decisão de investimento, funcionando numa óptica de complementaridade dos factores de ordem económica.»<sup>192</sup>. São disso exemplo as várias empresas portuguesas que se instalaram no Brasil, onde, por motivos intensamente culturais, a entrada e a sua instalação foi possível, ou pelo menos mais fácil. Ou o exemplo mais recente da “exportação” de mão-de-obra, de empresas e serviços de várias empresas e instituições portuguesas para Angola.

Ou ainda o investimento da China junto da CPLP e na aprendizagem e ensino da língua portuguesa em Macau e na China, como meio de chegar aos mercados lusófonos de Angola, de Moçambique para alcançar o continente africano. Prova disso é o documentário “Além de Nós” da realizadora Anabela Saint-Maurice<sup>193</sup>.

«A língua transporta a chave para a cultura.»<sup>194</sup>. E a língua é um dos elementos culturais mais fortes de Portugal. Assim como o é no fado. E como o fado o é na cultura portuguesa.

A cultura potencia o desenvolvimento económico. A cultura, as indústrias discográfica e de eventos alcançam taxas elevadas de sucesso na venda de produtos e na movimentação de capital e obtenção de lucros. «Seguramente que a cultura gera mais dinheiro que o valor que recebe. E gera mais dinheiro porquê? A cultura não é apenas a questão das livrarias ou discotecas, museus, mas o facto de haver, por exemplo, uma palestra num determinado sítio que faz com que gere à sua volta uma venda de cafés, de jornais, de comida...enfim gera outras trocas; cria dinamismo, consumo. (...) A cultura gera dinheiro.»<sup>195</sup>.

A cultura doa à economia o que raramente a economia coloca na cultura. São alguns os casos em que as empresas intervêm na organização e promoção de espectáculos, de eventos, de mostras fotográficas, cinematográficas, de conservação e reabilitação de património. Enfim, muitas destas entidades acabam por fazê-lo com interesses financeiros ou em busca de benefícios fiscais. No entanto, por interesse ou por intuito institucional, ético-moral, fazem-no e cooperam com vista a «Envolver sector económico, cultural e instituições públicas; potenciar aquilo que se faz na região (para um) desenvolvimento sustentável.»<sup>196</sup>.

Lamentavelmente, a visão estratégica na cultura teima em falhar. E sequencialmente não existe a noção de que a cultura pode constituir uma via para promover outros produtos, outras actividades. Uma solução possível para assegurar a dinamização económica de

---

192 **COSTA**, Carla Guapo da, *A Cultura como factor dinamizador da Economia – Os investimentos portugueses no Brasil*, ISCSP-UTL, Lisboa, 2005, p. 326.

193 **SAINT-MAURICE**, Anabela, *Além de Nós*, in <http://www.rtp.pt/programa/tv/p25830>, consultado a 18 de Janeiro de 2010, 17:40.

194 **KOCKEL**, Ullrich, “Language holds the key to culture”, in **Culture and Economy: Contemporary Perspectives**, University of the West of England, Bristol, 2002, p. 9.

195 **LOPES**, Nuno, entrevista realizada no âmbito da tese, Novembro de 2009, Saldanha, Lisboa. Ver anexos II, p. 95.

196 **NETO**, Bruno, in **Público**, Fevereiro de 2009.

determinadas regiões, países. A «cultura pode dar uma importante contribuição na resposta à crise que o país atravessa.»<sup>197</sup>.

Em época de crise, a cultura é negligenciada, “congelada” e não perspectivada como uma saída, uma potencial solução. Neste preciso momento, em que o contexto é de recessão, de crise financeira e político-social em diversos países europeus, assistimos a cortes orçamentais nos ministérios, nas entidades culturais. E se o IVA sobe, como acontece em Portugal, é geral e quase que intuitiva a opção dos cidadãos: os seus cortes, pessoais e mensais, irão recair sobretudo nas actividades de lazer, de cultura.

E se a crise for estrutural e não simplesmente financeiro-económica? Terá fim anunciado? Continuaremos a marginalizar uma opção ainda não arriscada? «Afinal, a cultura é solução ou problema?»<sup>198</sup>.

«Para muitas das chamadas regiões periféricas, a cultura é considerada a única fonte viável para um desenvolvimento económico.(...) A cultura e o património são fontes de desenvolvimento.»<sup>199</sup>.

É certo que existirão áreas da cultura que dificilmente conseguirão responder ao financiamento depositado com um elevado retorno, contudo cada vez mais a cultura arrisca, tenta atingir pontos cruciais da sociedade: estimular a participação dos jovens, a reabilitação de zonas esquecidas, degradadas; credenciar o sentimento de pertença, de culturalidade, de inserção de cada cidadão no seu espaço, no seu círculo cívico.

A cultura joga muito no campo da subjectividade. Não é fácil determinar que se em Dezembro investirmos dois mil, em Janeiro o retorno será mil e em Fevereiro três mil... é subjectivo pelo modo como consegue, ou não, atrair o público, pela forma como chega até cada um.

Por isso, e mais uma vez, há a necessidade de debater políticas culturais e assumir objectivos claros. Estratificar. Criar estratégias sólidas. «O estudo das questões culturais e da sua influência sobre as decisões económicas não deve continuar a ser tratada como se se tratasse de uma questão menor, sem relevância para a Ciência Económica.»<sup>200</sup>.

### **3.2. Cultura versus Educação**

---

197 **CARRILHO**, Manuel Maria, «Governo Ps foi “uma legislatura perdida” em termos de políticas culturais», in **Público**, 21 de Março de 2009.

198 **BELANCIANO**, Vítor, “A poesia não contribui para o PIB, logo, não deve ser subsidiada?”, in **Público** Outubro de 2010.

199 “Language holds the key to culture”: **KOCKEL**, Ullrich, *ob. cit.*, **nota 194**, p. 1.

200 **COSTA**, Carla Guapo da, *ob. cit.*, **nota 192**, p. 338.

A educação não é uma acção exercida sobre uma pessoa, mas sobre uma realidade. «É o factor dinâmico do desenvolvimento, quer dos indivíduos, quer da sociedade.(...) a educação é o momento de reflexão numa acção comum.»<sup>201</sup>.

Por constatação da sua eficiência e eficácia, é uma das principais vias de acção cultural fora das fronteiras nacionais. Através dos programas de ensino da língua portuguesa no exterior, dos leitores do IC<sup>202</sup>, das iniciativas do universo lusófono, em particular através da CPLP, com a atribuição de bolsas, pelo IPAD<sup>203</sup>, a estudantes provenientes dos restantes países lusófonos para que possam usufruir da sua formação académica em Portugal, conseguimos por em prática parte da política externa em função da promoção e difusão da cultura portuguesa.

A educação é um modo de difundir cultura, de alargar horizontes culturais e consolidar estratégias. Formar jovens que possam, que saibam como desenvolver o país, o seu país, tendo por base as raízes culturais e o que culturalmente conseguirem apreender do país que os formou, que lhes garantiu a educação.

«Não acredito que possa existir uma grande política cultural sem uma boa política educacional.(...) A educação e a cultura são irmãs gémeas verdadeiras.»<sup>204</sup>.

A educação e a cultura são de facto partes do mesmo *corpus*; complementam-se e criam parte do indivíduo que o diferencia do resto. Garantem o conhecimento, a sabedoria e valorizam o corpo, a mente e a alma. Fazem a diferença.

Através da educação o governo consegue difundir a cultura, os valores e de certo modo formatar os educandos, tendo em vista um futuro. No exterior, através do ensino da língua e cultura portuguesas o Estado conseguirá difundir um pouco do nosso *modus operandi* e atrair o “outro” ao nosso país, à nossa cultura, à sua valorização e, assim, ao seu “consumo”.

É estratégico aprofundar a articulação entre a educação, a cultura e ciência, para que se obtenham resultados quer internos quer externos, para que se atraia investimento e para que se retenham recursos humanos necessários ao nosso país .

### 3.3. Cultura versus Propaganda

Se a cultura se serve hoje do *marketing*, e de tantas outras ferramentas aqui abordadas, também a propaganda o fez e o faz. Se a cultura difunde valores, também a propaganda o impõe e impõe. Se a cultura é paralela à educação, também a propaganda vai

---

201 **PATRÍCIO**, Manuel Ferreira, *Globalização e Diversidade. A Escola Cultural, Uma Resposta*, Porto Editora, 1998, p. 56.

202 Em <http://www.instituto-camoes.pt/> consultado a 11 de Janeiro de 2011, 22:00.

203 Em <http://www.ipad.mne.gov.pt/> consultado a 11 de Janeiro de 2011, 22:20.

204 **DUARTE**, Aldina, *entrevista cit.*, **nota 167**. Ver anexos II, p. 95.

tentando relacionar-se na base educacional, conseguindo, no entanto, uma sobreposição ao processo educativo.<sup>205</sup>

Cruzam-se nas vontades e nos objectivos, mas afastam-se nos meios, nas formas e nos resultados.

Quão longe ou perto estão os conceitos cultura e propaganda?

Com o termo cultura definido, a propaganda distingue-se por ser «uma forma de comunicação que tenta alcançar uma resposta que favorece a intenção desejada do propagandista.»<sup>206</sup>.

Ao propormos na nossa investigação o fado como instrumento, como matriz para uma estratégia cultural ao serviço de Portugal foi feita, em variados e distintos momentos, uma reminiscência ao uso “abusivo”, em determinada época pelo Estado Novo, do fado enquanto instrumento de propaganda de uma ideologia com expressão ditatorial.

Não pensamos correr o risco de abordarmos o fado do mesmo modo. Aqui não se impõe, apresenta-se. Não se utiliza, potencia-se. Não se submete, alia-se.

Ao longo da história mundial são inúmeros os momentos em que os cidadãos, os povos se foram deixando convencer, influenciar por determinadas ideologias, pensamentos e conquistas que os conduziram, premeditada ou ocasionalmente, a quedas e conflitos, a conquistas e heranças.

A propaganda não é algo recente, é antes um fenómeno com origem distante. Já Platão referia as «mentiras inocentes para pacificar a população»<sup>207</sup>, um modo de domar as pessoas, os cidadãos e obter as vontades. «A mentira pode ser mais agradável que a verdade, o povo gosta que lhe mintam. Governar dirigindo a consciência nacional.»<sup>208</sup>.

De um modo lato podemos definir propaganda como «a utilização por um grupo de pessoas de todo o tipo de técnicas de comunicação com o fim de obter alterações de atitude ou de comportamento entre outro grupo de pessoas.»<sup>209</sup>. Mas quais os limites da utilização da mesma? Não será (quase) tudo sujeito e objecto de campanha propagandística?

Uma das distinções primárias a fazer é entre propaganda e cultura, arte pura. No conjunto dos entrevistados para a temática<sup>210</sup>, foram algumas as respostas negativas face à possível ou devida participação do Estado na promoção da cultura, e do fado. Há o temor de que a intervenção estatal prenda a criatividade e iniba determinadas manifestações. A arte não “casa” com a ideia de controlo. «O problema do Espírito, seja artístico, seja literário, é sempre

---

205 Cfr. **D'ARAÚJO**, Celina, *O Estado Novo*, Jorge Zahar Editor Lda, Rio de Janeiro, 2000, p. 34.

206 «Propaganda is a form of communication that attempts to achieve a response that furthers the desired intent to the propagandist»: **JOWETT**, Garth S, e **O'DONNELL**, Victoria, *Propaganda & Persuasion*, Sage Publications, California, 2012, p.1

207 Cfr. **PLATÃO**, *República*, Europa-América, Lisboa, 1975, p. 49.

208 **SALAZAR**, António de Oliveira, *Discursos e Notas Políticas*, Vol. IV: 1943-1950, Coimbra Editores, Coimbra, 1951, p. 585.

209 **THOMSON**, Oliver, *Uma história da Propaganda*, Temas e Debates, Lisboa, Outubro 2000, p. 19.

210 Ver entrevistas em anexo II, p. ?.

delicado. Até onde deve, até onde pode ir a intervenção do Estado? (...) transformar artistas e escritores em funcionários públicos, significa, praticamente, proibi-los de criar. A arte não é um livro de ponto.»<sup>211</sup>.

Contudo, não poderá o financiamento, o apoio do Estado, conseguir levar mais além a cultura, a arte? São campos sensíveis em que imperam os interesses mas, também, as sensibilidades. «É claro que as organizações culturais não podem, nem é desejável que o pretendam, controlar os significados que um espaço público pode gerar nos seus utentes, aquilo que verdadeiramente podem e devem é potenciar o acesso.»<sup>212</sup>.

Na investigação propomos não um controlo estatal, nem tão pouco um aproveitamento, mas antes uma visão estratégica desprovida de manipulações ou controlos, mas tendo em vista ganhos e oportunidades.

Prolongamos, deste modo, a divisória entre cultura e propaganda. Equacionamos hoje uma cultura como resposta sem colocar em causa liberdades, autonomias e expressões. A linha é ténue mas, em nosso entender, possível.

### **3.4. Mecenato**

Vivemos num contexto social em que proliferam, pelo menos formalmente, as noções de bem-estar social, de património partilhado, de bem comum. Mas terão sido alguma vez e estarão estes “mecanismos” a ser, hoje, devidamente accionados?

Segundo o regime previsto para a figura de Mecenato em Portugal «a responsabilidade de recuperar e preservar para as gerações futuras o legado histórico-cultural, único e riquíssimo, que Portugal tem nas artes, nas letras, no património edificado e na própria língua, não deve ser entendida como acção exclusiva do Estado.»<sup>213</sup>.

Do “mecenato” espera-se investimento, promoção, patrocínio, apoio para a criação, implementação, desenvolvimento da cultura e das mais variadas expressões, formas e construções artísticas. Uma entrega de donativos, de fundos, sem retorno, sem a criação de lucros e/ou riqueza. Um investimento que se desejaria produtivo, estruturante.

É um fenómeno mundial, com elevada expressão em países como a França, Inglaterra, EUA, Espanha. São inúmeras as individualidades que a título pessoal financiam sem que

---

211 **SALAZAR**, António de Oliveira, in “Entrevista publicada no Diário de Notícias em 16 de Outubro de 1938”, in **BRANDÃO**, Fernando de Castro, *Salazar – Citações*, 1ª Edição, Lisboa, Edição do Autor, 2008, p. 106.

212 **CENTENO**, Maria João Anastácio, “A política cultural em Portugal na entrada do novo século”, in **6º Congresso SOPCOM**, Abril 2009, Lisboa, p. 2982.

213 **MECENATO**, in <http://www.portaldacultura.gov.pt/programasapoios/Pages/mecenato.aspx>, consultado a 20 de Março de 2010, 21:03.

nunca sejam publicamente conhecidas por tal. São uma realidade as empresas, instituições e organizações que cumprindo o seu papel na área da responsabilidade social corporativa doam fundos e patrocinam exposições, recuperações de património edificado, entre as demais acções.

Portugal, apresenta neste campo uma manifestação com amplitude crescente, «não faltam bons exemplos de empresas que, ao longo dos anos, se têm tornado mecenas de diversos projectos ligados à cultura nacional.»<sup>214</sup>.

Empresas como a Nestlé, a Electricidade de Portugal, a Portugal Telecom, a Rede de Energia Nacional, a Vodafone; instituições como a Caixa Geral de Depósitos, o Banco Espírito Santo, Millenium BCP; e outras tantas de dimensões mais reduzidas, cooperam na dinâmica de investimento na Cultura. «A vertente material de apoio à Cultura poderá ser desenvolvida também pela iniciativa privada, no âmbito do Mecenato, enquanto forma de investimento e *marketing* institucional e empresarial, e manifestação concreta da responsabilidade social das empresas.»<sup>215</sup>.

É certo que este apoio parece comportar benefícios fiscais<sup>216</sup> consagrados legalmente para as empresas<sup>217</sup>, mas permite simultaneamente prestígio e elevação institucional quer interna quer externamente. Estas empresas assumem-se como base dos seus *stakeholders* e da comunidade, da sociedade.

Em Portugal, o mecenato peca por défice. «O mecenato cultural não é fácil em Portugal e está um bocado cartelizado.»<sup>218</sup>.

Consegue, a passos médios, a concretização da ideia e, sobretudo, do ideal de que sem cultura somos mais pobres, menos “nós” e ficamos mais perto de nos esquecermos da nossa essência.

A «visão estratégica hoje exigida à Cultura em qualquer país do mundo, enquanto factor de desenvolvimento económico, gerador de riqueza e de captação de investimentos, de empregabilidade, de integração social, de desenvolvimento sustentável e de internacionalização, deve ultrapassar largamente um mero contributo espiritual, educativo ou lúdico»<sup>219</sup>. E se o Estado não cumpre o seu papel social e “cultural” cabe aos cidadãos, à sociedade civil o tratamento e manutenção da “casa”, da cultura.

---

214 **LIMA**, Maria João, “ Crise bate à porta do mecenato?”, in **Meios&Publicidade**, <http://www.meiosepublicidade.pt/2009/05/01/crise-bate-a-porta-do-mecenato/>, consultado a 8 de Dezembro de 2010, 13:46.

215 **MECENATO**, in <http://www.portaldacultura.gov.pt/programasapoios/Pages/mecenato.aspx>, consultado a 20 de Março de 2010, 21:03.

216 Cfr. **MECENATO**, Decreto-Lei nº108/2008, de 26 de Junho de 2008.

217 **MECENATO**, <http://www.culturaonline.pt/EspacoEmpresas/Mecenato/Pages/default.aspx>, consultado a 22 de Janeiro de 2011, 16:41.

218 **CRUZ**, Luís Braga da, “O mecenato cultural está um bocado cartelizado”, in **Público**, a 16 de Março de 2011.

219 **MECENATO**, in <http://www.portaldacultura.gov.pt/programasapoios/Pages/mecenato.aspx>, consultado a 20 de Março de 2010, 21:03.

Mais que um dever, é um direito que colocamos em prática cada vez que participamos activamente na sociedade e na concretização do seu fim, do bem comum e cultural.

#### **4. O fado ao serviço da Política Externa Portuguesa**

«São as ideias que governam e dirigem os povos e são os grandes homens que têm as grandes ideias.»<sup>220</sup>. Mas de que servirão grandes ideias se não se apresenta espaço para a praticabilidade ou, antes de mais, não se configura qualquer iniciativa de aplicação?

Chegámos ao ponto de partida da investigação: será o Fado passível de se tornar matriz, chave, mecanismo de e para uma aplicação eficaz da política cultural externa portuguesa? É o Fado embaixador da nossa cultura, do nosso país no mundo? Partimos para o cruzamento de dados, factos e acontecimentos. O resultado permitirá concluir sobre a realidade concreta que envolve esta questão.

Através do nosso estudo temos procurado demonstrar que o fado compila parte dos elementos culturais de “ser” português, com o génio cultural e criativo da poesia, da música, do estilismo, da joalheria, da marcenaria, da gastronomia. O fado é singularmente genuíno e facilmente exportável enquanto melodia distinta e perene.

«A cultura é um dos cartões de identidade de um povo. E o fado é provavelmente uma das artes, a par da poesia, que reflecte melhor a nossa identidade, o nosso povo»<sup>221</sup>.

Mas será de facto possível construir uma política cultural externa apoiada num género musical, num elemento cultural imaterial de cariz tão próprio?

Será ousado apresentar o fado como motor de construção e disseminação de uma cultura? De uma língua? De um país? Como já atrás procurámos demonstrar, ainda que de um modo involuntário o fado acaba por fazê-lo.

Mas, estarão todos os destinatários receptivos, de igual modo, ao fado?

Ou residirá a principal dificuldade no facto de existir uma política cultural externa fraca, em Portugal, que acaba por impossibilitar o equacionar do fado como matriz de uma política cultural externa?

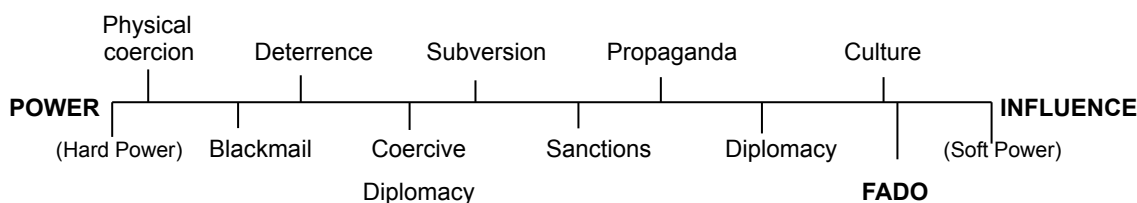
Deverá partir da vontade, sobretudo política, tentar aliar-se à cultura; devolver a parte anímica ao corpo! Talvez aí consigamos edificar, projectar, consolidar primeiro uma estratégia, uma visão e depois aliá-la a uma matriz, a um elemento impulsionador que poderá ser o fado.

---

220 **SALAZAR**, António Oliveira de, *Discurso*, Lisboa, Dezembro de 1959, p. 47.

221 **DUARTE**, Aldina, *entrevista cit.*, nota 167. Ver anexos II, p. 95.

**FIGURA 2- O Fado no mudar das políticas da Política Externa<sup>222</sup>**



Na figura 2, aproveitamos o contexto apresentado na Figura1 para, agora, colocar o fado enquanto instrumento, meio e elemento participante. Aqui o fado é parte da cultura e do respectivo *softpower*.

«Nós, fadistas, somos embaixadores do país e dedicamos as nossas vidas a isto, ao fado. Tudo isto deveria ser reconhecido.»<sup>223</sup>.

Hoje, o fado está nos quatro cantos do mundo. É recebido lá fora pelas comunidades portuguesas e pelos cidadãos do mundo. Empiricamente comprovam-se efeitos de transmissão, da presença (e permanência) da cultura e língua portuguesa através do “factor” fado. Não é, de todo, possível a quantificação, a comparação com outras iniciativas, outros produtos culturais devido à não existência de estudos, de análises quantitativas, estatísticas; contudo, são possíveis os relatos e as certezas que algo do fado leva Portugal fora e que o fado traz a Portugal gente do mundo.

«De repente o fado transforma-se no veículo de transporte mais importante da cultura e da língua portuguesa. Gente que vem a Portugal porque foi a um, dois, dez, trinta concertos de fado, no estrangeiro, e quer vir aqui, junto de nós, perceber onde nasce esta música, de onde sai, esta melodia; quer conhecer o povo que criou o fado, quer perceber a envolvência, a luz desta música única.»<sup>224</sup>.

#### 4.1. Promoção de Portugal e dos produtos portugueses

Portugal apresenta um exponencial elevado em diversos sectores e mercados. Conseguimos, apesar das dificuldades e da conjuntura, manter a promoção do nosso país quer por vias oficiais, quer por vias informais.

222 (Adaptação de) HILL, Christopher, *ob. cit.*, nota 162, p.135.

223 ARNAUTH, Mafalda, *entrevista cit.*, nota 131. Ver anexos II, p. 95.

224 GUERREIRO, Katia, *entrevista cit.*, nota 59. Ver anexos II, p. 95.

Hoje, Portugal assume-se um destino favorável e de eleição para investimentos na área das energias renováveis ocupando, segundo a Ernest & Young<sup>225</sup>, o 10º lugar no *ranking* de países atractivos para os projectos<sup>226</sup>.

Reunimos condições naturais de excelência que, para lá das energias alternativas, nos permitem continuar a trabalhar e a inovar no sector do turismo. «Segundo os últimos números e indicadores da Organização Mundial de Turismo (Portugal é) um dos quinze destinos mais procurados do Mundo. E por isso não há dúvida que Portugal é um destino turístico. Mas também é destino turístico por outro motivo: se nós pensarmos que um destino turístico é um espaço que tem uma recepção líquida positiva de turistas, isto é, recebe mais turistas do que expede, também segundo este critério Portugal é um destino turístico porque temos um saldo positivo. Recebemos, mais ou menos, 10/12 milhões de turistas por ano. Os hóspedes andam à volta de 10 milhões, se pensarmos em visitantes rondam os 20 milhões. E quantos portugueses saem para o estrangeiro? 3 milhões. Claramente há um saldo positivo da entrada face à saída.»<sup>227</sup>.

Portugal promove-se ainda nas feiras, nos festivais, nas mostras europeias que se vão realizando. Temos produtos agrícolas de alta qualidade que são hoje exportados para todo o mundo. Somos reconhecidos pelo vinho, pelo azeite, pelas ostras que produzimos. Mantemos a cortiça, o calçado, os têxteis no topo dos produtos exportados e com alto nível de inovação e tecnologia implementados.

A Promoção de Portugal é, de facto, importante e relevante enquanto destino, enquanto país, enquanto Estado dotado de cultura, de economia e de potencialidade.

O Fado coopera na Promoção de Portugal. «Eu cantava para pessoas diferentes: para holandeses, para judeus. Colocava Portugal no mapa, muitos deles não sabiam que existia. (...) Começaram a ligar Portugal ao Fado.»<sup>228</sup>. O fado exporta o nosso país, o fado exporta-se «Somos definitivamente um bom produto de exportação. Não é que me compare a uma rolha de cortiça, mas devemos muito provavelmente estar a vender tão bem como as rolhas.»<sup>229</sup>.

---

225 Em [http://www.ey.com/Publication/vwLUAssets/Renewable\\_energy\\_country\\_attractiveness\\_indices\\_-\\_Issue\\_28/\\$FILE/EY\\_RECAI\\_issue\\_28.pdf](http://www.ey.com/Publication/vwLUAssets/Renewable_energy_country_attractiveness_indices_-_Issue_28/$FILE/EY_RECAI_issue_28.pdf), consultado a 11 de Março de 2011, 10:30.

226 Cfr. <http://jornaloutro.blogspot.com/2010/03/energia-portugal-esta-entre-os-10.html>, consultado a 11 de Março de 2011, 10:43.

227 CLEMENTE, António, entrevista realizada no âmbito da tese, em Janeiro de 2010, Turismo de Portugal, Lisboa. Ver anexos II, p. 95.

228 FADISTA, Manuel, *entrevista cit.*, nota 184. Ver anexos II, p. 95.

229 BRANCO, Cristina, *entrevista cit.*, nota 121. Ver anexos II, p. 95.

#### 4.2. Candidatura do Fado a Património Cultural Imaterial da UNESCO<sup>230</sup>

«A candidatura foi bem acolhida pelo Presidente da República [...] reconheceu que o fado é uma canção representativa do país.»<sup>231</sup>.

A candidatura do fado a património imaterial pela UNESCO surgiu devido à necessidade e/ou à vontade determinada de salvaguardar o fado enquanto expressão cultural portuguesa e conexas a parte das nossas tradições e raízes enquanto lisboetas, enquanto portugueses.

Segundo a convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial «Entende-se por “património cultural imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões – bem como os instrumentos, objectos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, os grupos e, sendo o caso, os indivíduos reconheçam como fazendo parte integrante do seu património cultural (...); por “salvaguarda” compreende-se as medidas que visem assegurar a viabilidade do património cultural imaterial, incluindo a identificação, documentação, pesquisa, preservação, protecção, promoção, valorização, transmissão.»<sup>232</sup>.

A ideia de candidatar o fado a tal estatuto ou regime de protecção prendeu-se, não tanto pela necessidade de proteger, de salvaguardar a existência deste género musical, deste elemento cultural, mas principalmente como oportunidade de recolha, organização e catalogação do material existente, de registos meio dispersos, de património que existe mas não enquanto um todo, não como um arquivo organizado e autêntico.

«Esta candidatura pressupõe 3 linhas de acção: uma primeira linha tem a ver com a patrimonialização do fado (...) estamos a criar esta rede de parcerias num esforço comum de protecção dos testemunhos físicos deste património. (...) Depois numa segunda linha, num diferente eixo, estamos a trabalhar num plano de formação e aqui dispomos de protocolos com a Universidade Nova de Lisboa, a Universidade Católica e com escolas superiores de Hotelaria e Turismo. A ideia deste plano de colaboração é garantir a participação activa e efectiva dos artistas na formação, nos programas pedagógicos (...) deslocarem-se às escolas, faculdades e universidades e transmitirem o conhecimento, a experiência. Finalmente, numa terceira linha temos um plano de edições muito vasto, onde estamos a reeditar livros, um role de bibliografia

---

230 Cfr <http://www.candidaturadofado.com/>, consultado a 21 de Agosto de 2011, 23:48.

231 COSTA, António, “Candidatura do fado a património imaterial pela UNESCO formalizada hoje”, por Lusa, in **Público**, Junho de 2010.

232 Cfr. *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial*, artigo 2º nrs1 e 3, UNESCO – Paris, Outubro de 2003. Ver anexo III, p. 195.

(...) registos audiovisuais, compilar ensaios e artigos sobre algumas visões do fado na nossa literatura (...) ou nas nossas artes plásticas. Estamos a falar num plano multidisciplinar.»<sup>233</sup>.

Como todos os processos e projectos, houvera quem acreditasse no sucesso, e quem fosse mais céptico face a tal conquista. Outros ainda viram pouca validade em toda a candidatura uma vez que o processo foi pouco público e os trâmites muito latos. «E isto das tradições estarem ou não em risco é muito relativo (...) Penso que esta candidatura não quererá paralisar o fado, mas é tudo muito encoberto.»<sup>234</sup>.

No entanto, a generalidade das opiniões obtidas, lidas e estudadas convergiu para a certeza de que, caso não viesse a obter a tão desejada aprovação, a candidatura já teria conseguido a criação de uma plataforma, de um fórum de recolha e junção de documentos, registos. Um extenso e intensivo trabalho de pesquisa, compilação e catalogação de documentos, de testemunhos, de obras escritas, faladas, ouvidas...pintadas! «Do ponto de vista académico o trabalho é muito sério. Há um envolvimento fortíssimo da parte de muitas pessoas que se deram ao projecto com muita entrega (...) há uma visível paixão.»<sup>235</sup>.

Com a candidatura e seu respectivo dossier entregue na UNESCO bastou aguardar pela decisão e promover, simultaneamente, iniciativas que relembassem o fado, que promovessem esta iniciativa portuguesa junto da organização internacional. Um trabalho de diplomacia, de charme, de sustentabilidade pragmática daquilo que por escrito se requeria.

Contudo houve pouco “aproveitamento” da iniciativa. O plano inicialmente estabelecido não foi cumprido no role de actividades que deveriam ter ocupado o nosso dia-a-dia e acompanhado esta candidatura. Não se tratou tanto de uma questão de fundos, de meios financeiros, mas antes de uma inércia, de “um muito querer, mas um pouco fazer” devido, sobretudo, à falta de estratégia, sentido de oportunidade.

No entanto, realçam-se as actividades desenvolvidas: em Lisboa surgiu a acção “Terreiro no Fado”, onde o fado regressou à Praça do Comércio, sábados e domingos de Maio e Junho. «Segundo a autarquia, a acção cultural é suportada em parte pela dinâmica criada em torno da candidatura do fado a Património Imaterial da Humanidade.»<sup>236</sup>. Também, devido à candidatura, o fado foi tema das marchas populares de Lisboa. Recentemente foi apresentada a exposição “Ecos do Fado na Arte Portuguesa Séculos XIX-XX” no Pátio da Galé onde “O Fado convida...”, durante quatro noites, vozes do fado que se cruzam com sonoridades lusófonas: ritmos brasileiros, indianos, africanos.

Ficou a sensação de que algo mais poderia ter sido feito, mesmo com a consciência dos cortes orçamentais, com a escassez de capital para dinamização cultural.

---

233 **PEREIRA**, Sara, entrevista realizada no âmbito da tese, 20 de Novembro de 2009, Museu do Fado. . Ver anexos II, p. 95.

234 **LOPES**, Nuno, *entrevista cit.*, **nota 190**. Ver anexos II, p. 95.

235 **CARMO**, Carlos do, *entrevista cit.*, **nota 55**. Ver anexos II, p. 95.

236 **NAVES**, Patrícia, «“Terreiro do Fado” no Terreiro do Paço», in **Destake**, em 12 de Maio de 2011, p. 2.

A candidatura, junto da UNESCO, poderia sempre resultar para Portugal numa janela de oportunidade, de afirmação, de espaço para a promoção e divulgação do nosso país. «O futuro, podemos afirmar, está no “património”.»<sup>237</sup> Criatividade existe, contudo, a actividade perde-se na pouca pujança que damos.

No terceiro trimestre de 2011 a resposta da UNESCO foi conhecida.

Hoje sabemos que a candidatura portuguesa ficou incluída no lote das sete melhores apresentadas em 2011 e revelou-se, desde o início, amplamente habilitada a ganhar a condecoração máxima pretendida: a classificação de Património Imaterial da Humanidade. «Sem apresentar quaisquer restrições à aprovação da candidatura do Fado a Património Intangível da Humanidade, o comité referiu-a como uma das sete melhores a concurso, num documento divulgado esta semana.»<sup>238</sup>.

Para marcar o mês da candidatura do Fado a Património Imaterial da Humanidade a RTP dedicou a programação de Novembro de 2011 ao fado com entrevistas, filmes, programas.

Finalmente, a 27 de Novembro de 2011, a decisão foi tida e afirmou o fado como Património Imaterial da Humanidade. Um passo para a pertinência do produto cultural. Uma confirmação do status do fado. Afinal, «O fado sempre foi património da humanidade.»<sup>239</sup>.

## **5. Fado-cultura, matriz da imagem de Portugal no Mundo?**

Matriz, «lugar onde algo é gerado e/ou criado; aquilo que é fonte ou origem, que está na base de algo ou que tem grande relevância; primordial, principal; mãe, tronco, origem; útero, ventre; registo público; molde para a fundição de uma peça.»<sup>240</sup>.

Será o fado ou poderá vir a tornar-se neste ponto de partida para a construção de algo superior? Poderá ser o fado, enquanto ponto unísono de cultura, a fonte, a base de uma imagem portuguesa, de Portugal, que se quer, ou se deveria ambicionar, disseminada pelo mundo?

---

237 «The future, we may say, is in “heritage”»: **BRETT**, David, *The Construction of Heritage*, Cork University Press, 1996, Ireland, Cork, 1996, p.1.

238 “Peritos da UNESCO recomendam inscrição do fado para Património Cultural da Humanidade”, in **Jornal i**, <http://www.ionline.pt/boa-vida/peritos-da-unesco-recomendam-inscricao-fadopatrimonio-cultural-da-humanidade>, consultado a 31 de Outubro de 2011, 00:42.

239 **MOURA**, Ana, in <http://www.publico.pt/Cultura/reacoes-a-entrada-do-fado-na-lista-da-unesco1522760?p=1>, consultado a 27 de Novembro, 16:15.

240 [http://www.ipmuseus.pt/pt-PT/iniciativas/encontros\\_coloquios/ImageDetail.aspx?id=3278](http://www.ipmuseus.pt/pt-PT/iniciativas/encontros_coloquios/ImageDetail.aspx?id=3278), consultado em 21 de Maio, pelas 16h30.

«O fado é parte da cultura portuguesa e é muito importante para Portugal. Aqui na Holanda relacionamos o fado com Portugal (...) É um modo de vos representar e considero, que dentro de alguns anos, o fado pode mesmo tornar-se uma imagem de marca.»<sup>241</sup>.

Propomos toda a investigação desenvolvida como tentativa de lançar um novo modelo, um novo ímpeto para a (re-)formulação de uma política cultural externa. Lançamos o fado enquanto elemento perecível em instrumento e por sua vez ponto de partida de toda a estratégia.

«Goste-se, ou não, o fado é a única coisa que Portugal produziu nos últimos anos, em termos culturais estimáveis. (...) Tem uma componente que nos identifica como portugueses. As pessoas que ouvem fado hoje em dia e em todo o mundo, sabem que estamos a retratar, a transportar algo de Portugal, logo identifica-nos.»<sup>242</sup>. Assim se consuma o objectivo maior de uma política cultural externa: exportar a cultura, criar uma imagem, tornar automática a identificação do país, da cultura e, se possível, criar o *empowerment* do próprio Estado e influenciar o próximo, o outro. Atraí-los para o que fazemos e “roubar-lhes” momentos de tensão e atenção.

### **5.1. Uma Estratégia Cultural ao serviço de Portugal**

Após a apresentação das valências, da transversalidade do fado enquanto meio e instrumento, fim e objecto, consideramo-lo potência e potencialidade para uma nova e/ou renovada estratégia cultural. Com o fado conseguiremos lançar um projecto com ideias, planos, actividades. Uma estratégia reflectida e projectada em actos e atitudes ao serviço da divulgação de Portugal.

O fado leva o país onde instrumentos políticos ou pressupostas estratégias culturais não encontram lugar. O fado cria uma Marca Portugal. O fado exporta a língua, a cultura, os costumes e as tradições. E o fado poderia transportar consigo muito mais.

Daqui surge a estratégia, daqui nasce a possibilidade da criação, da edificação de um projecto cultural.

Imaginemos um concerto de fado num país onde a cultura portuguesa é escassa e pouco conhecida. Tomemos como exemplo a Turquia, cidade de Istambul. Organizar um concerto de fado e antes do espectáculo dispor de uma mostra de produtos portugueses *Made in Portugal*. Convidar os espectadores, requerer a presença dos *players* estratégicos, levá-los a provar o nosso pão, os nossos enchidos, os nossos doces regionais e conventuais...Brindá-los com os nossos vinhos, adoçá-los com as nossas frutas, compotas. Revelar-lhes o nosso design, a nossa inovação e tecnologia. Mostrar-lhes os nossos fados e trazê-los ao nosso país

---

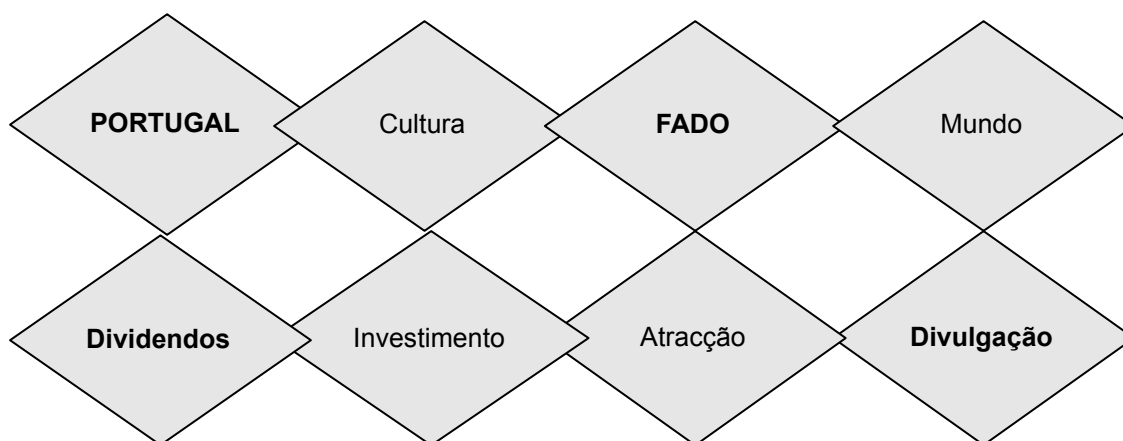
241 **GARDÉS**, Elmar, *entrevista cit.*, **nota 186**. Ver anexos II, p. 95.

242 **BRAGA**, João, *entrevista cit.*, **nota 46**. Ver anexos II, p. 95.

ainda que a uns longos quilómetros de distância. Situar-lhes Portugal no mapa, na mente, no sabor, na cor, nas texturas. E depois deixá-los simplesmente ouvir o nosso fado, a nossa língua, os nossos poetas.

Imaginemos este evento inserido numa rota anual do fado onde quinzenalmente o fado invade um novo país, uma nova cidade. Impor um roteiro de Portugal pelo mundo tendo como motor o fado.

**FIGURA 3 - Uma Estratégia Cultural ao serviço de Portugal<sup>243</sup>**



Este simples modelo seria, a curto prazo e com pouco investimento, quer capital quer humano, uma autêntica mostra, uma séria exportação daquilo que temos e que somos. Seria a aplicação empírica da hipótese de investigação, a equação real do fado enquanto matriz da política cultural externa que traz proveito e retorno ao Estado e ao seu investimento.

Devemos saber atrair, gerir, aproveitar o que nos distingue. E, porque «Estamos sempre a lamentar-nos em vez de trabalhar com o que temos»<sup>244</sup> há que implementar o sentido de estratégia na forte criatividade e, como sempre, na eterna vontade.

Criar modelos e meios que eficazmente cumpram o objectivo.

Aqui lançamos um repto, um estímulo para que planos e projectos edifiquem algo de novo num 2012 cercado de cortes e que se apresenta fechado ao investimento, ao apoio, ao

243 **COSTA**, Liliana, *Uma Estratégia Cultural ao serviço de Portugal*, apresentação esquemática da proposta de dissertação, de Mestrado em Relações Internacionais, ISCSP, Lisboa, Julho de 2012.

244 **MARTIN**, André, in entrevista a Cristina Fernandes, in **Público**, Fevereiro de 2011.

financiamento cultural. Que a criatividade inicie novos caminhos e abra novas portas à simplicidade, estratégia e eficiência.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

«Um trabalho deste género, por definição, nunca está terminado, sobrando sempre inúmeras questões que poderão ser objecto de investigação futura.»<sup>245</sup>.

Questionámos, procurámos, encontrámos. Surgiu a hipótese, colocou-se a questão. Procuraram-se respostas, encontraram-se indícios e constatações.

Resta o espaço para algumas considerações finais antes de partimos para as conclusões da investigação.

Ficou patente, ao longo de todo o trabalho, a certeza de que o Fado é um produto cultural sólido, e sendo, ou não, do agrado da totalidade da população portuguesa é um produto apreciado no estrangeiro, contratado em muitos países, ouvido em muitas salas de espectáculo, festivais, mostras. O Fado é apreciado pela sua pureza, pela sua harmonia, por aquilo que passa sem que seja visível.

É certo que existirão outros produtos e manifestações culturais que conquistam o público internacional. Mas, com esta dimensão, atrevemo-nos a dizer, que tão só e apenas o Fado.

O Fado leva consigo, ao palco, a língua portuguesa, os instrumentos tipicamente portugueses. Leva poetas e poesias lusas. Leva artesanato, leva alta-costura, calçado e joalharia desenhadas e executadas em Portugal, por portugueses.

O fado leva consigo a cultura que «mais do que o plano de um edifício a construir é o sonho daquele que o vai construindo»<sup>246</sup>. Um verdadeiro «espaço de homens livres.»<sup>247</sup>. Mas que permanece em baixa no teor de importância reconhecida e atribuída.

Consideramos que esta investigação obteve um retrato actual da sociedade, da realidade, do que politicamente «se está a passar neste país (onde) cada vez se fala menos em Cultura.»<sup>248</sup>.

Conseguimos comprovar a presença do Fado na cultura, nas artes, no dia-a-dia da cidade de Lisboa e de muitos espaços e movimentos culturais em Portugal. Procurámos evidenciar, e estamos convictos de o ter conseguido, o seu carácter genuíno, a sua exuberante simplicidade, o seu rejuvenescimento e a permanência intemporal. Comprovámos que o fado é

---

245 **COSTA**, Carla Guapo da, *ob. cit.*, **nota 192**, p. 336.

246 **MALTEZ**, José Adelino, “Sobre estratégia Cultural Portuguesa”, in **Separata nº18**, Academia Internacional de Língua Portuguesa, 1991, p. 222.

247 **MALTEZ**, José Adelino, *ob. cit.*, **nota 38**, p.105.

248 **LOURENÇO**, João, “Governo desencadeou crise na Cultura”, in **Público**, a 26 de Março de 2009.

um elemento fiável e capaz de representar Portugal e vender a Marca Portugal; parte do património de Portugal para a Humanidade.

Estudámos e analisamos a cultura nos campos que identificámos e considerámos essenciais ao desenvolvimento desta investigação. Percebemos que é omnipresente em quase tudo o que equacionamos, o que fazemos. Captámos a potencialidade da cultura enquanto meio de gerar riqueza e ganhos enquanto estímulo da economia.

Cruzámos os dados, os dois principais fundamentos: fado e cultura. Avaliámos as bases da política cultural externa: através de que canais se desenvolve, em que instituições encontra o seu enquadramento, as fundações que necessita para a sua construção.

Consideramos que a investigação gerou resultados: comprovou parte das ideias, contrariou outros pensamentos. Procriou uma semântica alinhada à vontade de melhorar o panorama português, de impulsionar a mudança, de contrariar o ciclo negativo.

Contudo, mais do que comprovar a lacuna, a falha sistémica, ambicionamos potenciar a solução para a mesma. O que procurámos ao longo da investigação, e continuaremos a procurar promover, foi a solução, o ponto de viragem, a potencialidade não aproveitada de promover e criar uma estrutura para o fado se promover e nos promover.

***Fado – Matriz para uma (nova) Política Cultural Externa. Uma Estratégia Cultural ao serviço de Portugal*** procurou, sobretudo, revelar o fado enquanto possível impulsionador, matriz de uma política cultural externa; motor de arranque de e para um “novo” país, adaptado às exigências de mudança continua de um mundo cada vez mais globalizado, onde a contingência num ritmo frenético suscita novos paradigmas e com eles novas perguntas que exigem naturalmente respostas<sup>249</sup>.

A análise SWOT (Strength Weakness Opportunities Threats), onde enumeramos os pontos fortes (strength), os pontos fracos (weaknesses), as oportunidades (opportunities) e as ameaças (threats) revelam as tendências conclusivas da investigação e demonstram o panorama onde se insere a pergunta de partida, que aqui relembremos: **Será possível apresentar o Fado como matriz de uma estratégia cultural portuguesa, para a consolidação de uma (nova) política cultural externa?**

---

249 Cfr. **BALÃO**, Sandra Maria Rodrigues, *A Matriz do Poder*, Editora MOI, Lisboa, Dezembro, 2011.

**FIGURA 4 - ANÁLISE SWOT**

<b>Pontos Fortes</b>	<b>Ameaças</b>	<b>Oportunidades</b>
<b>Universalidade do Fado</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- maior valorização externa que interna;</li> <li>- falta de visão estratégica sobre o produto cultural fado;</li> <li>- pouco financiamento;</li> <li>- pouca iniciativa.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Soft power</i>;</li> <li>- atracção, sedução;</li> <li>- ganhos, dividendos, retorno;</li> <li>- divulgação e promoção da língua e cultura portuguesa.</li> </ul>
<b>Fado: elemento transversal na cultura portuguesa</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- não reconhecimento do fado enquanto elemento culturalmente identitário;</li> <li>- não abrange todos os públicos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- porta-voz da língua e cultura portuguesa;</li> <li>- elemento agregador de parte significativa do “ser português”.</li> </ul>
<b>Pontos Fracos</b>	<b>Ameaças</b>	<b>Oportunidades</b>
<b>Falta de investimento na cultura</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- contracção das agendas culturais;</li> <li>- redução de espectáculos;</li> <li>- diminuição de bolsas, apoios;</li> <li>- menos financiamento.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- maior liberdade de criação cultural;</li> <li>- maior criatividade;</li> <li>- mais racionalidade dos fundos e meios disponíveis</li> </ul>
<b>Falta de estratégia e coordenação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- falta de cooperação;</li> <li>- desperdício de sinergias;</li> <li>- pouca rentabilidade de espaços e projectos;</li> <li>- pouca coordenação;</li> <li>- falta de comunicação;</li> <li>- pouca publicidade das iniciativas;</li> <li>- duplicação de esforços</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- criação de cooperativas;</li> <li>- redes informais;</li> <li>- grupos de trabalho;</li> <li>- fóruns, projectos independentes;</li> <li>- cultura fora de portas.</li> </ul>

A dificuldade, no entanto, permanece e as dúvidas prolongam-se no tempo. Ficaremos atentos para detectar os avanços e registar as retóricas. «É urgente mudar. (...) um orçamento capaz (e) uma administração eficaz»<sup>250</sup>. É urgente tornar a inércia em competitividade, é urgente praticar o empreendedorismo, é urgente executar a pró-actividade.

No fundo é urgente acreditar em Portugal!

250 CARRILHO, Manuel Maria, entrevista in **Público**, Março de 2009.

## CONCLUSÃO

E «Valeu a pena? Tudo vale a pena| Se a alma não é pequena.| Quem quer passar além do Bojador| Tem que passar além da dor.| Deus ao mar o perigo e o abismo deu,| Mas nele é que espelhou o céu.»<sup>251</sup>.

Apesar da demonstração de que a cultura é a resposta, ou uma das respostas, mais salubre e inteligente para parte dos problemas que atravessamos, é plena a consciência de que, infelizmente, tal ideia não tem, nem encontra espaço no rudimentarismo moderno da estrutura política e social edificada em Portugal.

A cultura pode ser a chave para o ressurgimento do país, para o novo arrancar da economia portuguesa que exporta, ainda hoje, e provavelmente mais que outrora, produtos típicos portugueses como o vinho, o azeite, a cortiça, os têxteis, o calçado, entre tantos outros sectores que com pitadas de inovação chegam ao mundo e a nichos de mercado que os elevam nos vectores de qualidade e de luxo, dando razão à afirmação segundo a qual, «A cultura socializa o homem e desde que aparece no mundo ele acrescenta à sua herança biológica o somatório das tradições, valores, modos e utensílios da sua sociedade.»<sup>252</sup>.

***Fado: Matriz para uma (nova) Política Cultural Externa. Uma Estratégia Cultural ao serviço de Portugal*** procurou fazer sobressair, através da conjugação de vários elementos e factores, acções e factos, que a cultura constitui um canal, um meio para afirmar a determinação do país.

Contudo, a conjuntura que hoje encontramos remete esta questão, este debate, para uma localização periférica, secundária. Novamente se percepção que a cultura não tem espaço e muito menos um sentido e um custo de oportunidade atribuído e reconhecido.

O modelo proposto, enquanto teórico, é passível de ser construído tendo sempre senso e sentido. O Fado é transversal, quer no espaço, quer desde há algum tempo em termos efectivos, na história da cultura portuguesa. O Fado transporta Portugal, transporta-nos para o mundo. O Fado traz a Portugal, também, parte do mundo. O Fado une artes, culturas, povos e países.

E perante a pergunta de partida de toda a investigação:

Será possível apresentar o **Fado como matriz de uma estratégia cultural portuguesa**, para a consolidação de uma (nova) política cultural externa?

A resposta é **negativa**, apesar do potencial intrínseco.

---

251 **PESSOA**, Fernando, *Mar Português*, em *A Mensagem*, Guimarães Editores SA, Lisboa, 2009, p.60.

252 **BESSA**, António Marques, “Cultura e Biologia”, in **A Identidade Portuguesa – Cumprir Portugal**, Cadernos do Instituto, Lisboa, 1988, p. 6.

Não estamos hoje habilitados, receptivos enquanto país, a definir uma estratégia nacional que passe por investir e estratificar a cultura; por pensar e idealizar políticas culturais como meio, como veículo para o sucesso nacional considerado aqui em termos macroscópicos sob a designação de política cultural externa. Não se sente, não se vê uma vontade política real. E na dicotomia entre o “ser” e o “dever ser”, a cultura e o país ainda respondem pelo que será no futuro. Talvez um dia surja o que hoje se idealiza, porque «Portugal-que-está ainda tem novos Impérios a haver para o Portugal-pode-ser.»<sup>253</sup>.

Nos moldes sociais e políticos em que construímos actualmente o nosso Estado, a nossa estratégia, as nossas políticas, não é possível apresentar o fado como matriz, motor da política cultural externa.

A questão é fundamental, e de acordo com a própria investigação, reside na falta de bases, de espaço, de oportunidade para implementar uma política cultural externa sedimentada, coesa, com o cariz urgente que necessitamos, com a figura forte que queremos intimamente ligada ao mito sebastianista<sup>254</sup> que preservamos. Uma política que crie a nossa imagem, que reflecta a nossa cultura, a nossa potencialidade enquanto país e destino.

«Sabe, só é possível exportar aquilo que se trata bem cá dentro. Se não tratamos bem a cultura como a podemos exportar? Enquanto tivermos uma imensidão que acha que a cultura é um gasto e uma exibição, a cultura em Portugal não dará passos em frente.»<sup>255</sup>. De facto “a cultura é o parente pobre de tudo o resto, logo à partida.”<sup>256</sup>.

Na prática, e sempre ressalvando a conjuntura e estrutura tendencialmente deficitária, a proposta não encontra espaço de implementação.

Temos uma crise, temos um programa de apoio externo nos próximos anos. Mas não seria a oportunidade certa para a redefinição de estratégias? Não poderá a cultura cooperar para uma nova imagem que preconizamos expandir, internacionalizar de Portugal? Reduzir o défice, aumentar as exportações, vender mais e melhor a “Marca Portugal” que até aqui se encontra perdida, sem estratégia, sem um plano conciso e claro. «Do ponto de vista do *marketing*, os imensos erros têm sido recorrentemente fruto da submissão da gestão da marca (Portugal) a objectivos alternativos, sejam políticos ou burocráticos, o que resulta numa falta de estratégia e na sucessão de actos despropositados ou desproporcionados como, por exemplo, a reunião de centenas de celebridades numa comissão para que estes definam o posicionamento da Marca Portugal. Talvez o mais pitoresco, ainda que pouco importante, tenha

---

253 **BARATA**, Óscar Soares, “As Bases Demográficas da Lusofonia”, in **O Mundo Lusófono**, Sociedade de Geografia de Lisboa, Lisboa, 1994, p.11.

254 Cfr. **SEBASTIÃO**, Sónia Margarida Pedro, *O Destino Manifesto*, Proposta de Tese de Doutoramento em Ciências Sociais na Especialização em Ciências da Comunicação, UTL-ISCS, Lisboa, 2008, p. 54.

255 **CARMO**, Carlos do, *entrevista cit.*, nota 58. Ver anexos II, p. 95.

256 **NERY**, Rui Vieira, “Não há vontade política de assumir a cultura como prioridade”, in [http://www.snpcultura.org/vol\\_rui\\_vieira\\_nery\\_entrevista.html](http://www.snpcultura.org/vol_rui_vieira_nery_entrevista.html), consultado a 13 de Novembro de 2009, 22:45.

sido a invenção em 2004 do nome “Lusitanea” para, e cito, “dar consistência à zona Centro”. Uma aventura que custou quatro milhões de euros em campanhas televisivas e afins, sem se perceber o que raio era e para o que servia a tal de “Lusitanea”.»<sup>257</sup>.

Há componentes, há vontades expressas, há canais! Há falta de acção efectiva da classe política. Não basta discursar ou constar no programa de governo, há que edificar a obra, medir os passos e (re)colher os dividendos!

Padecemos, claramente, de uma falta de estratégia e de estímulo que parecem perdurar!

Retomando os objectivos, as premissas que derivaram da pertinência central de toda a investigação; optámos por reescrevê-los e sinteticamente relatar a observância e validade de tais afirmações, deduções da realidade.

Assim, relativamente a cada uma das hipóteses formuladas:

◆ O fado é passível de ser utilizado como instrumento, como meio, como elemento de divulgação de outras áreas de interesse estratégico nacional como o turismo, a economia, o comércio.

Efectivamente comprovámos que **esta hipótese se confirma**, sobretudo através dos testemunhos dos nossos fadistas. Confirmámos que o fado pode ser meio de promoção e divulgação de Portugal no Mundo. É elemento potente e atractivo de turismo, de economia, de comércio. O fado exporta-se, exporta a língua portuguesa, a cultura lusa; exporta Portugal.

◆ O fado pode ser um foco construtor e disseminador de *soft power*.

Se concordamos que a cultura atrai e tem o poder de sedução, de captar o “olhar” sobre o nosso planisfério, então **não há dúvida** de que o fado é um foco, um elemento construtor do nosso “poder suave” sobre os outros, sobre o que nos rodeia e o que nos segue. O fado e o seu percurso planetário cooperam para a construção de uma imagem de Portugal, de um país, de uma cultura. Neste sentido, concordamos que também **esta hipótese se pode considerar ter sido confirmada**.

◆ Existe um sentido empreendedor associado ao Fado.

O fado move jovens; o fado move cidadãos de diferentes caminhos académicos e profissionais para a sua entrega à cultura, à arte, à música; o fado move a economia, cria actividades empresariais e económicas em torno de si.

**Há sim**, um sentido de empreendedorismo aliado a este fado que aqui procurámos expor, analisar e explorar. «Admitindo que empreendedorismo é o processo dinâmico a partir

---

257 AGOSTINHO, Henrique in MARQUES, Rui Oliveira, “A Marca Portugal é uma calamidade”, in **Meios & Publicidade**, 10 de Outubro de 2007, em <http://www.meiosepublicidade.pt/2007/10/10/82684/> consultado a 16 de Agosto de 2011, 17:30.

do qual os indivíduos identificam, sistematicamente, oportunidades económicas e, respondem, desenvolvendo, produzindo e vendendo bens e serviços»<sup>258</sup> então sem dúvida que o fado tem tudo a ver com este criar, desenvolver, produzir e vender. Por isso, **também esta hipótese se pode considerar confirmada.**

◆ A importância efectiva, real, do Estado na cultura e na política cultural externa é diminuta.

O Estado redige, planifica, decide e tenta implementar. O impacto real é dificilmente quantificável e quantificado. Falamos mais de *awareness*, de tentativa de criação de políticas culturais e de actividades que se tentam coordenar para que se mova a um só ritmo. **O Estado tem importância, tem participação na cultura, na política cultural externa, mas numa dimensão reduzida e com um impacto pouco visível e mensurável.**

O Estado português é um dos principais responsáveis pela política cultural externa portuguesa, pelo alinhamento e construção da mesma. Contudo, através da nossa investigação e das opiniões e informações recolhidas compreendemos que muito há a melhorar, a fazer e a potenciar. Há um espaço de acção vasto muito pouco explorado. Um trabalho que criativamente poderá ser intensificado, mas que depende, sempre (e como sempre) da vontade e acção política efectiva (ou não).

Consideramos que o Estado não pode sozinho continuar a comportar os gastos, o investimento numa cultura que se quer livre, independente e criativa. Tem que, enquanto entidade central, tentar, e conseguir, criar uma rede que ligue e potencie os instrumentos, meios, produtos e canais disponíveis. Mais que investir é potenciar. Mais que providenciar é gerir. Mais que criar é estimular.

Assim, **confirmamos que a participação do Estado e do poder político na cultura, nas culturas políticas é reduzida.** As directrizes são lançadas mas a acção, a execução é pouco alcançada.

◆ A política cultural externa e a promoção da cultura portuguesa são maioritariamente sustentadas em redes informais, impessoais, libertas de normas, leis ou directivas, o que dificulta ou impede a possibilidade de definir e, ainda mais, de implementar uma estratégia para a política cultural externa.

Segundo a nossa investigação **parte da sustentável promoção da língua e cultura portuguesa faz-se pelas e para as nossas comunidades** espalhadas no mundo. Analisando os programas de governo, ficou patente a preocupação e visibilidade dada aos vários grupos de emigrantes que lá fora recriam, preservam e difundem a nossa língua e cultura.

---

258 In <http://www.iapmei.pt/iapmei-bimindex.php>, consultado a 18 de Agosto de 2010, 15:09.

Mais uma vez, e devido à não existência de dados quantitativos, não dispomos de números exactos para comparar a participação das partes envolvidas no processo. Há falta de estudos, análises na área.

Concluimos, através dos factos analisados, das notícias lidas e das entrevistas obtidas, que muito do que se faz pela nossa cultura, quer voluntária ou involuntariamente, passa por entidades, indivíduos que nada têm a ver com política, governo ou Estado. São cidadãos, artistas, mecenas. São indivíduos que em comunidades se agregam e partilham entre si a portugalidade, a cultura que os une.

Consideramos que esta “rede informal” devidamente rentabilizada e acompanhada pelo Estado poderia assumir uma chave importante e reconhecida da difusão da língua e cultura portuguesa. Deste modo, **confirmamos igualmente esta hipótese.**

◆ Este produto cultural, o Fado, é capaz de ser verdadeiramente aglutinador de uma estratégia nacional para uma política cultural externa.

**Acreditamos que sim.** Conscientes de que a cultura portuguesa não é só fado, sabemos que este leva consigo muito da restante expressão cultural e deixa-se acompanhar por elementos, produtos culturais e obras de arte. O fado leva as contas de Viana, os vestidos e criações dos estilistas portugueses. O fado leva a língua, a poesia, as palavras dos poetas, da cultura popular. O fado leva os hábitos e costumes de uma cidade, as histórias de um país. O fado leva a guitarra portuguesa. O fado leva-nos a nós e aos nossos locais de tradição para o exterior das nossas fronteiras físicas e traz os turistas ao nosso país.

Concluimos, assim, que o fado espelha parte do nosso ser, da nossa história, do nosso país e apoiando-nos em Políbio Valente de Almeida, reiteramos algumas das suas conclusões sobre a estratégia: «a estratégia é o agente executivo da política; a teoria geral da estratégia não fica limitada ao planeamento e execução de operações militares; a acção estratégica tem a análise política por suporte; e acção estratégica exige uma vontade determinada com objectivos claros.»<sup>259</sup> Pouco destes princípios estão “claros” hoje.

Aqui quisemos, sobretudo, recriar, inovar, refrescar e questionar relativamente ao que efectivamente se quer, sobretudo o que aguardamos, da cultura, das políticas culturais e do sujeito colectivo Estado.

Apostámos na criatividade, na análise da multiplicação de projectos, de ideias, de realidades que coexistem e procuram mudar o rumo no âmbito da acção protagonizada pelo fado e no seu sentido mais amplo. Apostámos numa perspectiva de análise orientada para o pressuposto de que se quer ir sempre em frente, acreditando que visionar e arriscar é a saída, parte da solução!

---

259 **ALMEIDA**, Políbio Valente de, *T ob. cit.*, **nota 18**, p.8

*Fado – Matriz para uma (nova) Política Cultural Externa. Uma Estratégia Cultural ao serviço de Portugal*

E nesse sentido registamos que, apesar de tudo, subsiste a crença no fado, na cultura, em Portugal no Mundo!

## **BIBLIOGRAFIA**

### **Obras citada e/ou consultadas:**

- **ABREU**, Francisco, *Estratégia. O grande debate Sun Tzu e Clausewitz*, Edições Colibri, Horizontes da Polis, Lisboa, Novembro 2000.
- **ALMEIDA**, Políbio Valente de, *Teoria Geral da Estratégia*, Edição da Associação Académica, ISCSP, Lisboa, Março 1987.
- **ALMEIDA**, Políbio Valente de, *Ensaio de Geopolítica*, ISCSP- UTL, Lisboa, 1994.
- **BALÃO**, Sandra Rodrigues, *A Fórmula do Poder*, ISCSP, Lisboa, 2001.
- **BALÃO**, Sandra, *Globalização e Anti-Globalização no mundo contemporâneo, Uma visão analítica*, Edição do autor, Policopiado, Maio, 2008.
- **BALÃO**, Sandra Maria Rodrigues, *A Matriz do Poder*, Editora MOI, Lisboa, Dezembro, 2011.
- **BAPTISTA**, Tiago, *Ver Amália – Os filmes de Amália Rodrigues*, Tinta da China, 1ª Edição, Lisboa, 2009.
- **BASTOS**, Baptista, *Fado Falado*, Colecção Um século de Fado, Ediclube, 1999.
- **BEAUFRE**, André, *Introdução à Estratégia*, Edições Sílabo Lda, 1ª Edição, Lisboa, 2004.
- **BESSA**, António Marques in *A identidade portuguesa – Cumprir Portugal*, Cadernos do Instituto, Lisboa, 1988.
- **BESSA**, António Marques, *O Olhar de Leviathan*, ISCSP, Lisboa, 2001.
- **BESSA**, António Marques, *Quem governa? - Uma Análise Histórico-Política do Tema da Elite*, 1ª Edição, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa, Março de 1993.
- **BRANDÃO**, Fernando de Castro, *Salazar – Citações*, 1ª Edição, Lisboa, Edição do Autor, 2008
- **BRÃNOVA**, Carmen, **FERNANDÉZ**, Miguel e **PIETRO**, Angle, *El fado desde Lisboa a la vida*, DG Editores, 2007.
- **BRETT**, David, *The Construction of Heritage*, Cork University Press, 1996, Ireland, Cork, 1996.
- **BRITO**, Joaquim Pais de, *Fado: Vozes e Sombras*, Org. Sociedade Lisboa 94, dir. Joaquim Pais de Brito, Lisboa, 1994.
- **CARVALHO**, Ruben de, *Um século de Fado*, 1ª Edição, Ediclube, Alfragide, 1999.
- **CARVALHO**, Ruben de, **GUINOT**, Maria, **OSÓRIO**, José Manuel, *Histórias do Fado*, Ediclube, Alfragide, 1999.

- **CASTELLS**, Manuel, *The Power of Identity, The Information Age: Economy, Society and Culture*, Volume II, Blackwell Publishers, UK and USA, 1997.
- **COSTA**, Carla Guapo da, *A Cultura como factor dinamizador da Economia – Os investimentos portugueses no Brasil*, ISCSP-UTL, Lisboa, 2005.
- **COSTA**, Carla Guapo da, *New Frontiers for Economic Diplomacy*, ISCSP – UTL, 2009.
- **D'ARAÚJO**, Celina, *O Estado Novo*, Jorge Zahar Editor Lda, Rio de Janeiro, 2000.
- **FERREIRA**, José de Medeiros, *Estudos de Estratégia e Relações Internacionais*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1981.
- **GANNON**, Martin J., *Paradoxes of Culture and Globalization*, Sage Publications, California State University, San Marcos, 2008.
- **HALPEN**, Manuel, *O Futuro da Saudade, O novo Fado e os novos Fadistas*, Dom Quixote, 2004.
- **HILL**, Christopher, *The Changing Politics of Foreign Policy*, Palgrave Macmillan, New York, 2003.
- **JOWETT**, Garth S, e **O'DONNELL**, Victoria, *Propaganda & Persuasion*, Sage Publications, California, 2012.
- **KEOHANE**, Robert O., *Power and Governance in a Partially Globalized World*, Routledge London, 2002.
- **KISSINGER**, Henry, *Diplomacy*, New York, Simon & Schuster Paperbacks, 1994.
- **KOCKEL**, Ullrich, *Culture and Economy: Contemporary Perspectives*, University of the West of England, Bristol, 2002.
- **KRIPPENDORF**, K., “Content Analysis: An introduction to its Methodology”, Cit. in, **SILVA**, A. S; **PINTO**, J. M., *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Ed. Afrontamento.
- **LARA**, António de Sousa, *Da História das Ideias Políticas à Teoria das Ideologias*, 2ª Edição, Pedro Ferreira, Lisboa, 1995.
- **LARA**, António de Sousa, *Ideologias e Política Externa Portuguesa*, Universidade Moderna, Porto, 1991.
- **LEVINSON**, Jay Conrad, *Guerrilla Marketing*, New York, 2007.
- **LOPES**, Luís Ferreira e **SANTOS**, Octávio dos, *Os Novos Descobrimentos. Do Império à CPLP: Ensaio sobre História, Política, Economia e Culturas Lusófonas*, Almedina, Lisboa, 2006.
- **LOURENÇO**, Eduardo, *Labirinto da Saudade*, Gradiva, Lisboa, 2000.
- **MALTEZ**, Adelino, *Princípios de Ciência Política. Introdução à Teoria Política*, 2ª edição, ISCSP, Lisboa, 1996.
- **MILLER**, Toby e **YÚDICE**, George, *Cultural Policy*, London, Sage Publications.
- **MONGIARDIM**, Maria Regina de, *Diplomacia*, Coimbra, Almedina, 2007

- **MOREIRA**, Carlos Diogo, *Planeamento e Estratégias da Investigação Social*, ISCSP, Lisboa, 1994.
- **NERY**, Rui Vieira, *Para uma História do Fado*, Público, 2004.
- **NETO**, Serafim da Silva, *História da Língua Portuguesa*, 3ª Edição, Rio de Janeiro, Presença, 1979.
- **NYE JR.**, Joseph S., *Soft Power: The means to success in World Politics*, Public Affairs, New York, 2004.
- **OSÓRIO**, José Manuel, *Todos os fados, no princípio era assim...*, Edimpresa Editora Lda., Abril 2005.
- **PALMA**, Elisabete Cortes Palma, *Cultura, Desenvolvimento e Política Externa*, IDI-MNE, Lisboa, 2006.
- **PATRÍCIO**, Manuel Ferreira, *Globalização e Diversidade. A Escola Cultural, Uma Resposta*, Porto Editora, 1998.
- **PESSOA**, Fernando, *Mar Português*, em *A Mensagem*, Guimarães Editores SA, Lisboa, 2009.
- **PINHO**, Adriano de Correia, *A vida é um Ensaio*, Biblioteca 24 Horas, 1ª Edição, São Paulo, 2010.
- **PLATÃO**, *República*, Europa-América, Lisboa, 1975.
- **POPPER**, Karl, *Open Society and its Enemies: Hegel and Marx*, Vol. II, Routledge, Oxon, 2002.
- **QUEIRÓZ**, Eça de, *Os Maias*, Livros Brasil, Lisboa, n/d.
- **RÊGO**, António Silva, *Noções de Metodologia e Crítica históricas*, Gabinete de Estudos Ultramarinos, Centro Universidade de Lisboa, MCMLI.
- **RIBEIRO**, Tomás, *D. Jaime*, Ed. da Livraria Moré, Porto, 1874.
- **SALAZAR**, António Oliveira de, *Discurso*, Lisboa, Dezembro de 1959.
- **SALAZAR**, António de Oliveira, *Discursos e Notas Políticas*, Vol. IV, Coimbra Editores, Coimbra.
- **SANTOS**, Victor Marques dos, *Introdução à Teoria das Relações Internacionais, Referências de Enquadramento Teórico-Analítico*, ISCSP-UTL, Lisboa, 2007.
- **SANTOS**, Victor Marques dos, *Diplomacy, “Old” and “New” on the concept of Economic Diplomacy*, in **COSTA**, Carla Guapo (org), *New Frontiers for Economic Diplomacy*, ISCSP – UTL, 2009.
- **SANTOS**, Vítor Pavão dos, *Amália, uma Biografia*, Editorial Presença, 2ª Edição, Lisboa, Dezembro 2005.
- **SEBASTIÃO**, Sónia Margarida Pedro, *O Destino Manifesto*, Proposta de Tese de Doutoramento em Ciências Sociais na Especialização em Ciências da Comunicação, UTL-ISCSP, Lisboa, 2008.

- **SEBASTIÃO**, Sónia Margarida Pedro, *Cultura Contemporânea. Contributos para Estudos Culturais, Mediáticas & Digitais*, ISCSP – UTL, Lisboa, 2012.
- **SOARES**, Andreia Mendes, *União Europeia: que modelo político?*, 1ª Edição, ISCSP, Lisboa, 2005.
- **THOMSON**, Oliver, *Uma história da Propaganda*, Temas e Debates, Outubro 2000.

**Publicações & Artigos (Imprensa/Conferências):**

- **AGOSTINHO**, Henrique in **MARQUES**, Rui Oliveira, “A Marca Portugal é uma calamidade”, in **Meios & Publicidade**, 10 de Outubro de 2007.
- **ALMEIDA**, Maria Regina Flor e, “A Diplomacia Pública”, in **Negócios Estrangeiros**, Dezembro de 2003, nº6.
- **BALÃO**, Sandra “Moisei Ostrogorski: o problema da corrupção”, in **BESSA**, António Marques (Coord.), **Elites e Poder – Ensaios**, ISCSP, Lisboa, 1997.
- **BALÃO**, Sandra Maria Rodrigues, “Soft Power, Hard Power”, Recensão, in AA.VV., *Revista de Ciências Sociais e Políticas*, nº 1, ISCSP-UTL, Lisboa, 2007.
- **BARATA**, Óscar Soares, “As Bases Demográficas da Lusofonia”, in **O Mundo Lusófono**, Sociedade de Geografia de Lisboa, Lisboa, 1994.
- **BELANCIANO**, Vítor, “A poesia não contribui para o PIB, logo, não deve ser subsidiada?”, in **Público**, Outubro de 2010.
- **BESSA**, António Marques, “Cultura e Biologia”, in **A Identidade Portuguesa – Cumprir Portugal**, Cadernos do Instituto, Lisboa, 1988.
- **CANAVILHAS**, Gabriela, “É obrigação fundamental do Estado apoiar os artistas”, in **Público**, Novembro, 2009.
- **CARDOSO**, Joana Amaral, “Espólio do fado comprado por 910 mil euros pelo Estado e Câmara de Lisboa”, in **Público**, em 12 de Agosto de 2009.
- **CARMO**, Carlos do, “Count Basie e o Fado”, entrevista in **Meia Hora**, 28 de Outubro de 2008, Lisboa.
- **CARRILHO**, Manuel Maria, entrevista in **Público**, Fevereiro de 2009.
- **CARRILHO**, Manuel Maria, “A cultura contra a crise para uma refundação das políticas culturais”, in **Diário de Notícias**, Março de 2009.
- **CARRILHO**, Manuel Maria, «Governo Ps foi “uma legislatura perdida” em termos de políticas culturais», in **Público**, 21 de Março de 2009.
- **CENTENO**, Maria João Anastácio, “A política cultural em Portugal na entrada do novo século”, in **6º Congresso SOPCOM**, Abril 2009, Lisboa.
- **COLAÇO**, Branca de Gonta, in **Notícias Ilustrado**, nº 44, II Série, Lisboa, 14 de Abril de 1929.

- **COSTA**, António, “Fado candidato à UNESCO em 2009”, in **Jornal de Notícias**, Lisboa, Dezembro de 2008.
- **COSTA**, António, “Candidatura do fado a património imaterial pela UNESCO formalizada hoje”, por Lusa, in **Público**, Junho de 2010.
- **CRUZ**, Luís Braga da, “O mecenato cultural está um bocado cartelizado”, in **Público**, a 16 de Março de 2011.
- “Dançar o fado”, in Jornal **Meia Hora**, Lisboa, 17 de Junho de 2009
- **DIAS**, Jorge, “Estudos do carácter nacional português”, in **Estudos de Antropologia Cultural N°7**, Centro de Estudos de Antropologia Cultural, Lisboa, 1971.
- *Dicionário da Língua Portuguesa*, Porto Editora, Porto, 2004.
- “Estudo sobre o valor económico – Língua portuguesa vale 17% do PIB”, in **Expresso**, por Agência Lusa, em 18 de Novembro de 2008.
- **HERTZBERG**, Hendrik, *Smart Power*, in **The New Yorker**, 2009.
- **KEOHANE**, Robert O. e **NYE**, Joseph S., *Power and Interdependence in the Information Age*, in **Foreign Affairs**, Setembro/Outubro de 1998, vol. 77, nº 5.
- **KOCKEL**, Ullrich, “Language holds the key to culture”, in **Culture and Economy: Contemporary Perspectives**, University of the West of England, Bristol, 2002.
- **LIMA**, Maria João, “ Crise bate à porta do mecenato?”, in **Meios&Publicidade**, 2009.
- **LOURENÇO**, João, “Governo desencadeou crise na Cultura”, in **Público**, a 26 de Março de 2009.
- **MALTEZ**, José Adelino, *As raízes e o destino cultura portuguesa*, in **Separata do Boletim da Academia Internacional da Cultura Portuguesa**, nº 17, Lisboa.
- **MALTEZ**, José Adelino, “Sobre estratégia Cultural Portuguesa”, in **Separata nº18**, Academia Internacional de Língua Portuguesa, 1991, p. 222.
- **MARTIN**, André, in entrevista a Cristina Fernandes, in **Público**, Fevereiro de 2011.
- **MOREIRA**, Adriano, “O Poder Cultural”, in **Nação e Defesa**, nº 18, Abril-Junho, 1981.
- **NAVES**, Patrícia, «“Terreiro do Fado” no Terreiro do Paço», in **Destake**, em 12 de Maio de 2011.
- **NERY**, Rui Vieira, “Não há vontade política de assumir a cultura como prioridade”, in [http://www.snpcultura.org/vol\\_rui\\_vieira\\_nery\\_entrevista.html](http://www.snpcultura.org/vol_rui_vieira_nery_entrevista.html), 2009.
- **NETO**, Bruno, in **Público**, Fevereiro de 2009.
- *Nova Enciclopédia Portuguesa*, volume 10, Ediclube, 1991.
- **QUEIRÓS**, Luís Miguel, “Sector cultural e criativo produziu em 2006 2,8 por cento da riqueza gerada em Portugal”, in **Público**, 2010.
- **PAIS**, Ricardo, in **Público**, Novembro 2008.
- **PESSOA**, Fernando in **Notícias Ilustrado**, nº 44, II Série, Lisboa, 14 de Abril de 1929.
- **PINTO**, Sandra, “Tudo isto é fado”, in **Visão**, Janeiro 2009.

- **RIBEIRO**, José António, entrevista in **Público**, Fevereiro, 2009.
- **SAINT-MAURICE**, Anabela, *Além de Nós*, in [http://www.rtp.pt/programa/tv/p25830\\_2011](http://www.rtp.pt/programa/tv/p25830_2011).
- **SANTOS**, Victor Marques dos, “Lusofonia e Projecção Estratégica. Portugal e a CPLP”, in **Nação e Defesa**, nº 109, 2ª série, Instituto da Defesa Nacional, Lisboa, Outono-Inverno 2004.
- **SANTOS**, Victor Marques dos, *Portugal, a CPLP e a Lusofonia – Reflexões sobre a Dimensão Cultural da Política Externa*, in **Negócios Estrangeiros**, 2005, nº 8, p.71.
- **SUBTIL**, Inês, “Maior evento cultural português no exterior”, in [www.publico.pt](http://www.publico.pt), Lisboa, Outubro de 2008.
- **VIEIRA**, Hugo, “Hugo Vieira estreia obra sobre o Fado na Alemanha”, in **RTP Notícias**, por Agência Lusa, Novembro, 2008.
- **VILLEPIN**, Dominique, entrevista in **Agência Lusa**, Estoril, Novembro, 2009.

#### **Outros documentos escritos:**

- *Fado – Vozes e Sombras*, Catálogo da exposição no Museu Nacional de Etnologia no âmbito de Lisboa Capital Europeia da Cultura, Electa, 1994, p. 11.
- In “Moeda de colecção O Fado”- *Série Europa*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, S.A., Setembro, 2008.
- Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, artigo 2º nrs1 e 3, UNESCO - Paris, Outubro de 2003.
- Programas do Governo Constitucional – desde o Programa do I até ao Programa do XVII Governo Constitucional.
- LEI DO MECENATO, Decreto-Lei nº108/2008, de 26 de Junho de 2008.

#### **Webgrafia:**

- <http://www.portaldofado.net/content/view/2543/275/>
- <http://www.amaliathemovie.com/>
- <http://ww1.rtp.pt/cinemax/?t=Cinema-portugues-tristessinas.rtp&article=264&visual=2&layout>
- <http://www.filipelaferia.pt/fado/>
- <http://www.imdb.com/title/tt0112355/>
- [http://www.linktv.org/programs/dd\\_marizafado](http://www.linktv.org/programs/dd_marizafado)
- <http://www.expressoelusitanas.pt/2010/08/19/documentarios-nacionais-nas-noites-da-rtp2/>
- <http://www.gmcs.pt/index.php?op=fs&cid=1547&lang=pt>

- <http://www.amalia.fm/>
- <http://www.afp.org.pt/estatisticas.php>
- <http://www.spautores.pt/comunicacao/noticias/criado-na-spa-o-grupo-de-trabalho-para-a-area-do-fado>
- <http://www.egeac.pt/>
- [http://www.newyorker.com/talk/2009/01/26/090126ta\\_talk\\_hertzberg#ixzz1B6KT47](http://www.newyorker.com/talk/2009/01/26/090126ta_talk_hertzberg#ixzz1B6KT47)
- <http://www.portugal.gov.pt/pt/GC19/Pages/Inicio.aspx>
- [www.publico.pt](http://www.publico.pt)
- <http://www.dinheirovivo.pt/Buzz/Artigo/CIECO009085.html>
- <http://aeiou.expresso.pt/expo-2008-vertente-tecnologica-do-pavilhao-de-portugal-sem-equivalente-no-evento-autarca-de-saragoca=f395195>
- [http://www.parlamento.pt/OrcamentoEstado/Documents/oe/2008/notas\\_explicativas/MNE.pdf](http://www.parlamento.pt/OrcamentoEstado/Documents/oe/2008/notas_explicativas/MNE.pdf)
- <http://www.fco.gov.uk/en/about-us/what-we-do/spend-our-budget/review-08-10>
- [http://agendalx.pt/cgi-bin/iportal\\_agendalx/area.html?area=%FAsica&genero=Fado&tabela=musicas](http://agendalx.pt/cgi-bin/iportal_agendalx/area.html?area=%FAsica&genero=Fado&tabela=musicas)
- [http://www.culturaonline.pt/SiteCollectionDocuments/Noticias/SCC\\_SumEx.pdf](http://www.culturaonline.pt/SiteCollectionDocuments/Noticias/SCC_SumEx.pdf)
- <http://www.instituto-camoes.pt/>
- <http://www.ipad.mne.gov.pt/>
- <http://www.meiosepublicidade.pt/2009/05/01/crise-bate-a-porta-do-mecenato/>
- <http://www.culturaonline.pt/EspacoEmpresas/Mecenato/Pages/default.aspx>
- [http://www.ey.com/Publication/vwLUAssets/Renewable\\_energy\\_country\\_attractiveness\\_indices\\_-\\_Issue\\_28/\\$FILE/EY\\_RECAI\\_issue\\_28.pdf](http://www.ey.com/Publication/vwLUAssets/Renewable_energy_country_attractiveness_indices_-_Issue_28/$FILE/EY_RECAI_issue_28.pdf)
- <http://jornaloutro.blogspot.com/2010/03/energia-portugal-esta-entre-os-10.html>
- <http://www.candidaturadofado.com/>
- [http://www.ionline.pt/boa-vida/peritos-da-unesco-recomendam\\_inscricaofadopatrimonio-cultural-da-humanidade](http://www.ionline.pt/boa-vida/peritos-da-unesco-recomendam_inscricaofadopatrimonio-cultural-da-humanidade)
- <http://www.publico.pt/Cultura/reacoes-a-entrada-do-fado-na-lista-da-unesco1522760?p=1>
- [http://www.ipmuseus.pt/pt-PT/iniciativas/encontros\\_coloquios/ImageDetail.aspx?id=3278](http://www.ipmuseus.pt/pt-PT/iniciativas/encontros_coloquios/ImageDetail.aspx?id=3278)
- <http://www.meiosepublicidade.pt/2007/10/10/82684/>
- <http://www.iapmei.pt/iapmei-bimindex.php>

**Documentos vídeo e audio:**

- **BERTRAND**, Yann Arthus, *HOME*, in <http://www.home-2009.com/us/index.html>, 2008
- **GIRÃO, Fernando**, *Fado Cor do Sentimento*, poema interpretado por Joana Amendoeira, 2008.
- **PERA**, Edgar, *Movimentos Perpétuos – Tributo a Carlos Paredes*, Lisboa, 2006
- **QUEIRÓGA**, P., *Fado, História d'Uma Cantadeira*, Lisboa-Filme, Lisboa, 1947

## **Anexos**

### **Anexos I) Momentos**

O Fado é um elemento, uma melodia que, nestes últimos anos me tem despertado para um sentido de portugalidade, para um sentido de ver diante de mim aquilo que ainda se faz pelo nosso país, pela nossa cultura sem que seja visível aos olhos de todos. Cegos permanecem os que não querem ver!

Viajo o que viajo, leio o que leio, e retenho a capacidade cultural de Portugal que interna e eternamente se desperdiça. Serei única nesta visão?

Mantêm-se viável a possibilidade de sermos muitos mais a hipotizar a potencialidade de uma estratégia cultural para “salvar” a nossa alma, o nosso Estado. Creio na cultura como solução.

Neste últimos três anos, foram intensas as pesquisas, as leituras, as descobertas. Foram inúmeras as conversas e variadas as entrevistas registadas.

*Momentos* é um espaço onde padecem algumas frases dos entrevistados que melhor que ninguém conseguem transmitir a essência daquilo que é a realidade, que é o fado, e de muito o que se pretende com este trabalho.

Porque para mim foi um verdadeiro prazer fazê-lo, deixo-vos com mensagens autênticas e verdades perenes. Desfrutem destes “momentos”, como eu desfrutei!

*É cantar mais alguém para além de mim!*, Aldina Duarte, à pergunta qual o principal objectivo ao cantar fado.

*O fado obriga ao silêncio; as pessoas têm de o ouvir, de estar atentas*, Elmar Gardés

*O fado não é para qualquer um*, Manuel Fadista

*O fado renasce diariamente*, Cristiana

*Agora eu canto para mim...Eu vivo o fado e no Fado (...) Agora faço parte dele e ele de mim*, Akané

*O fado acontece porque há verdade*, Joana Amendoeira

*O fado é algo que nos distingue e não é só um estilo musical*, Carminho

*O fado nunca poderá deixar de ser aquilo que sempre foi*, Kátia Guerreiro

*O fado é uma música para ouvir, para reflectir. O fado tem peso*, Camané

*O fado tem a ver com a vida, com a maturidade*, Pedro Moutinho

*O fado tem um peso enorme na nossa cultura*, Cristina Branco

*O fado tem tristeza porque a vida também a tem*, Carlos do Carmo

*Só o fado nos distingue no mundo*, João Braga

## **Anexo II) Entrevistas**

Em anexo as vinte e quatro entrevistas realizadas no âmbito da investigação. Realizadas a distintos membros da esfera da cultura, do fado, do estudo da música, cultura e arte. Profissionais mais técnicos ou estudiosos do fado. Foram feitas mais quatro entrevistas, mas os autores não permitiram a gravação, a transcrição das mesmas.

Seguem-se, por ordem cronológica, os registos obtidos dos peões da cultura, da política e do fado.

**Nome: Manuel Fadista**

**Idade: 71 anos**

**Profissão: Reformado (Serralheiro)**

**Local e data: Amesterdão, APA a 7/03/2009**

### **1 – Porque se encontra em Amesterdão?**

Emigrei em 1964. Entre o Fado em Lisboa e um contrato na Holanda não pude hesitar.

### **2 – Porquê o fado?**

O Fado é a canção nacional. Transmite tudo. Ainda me lembro de chegar aqui a Amesterdão e andar a cantar pelos cafés, pelos restaurantes apenas com um batuque. Nesse tempo ainda não existiam cá guitarras portuguesas. Cantava apenas com um som de batuque.

Eu cantava para diferentes pessoas, para holandeses, para judeus. Colocava Portugal no mapa, muitos deles não sabiam que existia. Havia outros que pensavam que Portugal era uma colónia espanhola.

Começaram a ligar Portugal ao Fado.

### **3 – Como reage o público holandês ao fado, neste caso particular?**

Os holandeses adoram o fado. Muitos deles têm maior respeito que muitos portugueses. É um silêncio arrepiante. Eles sentem que o fado vem de dentro, é profundo. Já sabem a expressão verdadeira do fado.

### **4 – E os jovens como reagem face ao fado? Acha que o fado sobreviverá?**

O fado não é para qualquer um. Aqui há várias fadistas a tentar cantá-lo, mas há que senti-lo também.

Eu continuo a cantar o Fado porque ainda não encontrei sucessor. São poucos os jovens que aqui querem cantá-lo.

### **5 – E apoios? Qual o feedback do governo português?**

O Fado coloca Portugal no Mundo, mas o governo português não apoia. Quando organizamos algumas iniciativas, não só a APA mas como outras associações, comunicamos à embaixada, ao consulado. Nunca obtemos uma resposta concisa, nem apoios reais.

Nós cantamos o fado, os holandeses ouvem e desperta, em muitos deles, uma enorme curiosidade face ao nosso país, à nossa cultura, à nossa língua. Alguns deslocam-se inclusive a Lisboa para conhecerem o fado, as casas de fado. Nós levamos holandeses, estrangeiros a Portugal, à nossa cultura.

Quem nos ajuda? Ninguém, por parte do governo, reconhece o trabalho que fazemos. Não existem apoios.

### **6 – Quais as perspectivas para o futuro?**

As perspectivas para o fado são boas. Há muita gente jovem a cantá-lo. Aqui em Amesterdão há alguns holandeses que pretendem seguir.

### **7 – Será o fado um instrumento de promoção de Portugal no Mundo? Como?**

Sem dúvida. São muitos destes fadistas, actores do fado que “levam” os holandeses a Portugal, a conhecer o nosso país, a nossa gastronomia. O Fado promove muito o turismo para Portugal.

**Nome: Elmar Gardés**

**Idade: 22 anos**

**Profissão: Professor de guitarra portuguesa e viola; músico num grupo de fado; estudante de Relações Internacionais**

**Local e data: Amesterdão, APA a 7/03/2009**

### **1 – Porque se encontra em Amesterdão?**

Nasci aqui, mas tenho raízes portuguesas da parte materna da família.

### **2 – Porquê fado?**

Ouvi-o toda a minha vida...A família do lado da minha mãe é portuguesa. Comecei a tocar música na viola e depois descobri que era muito bom tocar Fado.

Transmiti-me boas vibrações. Quando toco fado todo o meu stress desaparece. E tocar com o meu grupo é muito bom, os sentimentos, as sensações que o fado nos dá.

### **3 – Como reage o público holandês ao fado?**

As pessoas reagem muito, muito bem. O fado obriga ao silêncio, as pessoas têm de o ouvir, têm de estar atentas.

Eles gostam da nossa música e sentem o Fado. Apesar de não perceberem a língua portuguesa, mas de algum modo sentem a música. Há por vezes pessoas que choram quando nos ouvem e, para mim, significa que captaram o sentimento que tentamos transmitir.

### **4 – E os jovens têm interesse pela cultura portuguesa, pelo fado?**

Sim, têm muito interesse.

Mas devo confessar que não tanto como as pessoas mais velhas que têm mais experiência de vida e percebem que a vida é feita de coisas boas e más. Estes encontram melhor o sentimento do fado.

A cultura holandesa é uma cultura bastante fria, muitos holandeses encontram na cultura portuguesa, no fado, sentimentos poucos expressos na sua cultura nacional.

### **5 – Como se relacionam o fado e a cultura portuguesa?**

Não é possível separá-los. O fado é parte da cultura portuguesa e é muito importante para Portugal.

Aqui na Holanda relacionamos o Fado com Portugal, como relacionamos o Figo, por exemplo. É um modo de vos representar e considero que, dentro de alguns anos, o fado pode mesmo tornar-se numa imagem de marca.

### **6 – Qual é o vosso principal objectivo com estas iniciativas? Com o tocar o fado?**

Primeiro para mim. Sinto-me muito bem quando toco a viola, quando toco e ouço o Fado.

Depois gosto de transmitir o fado, as suas sensações, os seus sentimentos ao público.

E por fim, gosto de mostrar aos jovens que o Fado também pode ser para eles. Eu sou novo, toco com pessoas mais velhas mas consigo provar que o fado também é para os mais novos.

Ainda me lembro do primeiro fado que ouvi, era de Amália Rodrigues e eu era muito pequeno e gostei muito.

### **7 – Têm apoios aqui?**

São vários os sítios onde tocamos: alguma associações, em restaurantes holandeses. Há sempre espaços onde apresentar o nosso fado.

### **8 – Qual o feedback do governo português?**

Que eu saiba não existe. Mas seria muito bom se existisse, para que o fado não morra. Há muita gente que ouve o Fado em todo o mundo: Holanda, Alemanha, Estados Unidos da América. É muito importante que o governo intervenha, que preserve a cultura e que ajude financeiramente.

### **9 – Quais as perspectivas par o futuro?**

Penso que morrerá, porque as pessoas que na maioria o tocam são mais velhas e são poucos os jovens com vontade de o renovar, sobretudo aqui na Holanda.

Contudo, dá-me esperança ver que em Portugal os jovens, as gentes novas cantam o fado.

É assim contraditório quando vejo jovens a cantarem, mas poucos jovens a aprenderem a tocar o fado (a guitarra portuguesa).

Aqui na Holanda apenas eu e um amigo meu tocamos guitarra portuguesa.

### **10 – Será o fado um instrumento de promoção de Portugal no Mundo? Como?**

Sim, sem dúvida.

### **11 – Deixe uma ideia, um pensamento sobre a cultura portuguesa no mundo, sobre Portugal no Mundo.**

Penso que será muito importante promover o fado, um apoio político a esta promoção. Talvez até passaria pela criação de um organismo, de um instituto para o Fado. É muito importante para a cultura.

Existem muitas comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo. Muitas têm associações como a APA. Talvez fosse bom aproveitar estas instituições associativas, não tendo o governo que intervir directamente mas ajudando-as a cumprir o seu dever, o seu princípio cultural.

**Nome: Cristiana Vanessa Pereira**

**Idade: 24 anos**

**Profissão: Fadista; Estudante do Conservatório Nacional de Guitarra Portuguesa**

**Local e data: Amesterdão, APA a 7/03/2009**

### **1 – Porquê o fado?**

Aconteceu. Surgiu, Não foi premeditado. Sempre gostei de cantar, mas como qualquer criança não conhecia o fado, não sabia o significado do fado. E aos 11 anos tive uma professora de canto, dona Ilda Ventura que me disse que a minha voz se adaptava ao fado e experimentei. Desde esse momento nunca mais parei.

Optei só pelo fado porque é algo que me toca de outra forma.

**2 – Como reage o público holandês ao fado, neste caso particular?**

Tive uma apresentação à dois dias atrás na Catedral de Woudrichem e foi bastante comovente. Foi um dos momentos mais felizes da minha vida. Estou habituada a cantar para diferentes públicos, em Lisboa, mas esta ocasião foi mágica. As pessoas estavam num silêncio, mas não era mudo. Mas um silêncio que ecoa. Um silêncio em que sentimos o público connosco e a apreciar. A alma do fado chega aos seus corações.

**3 – E os jovens como reagem face ao fado? Acha que o fado sobreviverá?**

O Fado sobrevive, sem qualquer dúvida. O Fado renasce diariamente. O fado é algo puro, mas que transporta consigo um elevado pesar.

**4 – E apoios? Qual o feedback do governo português?**

Não há apoios do Estado. O estado pouco conhece o que fazemos. Mas não os culpo a eles. Isto é apenas uma sucessão. Há-de vir alguém que consiga, até mesmo nós fadistas. É importante que o estado português apoie. É necessário pensar mais numa estratégia cultural forte.

**5 – Quais as perspectivas para o futuro?**

O Fado renasce todos os dias. Cada vez mais jovens cantam o fado e bem, muito bem.

**6 – Será o fado um instrumento de promoção de Portugal no Mundo? Como?**

O Fado é a canção nacional. É a música portuguesa que, talvez, melhor caracterize o nosso país. O fado traz melancolia, tristeza. Traz sentimentos de uma alma portuguesa, a nossa alma.

Transporta consigo, também, aspectos materiais, físicos: a comida, a roupa. Leva um pouco de todos nós, da nossa cultura.

Mas essencialmente o Fado transporta uma alma para um público que esteja disponível para tal.

O Fado leva a uma simbiose.

**7 – Deixe uma ideia, um pensamento sobre a cultura portuguesa no mundo, sobre Portugal no Mundo.**

Tenho uma amiga japonesa que está nove meses em Portugal para estudar e aprender fado e a língua portuguesa. E, todas as noites, antes de subir para o palco, pergunta-me se há portugueses na sala. Tem medo de errar a nossa língua, tem medo ser mal interpretada.

Costumo-lhe responder que não tem que ter vergonha, que tem de “libertar” o Fado que tem em si.

O Fado não está na religião, no vestir ou no calçar. É mais que tudo isso. Mas, o Fado não está, igualmente, na nacionalidade. O fado está no coração, no pensamento, na alma.

**Nome: Akané – Kumiko Tsumori**

**Idade: 29 Anos**

**Profissão: Fadista/ Actriz de teatro infantil**

**Local e data: Casa de Falhos Velho Pateo de Sant'ana, Lisboa a 28/03/2009**

### **1 – Porquê Portugal?**

Eu canto fado no Japão, por isso decidi vir para cá, para aprender o português e “apanhar” uma boa pronúncia. No Japão canto e faço muitos espectáculos com outros fadistas. O fado está dentro de mim. Gosto muito da vossa língua, apesar de ser muito difícil de aprender. Se pudesse ficaria cá, durante mais tempo (Volto em Junho para a Osaka.)

### **2 – E porquê o fado?**

Tenho um amigo japonês que toca guitarra. Veio aprender cá em Portugal, há 5 anos atrás. Quando regressou convidou-me e comecei a cantar com ele. E se no início não havia razão, depois comecei a acreditar que era capaz e acreditava no que cantava.

### **3 – Como reage o público ao ver-te actuar, ao ouvir-te cantar?**

Canto com medo porque a minha pronúncia ainda não é boa. Mas canto também com alma e com muito sentimento.

Quando acidentalmente me engano alguns clientes riem-se. É fruto da minha pronúncia menos perfeita.

Ao subir ao palco o público olha-me de um modo estranho. Mas no final o pensamento é diferente. Eles gostaram de mim e de como cantei.

### **4 – E os jovens, sentes que têm interesse pelo fado?**

No Japão alguém me disse que tu és jovem, enquanto a tua alma for jovem.

Eu gosto muito de ouvir fadistas jovens e penso que por serem mais novos, mais inovadores podem cantar o fado de um modo especial, diferente.

Penso que se começarmos a cantar mais novos, cada vez iremos sentir mais e melhor o fado, com mais alma.

### **5 – Qual o teu objectivo ao cantar fado?**

Agora eu canto para mim...Eu vivo o fado e no fado. E o fado dá-me muitas coisas boas, muita felicidade. Agora faço parte dele e ele de mim.

## **6 – Como é o Fado no Japão?**

O fado no Japão ainda não é famoso. O país fica muito longe daqui. Mas a maioria dos japoneses que conhece, adora o fado. Conhece sobretudo, ou só, Amália por ter sido a maior das fadistas, a mais reconhecida em todo o mundo.

## **7 – Há casas de fado no Japão?**

Que tenha conhecimento não, mas há alguns restaurantes portugueses que promovem. Eu cantava num restaurante português e em alguns bares.

Há um restaurante, de proprietária portuguesa, no qual há uma noite de fados com espectáculos à 5f. E como tal a esse restaurante nós chamamos “casa de fados”.

## **8 – E os japoneses associam fado a Portugal?**

Humm, acho que não. No Japão, Portugal é igual a futebol. E muitos japoneses não sabem onde fica Portugal. Sabemos onde fica Espanha, mas desconhecemos Portugal.

## **9 – Como pensas que será o futuro do Fado? Por exemplo no Japão?**

No meu país, o número de fadistas está a aumentar. Fadistas japoneses. São poucas as vezes que temos espectáculos de fadistas portugueses. Raramente ouvimos voz portuguesa.

Penso que no futuro o fado será mais famoso.

## **10 – Achas que o fado é importante para Portugal?**

Sim, sem dúvida. No próximo ano celebram-se os 150 anos do tratado entre Portugal e o Japão. Penso que provavelmente a Embaixada de Portugal no Japão e do Japão em Portugal, juntamente com algumas empresas, irão promover encontros, espectáculos, irão festejar tal acontecimento. Aqui poderemos ouvir, quase de certeza, fado no Japão.

## **11 – A Embaixada de Portugal no Japão promove muitos eventos?**

Penso que não. Não é do meu conhecimento. No Japão o português vem do Brasil e não de Portugal.

## **12 – Deixa-me uma ideia, um pensamento sobre o fado.**

O fado tem tristeza, mas tem também felicidade. Apesar de serem opostas são iguais porque se sentem. O fado ensina-nos que a vida pode ser vivida tanto como alegria, como com tristezas. Cabe-nos, anos, perceber, compreender. O fado ensina-nos isto, que a vida é assim!

**Nome: Joana Amendoeira**

**Idade: 30 anos**

**Profissão: Fadista**

**Local e data: Lisboa, Chiado a 28/08/2009**

### **1 – Porquê o fado?**

Uma pergunta muito difícil. Era muito criança quando comecei a cantar, tinha seis anos e foi algo espontâneo. Surpreendi lá em casa. Os meus pais ouviam fado, aliás toda a família partilhava esse gosto muito especial: tínhamos muitos discos e íamos a algumas noites de fado. Tudo isto me influenciou de certeza.

O meu irmão Pedro, que toca hoje guitarra portuguesa, estava naquela época a aprender instrumentos de corda e fazia parte de um grupo de música tradicional portuguesa. Adorava acompanhá-lo e isso puxava ainda mais a minha vontade de cantar. Acabaram por perceber que tinha aquele traquejo de fadista na voz. Provavelmente obra do destino, acho que sim!

### **2 – Como reage o público português ao fado? E o estrangeiro?**

Aqui em Portugal, o público reage sempre com muita emoção, mas penso que lá fora as pessoas ainda sentem mais porque estão mais distantes, têm poucas oportunidades de nos verem. Muitos emigrantes dizem mesmo que quando viviam em Portugal não davam tanto valor ao fado como dão hoje, bem como à cultura portuguesa e que lhes pertence. Quando se está fora sente-se mais apreço, mais carinho.

É uma vantagem cantar para portugueses uma vez que percebem melhor a língua, as palavras. Compreendem melhor a mensagem da poesia que cantamos, que é tão importante no fado.

### **3 – E o público estrangeiro?**

Para aquelas pessoas em que é mesmo a primeira vez que ouvem o fado nota-se um deslumbramento enorme. Sente-se que são apanhados de surpresa, ficam completamente sem palavras. Não estão à espera de uma canção que lhes fala directamente ao coração. Acho que é essa a essência do fado e por isso estão a surgir cada vez mais convites em todos os países do mundo: Europa, Ásia, América, enfim... Há cada vez mais pessoas a quererem ouvir o fado. Pessoas que não compreendem a língua mas que se apaixonaram completamente pela nossa sonoridade, pela verdade desta música. Há uma magia que leva à paixão pelo fado.

### **4 – E os jovens, qual o sentimento destes face ao fado?**

Felizmente o preconceito que havia há 10 ou 15 anos atrás está a desaparecer. Cada vez mais jovens, adolescentes, estão a adorar o fado e a acompanhar estes novos fadistas, porque se

identificam também connosco. Percebem que o fado não canta só tristeza, não é negro. O fado é vida, o fado também é cor. Há um rejuvenescimento do público, é um facto.

No fado, particularmente, há muitos jovens fadistas, muitos músicos novos.

#### **5 – A Joana canta que o fado é o agora do futuro. Acha que o fado tem futuro?**

O fado tem sempre futuro e neste momento está a atravessar uma fase em que não há dúvidas. Tem, sem dúvida, o futuro assegurado.

No final de década de 1980, inícios da década de 1990 a decadência parecia certa, até que surgiram alguns nomes como o Camané, o Paulo de Bragança, a Mísia. Para serem depois seguidos por outros como eu, Mafalda Arnauth. Enfim, foram os novos fadistas que surgiram e que deram alento ao fado e perspectivas de futuro. Viram que o fado não ia nem podia acabar. O fado não vai acabar. Não vai mesmo. Hoje há um novo público que nos irá acompanhar ao longo da vida.

#### **6 – Na sua opinião, como se relacionam o fado e a cultura portuguesa?**

O fado exprime muito da cultura portuguesa. Por toda a forma como o ser português é. Somos intensos quer seja na alegria ou na melancolia. Quando estamos tristes estamos muito, quando estamos alegres também exacerbamos. Expomos muito os nossos sentimentos. O fado também é isso. Está completamente cruzado connosco. Digo sempre que é a nossa forma de expressão. A expressão da nossa alma. No estrangeiro, fora do nosso território é uma abertura completa. O fado espelha a alma do ser português.

#### **7 – Quando sobe ao palco a Joana “transporta” em si muito de nós...A sua indumentária? A joalheria? São produtos portugueses? Que mais transporta consigo?**

Essencialmente para lá da música, da língua e da poesia. Porque a poesia é de facto um elemento muito importante no Fado. É um facto que se canta muita poesia popular, mas também levamos Fernando Pessoa, Luís de Camões, grandes poetas portuguesas.

Para lá do fado há outros pequenos grandes pormenores que transporto comigo: filigrana que é lindíssima e única, que muitos estrangeiros admiram por serem peças tão diferentes.

E depois há que divulgar também os nossos estilistas. Trabalho com um estilista muito novo, pouco conhecido no mercado, Tiago Cardoso, que tão bem me prepara e com qualidade.

#### **8 – Qual é o seu principal objectivo ao cantar Fado? Não lhe parece que pratica mecenato cultural ao mesmo tempo que desenvolve a sua profissão?**

Nós somos um porta-estandarte da nossa cultura, do nosso país em todo o Mundo. E muitas vezes não temos o apoio que precisávamos em deslocações, em digressões que fazemos. Se existisse uma grande e sólida organização talvez conseguíssemos mais apoio, mais cooperação.

Por exemplo, eu e os meus músicos fomos convidados para fazer uma grande digressão na Suécia em 2006. Este convite partiu de uma instituição sueca de música que tinha como intuito mostrar ao seu país, aos cidadãos a música que se faz no Mundo, estrangeira, diferente. Penso que faz falta em Portugal uma associação assim, e neste caso também para nos “exportar”, para nos levar portas fora com o devido apoio.

**9 – Apoios ou feedback do Estado português em relação à promoção/divulgação do Fado existem? (quando vai ao estrangeiro o Estado sabe? “Aproveita-se” da sua deslocação?)**

Não. Aliás já fui apoiada pelo IC (colocar por extenso) ou pelo AICEP (colocar por extenso), sendo que por este foi só mesmo na Hungria, onde já se estabeleceram laços mais fortes com a minha pessoa, com a minha música.

Mas penso que deveria haver muito mais. No IC não é fácil conseguir apoios. Apoiam tanto os empresários para viajarem, para apresentar os seus produtos, as suas empresas. Penso que também nos deviam apoiar a nós. Nós, os fadistas, também estamos a produzir muito e a contribuir, cada vez mais, para a divulgação do nosso país. Estamos a contribuir para a riqueza do nosso país porque estamos a trabalhar, essencialmente estamos a trabalhar muito, mesmo, e por tal facto devíamos ter apoio.

O facto é que fadistas, cantores, músicos, ... não temos apoios quase nenhuns. A situação é complicada.

**10 – Tem a noção se o Estado sabe quando se desloca ao estrangeiro?**

Penso que devem saber, que devem estar com a devida atenção. Eu como a Mariza, Ana Moura e tantos outros fadistas de renome e importância internacional.

Quase nunca aproveitam as nossas deslocações. Raramente. Talvez aproveitam-nas, quando, por exemplo, o Presidente da República se desloca ao estrangeiro e escolhe levar um ou outro fadista. Mas há muitas mais acções fora de Portugal que mereciam a nossa presença, com o devido apoio.

**11 – Será o fado um instrumento de promoção de Portugal no Mundo? Como?**

Com certeza, nem há qualquer dúvida. Porque é só nosso, por divulgar a língua, por levar às nossas salas tantas e tantas pessoas com vontade de nos ouvir, de nos ver a nós, à nossa música, à nossa cultura que é o nosso país.

**12 – Sabendo da sua entrega ao fado e das inúmeras viagens que faz por este, conte-me algumas das suas experiências, os locais onde já passou, a vontade destas pessoas em aprender, em conhecer o Fado.**

Em Itália, as pessoas são tão latinas que são muitos expressivas, é um delírio de expressão, de libertação.

Contudo, quando as pessoas são mais recatadas é igualmente muito bonito. O respeito, o silêncio com que nos estão a ouvir. Na Suécia, tivemos 24 concertos durante um ano, foi uma das maiores digressões que realizei e ali surpreendeu-me muito a reacção que eu pensaria ser distante, mas que foi muito calorosa.

No Japão, por exemplo, as pessoas parecem ter receio de bater palmas mas choram e adoram o nosso fado. Estão tão longe de nós, geográfica e culturalmente, muitos não percebem uma única palavra mas sentem a mensagem que lhes levamos. É muito bonito.

### **13 – O que mais a agrada no Fado?**

É a verdade. A verdade dos sentimentos, da alma, daquilo que se canta. O fado acontece quando há verdade, magia. Isso sente-se num disco, num concerto, numa casa de fados.

### **14 – O que pensa que leva estrangeiros, cidadãos que não falam português e talvez nunca tenham vindo ao nosso país, a querer ouvir, aprender o fado?**

É essa verdade que os apaixona. Muitas vezes as pessoas que nos ouvem cantar fado, o tal público estrangeiro, vão aprender português para nos poderem perceber. Na Holanda, na Suécia algumas pessoas confidenciaram-me tal vontade de aprender português e a gostarem cada vez mais de fado.

Deste modo, nós, os fadistas, somos embaixadores da nossa língua, do nosso país.

O fado é muito intenso e isso apaixona estas pessoas que nos seguem, que nos ouvem.

### **15 – Deixe uma ideia, um pensamento sobre a cultura portuguesa no mundo, sobre Portugal no Mundo.**

Estamos cada vez mais a divulgar a nossa cultura, em todos os aspectos. Portanto está no bom caminho. Com o devido apoio do Estado conseguiremos mais e melhor, não só pela música, pelo Fado mas pela poesia e por outros elementos mais visuais e físicos como a indumentária, a própria gastronomia.

Estamos no rumo certo.

**Nome: Carminho**

**Idade: 28 anos**

**Profissão: Fadista**

**Local e data da entrevista: Parque Mayer, Lisboa a 18 de Setembro de 2009**

### **1 – Porquê o fado?**

Sempre tive o fado presente na minha vida: pela minha mãe, que canta fado, pela música que tinha em casa. Mais tarde, a minha mãe tornou-se proprietária de uma casa de fados e eu acabei por ser influenciada. Sempre gostei muito de cantar e o fado acabou por se tornar o meu destino. Nasce-se para o fado e eu nasci para o fado.

## **2 – Como reage o público português ao fado?**

Reage bem. Os portugueses, independentemente de gostarem menos ou mais de fado, têm sempre uma ligação que no fundo é só nossa. O fado é algo que nos distingue e não é só um estilo musical. O fado é um modo de vida, que tem ver com a nossa cultura, com as nossas raízes e está presente em todos os portugueses.

Isso nota-se nos emigrantes porque pessoas que, muito provavelmente, não visitavam casas de fado em Portugal, quando viviam cá, agora nos seus países de acolhimento, valorizam o fado. Quando algum fadista se desloca até eles a reacção é muito entusiasta, muito saudosista.

Mas, de um modo geral os portugueses gostam muito do fado.

## **3 – E o público estrangeiro?**

Essas são as reacções mais extraordinárias. Porque os portugueses gostarem é aceitável, é comum, mas muitas vezes assisto a chineses, ingleses, cidadãos que parecem tão distantes da nossa língua, da nossa cultura a gostarem muito do fado, a sentirem-se tocados, emocionados. Penso que tal acontece devido à musicalidade e à entrega que o fado necessita. É preciso uma entrega, é preciso colocar-mo-nos dentro do fado que cantamos e que ouvimos e naturalmente emergem emoções e sai a nossa alma.

## **4 – O seu álbum intitula-se Fado. Considera que a sua frescura, a sua juventude, a sua garra são o reflexo do Fado actual?**

Sim. Sou de uma geração, ou sigo uma geração, que já tem vindo e conseguido rejuvenescer o fado através dos seus interpretes e dos seus músicos. Acho que o fado também funciona por ciclos e agora estamos numa fase muito boa, em que há muitos jovens a cantar.

E não é por ter 25 anos e ser fadista que sou diferente de qualquer outra pessoa com a mesma idade: gosto de sair, de ouvir a música a mesma que outros jovens, de ver os mesmos filmes, de ler os mesmos livros. E isso trás ao meu fado algo de novo, algo de jovial àquilo que faço.

## **5 – Em relação os jovens, qual o sentimento destes face ao fado?**

Cada vez mais interessados, cada vez mais curiosos e uns mais apaixonados. Penso que para o fado é preciso curiosidade, antes de o querer conhecer, mas quando se conhece as pessoas ou se apaixonam ou deixam-no de lado.

Vejo muitos jovens a frequentar as casas de fado, a ir aos espectáculos de fado. Vejo muita gente nova completamente entregue ao fado.

#### **6 – Na sua opinião, como se relacionam o fado e a cultura portuguesa?**

O fado está ou deveria estar na dinâmica da cultura, num plano principal da nossa cultura. A procura de fado existe e é muita, mas o défice fica na oferta. Falha talvez a exportação, aquilo que se poderia tornar o cartão de visita do nosso país.

O fado representa muito a nossa cultura, o nosso modo de estar. Temos uma origem de mar e qualquer país com esta origem sofreu com as partidas e com as chegadas. Somos um povo demasiado nostálgico e saudosista e isso está marcado nas veias, no nosso jeito de ser. O fado é o espelho desse carácter que nos delinea. Somos um povo impulsivo, saudosista, introspectivo, poeta que noutras culturas não é visível.

Todo este jeito de ser está no fado e por tal deveria constituir uma das nossas melhores referências como país aberto ao mundo.

#### **7 – Qual é o seu principal objectivo ao cantar Fado?**

Não sei se haverá um objectivo, há um estado de alma. E não é só uma profissão, mas um modo de viver. É se fadista 24 horas por dia e gerem-se emoções, cultivamo-nos. Sinto-me muito honrada e tenho assumo um papel importante quando tenho nas minhas mãos a representação do meu país. Quando me depraio com pessoas que estão à minha frente e não conhecem, e muitas nem sabem onde se situa o nosso país, mas mesmo assim vão ouvir a música portuguesa. Há uma responsabilidade, um respeito por aquilo que dizemos, por aquilo que apresentamos.

#### **8 – Apoios ou feedback do Estado português em relação à promoção/divulgação do Fado existem?**

A cultura no nosso país tem um défice de apoio. Não estamos perante uma conjuntura que favoreça e não constitui, nem nunca constitui-se, como uma prioridade do país. Por isso é difícil.

Contudo, não tenho grandes motivos de queixa, porque já trabalhei com fundos do Estado. Já participei em algumas iniciativas da Câmara Municipal de Lisboa, em eventos nas Representações Portuguesas no estrangeiro – embaixadas – e esta situação deixa-me feliz.

No entanto, não é suficiente, há poucos projectos e não há o devido incentivo. Quem tem os fundos precisa de motivação, de projectos aliciantes, no fundo sentir que está a empregar o dinheiro como meio de desenvolvimento. Há falta de estratégia na cultura. Vão havendo algumas iniciativas, acontecimentos bons, mas também há muita coisa a fundo perdido, que não nos leva a lado nenhum nem tem qualquer retorno. Apostar na cultura não deveria ser sem dividendos, há ganhos. Apostar bem na cultura significa mais turismo, mais propostas, mais

circulação de dinheiro, de bens, de pessoas. Mais turistas nos nossos teatros, nos nossos concertos; mais artistas motivados. É muito importante!

**9 – Será o fado um instrumento de promoção de Portugal no Mundo?**

Claro, sem dúvida.

**10 – Seguindo um pouco o seu percurso pelo fado, é notório que já deslocou a imensos locais por este, para levá-la aos outros. Conte-me algumas das suas experiências nos países onde já passou, a vontade destas pessoas em aprender, em conhecer o Fado.**

Há pouco tempo fui à Tailândia cantar, através de um convite da embaixada portuguesa na Tailândia. Foi muito engraçado porque é difícil de perceber como funcionam as emoções e o modo de expressão dos sentimentos de um povo, de uma cultura tão diferente.

Os tailandeses queriam tirar muitas fotografias; fiquei imenso tempo a tirar fotografias com o público.

Não me conseguiam dizer nada do que tinham sentido, mas através daquela expressão e da vontade de tirar fotografias percebi que tinham gostado.

**11 – Quando sobe ao palco, a Carminho leva o quê de Portugal?**

A língua, o sentimento. Levo a moda portuguesa, sou vestida por Nuno Baltazar no palco. Levo os instrumentos feitos por portugueses que interessam a muita gente; não só a guitarra portuguesa, mas também a viola de fado.

Levo o que sou.

**12 – Deixe uma ideia, um pensamento sobre a cultura portuguesa no mundo, sobre Portugal no Mundo.**

É muito maior do que eu imaginava. Já viajei bastante, por muitos países que foram colónias ou que tiveram áreas colonizadas: Malaca, Brasil, Cabo Verde, entre outras. Para mim foi uma surpresa perceber a importância que a cultura portuguesa tem no Mundo. Porque o interesse não é só nos países que não conhecem Portugal, onde tudo é novo e o fascínio pelo nosso país aumenta.

Portugal tem muito para dar, muito para mostrar. Nós somos um país muito antigo, com uma cultura rica, com formas de expressão muito variadas. Os portugueses expressam-se muito artisticamente.

Não só onde somos novidades, mas também nos países onde mais perto, ou mais longe cronologicamente, existe uma ligação a Portugal e onde se expande um orgulho fulminante nessa situação.

Podem não saber onde está Portugal no mapa, mas sabem dizer qualquer coisa em português. Na Índia, em Malaca, em Macau...enfim é vastíssimo o território onde estivemos e onde continua a existir um pouco de Portugal e da cultura portuguesa.

Por isso, é uma grande responsabilidade levar Portugal continuamente ao Mundo.

### **13 – Portugal valoriza o fado?**

Não tanto como ainda podemos valorizar.

### **14 – E a Carminho sente-se embaixadora de Portugal no Mundo?**

Sinto-me responsável quando decido cantar em português e quando levo a minha cultura aos outros. Se a isso se pode chamar embaixadora penso que é um cargo que assumo com responsabilidade e com orgulho.

**Nome: Kátia Guerreiro**

**Idade: 36 anos**

**Profissão: Fadista**

**Local e data: Hotel do Chiado, Lisboa a 22/09/2009**

### **1 – Porquê o fado?**

Acabou por ser inevitável. O fado foi entrando na minha vida de forma paulatina, mas enraizando-se cada vez mais na minha maneira de ser, de ver outros. Percebi, sobretudo, que o fado era a melhor maneira de expressar alguma inquietação emocional que vivia. Com o fado percebi que os meus sentimentos são iguais aos dos outros. Expressando-me de forma artística, musical, como forma de exaltação de uma cultura, acabo por conseguir encontrar ligações emocionais semelhantes.

Rendi-me completamente ao fado quando percebi que através dele me podia conhecer melhor e dar-me a conhecer mais aos outros de um modo compreensível, acessível a todos.

Percebi, sobretudo em cima do palco, que o fado é a verdadeira forma de expressar quem eu sou e como estou na vida.

### **2 – Como reage o público português ao fado?**

O público português tem uma particularidade muito grande em relação ao fado: se por um lado ama, por outro lado pode chegar a odiar. Isto advém do facto de ter existido uma lacuna muito grande na divulgação e evolução do fado relativamente à qualidade e quantidade de bons artistas a exporem-se. Durante muito tempo tivemos só a Amália. Era a única pessoas capaz de transpor além fronteiras e de tornar esta música maior do que ela era: uma música de bairro, de um povo que pouco se dava a conhecer.

A Amália conseguiu transpor para fora, mas dentro de portas, em Portugal, não era uma pessoa de fácil acesso ao povo e poucos eram os agentes culturais que a ela recorriam porque temiam a não compreensão do público.

Hoje há esta explosão de artistas, uma nova geração que está a ajudar a cultivar o fado no público português. O público português está a amar novamente Amália, está a amar os novos artistas que tentam inovar ou, simplesmente, manter o fado. Até mesmo as novas fórmulas que estão a ser encontradas para se interpretar fado começam a ser mais e melhor recebidas. O público hoje, passado quase um decénio da morte de Amália, está receptivo ao fado. E neste mesmo fado há novos instrumentos, mas mantém-se o tradicional, as raízes que nos distinguem e que caracterizam o fado. O fado nunca poderá deixar de ser aquilo que sempre foi.

Hoje, em Portugal, há novos movimentos, correntes onde certas casas de fado em Lisboa lançam o repto, publicitam a ida de determinados fadistas ao local e há uma onda de gente que vai ao local porque quer ouvir aquele fadista em particular.

Estamos agora a voltar às origens, não é só a ida a grandes concertos como o regresso do público português aos ambientes mais intimistas como as casas de fado.

Tudo isto faz-me concluir que o público português está, hoje, reeducado para o fado. Deixou de estar de costas viradas ao fado e procura o que é genuíno e verdadeiro.

### **3 – E o público estrangeiro?**

É o fenómeno mais curioso. O público estrangeiro transporta-nos para a questão que, para mim, é mais relevante em tudo isto: qual é este mistério do fado? O que lhes transmite o fado para que respondam em massa aos concertos? Porque é que vou dar um espectáculo a Nice e tenho 3mil pessoas à minha frente? Porque é que tenho pessoas que me esperam, no final do concerto, e me confessam que é já a 3ª ou 4ª vez que me ouvem cantar e que por causa da mim, do fado, começaram a aprender a língua portuguesa?

De repente o fado transforma-se no veículo de transporte mais importante da cultura e da língua portuguesa. Gente que vem a Portugal porque foi a um, dois, dez, trinta concertos de fado, no estrangeiro, e quer vir aqui, junto de nós, perceber onde nasce esta música, de onde sai esta melodia; quer conhecer o povo que criou o fado, quer perceber a envolvência, a luz desta música única.

Há qualquer coisa, uma magia que faz com estes estrangeiros, cidadãos não portugueses sintam o mesmo que nós.

Se por um lado, temos um público francês que procura os nossos textos, e que os estuda antes, de modo a ir para o espectáculo a perceber um pouco daquilo que vai ser dito, cantado, sentido; há outros públicos que não o fazem e vão a um concerto a título de curiosidade e chegam ao fim com vontade de perceber o que ouviram, de compreender as palavras que os fizeram chorar. O fado faz chorar gente que não percebe nada de português e essa é a

questão que mais intriga, talvez a característica mais paradigmática do fado. Afinal o que é isto? Porque estas reacções? Sei o que é o fado, sei o que me transmite a mim quando o canto. Mas porque é que esta gente sente o mesmo?

Porque é que o fado provoca isto?

Penso que este movimento mundial de interesse em torno do fado, e como tenho assistido a isto tenho a certeza e a legitimidade de o catalogar como tal porque o é, revela que cada vez mais a nossa língua se pode impor não como uma língua principal ou possível língua de comunicação entre povos, mas muito seguramente como uma língua de grande interesse, de cultura porque é muito rica.

O Instituto Camões, com os seus leitores, têm um papel fundamental nisto e se pensavamos em acabar com os mesmos se calhar será necessário o inverso, terão de aumentar o número de leitores disponíveis. Fui à pouco tempo à Argélia, estive directamente com o leitor português no território e foi de facto impressionante a quantidade de pessoas que adere e que aderiu, depois de ouvir o fado, à língua portuguesa. Isto tem acontecido um pouco todo o mundo.

#### **4 – E os jovens, qual o sentimento destes face ao fado?**

As crianças têm sido uma surpresa. Há imensas crianças a ouvir e a cantar fado e não só o popular mas como também o mais recente. Hoje há crianças que, juntamente com os seus pais, que me abordam. Os pais passam a cultura aos filhos e estes, desde muito pequenos, começam a interessar-se pelo fado.

Quanto aos jovens são os tais que vão, sobretudo, à procura dos momentos intimistas nas casas de fado.

Nos meus espectáculos, tenho um público que vai dos 3 aos 80 anos e com uma quantidade muito grande de pessoas entre os 18 e os 30 anos que à partida seriam aqueles que recusariam a ideia do fado por maior ligação a outros estilos musicais (pop, disco, hip-hop).

Contudo hoje, os jovens gostam do fado em simultâneo com um som disco ou rock.

#### **5 – Mas será que o fado está na moda?**

Acho que é muito mais do que moda. Voltamos à lacuna que houve de artistas no mundo fado. Havia poucas referências no fado e isto fez com que houvesse menos gente a gostar. Se calhar nem toda a gente se identificava ou não gostava da Amália.

Hoje temos gente jovem a cantar, com uma imagem apelativa, com discos muito bem produzidos, um som mais actual, muito mais moderno que acaba por chamar muito mais a atenção. O fado encontra-se, assim, ao mesmo nível de produção, de apresentação que qualquer outro estilo de música.

#### **6 – Na sua opinião, qual a relação entre o fado e a cultura portuguesa?**

Uma relação plena e, cada vez, faz mais sentido falar do fado como um dos maiores veículos de transmissão daquilo que é a nossa cultura.

Eu canto os grandes poetas, desde Luís de Camões a Sophia de Mello Breyner passando por José Carlos Ary dos Santos ou David Mourão Ferreira entre tantos outros, e no fundo acho que quando falamos de um fado contemporâneo estamos a falar de um fado que faz parte de uma cultura global e que transporta as pessoas para a nossa pintura, para os nossos museus, para a nossa história.

Quando alguém no estrangeiro se interessa por fado acaba por se integrar na história de Portugal. Quando se fala de fado fala-se do nosso país. O fado difunde a nossa história. E cada vez mais há pessoas, em todo o mundo, a olhar para o fado com este interesse, uma porta de entrada para Portugal, para o nosso país.

### **7 – Quando sobe ao palco, o que leva a Katia de Portugal? (...A sua indumentária? A joalheria?)**

Levo a alma dos portugueses. Quando estou a cantar, canto poetas e a forma como estes transmitem tão bem palavras que nenhum de nós consegue ou sabe transmitir de algum modo. A poesia é um bem cultural maior. Os poetas são a alma, o reflexo daquilo que é um povo.

Levo sempre o fado tradicional e alguns inéditos. Uma música espontânea, urbana que é natural.

Quanto a questões materiais, tenho todas as referências: as filigranas, as arrecadas minhotas, o coração minhoto; tenho uma saia que é inspirada numa peça original minhota e que foi feita em Ponte de Lima; tenho uma blusa que foi feita pelo meu estilista que vai buscar os motivos dos trajes regionais dos Açores.

Sinto, completamente, que também exporto estes produtos, aliás quando faço os meus concertos no estrangeiro explico sempre que as minhas arrecadas são resultado da ourivesaria tradicional do norte de Portugal e introduzo todos os elementos tipicamente portugueses. Tento integrar ao máximo as particularidades, as especificidades visuais, tradicionais do nosso país.

### **8 – Qual o estilista que veste a Katia Guerreiro?**

Em palco sou vestida por Carlos Gil, um estilista que vive no interior de Portugal e que se inspira na tradição e no modo como me apresento no palco a cantar o fado.

### **9 – Qual é o seu principal objectivo ao cantar Fado?**

O meu objectivo é chegar ao final do espectáculo e ter um sentimento de missão cumprida. Sentir que consegui transmitir aquilo que o fado me transmite a mim.

### **10 – Não lhe parece que pratica mecenato cultural ao mesmo tempo que desenvolve a sua profissão?**

Faço imenso mecenato cultural. Apresento cada tema que canto, explico o que estou a cantar, quem estou a cantar. Conto a história das arrecadas, das saias minhotas. Faço toda uma divulgação cultural do meu país e considero mecenato cultural uma vez que ninguém me financia para fazer tal acção.

**11 – Apoios ou feedback do Estado português em relação à promoção/divulgação do Fado existem?**

Não, não há. Há apenas um apoio do Instituto de Camões às embaixadas portuguesas no estrangeiro para a promoção de concertos de fado em determinados momentos especiais, cruciais, por exemplo um 10 de Junho comemorado no estrangeiro. O Instituto Camões faz uma selecção de determinadas embaixadas que apoia, esporadicamente com eventos culturais.

Mas de resto não há grandes apoios. O Ministério da Cultura não faz rigorosamente nada e há muito pouco interesse do Estado em fazê-lo.

Há, às vezes, convites do Presidente da República quando se desloca ao estrangeiro e na sua comitiva leva fado, leva um fadista. Mas também o que poderia levar mais? Fado é fado. Faz parte da nossa identidade cultural, da nossa música. Não faz sentido levar outra melodia. O fado é a nossa bandeira, o nosso cartão de visita.

**12 – Tem a noção se o Estado sabe quando se desloca ao estrangeiro?**

Não o Estado não sabe, nem procura saber. Quando os concertos são promovidos por mim, pelos meus agentes/promotores sem ter qualquer relação estatal o Estado não sabe. Talvez se informarmos os embaixadores provavelmente estes deslocam-se até ao concerto, contudo não o inverso, não se mobilizam por iniciativa própria quando sabem da nossa presença.

**13 – Será o fado um instrumento de promoção de Portugal no Mundo?**

É, sem dúvida. Depois de tudo o que falámos, é seguramente o grande instrumento de promoção de Portugal. Podem publicar as fotografias das praias, dos castelos, das nossas paisagens, mas há que aliar sempre ao fado para conquistar algo.

As próprias editoras nacionais ou internacionais, querem que o álbum tenha a palavra Fado na capa. Assim, percebe-se que a palavra fado, em qualquer parte do mundo, tem um peso extraordinário e se quando fizerem promoções de Portugal não integrarem um motivo de fado não conseguiram os mesmos resultados.

**14 – Sabendo da sua entrega ao fado e das inúmeras viagens que faz por este, conte-me algumas das suas experiências, os locais onde já passou, a vontade destas pessoas em aprender, em conhecer o Fado.**

Para lá da questão do interesse das pessoas em aprender português, há outros factos curiosos. Por exemplo o povo japonês que chora com o fado e que por norma, por hábitos culturais, expressam pouco as suas emoções, os seus sentimentos. Ao assistirem a um concerto de fado, na escuridão deixam cair lágrimas e no final correm à boca de cena para aplaudirem mais de perto os artistas que os emocionaram. É algo que não lhe é comum mas expressam-no com euforia.

Outro facto curioso é, por exemplo, a minha ida agora à Arábia Saudita, a primeira vez que vou ao Médio Oriente e estou empolgada. São povos muito diferentes culturalmente mas tenho a certeza que vão ser grandes momentos de partilha.

Algo relevante são também os presentes que as pessoas oferecerem como modo de agradecimento, normalmente oferendas etnográficas porque como acabaram de receber algo tão tipicamente português, tão nosso querem, também eles, oferecer um pouco da sua cultura, deles.

Algo relevante é também a participação de fadistas em festivais internacionais de música. Fui a primeira artista a participar num festival de música barroca a título excepcional. De repente o fado começa a infiltrar-se em meios musicais que não são muito comuns. Estive também noutros festivais de música sagrada em Marrocos. E, de repente, artistas estrangeiros querem fazer parcerias com o fado. Isto demonstra que o fado deixou de ser uma música menor como era considerado a uns tempos atrás.

O fado mudou e é hoje um valor cultural no mundo muito interessante! Passou a ser não uma Música do Mundo como muitos o catalogam, mas antes uma Música no Mundo.

### **15 – O que pensa que leva estrangeiros, cidadãos que não falam português e talvez nunca tenham vindo ao nosso país, a querer ouvir, aprender o fado?**

Não sei. O fenómeno Amália tem um peso muito grande porque fez um sucesso estrondoso, por exemplo no Japão. Não nos esqueçamos igualmente que alguns destes países têm ligações históricas connosco.

Recorrendo novamente ao caso do Japão, os cidadãos japoneses mantêm muito da herança portuguesa: têm uma fábrica de pão-de-ló (Castela) e sabem perfeitamente a origem do produto; têm diversos vocábulos de origem portuguesas como “pan” (que deriva de pão), entre outros. Prezam muito a sua história e as heranças culturais.

Relativamente a outros países, a outros povos é um mistério. É lógico que há divulgação, mas o chorar o fado, o querer vir ouvir o fado é um mistério.

### **16 – Podemos considerar o fado um produto cultural?**

Podemos e devemos. O fado é produto da nossa cultura, vende a nossa cultura. O problema reside no facto de não existir uma estratégia delineada, não existir uma visão que projecte o fado para lá daquilo que é.

Contudo há que distinguir o bom do mau produto, o fado que interessa exportar como nosso e aquele que não tem a devida qualidade para representar a cultura portuguesa.

Talvez a criação de um selo de qualidade para marcar o produto não seria má ideia.

### **17 – O fado ocupa o lugar merecido na cultura?**

No panorama cultural tem algum destaque, contudo se a cultura por si só não é devidamente valorizada o fado nunca terá o merecido valor.

Ainda não percebemos a importância da cultura, dos valores que nos transmite e da salvação que pode constituir, por exemplo, neste momento de crise para o nosso país.

### **18 – Deixe uma ideia, um pensamento sobre a cultura portuguesa no mundo, sobre Portugal no Mundo.**

Infelizmente as pessoas mais relevantes da cultura têm de sair do país para depois serem devidamente valorizadas, porque aqui não se criam oportunidades, não se promovem apoios, não se estimulam iniciativas. Portugal não promove o fado no estrangeiro.

Contudo, grandes nomes da música, da arquitectura, da pintura, do cinema e de outras artes têm sobrevivido, têm marcado o seu nome e ganho grande importância no panorama cultural internacional reposicionando Portugal no Mundo.

Há que acreditar mais nas nossas capacidades, nas nossas criações, nos nossos artistas. Há que acreditar mais e mais em nós.

### **19 – O fado ocupa o lugar merecido na cultura?**

No panorama cultural tem algum destaque, contudo se a cultura por si só não é devidamente valorizada o fado nunca terá o merecido valor.

Ainda não percebemos a importância da cultura, dos valores que nos transmite e da salvação que pode constituir, neste momento de crise, para o nosso país.

### **20 – O fado sobreviverá?**

Sem dúvida. O fado vive.

**Nome: Camané**

**Idade: 45 anos**

**Profissão: Fadista**

**Local e data: Queijas, Oeiras, a 28/09/2009**

### **1 – Porquê o fado?**

O meu bisavô e o meu avô cantavam o fado portanto é algo que já vem de trás; a minha família esteve sempre muito ligada ao fado. Quando eu tinha 7 anos tive doente em casa durante um mês. Na altura tinha apenas três discos singles dos Beatles, Frank Sinatra e Aznavour e fartei-me de os ouvir acabando por passar para o fado: Marceineiro, Amália e outros grandes fadistas.

Ouvi tanto fado que acabei por assimilar aquela característica de canto que tem a ver com o fado, para lá de ter decorado toda a lógica musical dos fados tradicionais. Foi um contacto muito forte com uma música que me deu, desde criança, uma capacidade muito forte para ser fadista.

Com o tempo as coisas foram-se conjugando, foram acontecendo e mesmo quando cantava outros estilos musicais a minha performance ligava-se sempre ao fado.

Tive fases em que me chateei com o fado, porque, quando comecei, o fado era muito mal visto, as pessoas não ouviam fado e consideravam-no uma música pirosa. Eu tinha vergonha de dizer aos meus amigos que cantava fado.

Cantei com 11 anos na Grande Noite do Fado e ganhei e, não sabia que era um concurso. Aconteceu...

Depois veio a transição de voz, nessa época cantava nas colectividades os fados tradicionais e construía também os meus próprios fados, não queria cantar os fados dos adultos. Mais tarde veio a revelar-se uma mais valia que se reflectiu de uma forma muito positiva no meu trabalho. Aos 17 anos tomei a decisão de começar a cantar e fui para as casas de fados. A partir daí comecei a desenhar o meu percurso. Fui evoluindo, aprendendo e continuo a aprender.

## **2 – Como reage o público português ao fado?**

Começou por reagir muito mal. Eu tive um reencontro com a minha geração através do fado, mas durante muito tempo isso não aconteceu. Durante vários anos cantei em casas de fado à noite, hoje já não canto aí, entre pessoas muito mais velhas com as quais aprendi muito, das quais ouvi muitas histórias e consegui perceber o que queria para mim. Hoje o público português está mais receptivo ao fado.

## **3 – E o público estrangeiro?**

É muito boa. Lembro-me perfeitamente em 1996/97 fiz as minhas primeiras tournées na Holanda, Bélgica, França e nessa altura comecei até por cantar mais no estrangeiro do que em Portugal. Depois houve um *boom* muito grande, especialmente a partir do meu 2º álbum, o qual muita gente jovem começou a ouvir e muita gente ligada aos jornais e imprensa teve interesse. Foi muito importante porque para mim tudo aquilo só fazia sentido se conseguisse conquistar público jovem, se conseguisse criar uma certa atenção dos *media* com o meu trabalho.

Tudo isto versava sobre uma linguagem, sobretudo a nível poético. O que nós sentimos hoje é igual ao que sentíamos há 50 anos atrás, mas os factos da vida são outros e isso é importante que se reflecta nas letras de hoje e que as pessoas mais novas se identifiquem.

#### **4 – E os jovens, qual o sentimento destes face ao fado?**

É muito diferente de há 10/ 15 anos atrás. Com o aparecimento de mais cantoras e cantores, vozes femininas sobretudo a partir de 2000. Eu venho mais de trás, comecei a cantar há 25 anos e aí existia um preconceito enorme perante o fado.

Hoje há uma relação muito mais forte entre os jovens e o fado. Antigamente os jovens que ouviam pertenciam a uma minoria, uma espécie de elite uma vez que o hábito de ouvir fado era de família.

Presentemente muitos jovens começaram-se a interessar pelo fado. Algumas casas de fado vadio estão sempre invadidas de jovens diferentes, com estilos, personalidades, hábitos completamente distintos. Muito mudou, mas ainda existe um certo entrave ao fado.

#### **5 – Acha que o fado está na moda?**

Acho que sim, que está na moda o que se pode revelar bom ou mau. O fado é uma música que sempre viveu de altos e baixos, tem sobrevivido a muitas intempéries. As coisas boas ficam e aquelas que não são tão boas, que não são autênticas acabam por desaparecer.

Mas o mais importante é que de um modo natural o fado autêntico perdura.

#### **6 – Na sua opinião, como se relacionam o fado e a cultura portuguesa?**

Há relação muito próxima. Antes existia a ideia pré-concebida do fado como uma música para chorar, triste; a ideia de que todos os portugueses, ou quase todos, sabiam cantar o fado porque é uma música popular. Enfim há fados tradicionais que passam de geração em geração, mas o fado em si não é uma música fácil.

Contudo, se formos para o estrangeiro e falarmos em fado, automaticamente ligam o fado a Portugal. É algo que está acontecer agora, como noutros tempos aconteceu com o Flamenco, por exemplo. As novas gerações fora de Portugal querem conhecer o fado e quase toda a gente sabe o que é o fado, sabe o nome, conhece o ambiente musical...muitos públicos nunca ouviram fado, mas já ouviram falar sobre o fado. Nomes como Mariza, Mafalda Arnauth, Cristina Branco, entre outros, levam o fado até bem longe.

#### **7 – O que leva de Portugal cada vez que sobe a um palco?**

Levo a música. Não tenho pretensões de mostrar o nome de Portugal que nem desportista que vai marcar uns golos pela sua selecção. Não gosto disso na arte.

Mas cantar no estrangeiro é também divulgar a poesia portuguesa, os poetas portugueses, os músicos portugueses.

### **8 – Qual é o seu principal objectivo ao cantar Fado?**

É uma necessidade, faz parte de mim. É algo que sempre fiz. Acho que tenho algo para dar às pessoas: fazê-las sentir-se bem. Quando ouço um poema que consegue definir uma série de sentimentos que não consigo explicá-los mas, de repente, está ali tudo. O fado é uma música triste, mas é uma tristeza que nos faz bem, que nos faz exorcizar essa mesma tristeza. E mesmo quando é alegre faz-nos chorar.

Portanto tenho essa necessidade de comunicar através do fado. Transformar com coisas simples a vida das pessoas.

Foi tudo o que fiz na minha vida e não me imagino a fazer nada mais que isto. Vou cantar fado a vida inteira.

### **9 – Não lhe parece que pratica mecenato cultural ao mesmo tempo que desenvolve a sua profissão?**

Tenho a noção que cantando Fado por esse mundo fora desperto a vontade desses estrangeiros em aprender português. Tenho diversos e-mails de italianos, polacos a escreverem-me em português.

Há uma contribuição muito forte do fado para que o português se propague no mundo.

### **10 – Apoios ou feedback do Estado português em relação à promoção/divulgação do Fado existem?**

Acho que deveria existir um determinado apoio, outros países apoiam a sua cultura, a promoção dos seus produtos culturais. Nunca se apoiou muito o fado. É uma espécie de parente pobre da cultura face talvez à pintura, a arquitectura ou outro tipo de música tradicional portuguesa.

Mas o feedback que vem de fora, daquilo que se faz lá fora é muito forte e como tal seria importante existir outra contribuição, outra valorização que não esta que dão ao fado.

Contudo, também não posso afirmar que não há apoios do Estado, têm crescido. Fiz alguns concertos a convite do presidente Jorge Sampaio, integrado na comitiva de estado na ida à Bélgica.

Tenho participado em algumas iniciativas, não muitas, mas de vez em quando.

De notar que sempre que têm de levar artistas fora, levam fadistas, artistas do fado. Isso deixa-me contente!

### **11 – Será o fado um instrumento de promoção de Portugal no Mundo?**

É, sem dúvida. O fado é uma música para ouvir, para reflectir. O fado tem peso. E fora de Portugal há cada vez mais pessoas a gostar, a amar o fado. Há pessoas a querer aprender o português para perceber a poesia, as letras que cantamos.

É uma oportunidade enorme. Portugal é um país pequeno mas que tem sido muito conhecido através da sua cultura, da sua música e de outros elementos culturais.

Mas aquilo que é persistente e está sempre lá é o fado.

**12 – Sabendo da sua entrega ao fado e das inúmeras viagens que faz por este, conte-me algumas das suas experiências, os locais onde já passou, a vontade destas pessoas em aprender, em conhecer o Fado.**

Fiz agora uma tournée na América do Sul que adorei. A última viagem é sempre a mais fresca na memória.

Na Holanda há imensa gente que me escreve, em Português, muitos músicos enviam-me músicas na esperança que eu consiga arranjar uma letra.

O mais interessante é ver como em ambientes tão diferentes, as pessoas ouvem fados. De país para país. O tipo de silêncio, o tipo de respiração. Ninguém sabe, ou quase ninguém percebe a língua que se está cantar, não se percebe nada, Mas passa a emoção e as pessoas estão ali completamente embaladas. É impressionante. Muito gratificante.

Estar no palco não é só prazer, é dor, é medo, é amor. É algo muito sério.

**13 – O que pensa que leva estrangeiros, cidadãos que não falam português e talvez nunca tenham vindo ao nosso país, a querer ouvir, aprender o fado?**

Porque é bom. Porque tem qualidade. A música ensina. É o prazer de se gostar, é universal. E depende do estado do espírito, da disponibilidade que têm.

**14 – O fado ocupa o lugar merecido na cultura?**

Acho que ainda não.

Se recordarmos a história do fado e dos grandes intérpretes do fado nunca existiu na música portuguesa algo tão único, tão bom. Há um forte sentido da palavra no fado. Cantasse como se estivesse a falar ao ouvido das pessoas.

O fado é uma música cheia de personalidade melódica, os fados tradicionais são das criações artísticas mais simples, mas que pela sua autêntica personalidade têm persistido, têm perdurado nos tempos.

Hoje fazem-se alguns estudos sobre o fado, mas é muito pouco ainda. Pouca gente estuda o fado ou têm interesse nas raízes, na história do fado. Estudam-se outros géneros outros tipos de música, mas não o fado na sua dimensão devida.

Ainda não temos essa história bem contada, mas ainda não houve aquela necessidade e interesse total das pessoas da cultura, do público em perceber, em saber mais sobre o fado.

Não chega ao grande público, existem uns tais intermediários que depois não estão lá.

Lembro-me de uma entrevista que dei em que estávamos várias pessoas a falar sobre as 7 maravilhas de Portugal e naquela mesa houve um determinado preconceito em falar do fado

como maravilha de Portugal e ninguém concordou comigo ao apresentar o fado com uma das 7 maravilhas de Portugal. O fado é um todo, é uma história, é vida.

O fado é o que mais perdura na música portuguesa e um dos produtos que mais perdura na cultura portuguesa.

#### **15 – O fado sobreviverá?**

Completamente. Desde que tenho 7/10 anos e comecei a frequentar sítios de fado com os meus pais que se fala disso, que o fado vai acabar. Mas penso que é uma ideia sem fundamento, sem explicação.

Os fados nunca são datados, aqueles que são autênticos, bons perduram, ficam connosco. Até mesmo fados clássicos que foram interpretados por pessoas tradicionalmente distantes do fado.

A sua personalidade melódica faz com que o fado fique para sempre.

#### **16 – Deixe uma ideia, um pensamento sobre a cultura portuguesa no mundo, sobre Portugal no Mundo.**

Não posso dizer que o fado é a única música, existe muito mais para lá do fado. Mas o fado é aquela música que perdura e que tem sido talvez a menos bem tratada.

Espero que não haja hoje só um aproveitamento mas um apoio real, que se faça qualquer coisa. Hoje com o fado na moda, faz todo o sentido divulgá-lo, mas espero que se ajude o fado não só hoje como para sempre. E não foi sempre assim que as coisas aconteceram.

Lembro-me perfeitamente quando foi o 25Abril que havia a ideia de fado fortemente conectado ao antigo regime. Não é verdade! Houve antes um aproveitamento do antigo regime em relação ao fado que envolvia um meio muito pobre e que, nas casas de fado, dava música a pessoas com muito dinheiro, pessoas politizadas pelo regime.

Fado é uma música nossa, tradicional de Lisboa e desde sempre um parente pobre dentro da cultura, dentro da música portuguesa de um modo completamente injusto e ainda continua em determinados aspectos a ser desvalorizado.

O fado faz parte de nós, podemos ouvir hoje ou daqui a um tempo, é intemporal, não é algo mediático na maioria dos casos.

Hoje o fado é a música que mais vende em Portugal. O fado está na moda, mas não é por estar na moda que não há coisas que perduram, que têm qualidade. É mais que estar na moda é um ciclo bom para o fado.

**Nome: Pedro Moutinho**

**Idade: 36 anos**

**Profissão: Fadista**

**Local e data: Bairro Alto, Lisboa a 29/09/2009**

**1 – Porquê o fado?**

Não há um porquê. Nasci e cresci no meio do fado. Os meus pais já eram amantes do fado e já na barriga da minha mãe ia para os fados. Acabei por crescer neste meio, entre fado, fadistas, colectividades, casas de fado...Lembro-me que adormecia a ouvir fado. Não foi nada imposto, fui de arrasto!Foi algo natural.

Mais tarde, quando tinha 7 anos comecei a cantar fados por brincadeira mas nada muito sério. Naquela altura pensava em ser médico, pensava em ser tudo menos fadista. Quando sai da tropa e tive de ir estudar à noite percebi que não era para mim e que o queria era cantar, ser fadista. Era aquilo que queria fazer para o resto da minha vida e comecei o meu percurso nas casas de fado.

Foi algo muito natural, quase que inato.

**2 – Como reage o público português ao fado?**

Reage bem, existe muita gente a gostar de fado. As rádios passam pouco e nos programas de televisão também há pouco espaço para o fado, talvez pelas audiências. Mas há muita gente a ganhar disponibilidade, vontade de ouvir o fado.

Há cada vez mais gente jovem a gostar de fado. Pessoas que tinham uma ideia errada do fado. É uma música mágica, que se aprende a gostar.

**3 – E o público estrangeiro?**

Também gosta muito. Tenho tido várias actuações em festivais lá fora. Aquele público não atende a letra, a língua, mas entende aquilo que passa, a emoção, o sentimento, a magia, o swing.

Percebem que é uma música que vem da alma. Muitos apaixonaram-se pelo fado e começaram a aprender o português. Outros, como também já conheci, começaram inclusive a cantar fado.

**4 – E os jovens, qual o sentimento destes face ao fado?**

Os jovens gostam. Já aqui estiveste, na tasca do Chico e constata-se que está sempre cheio de jovens. Eu canto na Mesa de Frades e se fores lá a uma 6f a maioria é tudo malta jovem. Mesmo eu, quando actuo, tento puxar pelos mais jovens.

O fado está a chegar a outro tipo de público, não só aqueles que compram os cd's, que vão aos espectáculos, mas também a outras pessoas das quais os jovens.

**5 – Mas achas que o fado está na moda?**

Sim, sem dúvida. O fado é das músicas que mais vende neste país actualmente quer a nível discográfico, quer a nível de espectáculos. Os grandes sucessos actuais pertencem ao fado e aos fadistas portugueses.

**6 – Na sua opinião, como se relacionam o fado e a cultura portuguesa?**

O fado representa a cultura portuguesa. É um pouco do passado, do presente e do futuro, daquilo que se desconhece e que ainda está para vir.

A poesia que se canta no fado é o reflexo da nossa cultura e adapta-se consoante a evolução dos tempos. Os poemas vivem com as pessoas, com as suas experiências.

Não acredito em inovação no fado, acredito em fazer diferente, escrever diferente para chegar às pessoas. Isso acontece hoje e na nossa cultura.

**7 – O que leva o Pedro Moutinho de Portugal cada vez que sobe a um palco?**

Levo toda a minha vivência, o caminho percorrido. Subo para dar algo. Levo o meu fado. Levo a língua portuguesa, a expressão, o estilo.

**8 – Há muita curiosidade pelos instrumentos do fado? (guitarra portuguesa e viola de fado)**

Há. As pessoas acham logo que a guitarra portuguesa é um bandolim, por puro desconhecimento. Não há som como o da guitarra portuguesa.

Mas há sempre muita curiosidade, fazem imensas perguntas: Quantas cordas? Qual a afinação?

Não sei se sabe, mas a guitarra foi construída, inventada por um inglês. Veio para Portugal e a afinação foi conseguida no nosso país e como tal identificamos como a nossa guitarra, a guitarra portuguesa.

Têm um som, uma melodia única.

**9 – Qual é o seu principal objectivo ao cantar Fado?**

Canto para mim. O fado tem a ver com vida, com a maturidade. Tem de soar a verdade. Estando a cantar para mim quero chegar aos outros. Se conseguir, então alcancei o meu objectivo.

**10 – Apoios ou feedback do Estado português em relação à promoção/divulgação do Fado existem?**

Apoios não. Feedbacks alguns.

Os apoios que existem são intenções esporádicas, em determinados concertos que se vão realizando. Por exemplo dou um concerto em Lisboa e tenho apoio da Antena1, do Turismo de Portugal. Mas são iniciativas pouco constantes.

**11 – Será o fado um instrumento de promoção de Portugal no Mundo? Como?**

Sim, sem dúvida. Através de nós fadistas, há que transportar a nossa cultura para fora. Isso tem acontecido desde o tempo de Amália Rodrigues. Se recordarmos haviam dois “instrumentos” de promoção de Portugal no Mundo: Amália e o Eusébio.

O fado dá promoção ao nosso país. Em quase todos os países por onde tenho passado, quer por trabalho, quer por lazer, tenho constatado que as pessoas associam imediatamente o fado a Portugal. Esta situação é incrível, reveladora de uma realidade inevitável.

**12 – Sabendo da sua entrega ao fado e das inúmeras viagens que faz por este, conte-me algumas das suas experiências, os locais onde já passou, a vontade destas pessoas em aprender, em conhecer o Fado.**

Existem imensas histórias. Fui o primeiro fadista a cantar na República Dominicana, foi muito engraçado. Houve um festival de cinema e fui convidado devido à minha no filme Fados de Carlos Saura. O filme foi projectado e no final as cortinas abriram-se e eu cantei para o público. A admiração das pessoas foi geral e a reacção foi surpreendente.

**13 – E esta participação no filme Fados de Carlos Saura?**

Foi muito boa. Não só para uma divulgação pessoal como para uma divulgação do fado, pelo mundo. O produto final é extraordinário.

Deu-me trabalho, muitas actuações em Espanha num projecto que sucedeu o filme: a Casa de Fados de Carlos Saura.

Em Portugal, o filme teve alguma aderência, não passou despercebido apesar de ser musical e não atrair uma população tão alargada como outros géneros, mas resultou enquanto projecto ambicioso.

**14 – O que mais o agrada no Fado?**

A versatilidade. Eu posso cantar os poemas que são meus, que são escritos para mim, como há outros que cantam os seus, que cantam a sua poesia, os fados tradicionais. Posso mostrar aos outros aquilo que eu canto, aquilo que eu sinto. Cantar aquilo que é meu.

**15 – O que pensa que leva estrangeiros, cidadãos que não falam português, que gostam de fado e talvez nunca tenham vindo ao nosso país, a querer ouvir, aprender o fado?**

Quando ouvem lá fora ouvem concertos, discos, vêem nas televisões e apaixonam-se, interessam-se por fado. Muitos acabam por querer vir cá, vir a Lisboa ver o ambiente do fado. Penso que passa um pouco de boca em boca.

O ambiente é mágico e eles querem constatar. Querem descobrir mais e mais. Se a paixão já existia fora, aqui, numa casa de fados envolvem-se a um nível emocional muito elevado.

Depois uma boa experiência faz com que a mensagem se transmita, no seu regresso, a outras pessoas, a amigos. Cria-se um ciclo.

### **16 – O fado ocupa o lugar merecido na cultura?**

Pouco a pouco, começa a ter essa valorização. Vai conquistando o seu lugar e é uma questão de tempo para ter o lugar devidamente merecido.

É algo sofrido, mas que será alcançável. E o fado já sofreu muito, já teve muitos contratempos e ciclos menos positivos.

Talvez seja o reflexo da própria desvalorização da cultura no nosso país.

### **17 – O fado sobreviverá?**

Sem dúvida. Enquanto houver pessoas que gostam de fado, enquanto houver músicos que queiram cantar o fado nada ficará por aqui. A vontade faz com que nada pare.

### **18 – Deixe uma ideia, um pensamento sobre a cultura portuguesa no mundo, sobre Portugal no Mundo.**

A nossa cultura está difundida por todo o Mundo. Atrás da cultura segue o fado.

**Nome: Cristina Branco**

**Idade: 40 anos**

**Profissão: Fadista**

**Local e data: Parque Mayer, Lisboa a 02/10/2009**

### **1 – Porquê o fado?**

Há 13 anos atrás descobri que era a minha forma de expressão. Era o meu jeito de expulsar todos os demónios, alguns anjos também. Para quem é tímido há uma necessidade extra de se ultrapassar, de chegar aos outros. Permitir que outros cheguem mais perto.

Foi esta a forma que encontrei.

### **2 – Como reage o público português ao fado?**

Neste momento reage muito bem, quando comecei, há treze anos atrás era totalmente diferente. A proximidade com a revolução de Abril, com aquele tempo tão conturbado não permitia que gostassem por ai além ou que aderissem como hoje.

Hoje a adesão é fantástica, de todas as camadas, de todas as faixas etárias.

### **3 – E o público estrangeiro?**

Sempre reagiu muito bem. Talvez inicialmente via o fado como uma coisa bastante exótica, mas hoje trata-o com conhecimento de causa. Falam como qualquer português sobre o fado. O que acham que é o fado, o que deveria ser. Conseguem identificar os seus artistas preferidos e identificam um porquê. As pessoas sabem, são esclarecidas sobre o fado.

#### **4 – E os jovens, qual o sentimento destes face ao fado?**

Os jovens estão à procura, estão sobretudo à procura das suas raízes e descobriram que o fado não é, como alguns anos atrás achavam que era, algo desinteressante, caduco e hermético. Neste momento estão à procura das suas raízes e conseguem pontos de identidade com o fado. Descobrem coisas interessantes neste género musical. Isso é muito estimulante para quem canta e para quem toca fado.

#### **5 – Não o era a 13 anos atrás?**

Não, acredite que não. Lembro-me que as plateias eram reduzidas e compostas por pessoas de uma certa idade e que iam à procura do fado tradicional, não daquilo que por exemplo eu faço, algo diferente, mais evolutiva.

As pessoas iam à procura do fado da Amália, do Marceneiro, da Teresa de Noronha e não tanto de algo que pudesse soar um pouco diferente, algo mais contemporâneo.

#### **6 – Na sua opinião, como se relacionam o fado e a cultura portuguesa?**

O fado é uma forma de expressão da cultura, da língua portuguesa. E é, definitivamente, aquela que mais exportamos. Tem esse cunho importantíssimo para a cultura portuguesa.

Neste momento muito do que se faz por Portugal e pela língua portuguesa lá fora passa pelo fado.

Como tal, o fado tem um peso enorme na nossa cultura.

#### **7 – O que leva de Portugal, cada vez que sobe a um palco?**

Sobretudo a língua, o peso que a nossa língua tem. A importância que tem, a beleza que transmite aos outros. É fascinante perceber a paixão que as pessoas têm pela nossa língua e que nós, diariamente, não damos o devido valor. É um pouco como o país: vivemos num país maravilhoso mas somos sempre os primeiros a desvalorizar, ou a não valorizar, a menosprezar. Esquecemo-nos daquilo que temos cá dentro.

Quando subo ao palco é, sem dúvida, a língua portuguesa que levo comigo de Portugal.

#### **8 – Não lhe parece que pratica mecenato cultural ao mesmo tempo que desenvolve a sua profissão?**

Penso que faço aquilo que me compete. Acho que compete a todos os nós. Nós que subimos ao palco, que damos a cara não só por nós, por aquilo que fazemos, mas também pelo nosso

país. Em última instância estamos a representar o nosso país, a nossa língua. Tem essa importância, esse peso e é preciso ter isso em conta sempre que lá estamos.

E somos definitivamente um bom produto de exportação. Não é que me compare a uma rolha de cortiça, mas devemos muito provavelmente estar a vender tão bem como as rolhas (risos).

### **9 – Então considera o fado um produto cultural? Algo que se vende?**

Sem dúvida e muito bem. Dentro do género é o que melhor se vende lá fora. As pessoas conhecem o fado e associam imediatamente a Portugal, a Amália, aos nomes que mais gostam dentro do fado. As pessoas sabem ao que vão e associam ao nosso país.

### **10 – Apoios ou feedback do Estado português em relação à promoção/divulgação do Fado existem?**

Tem havido cada vez mais apoios. Cada vez mais somos chamados para participar em iniciativas a nível institucional o que penso que constitui um bom barómetro para perceber como as coisas estão a funcionar.

### **11 – O que mais a agrada no Fado?**

O que me agrada mais no fado?!? É aquele lado místico, o lado misterioso que o fado tem. Coloco-me quase sempre do lado de quem está sentado e para o público estamos quase num altar, é quase uma veneração. Toda esta mística passa para os espectadores na plateia. Tem uma aura misteriosa, de dramatismo que muitas vezes não é assim tão sofrida, tão triste, pelo menos para mim, é algo alegre.

Mas em si todo o espectáculo é diferente: a luz pontual, mais discreta; a cor mais sóbria; o ritmo é mais parado, mais contido. Enfim, cria-se um ambiente mais misterioso, minimalista, mas muito bonito.

### **12 – Será então toda esta mística que leva pessoas, cidadãos que não percebem português a quererem ouvir fado?**

Também, mas não só. Há outras razões, outros factores. Por exemplo o som da guitarra, o não perceberem as palavras, mas pela música, pela intenção na força da palavra tentar captar aquilo que estamos a falar. Eu vou guiando o público durante o espectáculo, quero que percebam que há uma história para contar e na continuação as pessoas vão percebendo o caminho até chegarmos ao final.

### **13 – Sabendo da sua entrega ao fado e das inúmeras viagens que faz por este, conte-me algumas das suas experiências, os locais onde já passou, a vontade destas pessoas em aprender, em conhecer o Fado.**

Lembro-me sempre com muito carinho dos espectáculos que fiz em África e espero regressar para mais. Foram sempre momentos muito especiais, muito provavelmente pela ausência de tudo no fundo. Foram espectáculos muito esforçados pela falta de material, pela falta de condições. Um público que raramente assistiu a um espectáculo e, por isso, é maravilhoso dar tanto a conhecer aquelas pessoas. Algo que nunca ouviram, que nunca viram. Isso é muito grandioso e temos nisso um papel muito importante. Divulgar a cultura, levar às pessoas qualquer coisa de novo, de nobre, algo que talvez nunca teriam acesso. Faz sentido também ir a estes sítios, a estes países levar algo. Não digo esperança porque até pode parecer algo miserável. Levar qualquer coisa diferente, oferecer-lhes um momento único que de certeza recordarão para sempre.

**14 – O fado ocupa o lugar merecido na cultura?**

Sim, sem dúvida. Não menosprezando outros géneros, mas no fundo o fado é o que melhor transporta a língua portuguesa para além fronteiras o que leva cada vez mais pessoas a interessarem-se pelo nosso país, pela nossa cultura. Tem essa importância.

**15 – Sente-se embaixadora de Portugal no Mundo?**

Vai no seguimento da resposta que lhe dei à pouco. Claro que sim, não no sentido de importância como personalidade, mas apenas pela pessoa que sou, pelos concertos que faço. Tenho uma responsabilidade em dar a conhecer a língua portuguesa, o meu país e dizer-lhes que tenho muito orgulho em ser portuguesa.

**16 – O fado sobreviverá?**

Sem dúvida. Está cada vez melhor e recomenda-se.

**17 – Deixe uma ideia, um pensamento sobre a cultura portuguesa no mundo, sobre Portugal no Mundo.**

Há um retomar do tempo dos Descobrimentos. Estamos a desbravar um caminho que foi iniciado por Amália Rodrigues que abriu várias janelas por onde inúmeras pessoas estão a penetrar. Isso só pode trazer coisas boas a Portugal e aos portugueses porque finalmente podemos nós, enquanto povo, ter orgulho na nossa cultura. Há coisas bonitas e há muita gente por esse mundo a gostar daquilo que fazemos, daquilo que somos e do que temos para dar.

**Nome: Carlos do Carmo**

**Idade: 73 anos**

**Profissão: Fadista**

**Local e data: Alvalade, Lisboa a 13/10/2009**

### **1 – Porquê o fado?**

Foi uma escolha. Efectivamente uma escolha. Quando comecei a cantar o fado já exercia uma profissão. Estive a estudar línguas. Licenciiei-me em Línguas e Hotelaria. Mas o fado foi mais forte. Foi uma escolha que do ponto de vista humano me realizou muito mais.

### **2 – Como reage o público português ao fado?**

Comigo a reacção tem sido muito boa. Já canto há 46 anos e às vezes surpreendo-me. “Será que estas pessoas ainda têm paciência para me ouvir ao fim de tantos anos?” E nota que há um misto de respeito, carinho e generosidade para comigo que me deixa desconcertado. Muitas vezes não sei como reagir neste jogo de sedução que é o palco, as pessoas e a sua interacção com o fado. Entrego-me, dou o melhor de melhor e isso basta.

### **3 – E o público estrangeiro?**

Esse, cada concerto é uma conquista. Estamos perante pessoas que na maioria dos casos não entendem a nossa língua e trata-se de uma terapia de choque. Ver até que ponto reage a uma canção que os impressiona. No fundo, e se pensarmos bem, é das raras canções do mundo que é a expressão da alma. E neste mundo global, tão mediatizado, onde a imagem é sempre aquilo que está mais presente, e sobretudo o superficial, surge, de repente, uma canção que parece que vem, de lado nenhum, mas que fala da alma, que expõe a alma. E as pessoas recolhem-se e gostam. É fenómeno muito curioso.

### **4 – E os jovens, qual o sentimento destes face ao fado?**

Lá fora não tenho tido essa noção de ver gente jovem a assistir aos concertos. Diria que os concertos que tenho feito ao longo da minha carreira, no estrangeiro, vejo pessoas com mais de 35 anos.

Cá, curiosamente, vejo de novo gente jovem nos meus concertos. Tive público jovem quando comecei a cantar, uma vez que a minha geração veio comigo. Hoje, estes jovens d’outrora, têm a minha idade e vêm aos concertos trazendo os filhos e, em alguns casos, trazendo também os netos.

É frequente, depois dos concertos, conversarmos um pouco e é muito interessante dialogar com estas três gerações. Porque por vezes vêm juntos. Por vezes vem a avó, o filho e o neto. Isto para mim é muito comovente porque me dá uma extensão de vida. E três pontos de vista. A da mãe que teve influência no gosto do filho, e que consegue projectar isso no neto. Contudo, esta terceira geração está mais desperta ao fado não só pela conjuntura familiar, mas também pela nova geração de fadistas que está a aparecer. E vem ver o mais velho e acha graça. No fundo faz um exercício de memória. Percebe que para existir esta nova geração

houve algo para trás. E é muito engraçado o que me dizem, o que descobrem e é fascinante ouvir um jovem opinar sobre o que acabou de ouvir. Aprendo imenso.

### **5 – Há 10, 15 anos atrás não era mais difícil ver as plateias com gente jovem?**

Claro que sim. Não tinha aparecido uma nova geração a cantar. E, conseqüentemente, uma nova geração que traz consigo um público novo. Não tinha acontecido. É algo cíclico. Isto não é decretado.

O facto de ter surgido um grupo de mulheres e homens a cantar o fado, jovens, traz consigo e arrasta consigo uma nova geração para os ouvir. Estamos a falar de cantar e tocar. Temos excelentes guitarristas e violistas nesta nova geração. Há toda uma evolução ou melhor uma continuidade. A evolução irá acontecer agora. O grau de exigência perante um facto novo vai-se apresentar. O fado tem como fado, a meu ver, um respeito por aquilo que foi feito, o dito fado tradicional, que é para todos nós uma espécie de teste, uma base de conhecimento e de entrega. A seguir vai depender daquilo que cada um de nós tem para lhe dar, para lhe acrescentar. Esse valor acrescentado o tempo é que ajuizará o que ficará.

### **6 – Mas será que o fado está na moda?**

Muitas vezes me perguntam isso e a minha resposta é sempre a mesma: eu desejo que não esteja na moda, espero que não esteja na moda. Porque a moda é uma coisa volátil. Espero que não. Está *in*. Mas espero que haja por parte da tribo do fado uma capacidade de sustentar tudo isto de uma forma séria, inteligente e sensível. Conciliando a essência com a natural necessidade de marketing. Como dizia a Coca-Cola: “és muito bom, mas diz-me onde estás”. (senão não apareces)

Há um conjunto de factores que podem ajudar, o facto de haver edições bibliográficas, começou-se a escrever sobre o fado, o que é bom. Existe um museu que é o núcleo fundamental de tudo isto onde há uma base de informação formidável. Fez-se um filme um filme com o realizador Carlos Saura que percorre o mundo com muito sucesso. E agora temos uma candidatura para apresentar no início de 2010 à UNESCO.

Portanto, há um conjunto de factores que levam a que o trabalho de memória esteja a ser bem desenvolvido. É preciso que os praticantes saibam o que estão a fazer e que saibam segurar e manter o fado no meio global e também no país que se transforma todos os dias e que vai, naturalmente, na sua transformação traçar outros caminhos.

### **7 – Na sua opinião, qual a relação entre o fado e a cultura portuguesa?**

Começa a ser mais pacífica. Já teve um momento de ruptura, num determinado momento, do ponto de vista ideológico, o fado foi mal visto. A meu ver errado. O fado vem de meados do século XIX e como tal não faz sentido situá-lo em toda a sua história tão apenas e só no

período da ditadura. Este regime como todos os que lhe são idênticos faz os seus aproveitamentos. Mas o fado já existia.

Como tal não é justo conotá-lo. É necessário conhecer os seus antecedentes. O fado vinha de um processo de canto social, denunciando as injustiças: pondo a nu a pobreza a evidência desta, mas não como uma fatalidade. A ditadura, através da censura foi adormecendo, e transformou-o numa canção fatal, de tristeza, fatal e o fado não é só isso.

O fado tem tristeza, porque a vida também a tem, mas depois tem outras componentes. Olhe para o meu reportório e verá que o fado tem várias frentes. Eu canto a tristeza, a alegria, a esperança, a dor, o colectivo, o solidário.

#### **8 – Quando sobe ao palco, o que leva de Portugal? (...A sua indumentária? A joalharia?)**

Duas coisas. O coração e a alma.

A língua portuguesa também, mas já noutra campo e sempre consciente da adversidade. Mas é muito interessante este universo porque vamos a qualquer lado e conhecemos sempre muita gente que se interessa pela língua portuguesa. Pessoas interessadas pela nossa língua, pela nossa cultura.

#### **9 – E em relação à guitarra portuguesa?**

É fascinante. As pessoas quando descobrem a guitarra portuguesa ficam maravilhadas. É um som diferente, distinto, único. Sente-se que as pessoas se entusiasmam, se encantam com aquele som. E depois vêm perguntar o que é aquele instrumento.

É um efeito muito interessante sobre o público.

#### **10 – Qual é o seu principal objectivo ao cantar Fado?**

Não tomarei isso como objectivo, dir-lhe-ei que representa na minha vida aquilo que eu considero um verdadeiro privilégio. Porquê? A natureza, Deus, deu-me uma voz que as pessoas gostam, eu não me limitei a ficar com a voz. Uso-a enquanto benesse mas também como arma de vida. Para melhorar a vida dos outros quando me ouvem cantar, para com eles ser solidário, mas ao mesmo tempo que entretenimento que provoco seja saudável. As pessoas têm me proporcionado uma boa vida.

Se eu uso a profissão que escolhi para viver, se ainda me pagam para isso e se tantas vezes me premeiam eu sou privilegiado. Esse privilégio uso-o como uma arma de humildade. E sinto isso na rua. As pessoas tratam-me com respeito e muito carinho.

Este prazer e esta alegria levo-os comigo. Levar o fado a terras que não são do fado e onde sou muito bem tratado.

#### **11 – Não lhe parece que pratica mecenato cultural ao mesmo tempo que desenvolve a sua profissão?**

Não tenho essa presunção. Mas se for que bom.

**12 – Apoios ou feedback do Estado português em relação à promoção/divulgação do Fado existem?**

Não tenho trabalhado com apoios. Acabo por manter mais a minha liberdade. E agora também já é tarde.

**13 – Será o fado um instrumento de promoção de Portugal no Mundo?**

Se for um dos veículos eu fico muito contente.

**14 – Sabendo da sua entrega ao fado e das inúmeras viagens que faz por este, conte-me algumas das suas experiências, os locais onde já passou, a vontade destas pessoas em aprender, em conhecer o Fado.**

É difícil. Lembro-me da mais recente. Estava em Paris, fui cantar num salão da Embaixada de Portugal onde estava a “nata” da intelectualidade parisiense. Estava também um grande mecenas que é Aga Khan e estavam alguns dirigentes da UNESCO e fiz uma conferência cantada. Fui falando sobre o fado e sobre a minha terra e cantando. Fiquei muito feliz porque o meu objectivo era impressionar os directores da UNESCO, porque são eles que vão decidir o desígnio do Fado como património da humanidade, e quando acabei a conferência puseram-se de pé, bateram muitas, muitas palmas uma longa ovação. Eu comovi-me, dobrei-me e expirei de alívio “missão cumprida”.

**15 – Quais a suas expectativas/perspectivas quanto a esta candidatura da UNESCO?**

São bons. Devo dizer que do ponto de vista académico o trabalho é muito sério. Há envolvimento fortíssimo da parte de muitas pessoas que se deram a esta projecto com muita entrega, com paixão e de uma forma desinteressada. Muitos destes participantes não ganham quase dinheiro nenhum, pouquíssimo. Há uma visível paixão, logo a minha expectativa é elevada.

Mas sabe, sou um homem que não tenho grandes desilusões uma vez que não tenho simultaneamente grandes ilusões. Acredito sempre no ser humano e no lado positivo das coisas. Ficaria triste se a UNESCO não aprovasse, mas tenho uma fé interior que o resultado vai ser positivo. E quero dizer-lhe dizer o seguinte, e nunca disse isto em público mas vou dizer-lhe a si, se isso acontecer posso morrer descansado.

**16 – Podemos considerar o fado um produto cultural?**

Sim, mas acho isso desde sempre. Mesmo quando as outras pessoas não o consideravam, ai peço desculpa mas não ajo sem modéstia. Sempre achei.

**17 – O fado ocupa o lugar merecido na cultura?**

Já foi pior. O que é preciso é que não seja omnipresente. O fado tem de ocupar o seu espaço e desde que assim aconteça já é muito bom.

**18 – Deixe uma ideia, um pensamento sobre a cultura portuguesa no mundo, sobre Portugal no Mundo.**

Ainda nos falta muito para sabermos trabalhar isso. Sabe só é possível exportar aquilo que se trata bem cá dentro. Se não tratamos bem a cultura como a podemos exportar?

Enquanto tivermos uma imensidão de presidentes de câmara que acham que a cultura é um gasto e uma exibição, a cultura em Portugal não dará passos em frente.

**19 – Sente-se embaixador de Portugal no Mundo?**

Isso é que não. Chamam-me muito isso, muitas vezes, mas não me sinto. Cada um de nós portugueses somos embaixadores de Portugal, há os oficiais que ocupam os lugares nas embaixadas para desenvolverem relações e negócios com os outros países. Mas depois cada um de nós, e há 5 milhões de portugueses espalhados por esse Mundo fora, esses sim são os verdadeiros embaixadores. Tenho, por eles, muito respeito porque a grande maioria foi à procura daquilo que não encontrou no seu país.

Agora nós que nos expomos nesta nossa actividade, não fazemos mais do que a nossa obrigação. Se pudermos fazer alguma coisa pela terra que nos viu nascer, não é demais.

**20 – O fado sobreviverá?**

Futurologia não sei fazer. Mas para já o fado foi posto nas calhas. Estava um pouco aos solavancos.

Primeiro tivemos que arrumar a casa e penso que foi bem conseguido. Os próximos a virem espero que façam bem melhor do que nós fizemos. É o que mais desejo e isso ditará o seu futuro.

**Nome: Teresa Tapadas**

**Idade: 31 anos**

**Profissão: Fadista**

**Local e data: Chiado, Lisboa a 21/10/2009**

**1 – Porquê o fado?**

Não sei responder muito bem. Se calhar o fado porque comecei a ouvir em casa, a minha mãe sempre que andava na sua lida doméstica cantava. A telefonia passava a música portuguesa, o fado e outra boa música portuguesa. O que canto hoje, muitos dos clássicos, já ouvia na altura.

Depois segui o meu percurso musical num coral da igreja, em grupos de música. O fado surgiu por acaso, mas talvez sem grande acaso. No meio de todo o repertório que cantava não havia, ainda, o fado. Sabia apenas um fado completo e foi por esse que comecei. Portanto admito que não nasci no meio do fado, mas sempre gostei de o ouvir, a minha mãe passou-me o gosto que tinha e foi assim...

Nunca pensei em ser fadista profissional nem em cantar em casas de fados. As coisas foram surgindo de um modo natural.

## **2 – Como reage o público português ao fado?**

Reage muito bem. Hoje de um modo mais desinibido. O que é muito bom! Denota que os portugueses finalmente começam a retirar aquela capa, a vergonha que tinham em relação ao que era português. Havia reticências perante o fado...acabou por perder-se o estigma e hoje as pessoas até gostam e deixam-se embrenhar no fado.

Finalmente saiu a névoa do pensamento do público português, independentemente da idade e do sexo. O fado não é só triste, nem só pesado, é muito mais que isso.

## **3 – E o público estrangeiro?**

Reage melhor ainda. O fado enquanto canção leva muitas pessoas estrangeiras, e aqui refiro-me ao estrangeiro puro que não tem qualquer ligação a Portugal e, por vezes, até desconhece a localização do nosso país. Este público estrangeiro percebe o que dizemos, o que cantamos através do sentimento. É algo curioso, mas que é realmente conseguido através da paixão, da força da melodia do fado.

Como é possível que as pessoas através do sentimento consigam entender o que cantamos, o que lhe passamos na poesia. É genial.

## **4 – E os jovens, qual o sentimento destes face ao fado?**

Estão a cooperar. Começam a ir aos fados de alma e coração abertos e deixam-se encantar, ou não, pelo fado.

Há músicos, há canções, há espaços que os atraem mais, mas os jovens tornam-se cada vez mais receptivos.

## **5 – Na sua opinião, como se relacionam o fado e a cultura portuguesa?**

É uma relação umbilical. Falar em cultura portuguesa e não falar no fado não faz qualquer sentido.

## **6 – E será que, hoje, o fado está na moda?**

Está, sem dúvida.

### **7 – Quando sobe ao palco o que leva de Portugal?**

Nervos, muitos nervos portugueses (risos). Há sempre uma grande responsabilidade perante a plateia. Há que conquistar as pessoas e fazê-las sentir confortáveis.

Tudo tem de ser agradável.

E levo a língua portuguesa, sem dúvida. Os grandes poetas e os fados mais tradicionais.

### **8 – E a curiosidade perante a guitarra portuguesa?**

Há sempre. Um instrumento que atrai pelo som, pela forma como é tocado. Ouvir guitarra portuguesa faz sentir o fado. E atrai o público. Desperta curiosidade.

### **9 – Não lhe parece que pratica mecenato cultural ao mesmo tempo que desenvolve a sua profissão?**

Nunca tinha pensado nisso...o fado em forma de mecenato.!?! Mas talvez seja, é bem provável que haja uma troca. Um divulgar da nossa cultura, da nossa língua sem obter ganhos, lucros disso...talvez, sim!

### **10 – Apoios ou feedback do Estado português em relação à promoção/divulgação do Fado existem?**

Não sei se o Estado tem sido muito amigo do fado. Muito provavelmente vai-se lembrando à medida que vai observando os frutos do trabalho produzido. Mas conforme se vai lembrando rapidamente se vai esquecendo. Se calhar uma das formas de apoio seria baixar a taxa do IVA dos cd's e/ou tornar isentos os espectáculos; passar na rádio a música portuguesa exigida por lei.

Se calhar é um bom momento para repensar, fazer cumprir determinadas leis e talvez assim começássemos a arrumar a casa.

### **11 – A Cultura é o parente pobre do poder político?**

É, a cultura só faz falta para enaltecer outros pontos. Fica bem dizer-se, mostrar-se que temos uma orquestra, uma companhia de dança. Mas se calhar, não damos o tratamento correcto a cada um desses elementos da cultura.

Se calhar é, não gosto de apelidá-la como parente pobre...mas, sim. Muito provavelmente a cultura é o que mais nos mostra ao mundo, que mais longe nos tem levado, depois dos Descobrimentos, mas acaba por viver por pura carolice das pessoas que se dedicam à preservação, à divulgação da cultura.

É um mecenato que se vive por esse país fora que tira as pessoas do seu sofá e leva-as às associações recreativas, às instâncias locais culturais. Divulgam a cultura, passam-na para novas gerações e quase sempre sem retorno financeiro, sem lucros, sem benefícios

monetários, mas com um enorme impacto na formação, na educação, no desenvolvimento das pessoas, dos jovens, das crianças.

**12 – Será o fado um instrumento de promoção de Portugal no Mundo? Como?**

Sem dúvida, claro que sim!

**13 – Sabendo da sua entrega ao fado e das inúmeras viagens que faz por este, conte-me algumas das suas experiências, os locais onde já passou, a vontade destas pessoas em aprender, em conhecer o Fado.**

As viagens têm sempre muito que contar. Uma das mais interessantes, pelo menos para mim, for ir a Espanha. Alimentamos muito o mito que Espanha tem, consome aquilo que é seu e o restante vem por acréscimo.

Achei fantástico porque fui convidada a ir ao festival Afonso Henriques, logo aí achei fenomenal o nome, muito curioso! Mas era um festival de fado, 3 dias, no jardim da Fundação Afonso Henriques. O jardim estava cheio, esgotado e quando abordei o público pediram-me que falasse português. Estavam ali porque aprendem a língua portuguesa, porque gostam de fado e porque têm um interesse enorme pela nossa cultura. Estamos a falar de Zamora, é certo que é fronteiriço e que transporta toda uma carga histórica, mas não deixa de ser muito curioso ver espanhóis a aprenderem português, a nossa língua.

Foi fantástico, genial. Ter ali 400 pessoas estrangeiras que queriam ouvir cantar português, queriam ouvir fado.

**14 – O que mais a agrada no Fado?**

Tudo: os poemas, as músicas, a história do fado (não saber ao certo a sua origem). Todo este trajecto que o fado tem feito, com as inúmeras peripécias, aventuras e desventuras, os seus intervenientes – homens e mulheres – é muito bom estar no fado.

**15 – O que pensa que leva estrangeiros, cidadãos que não falam português e talvez nunca tenham vindo ao nosso país, a querer ouvir, aprender o fado?**

Para já o que os leva ouvir o fado é o facto de se sentirem arrepiados. Sentem-se cativados por uma canção na qual não percebem uma única palavra. Sentem-se envolvidos, quase como se fossem personagens principais.

Acabam por ficar desportos para o país que transporta aquela canção. E que por ter aquela canção tão única e autentica deve ser um país forte, diferente. Uma canção simples que leva as pessoas e pesquisarem, por exemplo, num motor de busca na internet o país, os monumentos, as paisagens, os locais...acaba por ser um apelo que nós levamos ao mundo para que este venha conhecer Portugal.

**16 – Deixe uma ideia, um pensamento sobre a cultura portuguesa no mundo, sobre Portugal no Mundo.**

A cultura portuguesa no mundo está muito mais difundida que qualquer português possa pensar. Portugal já foi muito longe através da cultura.

Cada vez mais temos de nos assumir como portugueses, como cidadãos detentores de uma cultura riquíssima, que não só os descobrimentos, os nossos poetas ou cantores, somos todos nós e cada um de nós.

Temos de continuar a levar e a difundir no Mundo aquilo que é nosso e é tão bom, que tem uma qualidade infindável.

**17 – O fado ocupa o lugar merecido na cultura?**

Ocupa um lugar, mas se calhar ainda não o merecido. Já tem um lugar, que não será retirado, mas ainda a alguns passos do merecido.

**18 – O fado sobreviverá?**

Claro que sim. E aliás mais que sobreviver, o fado viverá e cada vez com melhor saúde. O fado em épocas sobreviveu, hoje está com uma saúde de ferro.

**Nome: João Braga**

**Idade: 67 anos**

**Profissão: Fadista**

**Local e data: Lapa, Lisboa a 29/10/2009**

**1 – Porquê o fado?**

Por acaso. Quando era garoto havia uma coisa que tinha a certeza absoluta que iria ser que era cantor. Fiquei a saber isso quando tinha 4 anos através do maestro Pasquale, um dos directores dos coros do teatro de São Carlos.

Estava no Luso por causa de um problema de saúde e fui pedir ao meu pai 5 tostões, que você desconhece o que seja, com certeza. O maestro, que também estava nas termas, ouvi a minha voz a pedir o dinheiro e disse a meu pai que eu iria ser de certeza cantor.

Aos 8 gostava de jazz. Aos 12/13 anos ouvia as músicas do meu tempo! Nessa altura fomos viver para Cascais.

Quando tinha 17/18 os americanos estavam cá em Portugal a fazer a ponte Salazar. Estavam quase todos hospedados em Cascais. Nós, jovens, saímos com as filhas deles. Eu e esse meu amigo Chico cantávamos nas festas deles, as músicas americanas da época e eles ficavam todos contentes. Até que um dia uma das americanas me convidou para ir com ela ao Galito, um bar no Estoril, para ouvir uns tipos que estavam lá a tocar viola e guitarra portuguesa. Achei

piada e aquela gente cantava tão mal que decidi dar um jeito àquilo. Ensina-me um fado e na mesma noite cantei 14 vezes a mesma canção.

E foi assim, por mero acaso. Nunca gostei de fado, mas adorava poesia e aprendi quando comecei a ouvir melhor os fados da Amália. Os fados que não gostava de ouvir na época, continuo a não gostar de ouvir hoje.

Hoje muito se fala da origem do fado: será que foi em Angola ou no Brasil? Nada me parece fazer muito sentido. Se surgiu lá porque não ficou? Como se pode trazer na bagagem o fado, uma música que canta a alma? E como se pode atribuir uma data ao surgimento do fado? E terá sido a Severa a criar o fado? Enfim uma série de questões e muitas teorias que não têm sentido.

Mas enfim, foi deste modo completamente casual que enveredei no fado e depois aprendi com a Amália que o fado era um veículo excelente para difundir, para cantar a nossa poesia que no fundo é uma das melhores coisas que temos para mostrar ao mundo. Poetas como nós temos, com tanta qualidade é difícil encontrar num outro país. Temos uma espécie de “escola” de poesia e é isso que, na minha opinião, temos de mais valioso e que eu gosto de cantar. Pela poesia decidi fazer do fado a minha carreira, a minha vida.

## **2 – Como reage o público português ao fado?**

Reage de diversas maneiras como é normal. Não há um fado, há vários! Por exemplo o fado que canto tem certidão de idade, completou 70 anos, nasceu em 1939 no antigo retiro da Severa, quando a Amália o cantou pela primeira vez em público.

Mas depois há outros fados. O fado canta tudo.

Os próprios artistas dividem e subdividem o fado. Há uma panóplia muito alargada de géneros fadistas.

Eu já cantei para públicos portugueses em todo o país e as pessoas reagem de modo diferente: às vezes com entusiasmo, outras com tristeza, há até emoção.

Eu tenho um fado que o Manel Alegre escreveu a meu pedido que se chama “ Em cada português há um fadista” e acho que é isso. E porquê? A palavra fadista tem inúmeros significados, mas os portugueses são fadistas porque andaram por todos os caminhos. Interiormente todos os portugueses sentem o fado porque já percorremos todos e diversos caminhos. Todos os fados.

Para se definir o fado é como se se tentasse definir a vida. É impossível. O fado canta a dor, o sofrimento, a alegria, a tristeza, a exaltação. Tudo. Depois depende da sensibilidade de cada um...

## **3 – E o público estrangeiro?**

Faço batota porque traduzo os versos, os textos das músicas que canto. Quem quer segue a música pela ordem do programa. Fiz isso em Marrocos como igualmente na Suécia, por

exemplo. E na Suécia tinha na plateia Manuel Alegre que subiu ao palco para recitar um poema enquanto eu cantava acompanhado de Maria Ana Bobone. Estava também presente um dos maiores poetas contemporâneos suecos, **Lassasoudeberg**, que ia traduzindo muitas das palavras entre cada tema.

De modo que vi muitos suecos de lágrima no olho.

As pessoas reagem bem.

Muitas vezes também canto um poema na língua local em fado. As pessoas ficam encantadas e percebem muito bem a mensagem. Acabo por lhe dar a interpretação que o poema pede e as pessoas reagem bem como se tivéssemos aqui no Bairro Alto, em Alfama ou Mouraria.

#### **4 – E os jovens, qual o sentimento destes face ao fado?**

É giro. Todos somos jovens um dia e depois acordamos e já passou. É um estado passageiro. Nesta sala onde estamos aqui a conversar à 20 anos, sensivelmente entrei da rua e estavam aqui um grupo de amigos e amigas dos meus filhos com idade entre os 14 e 16 anos. Eu entrei e avisei que dormia por cima desta sala e não queria muito barulho. Insistiram e lá fiquei aqui um pouco. Uma das miúdas virou-se para mim e perguntou-se se eu ainda cantava. E eu pensei Ainda canto? Que raio de pergunta. Acabei por lhe perguntar se ela cantava fado, respondeu-me que não, e se gostava ao qual me disse que não porque era uma música de velhos.

De facto no dia seguinte pensei mais intensamente naquilo que me tinha dito e tinha razão. De facto naquela altura o mais novo a cantar era eu todos os outros eram mais velhos. E há 20 anos para uma menina de 14 anos um tipo com 44 é um velho.

Comecei a pedir sobretudo a guitarristas para me darem umas dicas sobre novas vozes que fossem surgindo. E deste modo fui apresentando e lançando novos artistas muitos deles hoje reconhecidos ( Ana Maria Bobone, Ana Moura, Rodrigo Costa Félix, Kátia Guerreiro, Mafalda Arnauth entre outros).

E quando me acusavam de estar a estragar o mercado não percebiam de todo que estava a salvar o fado. De repente havia gente jovem a cantar e novos públicos a começarem-se a interessar. Reaproximou o fado das camadas mais jovens.

No meu tempo era diferente. Quando disse ao meu pai que queria desistir da carreira de Direito para cantar fado, sei que ficou triste mesmo não me dizendo nada, mas mandou-me ver o dicionário o significado da palavra fadista. Consultei mesmo em frente a ele. Disse-lhe alto que fadista remetia para adjectivos negativos, conotados com marginalidade, prostituição; era um rufia, um proxeneta, enfim...era mais uma razão para que eu contribuísse para a mudança do fado e do seu significado.

Enfim, não é fácil para os pais verem os filhos a fazerem algo que não queriam, que não sonharam para eles. Mas contenta-os ver que mais tarde, no futuro se tornam pessoas mais felizes, mais realizadas, com gozo pela vida.

### **5 – Na sua opinião, qual a relação entre o fado e a cultura portuguesa?**

Aqui concordo com Miguel Torga, goste-se, ou não, o fado é a única coisa que Portugal produziu nos últimos anos, em termos culturais, estimáveis.

Por outro lado há outra face desta medalha, os agentes culturais portugueses lidam muito mal com o fado. Era algo abominável no princípio do século XX, sobretudo por causa da lírica, arrepiante no mau sentido. Isso ficou entranhado na intelectualidade lisboeta e do país. E permanece ainda hoje e não falo só dos intelectuais, mas dos pseudo-intelectuais. O fado é marginal, básico, mas também é mais que isso. É chungoso, mas não só. Tem uma componente que nos identifica como portugueses. As pessoas que ouvem o fado hoje em dia e, em todo o mundo, sabem que estamos a retratar, a transportar algo de Portugal, logo identifica-nos. Faz parte da nossa identidade. Mas há sempre uma relutância por parte das entidades culturais em relação ao fado.

Contudo, tem vindo a ser melhorada e devia mesmo ser erradicada.

O fado que hoje em dia é cantado é o fado de Amália. É esta a referência, é o fado mais instituído. Assim como os fados tradicionais.

Há, de facto, uma discrepância entre as autoridades do sector cultural e o fado.

### **6 – Quando sobe ao palco, o que leva de Portugal?**

Não sei se levo algo de Portugal.

Para já quando subo ao palco estou com uma tensão desaconselhável e uma pulsação aceleradíssima. Tem vindo a piorar ao longo dos anos. Mas sem um porquê.

Sabe, havia umas divindades na antiga Grécia – os deuses propriamente ditos - e depois uma divindades alegóricas que se chamavam fados. Apesar de alegóricas as próprias divindades submetiam-se às suas reges.

Quando subo a um palco não é só a responsabilidade de actuar. Quando canto tudo é harmonioso. Evoco algo. De cada vez que canto, faço-o de um modo diferente.

Canto muito a poesia portuguesa. E sinto-me de facto português mas sem pretensões de levar Portugal para o palco. Penso que só um português poderia fazer o que faço.

### **7– Será o fado um instrumento de promoção de Portugal no Mundo?**

Sim pode ser. Mas vamos lá ver que Portugal. Da poesia portuguesa é com certeza. E de Portugal poderá servir para publicitar o país. Mas de repente não vejo assim nada. Talvez naquelas feiras do turismo onde se coloca um grupo de fadistas a cantar, mas aí publicitam-se também outros elementos a gastronomia, por exemplo.

O que acho sobretudo é que se está a mostrar um género musical raro, único e antigo que para certas pessoas por esse mundo fora é uma autêntica revelação. No Japão existem escolas de fado por causa da Amália e isto é um fenómeno notável.

Não há qualquer dúvida, e não tenho qualquer espécie de dúvida que o fado suscita interesse por Portugal, pela nossa língua, pela nossa cultura. Não tenho visto que o fado tenha disso utilizado como arma de propaganda, com o sentido negativo que possa ter. Sei que o chefe de Estado, o primeiro Ministro ou qualquer outras comitivas estatais quando vão ao estrangeiro levam na bagagem fadistas e guitarristas e que se tornam, de facto, o cartão de visita de Portugal.

### **8 – Podemos considerar o fado um produto cultural?**

É com certeza, hoje em dia sobretudo. É o produto cultural por excelência português. Agora pergunto-lhe a si, se não for o fado o que será? No fado cabe a música, o poema, o canto.

### **9 – Quais a suas expectativas/perspectivas quanto a esta candidatura da UNESCO?**

**Tenho poucas.**

A candidatura à UNESCO parece-me de difícil sucesso, a não ser que estejam envolvidas questões políticas.

Na altura que se iniciou o processo houve quem dissesse que eu era conta a candidatura, é mentira. O facto é que quando se anunciou essa mesma vontade de candidatura à UNESCO eu fui procurar, pesquisar a convenção e tentar perceber porque é que o flamenco já tinha falhado e fiquei um pouco apreensivo.

Esta figurou que se criou de património imaterial mundial da UNESCO é para proteger géneros musicais ou outros, costumes, que não tenham suporte e que passem de geração para geração. O fado tem muito suporte porque está registado quer em audio, quer em filme; em livros. Ou seja há muito suporte técnico, material para o fado.

Se a convenção for levada à letra o fado não está em extinção, em perigo de tal. Portanto prefiro que o fado ganhe para não ser uma derrota, uma desilusão esta candidatura. Mas, que não seja à custa do vale tudo. Não venha a ser aprovada a candidatura a troco de algo, por exemplo a troco da identidade do fado; a troco de ficar estabelecido que o fado nasceu em Angola e no Brasil simultaneamente.

Foram vários os autores e poetas que escreveram sobre fado e descreveram quão português é o fado. De repente surgem estas teorias, com data de nascimento, que o fado surgiu noutra local e que tem origens diversas. A mim parece-me não fazer sentido.

As datas não batem certo. Ninguém nega a existência da Severa e esta viveu no século XVIII. Portanto estas teorias, estas hipóteses negam a existência de outras convicções.

E para mim não me faz muito sentido. E é claro que aqui só podemos achar que...

Se a candidatura quiser ser aprovada a todo o custo talvez estas teorias sejam benéficas para tal.

Portanto se for para beneficiar e elevar o fado com certeza que quero que a candidatura seja aprovada sem nunca perdermos a nossa identidade cultural.

### **10 – O fado ocupa o lugar merecido na cultura?**

Já começa a ocupar sobretudo pelo advento da Amália, um fenómeno que não tem paralelo na história do fado e da cultura portuguesa. A Amália está na três melhores vozes do século (juntamente com Maria Callas e Frank Sinatra), mas cantava apenas com uma viola e uma guitarra portuguesa. É raro.

Amália impulsionou o fado ao nível planetário. Para Portugal foi algo muito bom em termos culturais. Ficámos com uma herança musical extrema, com temas de altíssima qualidade.

Há uma geração nova que coincidiu, num período anterior e posterior, com a morte física e artística da Amália. E não terá sido por acaso.

Temos artistas portugueses que já têm nome em muitos países do mundo.

Há, de facto, um fenómeno cultural apreciado e apreciável.

### **11 – Gostava que me deixasse uma ideia, um pensamento sobre a cultura portuguesa no mundo, sobre Portugal no Mundo.**

É o fado, infelizmente. Só o fado nos distingue no mundo e digo isto com muita pena. Nós, genericamente, somos muito preguiçosos intelectual e culturalmente. Isto nada tem a ver com políticas, nem é recente, é um elemento que já Eça de Queirós, Camilo, Pessoa falavam no nosso jeito de ser. O provincianismo. Não é inferiorizar, mas para ilustrar metaforicamente.

Qual o mal? O mal é que nós imitamos o que os outros fazem. Os outros fazem as coisas porque acham que as têm de fazer e nós imitamos. As necessidades de determinados povos, nações tornam-se produtos de cópia, de imitação por parte de outros países, nações.

A modernidade é feita pelas modas. E estas fazem-se porque existem necessidades e respostas às mesmas.

O infante D. Henrique não criou as escolas náuticas e não impulsionou as descobertas para entrar na moda. Fê-lo porque era necessário, porque tínhamos de sair à aventura e descoberta.

A saída de Vasco da Gama para a Índia foi um dos acontecimentos mais importantes da Humanidade. Po exemplo o Toynbee divide a história em dois períodos o Gâmico e pós Gâmico, sendo que Gâmico vem de Gama. Porque foi o primeiro encontro entre a civilização oriental e ocidental.

Nós hoje estamos de braços cruzados à espera de ver o que os outros fazem e depois nós imitamos, reagimos. Há anos demais. Esta postura diminui-nos.

E depois temos os políticos aos quais convém imensamente que as pessoas estejam nesta inactividade, neste patamar tão baixo de cultura porque são mais facilmente manejáveis, acreditam mais facilmente e as pessoas não se dão bem conta das falcatruas.

Tudo isto junto resulta numa coisa desastrosa para Portugal e para os portugueses. Uma realidade lamentável.

## **12 – Sente-se embaixador de Portugal no Mundo?**

Não, de todo. Nunca tive essa pretensão, nem tenho. Embaixador é uma pessoas muito diplomática e isso é algo que não sou. Digo aquilo que penso, porque não penso naquilo que digo.

Quando vou cantar para fora volto sempre com o espírito de que cantei para as pessoas. É lógico que vou mostrar um produto cultural do meu país e aqui estamos perto, talvez, de um embaixador cultural (mas é algo muito pomposo).

Aconteceu um episódio engraçado, no New Jersey Performing arts center onde o fado foi estreado comigo em Março de 1998. Os bilhetes foram vendidos em Janeiro e numa semana esgotaram. Quando vieram os portugueses 3/2 dias antes do espectáculo para adquirirem bilhetes já estava esgotado. Acabei por me deslocar a Newark onde tive muitos portugueses a assistirem ao espectáculo. Correu tudo muito bem.

Mas os americanos, que em Jersey eram a maioria, reagiam efusivamente ao fado, à minha música, porque tinham um programa onde explicava a ideia base de cada letra e melodia. Foi muito bonito.

É em tudo isto que penso quando me desloco. E não levo o espírito de missão. Levo apenas o desejo de cantar no espírito. Interajo com os meus músicos e com a plateia que é algo extraordinário.

## **13 – O fado sobreviverá?**

Tem piada estar-me a colocar esta questão, porque foi esta a primeira pergunta que me fizeram na primeira entrevista que dei. Foi para o Diário Popular em 1964. Uma resposta de certeza diferente.

Mas sabe a mim preocupa-me muito mais se Portugal sobreviverá...esta é a grande questão. As pessoas que vão para o Estado, que deveriam servir o Estado acabam por se servir do Estado. E quando isto acontece, durante um largo período, a situação pode se tornar de banca rota.

Nessa medida há também o perigo que a nossa portugalidade seja engolida, o fado e tudo quanto seja português. São várias as culturas que desapareceram ao longo dos tempos.

Seria uma pena porque Portugal faz parte integrante e importantíssima da história da humanidade. Não se pode escrever a história da humanidade sem Portugal e não é patriotismo. É a realidade.

Nós derrubamos as “muralhas” com o oriente. Nós criámos a mestiçagem. Nós misturámos-nos com os indígenas, com os outros. E o fado tem muito disto.

Quando lhe disse que não acredito que o fado seja originário do Brasil ou de Angola não é porque não tenha a certeza. Porque não tenho. Nem faz qualquer confusão que o fado tenha nascido num dos imensos locais por onde andámos. Porque todos estes pontos estão

implícitos no fado. O fado é um produto de tudo isto. Um produto da mestiçagem física que responde inevitavelmente uma mestiçagem cultural.

**Nome: Nathalie Batista Pires**

**Idade: 25 anos**

**Profissão: Contabilista / Fadista**

**Local e Data: entrevista online (via email), resposta recebida a 20/10/2009**

### **1 – Porque se encontra nos Estados Unidos da América?**

Nasci nos Estados Unidos da América. Frequentei as escolas americana e portuguesa, sou licenciada em contabilidade, e ainda que viajo a Portugal todos os anos é aqui que trabalho e tenho a minha residência permanente.

### **2 – E porquê o fado?**

É sempre difícil definir o porquê de uma paixão. Sendo os meus pais nascidos em Portugal, e muito preocupados por manter e transmitir os costumes e cultura portuguesa, foi para mim natural gostar de fado. Cresci a ouvir os mais variados géneros musicais em inglês e português, mas foi a “Canção Nacional” que me prendeu desde menina, muito especialmente na voz e estilo da grande Amália Rodrigues.

Eu penso que o fado não tem um porquê. Acontece de forma simples e natural.

### **3 – Qual o seu público-alvo?**

Cantar num país como os EUA, abre muitas possibilidades de cantar para gente das mais diversas raças e etnias. Ainda que goste de cantar para todos os que me queiram ouvir, o público português é sem dúvida o meu público de escolha, por ser ele quem mais valoriza a arte de cantar o fado.

### **4 – E como se comporta o público americano perante o fado?**

Os americanos são abertos a todas as culturas, sendo esta a natureza deste povo que é descendente de muitas raças. São impecáveis no seu comportamento. Mesmo sem entender a língua portuguesa, eles gostam da forma como o fado é cantado, e adoram o som da guitarra portuguesa. Respeitam e gostam de conhecer e conversar com os artistas, no final de cada apresentação.

### **5 – Os jovens como reagem face ao fado?**

Existem muitos jovens a cantar fado um pouco por todo o mundo, o que demonstra que a magia deste género musical é contagiante. Na minha experiência pessoal, vejo que vamos

tendo cada vez mais jovens a assistir aos espectáculos, especialmente quando se apresentam os grandes nomes do fado, ou fadistas jovens.

**6 – Na sua opinião, como se relacionam o fado e a cultura portuguesa?**

O fado é na minha opinião a expressão máxima da música portuguesa. Reúne uma constelação de poetas, compositores e intérpretes, divulgando a cultura popular de forma simples e realista. O fado é cultura.

**7 – Qual é o seu principal objectivo quando canta o fado, música portuguesa, nos EUA?**

Aparte da satisfação pessoal, sinto-me muito orgulhosa em divulgar a cultura portuguesa, no país onde nasci.

**8 – Tem conhecimento de outras iniciativas de Fado nos EUA?**

Não há muita gente a cantar fado nos EUA, e existe uma enorme carência de guitarristas. Contudo é admirável o apoio de um grande número de clubes e associações portuguesas, que se esforçam por organizar noites de fado, ou eventos nos quais incluem o fado como mais uma atracção. O fado é do povo e é o povo que o mantém vivo, assistindo aos espectáculos dos nossos artistas.

**9 – Apoios ou feedback do Estado português em relação à promoção/divulgação do Fado existem?**

Poderá haver, mas eu desconheço qualquer apoio do Estado português, em relação ao fado nos EUA.

**10 – Será o fado um instrumento de promoção de Portugal no Mundo? Como?**

Como muitos outros géneros musicais, o fado tem potenciais que podem despertar o interesse de milhões de pessoas de todo o mundo, quando devidamente promovido. O fado tem promovido Portugal nas gargantas de várias intérpretes, como foi o caso de Amália Rodrigues, Mariza, e mais recentemente Ana Moura.

Não serei eu quem possa dizer como promover o fado no Mundo, dou o meu humilde contributo e faço sempre o possível por elevar o nome de Portugal, divulgando a sua cultura musical.

**11 – Sabendo da sua entrega ao fado, conte-me algumas das suas experiências, os locais onde já passou, a vontade destas pessoas em aprender, em conhecer o Fado.**

Dos muitos lugares onde cantei nos últimos dez anos, foi interessante a minha apresentação na ONU em Nova Iorque, no W hotel também em Nova Iorque onde representei Portugal, na Boston State House em Massachussets, na Áustria, no Canadá, em várias casas de fado em

Lisboa, e para os nossos emigrantes portugueses, nos mais diversos clubes e associações de Norte a Sul dos EUA.

Gravar o meu primeiro álbum “Corre-me o fado nas veias”, ao qual foi atribuído o “Prémio Lusíada” dos Artistas Unidos da América (A.U.A), como melhor álbum de fado do ano 2007 nos EUA, ser apadrinhada pela famosa artista Anita Guerreiro, fazer parte do “The Rolling Stones Project” e trabalhar com o saxofonista e pianista Tim Ries e outros fantásticos músicos em Manhattan e Klagenfurt-Áustria, ser acompanhada em Lisboa pelo consagrado guitarrista Mário Pacheco, foram algumas das tantas experiências que são importantes na minha vida artística, mas a mais importante de todas acontece cada vez que vejo a satisfação e sorriso no rosto dos nossos emigrantes, e o carinho que deles recebo em cada sala onde me apresento.

Conheci milhares de pessoas, que sempre mostraram uma enorme vontade em conhecer sobre o fado. Gente de várias etnias e idades. Cada pessoa encontra um significado diferente em relação ao fado dependendo de situações da sua própria vida, devido a que os poemas falam quase sempre de acontecimentos da vida real.

#### **12 – O que mais a agrada no Fado?**

Agrada-me como forma musical, a sua história e tudo aquilo que representa, assim como a atenção, o silêncio e o respeito da assistência, pelo fado e os seus intérpretes.

#### **13 – O que pensa que leva estrangeiros, cidadãos que não falam português e talvez nunca tenham vindo ao nosso país, a querer ouvir, aprender o fado?**

Grande mistério! Não sei ao certo o que leva os estrangeiros a interessar-se pelo fado, mas a verdade é que existe qualquer coisa de magia, que os leva a gostar deste género musical, que apesar de ser dos mais antigos mantém a sua pureza e originalidade.

#### **14 – Deixe uma ideia, um pensamento sobre a cultura portuguesa no mundo, sobre Portugal no Mundo.**

A cultura portuguesa está bem representada pelos seus emigrantes. As associações e escolas portuguesas, promovem e mostram a nossa cultura ao mundo, através de ranchos folclóricos, conjuntos musicais, grupos de teatro, e exposições de arte, entre muitas outras coisas. Os fadistas e guitarristas de fado, são também portadores da cultura musical portuguesa.

#### **15 – O fado tem futuro?**

As coisas só têm o valor que nós lhe queremos dar. Se não for o povo português a valorizar o que é realmente nosso, muitas coisas importantes cairão no esquecimento e não passarão às próximas gerações.

Se for devidamente divulgado pelos meios de comunicação social, o fado terá o seu futuro assegurado.

**Nome: Nuno Lopes**

**Profissão: Jornalista**

**Local e data: Saldanha, Lisboa a 18/11/2009**

### **1 – Porquê este envolvimento tão grande com o fado? O que mais lhe agrada no Fado?**

Depois de Abril de 1974 houve um grande período de abstinência fadista. Apesar de alguns fadistas, nomeadamente o Fernando Farinha, Carlos do Carmo, a Maria Amélia Proença e outros, terem aderido rapidamente a ideias de esquerda e até ao partido comunista não caiu bem à nossa classe dirigente o fado. Tudo porque, sobretudo, o entendeu mal. Para eles, o fado tinha ideais idênticos ao do Estado Novo, portanto eram fascistas...Em várias ocasiões, Amália foi insultada e apelidada de fascista.

Neste pós-Estado Novo, o fado passou a ser visto como algo anacrónico, de ideais conservadores reaccionários, defensor de uma sociedade agrária e absolutista, mas fundamentalmente neste período o fado perde o interesse dos media e torna-se um género que “não fica bem” ser cantado ou ouvido.

O fado foi, igualmente, ligado a um determinado extracto social demasiado ou excessivamente marginal; quase voltávamos aos tempos do fado da Severa.

O fado foi enxotado, colocado em níveis baixos.

Tudo isto acaba por coincidir com um período em que a produção fadista diminui drasticamente. Há um álbum que tenta recuperar o fado, do Carlos do Carmo “Homem na Cidade”, com letras de José Carlos Ary dos Santos, que é um dos seus melhores álbuns. Contudo, nada foi suficiente para limpar aquela imagem e o mau momento que o fado vivia.

Ainda hoje os fadistas mais velhos sentem esses maus tempos do fado.

A dado momento surge um grupo com muita importância, os Heróis do mar, que vêm chamar a atenção para a cultura portuguesa, para a nossa produção, aquilo que nós fazemos. Agitaram as águas. Tinham uma influência temática do fado.

Seguem-se os Madredeus que chegam a ser confundidos com o fado, conutados com um “novo” fado.

Começava-se a perceber, de modo repentino, o fenómeno Amália que não tinha grande *staff*, porque muitas vezes ia sozinha sem manager ou assessores. Ia, cantava e espalhava o seu fado. E o público estrangeiro perguntava pela Amália a outros grupos portugueses; dirigiam-se à fadista com ternura.

Amália cantou no estrangeiro até perto de 1989 sempre com muitos contratos.

E, de repente, as pessoas começam a olhar para aquilo que tinham desprezado e que os outros tinham dado muito valor (é comum este comportamento nos portugueses).

Há também um papel muito importante do Camané, sobretudo para a minha geração, não tendo uma percepção imediata, mas que com o tempo conquistou a sua substância. Começou

num ambiente tradicional, muito novo e tem vindo, ao longo do anos a renovar o fado quer em termos melódicos, quer em termo de letras.

Todos estes factores fizeram com que de repente aparecesse uma Mísia, um Paulo Branco. Todos estes fadistas movimentaram, renovaram o fado. Recuperarem melodias tradicionais e juntaram-lhes novos compositores e novos poetas.

A Mísia conseguiu isto e estiou a bandeira no exterior.

No final de década do anos 90 Amália morre e diz o povo, com alguma razão, que só damos valor ao bem que temos senão depois dele perdido e como tal, toda a gente começa a descobrir coisas novas sobre Amália, a debruçar-se sobre a carreira de Amália e, conseqüentemente, a desbravar o fado.

Começam a surgir novos fadistas e um interesse crescente em estudar o fado que até ai não existia. Chegamos à década de 90 sem uma história actualizada.

Começaram a organizar-se palestras, conferências sobre o fado, algumas desenvolvidas pelo APAF (Associação Portuguesa dos Amigos do Fado). Registrar testemunhos orais porque o fado sendo uma música, uma melodia popular insere-se na história da cultura e das mentalidades de testemunha oral.

Todas estas pedrinhas construíram uma base para aquilo que as pessoas pensam que é o fado estar de muito boa saúde.

Na minha opinião, tenho dúvidas que esta seja a melhor saúde do fado, mas é com certeza um bom momento para o fado.

Há quem diga que o fado vai deixar, brevemente, de estar na moda. Penso que o fado não é de modas e se o for já dura há muito tempo. A Mariza já vai no seu quarto álbum de originais e o êxtase permanece.

O Camané inova, renova.

A Mariza (re)coloca o fado no mapa e até o amplia porque hoje os tempos não são os mesmos da Dona Amália. A Mariza começa a receber, a trazer para Portugal imensos prémios e reconhecimento por esse mundo fora. A Mariza retirou muito rapidamente todas aquelas teias em torno do fado.

Voltou-se a pôr o fado na rádio e hoje há fadistas novos e jovens que vendem, que cantam, que exportam o fado.

Tudo isto ou nada disto era impossível há um tempo atrás. Hoje percebe-se que o fado é agregador em termos nacionais, permite cantar a poesia portuguesa, descreve a nossa história e remonta às nossas tradições musicais. Temos um novo interesse no fado também ao nível de análise, de estudo (nível académico). Temos um museu do Fado que estimulou e incentivou todo este crescimento.

Hoje o Fado está numa fase muito boa.

## **2 – Qual o estado de saúde do fado?**

Não acho que esteja na melhor das saúdes, mas acho que está muito bem. Acho que falta ao fado actual um factor de criatividade mais elevado. Criam-se poucas melodias que passem rapidamente para a rua. Há um refrescamento na área das temáticas e das letras, mas falta ainda uma renovação em termos musicais. Talvez o tempo trará esta inovação.

Contudo, e sem dúvida alguma, o fado está de boa saúde e é um bom hospício para esta nova fase, para este novo século.

### **3 – E a cultura mantém-se o parente pobre do poder político?**

Devemos ao senhor presidente de França, Charle de Gaulle o facto de existir um ministério da cultura.

Sabemos, também, que a cultura não sendo uma coisa absolutamente palpável não pode ser quantificada.

Entendida institucionalmente como apoios directos do Estado à criação artística, à recuperação do património, à divulgação da cultura, ao incentivo às artes (cinema, teatro, dança, etc.) é obviamente o parente pobre. Basta apresentar o valor do último orçamento de Estado destinado à cultura: 0,4 %. Seguramente que a cultura gera mais dinheiro que este valor que recebe. E gera mais dinheiro porquê? A cultura não é apenas a questão das livrarias ou discotecas, museus, mas o facto de haver, por exemplo, uma palestra num determinado sítio faz com que gere à sua volta uma venda de cafés, de jornais, de comida...Enfim gera outras trocas, cria dinamismo, consumo!

Por outro lado, se uma pessoa ouvir falar da Amália na fonoteca, de um determinado disco, música, vai comprar, vai querer saber mais sobre aquilo que ouviu, logo mais dinamismo e potencial consumo.

A cultura gera dinheiro.

Quando a doutora Teresa Gouveia esteve com a pasta da cultura teve uma iniciativa que achei interessante mas não teve seguimento, foi na antiga FIL uma feira das indústrias culturais que já procurava, numa primeira tentativa, uma sistematização das diferentes indústrias culturais que são inúmeras.

Mais recentemente temos visto que o actual Secretário de Estado da Cultura, Doutor Elísio Summavielle tem procurado ou procurou enquanto esteve no IGESPAR incrementar as economias regionais em torno dos grandes monumentos.

A cultura continua a gerar dinheiro, na minha opinião mais que aquele que recebe, e é um factor economicamente muito importante que nos pode trazer, por exemplo, turismo, logo receitas.

A cultura é a melhor montra que podemos ter numa Europa cada vez mais igual e num mundo cada vez mais global, mas de facto continua a ser o parente pobre.

No entanto, a cultura ainda é vista como um bem não essencial, como uma espécie de jóia decorativa.

O governo apoia pouco a cultura e deveria fazê-lo mais e melhor por uma questão até de identidade nacional.

#### **4 – Como se relacionam o fado e a cultura portuguesa?**

O fado é absolutamente português e exprime a nossa identidade cultural enquanto comunidade social que vive num determinado espaço. Logicamente que tem influências múltiplas, também Portugal sofre essas mesmas influências. Não há culturas autênticas desde sempre alteram-se, modificam-se.

A relação que o fado tem com a cultura é a melhor. Se formos analisar mais meticolosamente quase que podemos afirmar que o fado é um factor de aculturação, de formação.

Tendo começado nas camadas populares, mais baixas, no século XX quando a taxa de analfabetos em Portugal rondava os 90% constitui um instrumento informal de ensinamento, de formação. As pessoas tinham de aprender a ler de uma maneira, a saber contar a história certa, a dizer as palavras bem.

O fado integra-se na cultura, como tantos outros elementos, mas este surge como o mais agregador, que é transversal ao país.

Não nos podemos esquecer do interesse que tiveram no fado grandes poetas de língua portuguesa como David Mourão Ferreira, José Régio, Pedro Homem de Mello, entre outros.

A maioria de nós conhece o fado pelo que a Amália canta. Mas o fado escrito também é diferente.

Extraordinário, e que nunca mais idêntica coisa ocorreu, foi a ligação entre Amália e o senhor Alain Oulman que traz para a ribalta nomes como Luís de Camões, que ninguém tinha cantado até então, e todo um conjunto de poetas anteriores. E por tudo isto Amália era criticada em 1969.

As palavras de grandes poetas passaram a andar nas bocas das varinas de Lisboa, dos pescadores da Nazaré, das escriturárias do Porto. E depois de Amália, outros fadistas conseguiram o mesmo.

O fado é o melhor veículo em termos musicais para expressar a cultura portuguesa.

#### **5 – O fado ocupa o lugar merecido na cultura?**

Não! Apesar de não ter concordado com a transladação do corpo de Amália para o Panteão Nacional, como apreciador de fado deu-me muito gozo que num país com mulheres tão notáveis tenha sido uma fadista a primeira a entrar no Panteão.

Apesar de estarem mais distantes os preconceitos em relação ao fado, noto que por alguns sectores ainda é olhado por cima do ombro.

Mantem-se uma rejeição perante o fado e acredito que ainda vai demorar algum tempo para que essa mentalidade desapareça.

Contudo hoje, se virmos o fado é o que mais vende música, que mais exporta, que enche casas e esgota salas.

A matriz continua a ser o fado. Quando pedem a Portugal alguma coisa é o fado que acaba por ir porque apela mais aos sentidos.

Assim, falta ao fado o lugar que merecia tendo em conta a sua função quer como embaixador, quer como veículo de circulação cultural quer como canção aglutinadora das pessoas e do país.

## **6 – O Nuno tem está envolvido em diversos projectos sobre o fado. Quais destaca?**

Houve um que me muito gozo que foi quando passaram 150 anos da morte da Severa. Ninguém sabia quem era Severa, e ainda permanecia a ideia de mito, e consegui coordenar um conjunto de iniciativas dispersas pela cidade de Lisboa que trouxe para a ribalta a Maria Severa que viveu entre 1820 e 1946.

Foi um projecto sem fundos e sem lucros, com o esforço de cada um e com a minha coordenação. Todos estes espaços acabaram por cumprir um dos seus papéis, o serviço público, ao acolherem uma iniciativa de uma associação sem fins lucrativos e incluía no plano cultural da cidade. Agradou-me muito essa experiência.

As jornadas de fado também me deu muito prazer. Alguns textos que escrevo sobre o fado. Os prémios Amália.

Mas o que gostaria, fundamentalmente, era de conseguir equilibrar algumas iniciativas de divulgação com um trabalho mais apurado de investigação, fontes, algo que permanece ainda muito dentro dos muros académicos.

## **7 – É fácil trabalhar projectos na área da cultura?**

Não, não é fácil. Numa primeira ordem de questões porque lidamos com cada uma das pessoas. Estamos a lidar com pessoas que, por norma, têm egos muito grandes e ferem-se sempre susceptibilidades. O fado durante muito tempo esteve muito fechado e hoje o panorama é muito mais preenchido.

Depois porque as instituições públicas, com espaço para excepções, nem sempre têm espaço para acolher estas iniciativas. Actualmente vive-se com agendas de longo prazo.

Não há, igualmente, uma adaptabilidade, uma flexibilidade para estas questões.

Por outro lado, nada disto é retribuído. E nós hoje vivemos numa troca de favores, de interesses.

Não é nada fácil desenvolver estes projectos e os tempos de zanga existem.

### **8– Apoios ou feedback do Estado/governo português em relação à promoção/divulgação do Fado tem conhecimento?**

Não sei ao certo...Acho que foi agora com esta compra do espólio do fado que há uma primeira intervenção directa do governo, nos últimos 20 anos. Denotou-se um interesse marcado e oficial pelo fado.

De relevar também a importante passagem pela Secretaria de Estado da Cultura do Professor Rui Vieira Nery, que foi a primeira pessoa a apresentar o fado como um bem cultural.

O feedback que o governo recebe?! Deve receber muitos: há receitas, há impostos que arrecada. Agora se o governo tem um interesse em concreto sobre o fado? E que queira intervir nele? Acho que não, mas também não lhe valerá muito a pena. O fado é uma canção hostil à intervenção externa, nem mesmo o Estado Novo o conseguiu disciplinar, tentou mas não conseguiu.

Vamos ver o que vai dar esta aquisição da colecção, qual o rumo desta candidatura á UNESCO.

Estamos expectantes, contudo apoios e interesse são em escala reduzida.

### **9 – Quais a suas expectativas/perspectivas quanto a esta candidatura da UNESCO?**

Recorrendo a Fernando Pessoa, “primeiro estranhei, depois entranhei”, mas continuo muito céptico em relação à candidatura. Conheço muito pouco do seu conteúdo, quais os objectivos. Funciona num núcleo muito fechado, tendo passado muito pouco para fora. Não se percebe muito bem o que vão candidatar (todos os fados tradicionais? Só alguns?). Não conheço todos os pressupostos.

A UNESCO alterou alguns pontos das candidaturas: a categoria, já não existe a ideia de correr risco de possível desaparecimento (ainda que se mantenha subjacente).

Mesmo à comunicação social nunca ninguém revelou o que vai ser candidatado, qual o conteúdo do dossier. Que fado? Fado é muito vasto.

Não sei!

E isto das tradições estarem ou não em risco é muito relativo. As tradições, não registadas, mudam-se, perdem-se.

Penso que esta candidatura não quererá paralisar o fado, mas é tudo muito encoberto.

Tenho muitas dúvidas.

### **10 – Quão mediatizado se encontra o fado hoje?**

Mais do que ele próprio gosta. Fruto do tempo, da sociedade de informação, da necessidade de vender. Porque o fado sempre foi para ambientes mais fechados, algo mais discreto; mais da penumbra.

Há novamente três fenómenos que identifico como importantes: a Amália que mediatiza o fado através do cinema, da fotografia, da publicidade; depois o Carlos do Carmo que é muito

conhecedor do fado e que portou consigo gente nova, gente jovem e aproximou os jornalistas do fado; e, por terceiro, a Mariza que ultrapassou tudo e todos em termos de imagem e relação com os media.

Assim, o fado está muito mediatizado e, como disse, mais do que gostaria.

### **11 – Será o fado um instrumento de promoção de Portugal no Mundo? Como?**

Sem dúvida nenhuma. Tudo tem provado isso. Desde os tempos do senhor António Ferro e da Ercília Costa até a Mariza agora, por exemplo, no campeonato do Mundo da Coreia do Sul ser a representante de Portugal.

E já outrora se praticava tal rito: a fadista Teresa Tarouca foi convidada pela TAP quando abriu um balcão em Nova York; na primeira ligação Lisboa-Rio de Janeiro foi uma fadista que foi cantar, Maria Teresa de Noronha.

Ao longo das décadas, e sobretudo ao longo do século XX, sendo que o fado tem muito pouco para trás deste espaço-temporal, o fado sai muito para fora através de convites do governo.

Muitos políticos levam, quase sempre, um fadista nas suas comitivas.

A própria Amália foi várias vezes enviada para o estrangeiro representar-nos.

O governo enquanto dirigente tem consciência disso. E o fado apresenta-se como um bom embaixador, não há qualquer dúvida!

O fado vende, é uma excelente canção; canta a língua e literatura portuguesa. Há grandes audiências pelos inúmeros países.

Em termos oficiais, não lhe digo todos os anos mas pelo menos de 5 em 5 anos há uma representação oficial de Portugal e é feita através do fado, contra zero de qualquer outra expressão.

### **12 – Deixe uma ideia, um pensamento sobre a cultura portuguesa no mundo, sobre Portugal no Mundo.**

Creio que é o sistema de signos que permite uma maior intercepção entre culturas. Em termos das culturas que conheço, e não são muitas, penso que a cultura portuguesa é uma das que permite maior interacção com outras. É a nossa maneira de estar com os outros. A nossa cultura permite trocas, facilita a construção de uma rede.

### **13 – O fado sobreviverá?**

Penso que sim. Enquanto houver portugueses, enquanto existir este rectângulo à beira-mar, o fado sobreviverá.

Hoje o fado está espalhado por todo mundo: há fadistas em Israel, no Japão, na Roménia.

É um sentimento que nos ultrapassou, tal como a Amália tornou o fado numa disciplina universal esta difusão é absolutamente verdade, real.

Por tudo isto penso que sim.

O fado está de boa saúde e mesmo mudando constantemente de pele mantém a sua espinha, a sua coluna vertebral.

O fado é do quotidiano e, por isso, adapta-se às pessoas e para sempre ficará.

**Nome: Doutora Sara Pereira**

**Profissão: Directora do Museu do Fado**

**Local e data da entrevista: Museu do Fado, Alfama a 20/11/2009**

**1 – Sendo Directora do Museu do Fado, o que significa o fado para si? O que mais lhe agrada no Fado?**

Para mim, aquilo que tenho como significado do fado em absoluto, é de expressão musical que melhor representa a nossa matriz identitária; um género musical com raízes relativamente recentes na história do país, aproximadamente 200 anos, mas que ainda assim está profundamente enraizada na sociedade portuguesa e tem sido capaz, ao longo da sua história, de promover, de divulgar aquilo que mais autêntico nos representa – os melhores poetas, por exemplo.

O fado foi capaz de construir uma história de grande sucesso. Chegou aos quatro cantos do mundo, os seus artistas tornaram-se embaixadores da nossa cultura.

E, portanto, se ao mesmo o fado tem esta visibilidade internacional e é, consensualmente, reconhecido como imagem de marca do país não deixa também de continuar a ser cultivado nos círculos mais familiares, nas associações de recreio, nas pequenas redes de espectáculos. O fado continua a ser esta arte performativa. Continua como a arte contemporânea de Lisboa. Continua a construir-se hoje!

**2 – E qual o estado de saúde do fado?**

Está em plena pujança e vigor. E aliás como atestam a visibilidade e o mediatismo crescente de artistas como a Mariza e toda esta nova geração, que muito legitimamente têm ganho lá fora.

A história do fado aconteceu através de inúmeras flutuações, há uma variação na forma como a sociedade portuguesa encarou e viveu o fado e reagiu ao fado.

Começamos em finais do século XIX, a partir de 1870 numa altura em que o fado começa a adquirir uma consagração popular bastante razoável; começa a ascender aos palcos de revista mas sempre oriundo de um contexto marginal.

O fado nasce associado a contextos de marcada marginalidade e tal associação vai ditar, a partir de 1870, um repúdio muito forte da intelectualidade portuguesa que o vai rejeitar. Temos nomes da nossa geração de 70, Ramalho Ortigão, Eça de Queirós, a criticar ferozmente o fado e a associar ao fado o pior que existia na sociedade portuguesa. No início do século temos um

António Arroio, pioneiro no ensino artístico em Portugal com uma visão muito crítica do fado dizendo “rapazes não cantem o fado”.

Depois, à medida que entramos no Estado Novo percebemos que este mesmo vai tentar limpar, purificar, higienizar o fado, aliás como todas as práticas artísticas ao introduzir o decreto-lei de 6 de Maio de 1927, da censura, e vai introduzir mutações profundas no fado. Há um livro de um dos ideólogos deste Estado Novo publicado em 1936 que compila uma série de palestras dadas na emissora nacional – *Fado canção de vencidos*, de Luís Moita – que espelha bem esta repulsa ao fado.

Mas, porque o fado por outro lado nunca precisou de critérios de certificação estética, nem de critérios de legitimação da parte das autoridades ou outros, foi capaz de se propagar e de absorver as inovações culturais, tecnológicas, poéticas em proveito próprio.

Começa no teatro de revista, passa pelas primeiras edições discográficas; o advento da rádio, da televisão, do cinema e todos estes meios de mediatização vão conferir ao fado um grande protagonismo na nossa cultura.

Ao mesmo tempo há um fenómeno chamado Amália Rodrigues que projecta, definitivamente o fado no mundo a partir de 1940, antes disso já existiam pequenas embaixadas, mas depois disso e, à medida que caminhamos pelo século XX, será o próprio regime a perceber que se deverá colar ao fado, ao invés de o condenar.

Depois do 25 de Abril, há um período de confusão, de crítica ao fado; enfim, um extremar de posições. O fado em 1975 vai viver momentos críticos: é banido da televisão, é interrompido o concurso da grande noite do fado (que acontecia já desde 1953 na cidade de Lisboa), a Amália é perseguida e acusada de ligações ao regime e à PIDE.

É preciso chegarmos ao final da década dos anos 70 para acontecerem três coisas fundamentais para a reviravolta: a primeira é o lançamento dos estudos académicos sobre o fado pela mão do Professor Joaquim Pais de Brito, Antropologia no ISCTE em 1978/79; antes disso, em 1977, o Carlos do Carmo lança um disco fundamentalmente “o Homem na cidade” com poemas de Ary dos Santos, um homem de esquerda que serviu e foi fundamentalmente para aproximar uma elite que achava que o fado era uma canção do antigo regime; e finalmente nos anos 80 começa a surgir internacionalmente o conceito da World Music, da promoção das músicas mais autênticas e identitárias de cada povo, de cada nação e o fado encontra aqui um espaço crucial para se expandir.

Desde então até hoje, abriu o Museu do fado em 1998 idealizado e consagrado de raiz pela Câmara Municipal de Lisboa, antecedido de uma exposição fundamental em 1994 no museu da etnologia chamada “Fado: vozes e sombras” constituindo um marco por ser a primeira grande exposição sobre o fado, tornando-o num objecto museológico; em 1999 a Amália morre e começa pouco depois a aparecer uma nova geração muito talentosa e que tem vindo a dar provas até aos dias de hoje. O percurso mais fulgurante é do Mariza com um voz e um talento superiores.

### **3 – A cultura mantém-se o parente pobre do poder político?**

Acho que não, pelo menos no caso do fado não.

Está em curso uma candidatura do fado para património mundial da UNESCO e esta candidatura, aquilo que representa, é um esforço inédito do governo português na preservação do seu património imaterial. Portanto é um passo inédito. Nunca tinha sido desenvolvido algo tão importante ou semelhante por parte de Câmara Municipal de Lisboa. Portanto cada vez mais a legislação portuguesa começa a focar-se no património imaterial e na necessidade de o preservar.

Deste modo considero, que cada vez menos, no que diz respeito ao fado isso acontece. Bem pelo contrário, há uma atenção e investimento reforçados. Esta candidatura não procura nem um selo, nem um carimbo de prestígio. Estas candidaturas a programas da UNESCO aquilo que prevêem são planos de salvaguarda feitos com um horizonte mínimo de 10 anos e nos quais cada estado membro, neste caso o português, se compromete a desenvolver um conjunto muito alargado de medidas de preservação daquele dito património. Portanto, não estamos a falar de catalogar o fado, mas é antes um plano de salvaguarda muito sério, importante e inédito que vai exigir um grande investimento do estado português.

### **4 – Continuando na temática da candidatura do fado à UNESCO, a doutora Sara afirmou que vai ser apresentada no primeiro semestre de 2010. Quais as suas expectativas/perspectivas?**

As minhas perspectivas são as melhores possíveis. Independentemente de virmos a vir a obter o tal reconhecimento, ou não, o facto do estado português propor e trabalhar num plano de salvaguarda a 10 anos de um património imaterial específico, já é um passo muito grande. Há um processo muito curioso nesta candidatura porque não é uma intervenção isolada da Câmara Municipal de Lisboa ou do Ministério X ou Y.

Esta candidatura pressupõe 3 linhas de acção: uma primeira linha tem a ver com a patrimonialização do fado – o museu tem uma colecção de 17 mil peças, muito importante para o estudo do fado, mas não tem tudo, portanto nesta linha foi necessário criar uma rede de parceiros com outras entidades públicas e privadas detentoras de arquivos de grande relevância para o estudo do fado. Nestas entidades temos protocolos com a estação pública de rádio e televisão, a RTP e a RDP, que tem um arquivo audiovisual brutal, protocolos com a Biblioteca Nacional, com os museus de tutela do Ministério da Cultura, pequenos museus espalhados no país e relevantes. Portanto, estamos a criar esta rede de parcerias num esforço comum de protecção dos testemunhos físicos deste património. Estamos também a trabalhar com a rede das entidades que defendem os interesses dos artistas, por exemplo, os sindicatos dos músicos, os sindicatos das artes do espectáculo, associações dos amigos do fado,

pequenas academias, associações de carácter recreativo, amador, colectividades e todas estas instituições.

Depois numa segunda linha, num diferente eixo, estamos a trabalhar num plano de formação e aqui dispomos de protocolos com a Universidade Nova de Lisboa, a Universidade Católica e com escolas superiores de Hotelaria e Turismo. A ideia deste plano de colaboração é garantir a participação activa e efectiva dos artistas na formação, nos programas pedagógicos. Serão os artistas a passar o seu conhecimento, conjugando sempre a perspectiva académica, com a perspectiva dos detentores do conhecimento. A ideia é que seja o Carlos do Carmo, a Mariza, a Raquel Tavares e muitos até anónimos do grande público, mas com longas carreiras nas casas de fado a deslocarem-se às escolas, faculdades e universidades e transmitirem o conhecimento, a experiência.

Finalmente numa terceira linha temos um plano de edições muito vasto, onde estamos a reeditar livros, um role de bibliografia que saiu ao longo do século XX e que era essencialmente crítica ou apologética do fado, mas que não deixa de ser muito útil para um conhecimento mais efectivo deste património. Portanto reeditar livros, registo audiovisuais, compilar ensaios e artigos sobre algumas visões do fado na nossa literatura (o caso do Eça, do Ramalho, do Fialho de Almeida) ou nas nossas artes plásticas. Estamos a falar num plano multidisciplinar.

Se depois disto tudo não tivermos o reconhecimento da UNESCO, o que interessa é o trabalho estar feito. E de facto, já sabemos que o Fado é património mundial. E é esta universalidade que o fado tem que lhe dá esta dimensão à escala da Humanidade.

#### **5 – Não considera existir um défice de estratégia cultural?**

No caso do fado, não. Acho que estamos muito bem. Podíamos sempre estar melhor e quando esta candidatura for entregue, no início do próximo ano, estaremos cada vez melhor.

Mas, por tudo o que lhe disse, não posso dizer que no caso do fado haja um défice de estratégia porque está a haver um investimento inédito no país.

#### **6 – Como se relacionam o fado e a cultura portuguesa?**

O fado faz parte da cultura portuguesa. Não podemos falar de cultura portuguesa sem falar do fado.

Se pensarmos em 2 ou 3 elementos fundamentais da cultura portuguesa muito provavelmente o fado encontra-se no topo da lista.

O fado integra a cultura portuguesa, tendo um lugar central na matriz cultural portuguesa. Representa a nossa portugalidade e depois é capaz de absorver Luís de Camões ou um poema do século XXI que nos aborda uma temática actual, e este é o segredo, se é que há algum, para este percurso de sucesso. O fado conta histórias. E as histórias que tem contado têm transportado os grandes nomes da nossa literatura e tem reunido os temas mais caros do

nosso imaginário, mesmo que sejam temas que do ponto científico sejam inconcebíveis ou duvidosos: a proximidade do mar, a nostalgia, a melancolia, a saudade.

### **7 – O fado ocupa o lugar merecido na cultura?**

Sim. E tudo fazemos para que cada vez mais e melhor.

### **8 – Passados 10 anos da sua criação, o Museu do fado é hoje um espaço obrigatório no roteiro de Lisboa?**

É e cada vez mais.

O espaço foi todo reformulado no final de 2008 e portanto temos hoje uma exposição muito vocacionada para aquilo que é um objecto museológico imaterial.

O Museu tem como missão investigação, preservação, divulgação do fado. Trabalha em estreita articulação com a comunidade, com o universo fadista que foi um pressuposto central para a abertura deste museu e assim desde o início. Foram todos os artistas que nos doaram as suas peças, depositaram-nos todos os seus testemunhos e bens materiais e afectivos, não fomos comprar nem negociar nada.

No entanto, aquilo que o museu pretende deixar como pista para o visitante é que o fado não está no museu, mas lá fora. Falamos de um património imaterial, fugaz, irrepetível, incorpóreo. Se assistirmos as duas a um mesmo espectáculo iremos reter memórias diferentes da mesma experiência. Falamos de um património que não se materializa num outro testemunho a não ser na nossa memória. Por isso, em exposição encontramos não só as obras artes, os instrumentos musicais, mas também as histórias de vida dos artistas. São eles também o nosso objecto museológico e como ainda não encontrámos forma de colocar os artistas dentro de vitrinas (risos) temos de tratar com textos, histórias, quadros informativos ao longo do museu.

Pretendemos, assim, deixar claro que o fado está a acontecer lá fora. Continua a criar-se, a reinventar-se, a construir-se. É uma arte em permanente construção, criação e recriação.

O museu tem a responsabilidade de contar a história de como foi e como se desenrola. E daí o esforço muito grande desta equipa para o enriquecimento sistemático da base de dado a um ritmo diário.

### **9 – Qual a média de visitantes? São mais nacionais ou estrangeiros?**

Temos uma média de 30 mil visitantes por ano, mais estrangeiros. Digamos que 65 % são estrangeiros e os restantes são portugueses que vêm normalmente organizados ou em grupos – escolas, reformados, outras instituições – ou que vêm assistir especificamente à programação do museu – peça de teatro, a um concerto, a uma iniciativa, a uma exposição temporária.

**10 – Dos inúmeros projectos que o Museu do fado tem desenvolvido quais destaca?**

O grande projecto que temos é este da candidatura. Este é o mega projecto porque nos transcende, é nacional.

Depois apresentamos exposições temporárias que nos dão um prazer imenso a preparar. Por exemplo, fizemos, em 2007, uma exposição sobre David Mourão Ferreira e foi a primeira homenagem da cidade de Lisboa a esta figura crucial da nossa literatura. Temos agora uma exposição sobre outra figura muito importante o Alan Ollman.

Temos um projecto muito interessante que irá para o ar no início do próximo ano, um programa de televisão co-produzido entre o museu e a RTP, demonstrando a história do fado em seis episódios: *Trovas antigas, saudades loucas*; é narrado pelo Carlos do Carmo e é a primeira vez que se produz um programa de televisão sobre a história do fado cruzando diversas temáticas e diferentes gerações.

**11 – É fácil trabalhar projectos na área da cultura?**

É.

Há um possível “medo” que nem sempre é recompensado ou que não é valorizado por todos. Mas tenho de lhe dizer que sinto realmente um privilégio grande por ter vindo parar ao fado. Não tenho fadistas na família, nem se quer achava graça ao fado. Aprendi a gostar e tenho sorte em poder crescer, aprender diariamente com os artistas e poder construir projectos com e para eles. É um privilégio enorme.

Simultaneamente o museu pertence e é tutelado por um empresa da Câmara Municipal de Lisboa, GEAC, que gere vários monumentos, museus e teatros no município. É uma empresa com um modelo de gestão particular e no qual dá gosto trabalhar porque há autonomia, há responsabilidade e há condições de trabalho. É uma gestão mais eficaz que torna o trabalho mais fácil e compensatório.

**12 – O fado é um instrumento de promoção de Portugal no Mundo?**

É, sem dúvida.

**13 – O fado é um produto cultural?**

Creio que sim!

É assumidamente aquele que pode ser considerado como o mais autêntico, aquele que nenhum outro país poderá apresentar como seu, apesar de estar presente em todo o mundo e na boca de cantores de todas as nacionalidades.

**14 – Deixe uma ideia, um pensamento sobre a cultura portuguesa no mundo, sobre Portugal no Mundo.**

É tão importante e, no que diz respeito ao fado, este conseguiu projectar-se no mundo e ao mesmo tempo incorporar o mundo em si. E esta troca permanente é que é importante e nos torna a todos mais ricos. Percebermos o ponto de ligação entre a nossa cultura e outras, entre o fado e a rebética grega ou entre outros sons e harmonias, espalhados por diversos países.

### **15 – O fado sobreviverá?**

Sim, claramente.

Sabe que quando o museu abriu era muito comum perguntarem isso. Em 1998, as pessoas achavam que mais dia, menos dia, o fado desaparecia. Ainda não tinha surgido, naquele ano, esta nova geração.

Até mesmo eu, quando comecei o projecto em 1997, repensava se não estaria em vias de extinção?! Mas depois comprovei o contrário e inverti completamente essa ideia. Ao passear, por exemplo, aqui por Alfama e apercebemo-nos da quantidade de crianças que cantam o fado. Se formos às audições, a selecção para a Grande Noite do fado comprovamos a quantidade elevada de pessoas que participam, são centenas de candidatas.

Sobretudo nos bairros históricos e populares as crianças nascem com o fado, com os traços de fadista e depois cantam.

Assim, mesmo nos momentos em que o fado não gozou do mediatismo que goza hoje sempre teve vitalidade tremenda nestes ambientes, no seu núcleo. A sua semente esta muito viva.

Hoje vive do mediatismo, que é provável que finde, não vai durar para sempre. É de ciclos. Contudo, estes artistas desconhecidos vão continuar a cantar, a chama vai estar sempre acesa.

**Nome: Mafalda Arnauth**

**Idade: 38 anos**

**Profissão: Fadista**

**Local e data: Bairro Alto Hotel, Lisboa a 20/11/2009**

### **1 – Porquê o fado?**

Porque o fado tem uma força que nos ultrapassa enquanto indivíduos e enquanto país também. E provavelmente por isso me surgiu de uma forma tão espontânea, mas igualmente positiva. Eu estudava veterinária e de repente obrigaram-me a começar a cantar fado. Apesar deste modo de entrar estranho acabou por se instalar.

O fado impôs-se na minha vida e com os anos o meu fado ganhou vida própria e sobrevive para lá de mim. Tem uma magia, que está induzida no nosso cariz, e que o torna extremamente poderoso.

## **2 – Como reage o público português ao fado?**

É curioso que em 15 anos de carreira tenho assistido a uma transformação muito grande. De repente passou-se do desconhecido e intencionalmente ignorado para um cachimbo da paz. O fado pacificou. As novas gerações apagaram a ideia triste, amarga, sombria que tinham do fado e do seu passado.

Assim os que gostavam de fado encontram hoje novos cantores com os quais se identificam. Aqueles que, por seu lado, se encontravam distantes da melodia pacificaram a sua relação e alguns começam a entregar-se ao fado.

## **3 – E o público estrangeiro?**

Esse sempre teve uma elevada abertura de espírito que em Portugal não há. São quase virgens, verdes no sentido de gostarem porque sim, porque gostam. É brutal. É algo quase instintivo.

Se bem que hoje este público está mais informado e começa a distinguir, conhece mais cantores e define quais gosta mais ou menos.

Mas mantém-se um brilho nos olhos que é extraordinário.

Tanto que acho que o primeiro alvo dos turistas na cidade de Lisboa é o fado; é por ele que muitos vêm de fora, ao nosso país.

## **4 – E os jovens, qual o sentimento destes face ao fado?**

Com os tempos tem sido uma das melhores reacções. É curioso para mim que os elementos da geração abaixo dos 30 anos sejam ainda mais receptivos, calorosos, atentos e têm muito menos referências que as outras gerações. Isto faz com que de repente queiram descobrir mais, que se revejam nos jovens que estão a cantar e a tocar no palco e interessem-se muito pelo conteúdo das letras, mais que antigamente que seria pela melodia.

É muito interessante.

## **5 – Na sua opinião, qual a relação entre o fado e a cultura portuguesa?**

Eu chego cada vez mais à conclusão que é directa. Li um artigo há pouco tempo que identificava como algumas das melhores musicas dos últimos anos determinados fados. É extraordinário.

O fado tornou-se muito mais aberto, muito mais actual e geral.

## **6 – Mas o fado está hoje na moda ou é mais do que isso?**

É mais do que isso.

Estamos numa época, num ciclo fortíssimo de talento e seria uma grande desatenção do público, em geral, não dar conta desta riqueza que está a acontecer.

É claro que como tudo o resto abriram-se portas para uma quantidade de coisas que têm uma qualidade mais relativa, mas isso naturalmente a vida faz a justa selecção.

### **7 – Quando sobe ao palco, o que leva de Portugal?**

Levo imensas coisas sobretudo o coração. Somos um país extremamente vibrante quer estejamos felizes ou tristes. Nós vibramos profundamente e é isso que sinto quando subo a palco. Tenho ganas, tenho raça.

Quanto a elementos mais físicos, visto Nuno Baltazar, anteriormente vestia Paulo Matos, e acho claramente que este passo em frente que se deu em termos de estética, de beleza, de elegância é um cruzar de dados essencial.

Esta arte movimentou outras. E a par do fado crescem outras variantes: a fotografia, o cinema, por exemplo. O estilismo expandiu-se e também a joalharia. O último trabalho que fiz, tive a colaboração de Inês Nunes que faz peças extraordinárias uma verdadeira artesã da jóia.

Com isso promovemos toda uma série de artes, de indústrias.

### **8 – E em relação à curiosidade que o público tem pela guitarra portuguesa?**

É legítimo.

É um instrumento muito bonito, misterioso. É exótico e tem um som que não deixa ninguém indiferente.

### **9 – Qual é o seu principal objectivo ao cantar Fado?**

Por um lado é mesmo o de me cumprir. Esta música que se impõe de tal modo na minha vida, nas minhas escolhas, no meu dia-a-dia é porque tinha de ser e é das poucas coisas em que sou realmente fatalista.

E por outro lado o fado deixa-me exprimir aquilo que me vai no coração. Não tem uma mensagem acaba. É uma mensagem do dia-a-dia.

No poder da palavra uma pessoa descobre, encontra como cantar-se e cantar os outros. É genial quando as pessoas nos agradecem por representar-mo-las naquele momento.

### **10 – Não lhe parece que pratica mecenato cultural ao mesmo tempo que desenvolve a sua profissão?**

Tenho definitivamente a sensação de responsabilidade, de representar qualquer coisa grande, de me sentir mais portuguesa em determinados momentos.

No fundo o que ainda não percebi exactamente é que ligação existe entre mim e o meu país em termos de apoios. Ser artista, actualmente, com toda a legalidade em termos de finanças é um sofrimento. Há entraves difíceis. Não nos sentimos ainda defendidos como deveríamos ser. Em primeiro sou artista e depois sou uma profissional desta arte. Sinto que dou tudo de mim e que tudo o que consegui advém desta forte dedicação.

**11 – Remete-nos, então, para a questão se existem apoios ou feedback do Estado português em relação à promoção/divulgação do Fado aqui e fora de Portugal?**

Só em Portugal já seria crucial. Existe depois este perigo de considerar o fado a música fácil. Leva-se para todo e qualquer lugar, é facilmente transportável. São poucos músicos (3 ou 4 em cima do palco) e temos um espectáculo montado. Esta ideia tornou-se extremamente perigosa. Só quem me acompanha diariamente sabe o trabalho que dá, o investimento que existe.

Hoje o fado tem um espectáculo cénico, estético. É mais do que outrora, mas mantém-se como sempre, fiel a si próprio.

O Estado, o governo acha que estamos nós ao serviço do país, mas efectivamente é ao contrário. Nós, fadistas, somos embaixadores do país e dedicamos as nossas vidas a isto, ao fado.

Tudo isto deveria ser reconhecido.

Francamente não há apoios; nenhum apoio me é concedido ou apresentado.

**12 – Mas confirma-se que o fado é um instrumento de promoção de Portugal no Mundo?**

Absolutamente. Eu vou amanhã para a Holanda e se for preciso estamos cinco artistas em simultâneo em território holandês e há público para todos. As salas esgotam.

Há alguns anos que esta boa fase dura.

Este público internacional apaixona-se por Portugal e por esta imagem romântica que têm do fado, da música, das mulheres fadistas, sobretudo.

O público revê-se no lado sentimental do fado.

**13 – Sabendo da sua entrega ao fado e das inúmeras viagens que faz por este, conte-me algumas das suas experiências, os locais onde já passou, a vontade destas pessoas em aprender, em conhecer o Fado.**

Há imensas. Como viagens interessantes tenho tido imensas. A nível humano acho que a América do Sul é extremamente calorosa e são viagens de grande emoção.

Ao nível dos concertos um dos que destaco mais foi o último CCB que fiz em Portugal, em 2008, que é um marco.

Recentemente fiz uma viagem a Itália e foi genial. A reacção sobretudo dos media. Neste país quando se gosta, gosta-se muito a sério.

**14 – Quais a suas expectativas/perspectivas quanto a esta candidatura da UNESCO?**

Acho de profunda coragem tentar chegar a esta situação, alcançar este mérito porque o fado é tudo menos consensual. Vivemos, hoje, num tempo de diversidade são imensos os reportórios e são muito diferentes, muito distintos. Acho fabuloso que esta diversidade se tente unir em torno de uma intenção.

Se conseguirmos movimentar o país para tal já é uma boa vitória.

É um desafio que me deixa atenta, empenhada.

### **15 – Podemos considerar o fado um produto cultural?**

Completamente. Os cd's vendem-se, exportam-se. Têm uma longevidade imensa porque efectivamente há público para isso.

O fado é exportável. As pessoas que o fazem têm de estar à sua altura.

### **16 – O fado ocupa o lugar merecido na cultura?**

Cada vez mais. Quando se começa a perceber que um intérprete como o Camané, por exemplo, que consegue ser fadista, consegue cantar *rock*, consegue levar o projecto dos Humanos, só isto é o exemplo que existem pessoas admiráveis dentro do fado e que foram, igualmente responsáveis por levar outros mais longe.

Hoje as pessoas estão mais atentas ao fado, há uma relação de maior respeito.

Rompeu-se com a ideia de fado igual a tristeza. E pacificou-se.

### **17 – Deixe uma ideia, um pensamento sobre a cultura portuguesa no mundo, sobre Portugal no Mundo.**

A cultura portuguesa tem um ponto de raiz. As pessoas não percebem a língua portuguesa mas a verdade é que exigem as traduções e têm a noção da força da nossa poesia, das nossas palavras.

O fado junta os poetas antigos como faz expressar os mais contemporâneos.

No mundo quem não nos entende capta-se do poema a parte mágica que é a articulação do português tem uma força imensa. Muitas vezes o público me expressa isso. Faz-nos cócegas na alma.

É a força que transcende e não é explicada em termos racionais. E acaba por expor-nos em termos emocionais, sentimentais. Acabamos por ser corajosos. Únicos, puros, interiores.

E se as pessoas associam fado imediatamente a Portugal há uma parte do concerto em que se perdem as fronteiras geográficas para passarmos ao lado emocional.

Não é à toa que temos este nome de Lusitanos, luz.

E o futuro do fado passa por estas novas gerações e pela forma como vamos decidir prolongar o fado.

### **18 – Sente-se embaixador de Portugal no Mundo?**

Sinto. É impossível não sentir. E cada vez que saíu, sinto-me mais portuguesa.

Saiu e é bom fazer parte deste país.

### **19 – O fado sobreviverá?**

Quem somos nós para responder isso. O fado tem vida própria, tem força e está para lá de todos nós.

É ele que vai ditar a sua sobrevivência.

Ninguém sabe o futuro, ninguém sabe para onde vamos.

No que depender de mim vai estar sempre na raiz daquilo que transmito às pessoas.

**Nome: Ana Bacalhau**

**Idade: 33 anos**

**Profissão: Cantora**

**Local e data: Estefânia, Lisboa a 02/12/2009**

### **1 – Como surgiu este projecto?**

Surgiu em 2006. Nós já nos conhecíamos, porque somos família, mas tínhamos outros projectos. O Pedro conhecia bem a minha voz e eu também conhecia bem os talentos dos meus primos. Compôs-se duas, três canções e finalmente juntámos-nos os quatro e ensaiamos. Constatámos que estava ali algo interessante que queríamos levar a diante. Surgiu esta banda como algo mais simples, acústica em relação às bandas das quais saímos.

Em 2006 demos o nosso primeiro concerto no Cefalópede e pela reacção do público decidimos continuar.

A Deolinda acabou por nascer pela necessidade de atribuirmos um nome de uma identidade ao grupo, as canções, as letras pareciam encarnar uma personagem, uma outra personalidade.

Acabámos por chegar onde estamos hoje.

### **2 – Muitas críticas que tenho lido, alguns comentários que vejo e ouço falam da presença do fado como uma das, ou a base do vosso projecto. Confirma-se?**

É sem dúvida uma das nossas influências principais e se calhar uma das mais notórias. Apesar de não ser a única. Partilhamos com musica tradicional e popular portuguesa, pop, jazz, entre outras.

Mas apesar disso o fado é muito notório, é forte. Todos nós o amamos muito, enquanto ouvintes, porque nenhum de nós é fadista, mas sempre ouvimos fado. Foi algo importante na nossa formação musical. Portanto está certo quando nos apresentam como resultado de influência do fado, mas não somos fado tradicional.

### **3 – E porquê o fado?**

Acho que é uma atracção que está muito presente nesta nossa geração de músicas. Eu observo as pessoas da minha geração a encontrarem-se no fado e nas raízes da nossa música muito naturalmente.

Nas gerações anterior ainda existia o estigma do fado e do Estado Novo, na nossa já não faz sentido. Conseguimos separar e perceber que houve um aproveitamento notável por parte de Salazar do fado enquanto instrumento do regime.

Nós temos esse distanciamento e depois de consumirmos tanta música, sobretudo, anglo-saxónica, também relevante para a nossa formação, acabamos por gravitar de novo para aquilo que é nosso. Tudo isto se reflecte na nossa música.

Nos Deolinda, como em outros projectos, trabalhamos a nossa portugalidade deixando impressões digitais, musicais e sonoras bem distintas.

Penso que passa também por aí o facto do fado estar tão presente hoje em dia.

#### **4 – Como reage o público português?**

Óptima. Não foi a esperada por ter sido tão rápida. Mas acaba por ser o reflexo do que já disse. Apesar de na nossa plateia termos muitas cabeças grisalhas também temos muitos pequeninos e jovens.

As pessoas encontram na nossa música uma proposta distinta e muito nossa. Imediatamente associa-se a Deolinda. E depois tem um conjunto de influências que diz muito às pessoas e a própria forma de dizer as palavras, a mensagem atrai o público. É tudo muito natural, do quotidiano.

#### **5 – E o público estrangeiro?**

É uma conquista engraçada. As pessoas vão porque ouvem a palavra fado. Nós no estrangeiro somos fado. Quando começam a ouvir estranham em relação ao fado que estão habituados, o tradicional. Depois acaba por se estranhar e terminam do nosso lado.

Acabamos em festa, com o público conquistado.

Percorremos quase toda a Europa e todos têm uma vontade imensa de nos voltar a ouvir, de nos ter de volta.

Não tendo acesso imediato à língua portuguesa acabam por ficar atraídos com o ritmo e com a musicalidade.

#### **6 – Na sua opinião, como se relacionam o fado e a cultura portuguesa?**

É indissociável, por força e por grande responsabilidade de Amália Rodrigues que instalou o cânone do fado tal como se apresenta. Começou a cantar poetas, vestiu o fado de negro e colocou-se em frente dos guitarristas. Tirou-o das casas de fado e colocou-o no mundo, nas grandes salas, teatros de todo o mundo.

Sendo assim, a partir da Amália o fado tornou-se cultura não só lisboeta, mas sobretudo portuguesa e de facto é um modo de identificação de Portugal lá fora. Musical e cultural.

É algo que nos dignifica porque levamos poetas ao mundo e grande riqueza musical. Mas simultaneamente parecem que só vêm uma cor nossa, algo triste.

**7 – O que levam os Deolinda de Portugal cada vez que sobe ao palco? (há uma preocupação vincada em levar, no decor tipicamente português?)**

Leva os naprons; leva a língua um dos elementos mais importantes para a nossa identidade cultural, nacional. Leva-nos a nós, aos músicos portugueses. Nada é descurado em relação à imagem, à presença no palco.

A imagem que eu tenho em palco é retirada dos quadros do Malhoa, da Severa deitada sobre o guitarrista. O cenário é o reflexo da nossa música. Uma mescla do tradicional, do tipicamente português e do que é nosso.

**8 – Apoios ou feedback do Estado português em relação à promoção/divulgação existem?**

Já tivemos alguns apoios. Fomos há pouco tempo a Madrid a uma mostra de música e cultura portuguesa através de um convite da Embaixada Portuguesa em Madrid. Temos pontualmente o apoio nesta nossa incursão.

Sentimos o apoio de comunidade emigrantes.

Não demasiado, claro. Sinto que há algum orgulho na nossa música, na nossa cultura porque várias as vezes em que o Primeiro Ministro, o Presidente da República se deslocam ao estrangeiro e levam músicos para mostrar a nossa cultura a outros países, povos, culturas.

Agora é certo que há sempre pontos a melhorar. Nós fomos à maior feira de música do mundo, na Dinamarca. Aqui todos os países podem promover a sua música, agências e músicos. Numa comparação muito directa, o estado espanhol tinha uma banca grande, muito bem organizada enquanto Portugal apresentava algo mais pobre. Claramente o investimento tinha dos dois países tinha sido bem distinto.

Nesse aspecto há que melhorar muito. O investimento na cultura é seguro. A indústria da cultura e do entretenimento é dos que mais lucro gera.

É um desperdício não existir uma visão atenta dos nossos políticos face a isto. Não se quer misericórdia, mas inteligência. Porque felizmente muito dos músicos não precisam do Estado, mas precisa mais este de nós.

O investimento privado também é muito importante. O mecenato é muito importante, como o é, por exemplo, nos EUA. E os projectos também têm de se valer por si mesmos, fortes, diferentes.

Tudo deve ser bem gerido para que nada cai em risco.

**9 – A Ana considera o fado um instrumento de promoção de Portugal no Mundo?**

Sim, claro. Lá fora conhecem-nos pela música, pelo futebol e pouco mais. Alguma comida e vinhos mas pouco a pouco.

A música, sobretudo o fado é que nos transporta e representa lá fora. Vai às melhores salas mundiais e enchem-nas. Cantam a nossa língua e espelham a nossa cultura.

O Salazar não era de todo parvo. Se já na altura utilizou o fado, ainda que para maus fins, é porque reconhecia o seu potencial, o seu significado.

**10 – Sabendo da sua entrega à música e das inúmeras viagens que faz por esta, conte-me algumas das suas experiências, os locais onde já passou, a vontade destas pessoas em aprender, em conhecer a vossa música.**

Acontecem muitas. Acham que eu sou a Deolinda. Já marcaram quartos à espera da Senhora Dona Deolinda, enfim os mais expectáveis.

**11 – O que mais a agrada na música que canta?**

As letras, a possibilidade de dar uma interpretação às músicas. Passar pelas emoções. É um desafio estar em palco!

**12 – O fado ocupa o lugar merecido na cultura?**

Já começa a ocupar esse lugar. Os constrangimentos estão a ficar de lado e nós enquanto sociedade estamos finalmente a ultrapassar aquilo que já desde o tempo de Eça de Queirós liamos na vergonha em sermos portugueses. O que é estrangeiro é que é bem visto e temos orgulho no que fazemos.

Temos de aprender a preservar o que é nosso, o que nos distingue. Aqui o fado e a internacionalização deste tem cooperado muito. Se os estrangeiros apreciam porque não damos nós o devido valor?

Sinto que algo muda. Que se houve mais música portuguesa.

**13 – E a cultura ocupa o lugar merecido na política ou permanece parente pobre?**

Os políticos vão ser os últimos a perceber a importância da cultura no sucesso económico de um país. Continua a alimentar-se a ideia, a convicção que o dinheiro na cultura perde-se, não tem retorno.

E a própria postura das pessoas face à cultura. A cultura pode não servir para lavar pratos, para meter comida na mesa, para pagar portagens mas serve para que a pessoas consiga ser quem é. As artes são uma forma de expressão individual ou em grupo mas ajuda-nos a compreender quem somos.

Isso importantíssimo e por tal gere tanto dinheiro. Portanto quanto mais rápido o poder político tornar a cultura uma parceira, e não usarem-na quando apenas lhes convêm, mais depressa o país também avança.

Quanto mais informadas forem as pessoas, mais motivadas estarão e simultaneamente mais próximas de outros países e outras culturas.

#### **14 – Sente-se embaixadora de Portugal no Mundo?**

Sim, quando estamos lá forma estamos sempre a apresentar a nossa cultura e o nosso país aos outros e temos de o fazer dignamente, que dignifique e represente o que somos. Neste prisma somos sim.

Sentimos essa responsabilidade.

#### **15 – Deixe uma ideia, um pensamento sobre a cultura portuguesa no mundo, sobre Portugal no Mundo.**

A cultura portuguesa no mundo, apesar de não ser a mais falada ou mais presente, influenciou o mundo. De facto descobrimos meio mundo e nesse meio mundo deixamos marcas, costumes ( o chá por exemplo até ao cabo Magalhães). Nós estamos ai por todo o modo. Criámos os mestiços. É algo que nos orgulha que aponta para uma liberdade.

Temos de nos orgulhar de tudo e valorizar-mo-nos mais perante o que foi a nossa história e o que somos.

Mostrar a importância que tivemos em muitas culturas, as nossas influências são indetermináveis. Há que defender, estudar, saber e mostrar aos restantes tudo isto.

#### **16 – O fado sobreviverá?**

Sempre. Desde que não estagne. Há sempre o perigo de se tornar uma música morta. Se se quiser o fado demasiado em vitrinas acaba por se tornar uma peça museológica. Tem de se deixar o fado seguir o seu caminho. Dentro da sua liberdade individual cada um pode levar o fado consigo desde que o respeite e seja verdadeiro.

O fado deve andar ao sabor do tempo, do seu tempo. Não se deve cristalizar. Quando uma música não fala do seu tempo, mais cedo morre que sobrevive. Já Camões falava do fado e continuamos...

**Nome: Mísia**

**Idade: 57 anos**

**Profissão: Fadista**

**Local e data: Chiado, Lisboa a 05/12/2009**

#### **1 – Porquê o fado?**

O fado fazia parte da minha paisagem sonora, não fiz nenhum esforço para ir até ele. Fazia parte da minha sonoridade do quotidiano.

Nasci no Porto e mesmo tendo o fado presente nessa minha paisagem, fui eu que acabei por me interessar por determinados fados que me emocionavam e que me provocavam um

sentimento de transcendência, de espiritualidade, de felicidade estética e havia outros que não gostava nada.

## **2 – Como reage o público português ao fado?**

Digamos que no início, quando comecei, quando regresssei a Portugal em 1990, o fado ainda sofria muito um estigma de ser uma música associada à ditadura, a Salazar, ao Estado Novo. Cheguei aqui com uma visão daquilo que queria fazer e não passava por renovar o fado, porque quando cheguei não tinha noção do estado do fado. Cheguei aqui com a ideia de convidar os poetas contemporâneas para escreverem os meus fados.

Na época fui muito mediática não só pelo meu discurso mas também pelo meu modo de me vestir, porque embora não fizesse as roupas de propósito para mim, pertencia a uma outra tribo e isso aqui funcionou como algo que se tornou mais importante que o meu repertório.

Hoje em dia os críticos apontam o meu repertório como um dos melhores. Mas a imagem que é periférica, mas que simultaneamente faz parte de mim e é cuidada ao infimo pormenor, no meu país, funcionou como algo que chocou e que não deixava as pessoas ouvirem o que eu fazia. Era a imagem que fazia uma rejeição.

Hoje em dia, continuo achar que poderia ser mais popular, no sentido de ser mais ouvida, mais comercial, mas simultaneamente acho que tenho o lugar que devo ter. Um lugar um pouco *outsider*, como digo sou a anarquista do fado (e não a rainha como me apelidam no estrangeiro). Nunca procurei o consenso, mas gostaria de ser um pouco mais popular, sem dúvida. Mas não estou disposta a mudar, portanto...

## **3 – E o público estrangeiro?**

O que acontece no estrangeiro é que tenho um público mais jovem que é informado. Tenho também determinado público mais intelectual e depois tenho aquele que reage epidermicamente, que gosta ou não gosta. Lembro-me de viver durante alguns anos num défice de público aqui e encher, por exemplo, a filarmónica de Berlim. Não esqueçamos uma coisa eu fui a primeira pessoa a levar o fado a imensas salas internacionais, em vários países, mas nessa época nem era a altura do fado, nem tinha um elevado marketing. Entre a Amália e a nova geração estava eu nessa altura.

## **4 – E os jovens, qual o sentimento destes face ao fado?**

Fora sempre foi um público muito interessado.

Digamos que este bom momento que fado vive não foi criado por Portugal. Foi criado pela moda do World Music. Há ciclos de interesse, o ciclo do fado tem sido extenso. E ainda bem.

Há um excelente património musical, de poemas e novas vozes que são boas, portanto há matéria para os meios de comunicação e o público estarem interessados.

Portanto, acho que sim, em Portugal noto a diferença. Lembro-me há alguns anos fiz um espectáculo em Madrid e pedi a um *designer* para visitar o galo de Barcelos e na altura foi polémico e considerado retrógrada; mas no fundo era algo à frente da época.

A evolução do público tem se constatado bem pelos meios de comunicação – a televisão por cabo, a internet – a juventude evoluiu.

Sobretudo perdeu-se a ideia que o fado é a música do “desgraçadinho”, da casa portuguesa. Há uma nova visão.

### **5 – Na sua opinião, como se relacionam o fado e a cultura portuguesa?**

É complicado. O fado andou entre uma cultura e uma subcultura. As fronteiras são ténues. Desde os escritores que emprestaram as suas palavras a Amália, ninguém estava a fazer nada de novo. O fado inspirou cineastas e mais outras artes. Mas depois passou por uma época onde existiu uma miopia, um snobismo dos intelectuais portugueses em relação ao fado.

A relação da cultura do fado é e foi durante muitos anos a própria relação que temos com a nossa própria identidade. Portanto foi o não dito, o não falado.

Houve um silêncio, uma espécie de ostracismo depois do 25 de Abril que durou muito tempo até vir alguém acordar isto.

### **6 – O que leva de Portugal cada vez que sobe ao palco?**

Sobretudo a música e a poesia. Não a imagem da fadista ortodoxa o que é um bom abanão até para certos críticos que mantêm uma imagem paternalista sobre as cidades, que mantemos todos as tradições antigas, enfim.

Acho que levo uma imagem cosmopolita, pessoa interessada e aberta ao mundo. Gosto de me sentir herdeira dos grandes viajantes portugueses que absorviam bem os signos de outras culturas, tal qual como eu consigo, sem nunca deixar de ser primeiro do Porto, e depois, portuguesa.

Portanto o que levo é o Portugal que há em mim, na minha essência e na essencialidade daquilo que sou e sinto.

Levo ainda o património dos fados tradicionais, com os quais trabalho muito. E para mim o fado é um instrumento cultural que herdei para falar da vida. O meu objectivo é através do fado ter uma opinião sobre o que é estar vivo hoje em dia.

### **7 – Não lhe parece que pratica mecenato cultural ao mesmo tempo que desenvolve a sua profissão?**

Nunca tive nada. A única linha de apoio que tive foi a linha dos meus cosméticos (risos). Nunca tive. Se tivesse que viver do trabalho e do que me acontece em Portugal não poderia, não sobreviveria.

Há pessoas que começaram quando foi o bom momento do fado, mas eu não. Durante muitos anos quem queria os meus discos tinha de comprar em Paris ou em Madrid.

É algo que nunca pedi.

#### **8 – Apoios ou feedback do Estado português em relação à promoção/divulgação do Fado existem?**

Não. Aliás deram-me uma medalha ao mérito cívico. Só posso dizer que não sou nem enfermeira, nem bombeiro. Mas bom, agradei e aceitei.

Mas nunca tive absolutamente nada. Nem costume estar associada a nada o que remeta para o poder, excepto uma viagem que fiz a Moçambique com Durão Barroso.

Nunca tive apoio nem do Instituto Camões, nem nada.

Em sentido inverso fui convidada pelo governo polaco para as comemorações do bicentenário do aniversário de Chaupin. E tudo pela ligação inerente entre o fado e o compositor. O sentimento transportado no fado é paralelo ao dos outros países, sempre pela autenticidade e por isso fui convidada para este festival, para esta festa.

#### **9 – Será o fado um instrumento de promoção de Portugal no Mundo?**

Se constataremos ao longo dos tempos apenas Amália Rodrigues e Carlos Paredes construíram uma carreira no estrangeiro. São imensos os artistas que actuam no estrangeiro, mas apenas estes eram inseridos na programação habitual das salas desse mundo fora. Se virmos o repertório da Amália tinha canções em espanhol, em brasileiro, em várias línguas, todas músicas muito comerciais e também alguns fados. E foi assim que conseguiu interessar as pessoas pelo fado, pouco a pouco e não pesando o público só com fado.

Acho que o fado vende-se, exporta-se, viaja porque é bom e não por ser português. Depois, ainda por cima é português.

É pelo fado que Portugal é conhecido em muitos sítios, e é pelo fado que muitas pessoas que conheço aprenderam português, sobretudo em Espanha. Os espanhóis desconheciam a nossa cultura, mas começaram a perceber que há aqui um tipo de música diferente, com muita personalidade.

O Fado e a literatura, poesia são bons meios para vender. Penso que foi a Noruega que andou a fazer uma série de concertos pelas embaixadas e acabou por vender o seu bacalhau. Porque a música tem um poder extraordinário (tal como o projecto da Venezuela *El Sistema*).

A música tem poder. Tem poder de curar. E chega a dimensões sem controlo. E liga-nos a outras culturas. É algo transversal.

E assim o fado é um bom veículo para passarmos o nosso país, a nossa relação com os oceanos, a nossa relação com os sentimentos. Mas não cair na tentação de perder a qualidade e autenticidade do fado, da mensagem que transporta.

**10 – O que mais a agrada no Fado?**

Sabe que eu de tudo o que canto, e sabes Deus que canto. Mas o fado continua a ser o mais misterioso, que vai mais fundo e profundo.

Portanto o que gosto no fado é um sentimento de ser algo, uma relação com a vida, mas que ainda não foi decifrado.

Essa procura é que é interessante. Para mim o fado está ao nível dos grandes sentimentos humanos. É uma transcendência da vida, do destino. É um ritual.

**11 – Sabendo da sua entrega ao fado e das inúmeras viagens que faz por este, conte-me algumas das suas experiências, os locais onde já passou, a vontade destas pessoas em aprender, em conhecer o Fado.**

Há tantas. É difícil. E remetem para algo do sucesso, um pouco narcísico.

Tive alturas menos boas pessoalmente em que para não deixar de cantar tive de sobreviver. O facto de querer cantar e não deixar de o fazer obrigou-me e faz com que viva hoje.

**12 – O fado ocupa o lugar merecido na cultura?**

Não. Ainda não vi, até hoje, uma homenagem séria, completa à Amália.

Não sinto que haja uma análise rigorosa, um espaço ocupado pelo fado como canção urbana, com estudo.

Portugal podia sentir-se um pouco mais orgulhoso. E depois as casas de fado, com bons artistas, bons cantores estão dedicadas sobretudo aos turistas. É difícil encontrar a verdadeira autenticidade do fado hoje.

Há um abandono.

**13 – Deixe uma ideia, um pensamento sobre a cultura portuguesa no mundo, sobre Portugal no Mundo.**

É muito marcada pela literatura, pelo cinema e pela música. Como todas as culturas que viajam sofre também os preconceitos, os tópicos como a saudade, a tristeza.

Tem a ver com um país nostálgico, uma cultura sentimental que tem muito a ver com o sentimento do que outras culturas, como por exemplo a francesa que é muito mais intelectual e racional, ou a espanhola que é muito emotiva, visceral. Uma certa timidez, uma vitimização, a eterna espera de alguém nos venha buscar. Uma tristeza.

**14 – O fado sobreviverá?**

Sim, sem dúvida. O fado já cá estava antes de nós o cantarmos portanto há-de ficar enquanto existirmos como portugueses. O fado é o *factum*.

**Nome: Rui Vieira Nery**

**Profissão: Musicólogo**

**Local e data: Fundação Gulbenkian, Lisboa a 07/12/2009**

### **1 – Porquê este envolvimento tão grande com o fado?**

Há muitas razões. A primeira de ordem pessoal visto ser filho de uma grande guitarrista de fado. A minha família sempre esteve muito ligada ao meio do fado: a minha madrinha era Maria Teresa de Noronha, a madrinha da minha irmã era Amália Rodrigues, o padrinho de ambos era Fernando Farinha, portanto o fado foi sempre uma presença nas nossas vidas.

Depois porque tenho uma formação especializada de Musicólogo, sou doutorado em Musicologia, e portanto tenho instrumentos de trabalho avançados para poder trabalhar em música.

Em terceiro porque havia muito pouco trabalho feito ao nível científico, pelo menos académico sobre o fado e portanto achei que com todos estes factores tinha o dever moral e simultaneamente o gosto de trabalhar sobre o fado.

Este interesse acabou por ir crescendo à medida que fui entrando no terreno e percebendo a quantidade de material que há para trabalhar e os desafios fascinantes que tudo isso proporciona.

Assim, a minha primeira aposta confirmou-se.

### **2 – E qual o estado de saúde do fado?**

É óptimo. Depois de algumas ameaças sobretudo na viragem dos anos 70 para os anos 80, já antes do 25 Abril com uma rejeição elevadíssima por parte da juventude e da intelectualidade portuguesa e por parte da opinião pública anti-fascista que associava muito o fado ao antigo regime.

Depois desta fase em que parecia não surgirem novos fadistas, em que tudo se conjecturava para que o género desaparecesse ou ficasse reduzido a uma dimensão turista e já sem representatividade.

A partir da década dos anos 80 tudo mudou! O fenómeno inverteu-se e começou a haver uma quantidade de jovens interessados em cantar e tocar fado.

O público deu sinais de fidelidade e interesse crescentes, inclusivé novas camadas de público que não as tradicionais.

Depois o fado entrou no circuito da World Music e hoje tem uma presença muito marcante através de alguns nomes maiores como a Mariza, por exemplo, entre muitos outros com carreiras internacionais.

Tudo isto deu ao fado uma dinâmica e uma vitalidade que me parece que são muito saudáveis.

### **3 – O que é que o fado transporta de Portugal para o mundo?**

O fado, muito embora seja historicamente recente porque como historiador tenho sempre um olhar longo, logo 200 anos num país com quase 900 anos de história não é muito, no entanto o fado herdou uma grande linhagem de produção poética e musical que remonta ao período trovadoresco, às primeiras fontes de literatura portuguesa, em que se reflecte muito o que é o modo de ser e de estar, aquilo que o Teixeira de Pasquais chamava a arte de ser português.

Portanto há toda uma dimensão ligada ao elemento periférico do país em relação ao resto da Europa, à sua dimensão Atlântica e à sua vocação marítima necessariamente por estar empurrado contra o mar e a tudo o que essa vocação para a viagem implica em termos da saudade, distância, do sentimento de perda e assim há uma série de valores culturais muito importantes que estão presentes na cultura portuguesa desde as suas primeiras manifestações registadas e que o fado incorpora de uma forma emblemática.

Começa por ser uma manifestação muito localizada, com âmbito geográfico e social muito restrito até meados do século XIX e depois gradualmente vai-se alargando. A partir de meados do século XX, pelo menos, nos anos 30, com o advento da rádio, transforma-se num género como uma legitimidade à escala nacional que talvez num outra música tradicional tenha.

### **4 – Na sua opinião, qual a relação entre o fado e a cultura portuguesa?**

É um veículo privilegiado da expressão da essência da cultura portuguesa com a vantagem que faz a ponte entre a cultura erudita e a cultura popular e nesse sentido incorpora uma dimensão social mais ampla e de algum modo reflecte um espectro mais amplo da vivência cultural do país.

A cultura erudita é sempre mais cosmopolita, tendendo a ser menos enraizada localmente porque as referências são internacionais ou transnacionais. Uma cultura que cria raízes na própria base social do país naturalmente reflecte de um modo mais imediato essa identidade local.

### **5 – Confirma-se que o fado é um instrumento de promoção de Portugal no Mundo?**

Promoção é um termo que não gosto muito porque remete sempre para uma dimensão propagandística que não é a mais importante. É certamente um elemento de identificação. Na música portuguesa é certamente o género que internacionalmente é o reconhecido como o mais identitário de Portugal, é o mais característico. Um músico de jazz português em geral não tem uma identidade particularmente portuguesa, ninguém os associa necessariamente o adjectivo português até um segundo momento em que se percebe em que tocam nomes e música portuguesa.

O fado esse sim não tem paralelo, é inequivocamente português.

### **6 – Mas o fado está hoje na moda ou é mais do que isso?**

Penso que são as duas coisas. Por um lado, é um fenómeno enraizado, autêntico que não foi inventado de um momento para o outro, tem antecedentes e tem vitalidade essencial no núcleo duro da vida cultural portuguesa, portanto nesse sentido não é uma moda. No entanto, é verdade que as indústrias culturais, nomeadamente a do disco, da música, perceberam que há um interesse mais amplo da parte do público e como tal investem muito no fado, com todas as técnicas promocionais que dispõem.

O efeito moda cria-se, sobretudo, na invenção de valores artificiais, ou seja um rapaz ou uma rapariga que recentemente editaram o seu Cd/disco e imediatamente são vendidos como a nova Amália ou o novo Carlos do Carmo, o novo Marceneiro.

Esse fenómeno tem a tendência para a reciclagem permanente: a indústria cria determinado produto para responder à sede do mercado e depois imediatamente a seguir substitui por novos. São poucos os que sobrevivem ao elemento de moda.

Outro elemento de moda é o cruzamento de géneros tentando conquistar novas franjas de mercado musical para o fado. Uma vezes tem consistência e a devida continuidade outras vezes esvai-se por si próprio.

O projecto Amália Hoje que é uma tentativa interessante em termos de fundamento e princípio, mas que falhada em termos estéticos sem grandes perspectivas de continuidade.

Outros experiências piloto como os Humanos, para o António Variações, tem um perspectiva de renovação interessante.

O elemento modo é um elemento estratégico dos mercados culturais mas não impede a vitalidade que o género tem.

#### **7 – O Professor tem está envolvido em diversos projectos sobre o fado. Quais destaca?**

Destaco a candidatura do fado a património cultural e imaterial da Humanidade à UNESCO porque tem uma dimensão de fundo. A mim não me interessaria tanto se fosse apenas uma medalha, um título em abstracto, mas a candidatura tal como está definida e a ser conduzida está a levar a grande levantamento da memória do fado.

Fontes em livro, em disco, em folheto, em imagem. Iremos apresentar a candidatura na Primavera do próximo ano, e quando a tivermos apresentado saberemos todos muito mais sobre o que foi a história do fado e isso é muito importante. Com a renovação que o fado está a ter, e que é muito positiva, podemos-nos arriscar a perder a memória do que ele foi. Não queremos definir o que é o fado, nem a fórmula pura do fado, mas queremos lembrar o que ele foi em cada momento de modo a que quem entre no mundo do fado tenha a noção da diversidade e da evolução que o género foi tendo.

Isso é um trabalho de uma importância muito grande que vai ficar quer a UNESCO aprove ou rejeite o nosso projecto. Penso que aprovará.

#### **8 – Quais a suas expectativas/perspectivas quanto a esta candidatura da UNESCO?**

São positivas. Tenho confiança no trabalho que foi desenvolvido nos últimos cinco anos. Há uma equipa de jovens investigadores envolvida no Instituto de Etnomusicologia da Universidade Nova; há uma articulação muito grande com todas as instituições culturais que têm a ver com o património do fado: a biblioteca nacional, a RTP, o Museu do fado, o Museu do teatro, todas as instituições que estão directamente ligadas ao fado estão envolvidas e a comunidade do fado também já reconhece a importância deste projecto.

Portanto penso que esse fenómeno de trabalho de casa feito, por um lado, e de reconhecimento por parte da comunidade nacional e por outro lado a própria visibilidade do fado em termos internacionais são a favor da candidatura.

Houve um caso de uma candidatura com um perfil bastante semelhante, a do tango argentino e uruguaio que foi aprovada recentemente, por coincidência as linhas de base são muito parecidas com as que adoptamos e portanto nós estamos muito confiantes que o resultado será positivo.

### **9 – Existem apoios ou feedback do Estado português em relação ao Fado, aquilo que se vais construindo em torno fado, aqui e fora de Portugal?**

Penso que o fado não precisa de apoio directo do estado, precisa de apoio indirecto. Precisa de apoio a este esforço de preservação da memória que estamos a falar, repare que em Portugal não existe uma Fonoteca Nacional, por exemplo, e como tal e devido a tal, não há um organismo público responsabilizado de preservar a memória da captação de som em Portugal, da discografia portuguesa desde 1902. E como tal também a discografia do fado não tem casa. Há núcleos que estão no Museu do Teatro, outros na colecção da RTP, há colecções privadas, há a Fonoteca Municipal de Lisboa com um espaço reduzido.

Esse esforço que não é só para o fado, mas para a memória musical do país beneficiará o fado quando for feito.

O mesmo se passa com a preservação dos suportes em livros, em texto. Tradicionalmente eram consideradas publicações menores, folhetos de pouca qualidade, eram consideradas formas culturais de baixo nível, não tendo o devido valor por parte das bibliotecas, por exemplo e hoje têm de dar.

Depois há questões de fundo relativamente com o apoio do Estado que não têm a ver com o fado, directamente mas que o beneficiariam muito se fossem tomadas. Por exemplo a descida do IVA sobre os fonogramas, cd's, porque estes continuam a pagar um IVA de produto de luxo quando deveriam pagar o mesmo IVA que os livros, são ambos produtos culturais.

Se tal acontecesse o fado também tiraria proveito.

Em termos da promoção internacional: a presença de Portugal em grandes acontecimentos internacionais, as actividades de promoção da cultura portuguesa estabelecidas pelas embaixadas portuguesas, pelo Instituto Camões seria importante que o fado tivesse uma

presença mais regular, mas deixando o circuito cultural funcionar por si porque este é um terreno em que a lógica, a boa lógica de mercado: a lógica do gosto, da procura da mobilização sociedade civil é determinante. Seria terrível que o Estado, de repente, viesse dizer quem são os grandes fadistas isso é público que decide e aqui o governo deve seguir e não formatar essa dinâmica.

#### **10 – Mas há um défice de estratégia cultural?**

Continua a haver um elevado défice de estratégia cultural que passa pelo facto de não existirem, em número suficiente ou com poder e meios suficientes as instituições de referência para a actividade cultural. Há poucos auditórios e quando há, não há programadores. E quando há programadores não há orçamento. Não há um circuito eficaz para formas musicais de menos e menor repercussão junto do público. O fado até tem uma situação de privilégio uma vez que é muito querido pelas populações em todo o país e por isso funciona por si próprio.

Faz falta existir um apoio estrutural que não significa dar dinheiro às actividades directamente mas por exemplo ter mecanismos de difusão de informação, de disponibilização de espaços e equipamentos que fariam falta.

E há sobretudo uma falta de estratégia cultural no sentido de haver um objectivo claro sobre o que deve ser a oferta cultural à população. Sabendo que uma parte dela é assegurada pelo mercado onde não se deve interferir, outra parte é responsabilidade do Estado e deve ser este a tem de assegurar e suportar, e uma outra parte é feita por acordo, protocolo, sinergias, cooperação entre o estado e o privado. E o estado não está a cumprir a sua parte, volto ao meu exemplo da Fonoteca Nacional que deveria existir, as orquestras que não são minimamente apoiadas em Portugal e que poderão cooperar em outros níveis.

Portanto o fado não é expressamente prejudicado, conscientemente prejudicado por essa ausência de estratégia, mas é o como parte da vida cultural que é limitada por essa falta de estratégia.

#### **11 – O que falta, então para que o Estado cumpra a sua parte?**

Antes de mais falta vontade política porque estamos a falar de meios orçamentos que no quadro macro-económico são irrisórios. Falta a consciência da importância da vida cultural para o desenvolvimento sustentável e integral do país. Falta a consciência de que sem uma vida cultural rica não há desenvolvimento económico-social nem qualidade de vida, não há estímulo há fixação de quadros fora do litoral, nas zonas do interior que não têm oferta cultural suficiente.

Há todo um conjunto de metas económicas e sociais mais amplas que não são viáveis sem um investimento na cultura. Essa consciência e vontade política em mudar tal situação é crucial e primeira condição.

Implica, por outro lado, a disponibilização de meios orçamentais superiores. Neste momento estamos com 0,4 % do orçamento do estado dedicado à cultura quando a média europeia é pelo menos 1% e sem falar em muitos outros investimentos que no plano europeu são estabelecidos a nível regional e ao nível autárquico.

Assim, são estas as suas prioridades.

## **12 – Podemos considerar o fado um produto cultural?**

Claro. É um processo cultural que vai conduzindo a diversos produtos culturais. É um produto e como tal tem produtor e consumidor. E como tal tem de ser pensado nessa lógica.

## **13 – O fado ocupa o lugar merecido na cultura?**

Cada vez mais, sim! O fado deu sempre espaço a muitas polémicas no seio da intelectualidade e da crítica portuguesa por várias razões. De ordem moral ou moralista, porque o fado começou num circuito muito marginal, nos bordéis, nas tabernas e por tal ficou sempre com esta mancha de moralidade duvidosa que felizmente hoje não tem qualquer realidade.

Portanto é preciso limpar esta ideia que também tinha a ver com uma concepção muito da antiguidade cultural que achava que a identidade musical só estava na música rural. A ideia é que nas aldeias havia uma espécie de arca congeladora que tinha preservado a verdadeira identidade portuguesa desde os tempos do Afonso Henriques, se não mesmo de Viriato. E as cidades eram um local perverso onde a cultura popular se degradava e perdia a pureza da cultura rural e a elevação da cultura erudita.

Esta visão hoje em dia é completamente inaceitável e nesse sentido o fado beneficiou de uma redescoberta, de uma revalorização.

Por outro lado, houve também tradicionalmente uma atitude de mau estar, da intelectualidade progressista portuguesa desde as grandes rupturas do século XIX em relação ao fado. Sendo que curiosamente a partir de 1880/90 o fado começou por ser um tipo de canção militante muito empenhada no movimento operário, socialista, no movimento republicano mais radical. Começou por ser considerado uma canção que transportava uma mensagem de progresso social e político.

Mas a partir de 1926 com a censura imposta pela Ditadura e depois pelo Estado Novo esse elemento de empenhamento social e político foi eliminado. A partir de 1945 o Estado Novo aplicou uma política de fomento, um certo populismo conservador, fatalista. O povo português era convidado a não se preocupar com a política, a confiar nos bons ofícios do poder que se dizia legítimo a aceitar o seu destino e a pobreza como dados inevitáveis e essa mensagem foi muito colocada no fado, o que fez com que a intelectualidade antifascista tivesse um movimento de rejeição. O fado seria um dos 3 f's que sustentavam o fascismo (juntamente com o futebol e Fátima).

Na década dos anos 60 houve um movimento contrário quando poetas como Pedro Homem de Melo, David Mourão Ferreira, mais tarde Sidónio Mouraia, Luís Macedo, Ary dos Santos, Manuel Alegre quando estes poetas começam a ser cantados por Amália que era o símbolo do regime injustamente. Quando isto acontece começa a abrir-se um campo de legitimação cultural do fado e hoje em dia para o jovem que já nasceu depois do 25 de Abril e já não tem de pagar a factura destes acontecimentos anteriores, tem que preservar a memória mas não tem de combater as causas desse período. Acho que a questão se desmistifica e o fado ocupa naturalmente o seu papel na cultura portuguesa. Não é toda a cultura, mas é uma parte significativa.

**14 – E a cultura ocupa o lugar merecido na cultura ou mantém-se o parente pobre do poder político?**

Mantém-se um parente paupérrimo. A cultura continua a ser vista como uma cereja que se coloca em cima do bolo para decorar. A cultura dá muito jeito nas alturas das campanhas eleitorais para regimentar artistas intelectuais que juntam o seu nome a uma ou outras candidaturas, mas depois não se traduz numa aposta estratégica em termos políticos globais. Mantém-se o parente pobre das outras áreas.

**15 – Deixe uma ideia, um pensamento sobre a cultura portuguesa no mundo, sobre Portugal no Mundo.**

Diria que Portugal pela sua vocação histórica de país marítimo, cuja história é feita de comunicação, de interculturalidade, de descoberta, de cruzamento de olhares tem uma lição a partilhar com o mundo devido a essa sua identidade feita de diversidades. Nós estamos num mundo cada vez mais interético e intercultural em que as pessoas tem que aprender a conviver com o outro e Portugal prolonga tal situação há quase 900 anos. Muitas vezes bem. A cultura portuguesa enquanto expressão dessa multiculturalidade, dessa capacidade de diálogo, dessa curiosidade, dessa assunção do desejo pelo outro tem um papel positivo e importante na dinâmica cultural internacional.

**16 – O fado sobreviverá?**

O fado dá todos os sinais de sobreviver. É claro que todos os géneros nascem, crescem e morrem, mas acho que todos os sinais que nos dá a vida do fado, hoje em dia, são que estamos em pleno processo de crescimento e portanto a eventual morte não é previsível num futuro próximo, pelo contrario penso que estamos numa fase de maturação.

**Nome: Joana Vasconcelos**

**Idade: 41 anos**

**Profissão: Artista Plástica**

**Local e data da entrevista: Alcântara, Lisboa a 09/12/2009**

**1 – Como surgiu a arte na sua vida?**

Foi surgindo. Foi algo que foi sendo escolhido. No liceu vamos escolhendo as áreas e eu fui optando sempre pelas artes.

No final do 12º ano não entrei em Belas Artes e acabei por entrar no Arco e aqui fui estudando. Estudei desenho e joalheria, nunca escultura. Mas depois fui encontrando o meu caminho. Não acordei um dia a dizer que iria ser artista plástica. É algo que ainda hoje continuo à procura, não é um dado adquirido.

**2 – Fale-me um pouco sobre a sua peça Coração Independente?**

Eu não era, nem sou uma grande fã de fado, mas na verdade acho que o fado tem algumas características que são importantes proteger hoje em dia e que estão intimamente ligados à nossa identidade. É sem dúvida um estilo de música e um modo de cantar, e de tocar guitarra que são muito particulares à nossa cultura. E que nos diferencia e nos identifica face a outras expressões musicais. É uma forma de arte, cultura que nos é particular.

Pensando nisso e pensando à volta dos valores portugueses que são importantes defender decidi fazer estas peças inspiradas em três fados da Amália: *Estranha forma de vida*, *Gaivota e Maldição*. E obviamente estes fados têm poemas nos quais se fala sempre do coração (*que perfeito coração morreria no meu peito...*).

A Amália fala com o seu coração. Há um lado intelectual ou conceptual daquilo que pensa que é diferente daquilo que sente. Entre a intelectualidade e o sentimento há uma distância. Esse factor é poético e não de mero queixume.

Ao começar a observar o fado de um outro ponto de vista que tinha mais a ver com o factor poético e musical, comecei a ouvir outras vozes, a ir a casas de fado e a ter noção do mundo do fado, que é muito mais complexo e mais rico do que pensava.

Há fados que me dizem mais que outros, mas isso é normal. Para uma pessoa que estava muito longe do fado de repente consegui encontrar qualquer coisa que me apelasse a construir estas peças.

As peças são um coração amarelo, um vermelho e um preto (que estão em exibição na exposição do Museu Berardo) depois há mais três vermelhas. A amarela é o ouro, a vermelha é os sentimentos, o amor, o sangue e o preto é a morte.

Três peças que estão ligadas aos temas do fado. Não iria fazer um coração verde que não tem nada a ver com fado.

As peças estão intimamente ligadas ao fado e ao meu modo de ver e entender o fado.

Tudo isto é uma perspectiva pessoal, mas é aquilo que interpreto do fado.

**3 – Puxando agora para a temática da minha tese, qual é, na sua opinião, a relação entre o fado e a cultura portuguesa?**

Não há relação porque não há diferenciação. O fado é cultura portuguesa. Não é uma constante, mas hoje é parte integrante da nossa cultura.

Não se pode só falar de fado na cultura portuguesa porque é muito mais que isso. Mas o fado é também uma parte integrante. O fado faz parte da nossa história, logo é indissociável da nossa cultura.

E é uma forma de expressão pela qual somos identificados para bem e para o mal.

**4 – A Joana tem desenvolvido diversos projectos. Quais destaca?**

Poderia falar quase de todos. Os corações são uma delas. A varina na Ponte D. Luís I. A Jóia do Tejo, na Torre de Belém. O sapato da cinderela. Enfim por ai...

**5 – O que transporta de Portugal para o mundo cada peça que a Joana idealiza e constrói?**

Espero que muito. A ideia é que estas peças levem algo pelo facto de eu ser portuguesa. Espero que o facto de ser portuguesa valha algo nas minhas obras. Mas que não seja tudo. Que seja um ponto de partida, mas não obrigatoriamente um ponto de chegada. É daqui que sou.

**6 – Existem apoios ou feedback do Estado português em relação à promoção/divulgação do seu trabalho, da sua arte?**

Sim, mas também não é muito interessante. É mais interessante o feedback internacional; aqui o facto das pessoas gostarem e darem valor não é mau. E é obvio que quando as coisas são bem feitas e quando ajudam à imagem do país são bem recebidas. As minhas peças têm sido bem recebidas por personalidades como o Presidente da República, quando foi a presidência da União Europeia as minhas peças foram escolhidas para estarem em Bruxelas a representar o país. É comum as minhas peças serem escolhidas para ajudarem e sinto-me orgulhosa.

Contudo, não é esse o meu objectivo. Não quero ser o símbolo de Portugal, nem ser uma artista nacional. Aliás quero ser o mais internacional possível, mas para tal ou tens uma forte marca que te diferencia em relação aos outros ou então és só mais uma.

E a minha diferente marca é ser portuguesa.

**7 – Mantêm-se o défice de estratégia cultural?**

Sim, falta o tal 1% do orçamento de Estado, que países como a França, Alemanha já conseguiram. Falta o Estado, o governo acreditar mais na cultura e nas estruturas culturais. Dar mais meios para se puderem desenvolver não só aos artistas, mas aos teatros, aos bailarinos, aos museus, as escolas, as colecções de arte que não existem.

Dar mais dinheiro, mais financiamento seria fundamental para este país ter uma forte identidade. Sem a cultura não vamos a lado nenhum e seremos apagados da superfície europeia.

Não percebo é como ainda não perceberam isso, mas isso é outra questão!

### **8 – O mecenato é fulcral para a sobrevivência da dimensão cultural no nosso país?**

Sem dúvida. O mecenato é muito importante. Cá ainda não funciona porque se os empresários aprendessem e tivessem maiores regalias ajudariam muito as estruturas culturais.

No investimento público, por exemplo quando se constroem estradas ou rotundas, se os promotores desse tipo de obras fossem obrigados a dispor determinada quantia/verba para arte pública ajudaria muito ao desenvolvimento também dessa área.

Podíamos também criar concursos para estudantes, recém-licenciados para que criassem esculturas, arte pública ao invés da escultura ao bombeiro que parece difundida por todo o país.

Se todos os jardins que são construídos tivessem que ter uma escultura poderia ajudar aos *designers* de equipamento, por exemplo.

Portanto há uma série de pequenas acções que instituídas podiam criar uma maior dinâmica no meio artístico. Seja ele o design, a arquitectura, etc.

Assim conseguiríamos criar emprego, dinamismo, investimento.

### **9 – E a cultura ocupa o lugar merecido na cultura ou mantém-se o parente pobre do poder político?**

Nem chega a ser parente pobre porque nem é tido em conta. Se tivesse espaço, se fosse considerado serviria ao país para se distinguir de outros, dos demais, de outras culturas muito fortes.

Nem parente é porque não é tido em conta, mas vai ter de mudar.

Na guerra do dinheiro não nos distinguimos, nem na economia, nem na política. Na agricultura não temos capacidade. Portanto ou nos distinguimos pela cultura, pelo nosso turismo e pela nossa situação geográfica ou não sei.

### **10 – O que é que a Joana pensa que falta então para esta situação mudar?**

Falta cultura no poder político. O próprio poder político não tem cultura e esse é o problema.

Tirando o caso do Doutor Manuel Maria Carrilho que tinha noção cultural, o resto dos ministros da cultura, que têm passado nos governos, não têm esta noção. Não há uma noção abrangente da cultura, dos produtos culturais. Falta a análise transversal, a capacidade de cruzar áreas e campos de trabalho distintos.

O cruzamento cultural é muito importante até para produzir novas formas de expressão, novos modos culturais.

Como não há isso, como não há meios e fundos nem sequer há espaço para que tal aconteça.

**11 – Confirma-se que a cultura, a arte (incluímos o fado) são instrumentos de promoção de Portugal no Mundo?**

Não é o único, mas um dos únicos. Há outros, mas a cultura pode ser efectivamente um deles.

**12 – Deixe uma ideia, um pensamento sobre a cultura portuguesa no mundo, sobre Portugal no Mundo.**

Diria que a cultura portuguesa no mundo é essencial. É até fundamental para o entendimento do curso da história mundial. Houve um momento em que interferimos no rumo do mundo e se deixarmos que hoje a nossa cultura deixe de ser relevante perdemos a oportunidade de continuar a defender esse momento de glória, de relevância.

Se nós não dermos importância à nossa cultura, esta morrerá. Devido à nossa história temos obrigação de fazer jus àquilo que no século XV e XVI se fez neste país que foi muito forte.

Se hoje não dermos valor a tal deixamos morrer esse passado e não há futuro. Temos de criar o presente para que haja futuro.

Como a Amália diz “isto que faço ou não faço, não é feito só por mim!”. É algo que não é feito só por nós, mas por todos.

Temos uma grande herança, logo temos um grande problema. Como nos mantermos no futuro?

Não é andar atrás de algo que nunca iremos atingir.

Onde conseguimos ser verdadeiramente particulares? Onde é que outros povos apostam? Na cultura. Na cultura conseguimos ser verdadeiramente únicos, porque os artistas portugueses não poderão ser comparados a outros artistas de outros países.

E é na arte que subsiste a autenticidade, a diferenciação de uma cultura

E é por isso que o fado é tão importante. Só há em Portugal. Independentemente se gostamos ou não, o fado só há aqui; é algo inteiramente nosso.

O fado faz sentido como as nossas raízes, como o nosso passado.

O fado não morreu e ainda bem, porque é muito nosso, é reflexo de uma época. E para mim o fado é algo que já viveu, não é contemporâneo. Penso que tenha ficado com a Amália.

Mas continua a ser um ótimo instrumento de comunicação, de divulgação. Já está assimilado como nosso. E é fantástico.

E muita gente que não ouvia, nem vivia com o fado olha hoje com outros olhos, muito por obra política, da mudança de regimes.

Lá está o fado não é um instrumento político. O fado não é uma atitude militar. O fado é cultura, faz parte das nossas raízes. E quando as coisas são verdadeiramente sérias e enraizadas ultrapassam tempos, regimes e épocas. Porque têm a ver connosco.

Há momentos em que tudo bate certo. Há magia, que acontece raras vezes na história.

### **13 – O fado sobreviverá?**

O fado vai resistir e muito mais. Quanto mais as pessoas estudarem e cantarem o fado mais sentido fará. E depois as pessoas integraram o fado como seu e isso é símbolo de cultura.

A Amália irá cantar daqui a 100 anos e vamos continuar a achar que canta bem; vai continuar a fazer sentido, pela sua autenticidade.

**Nome: António Zambujo**

**Idade: 37 anos**

**Profissão: Fadista**

**Local e data: Oeiras a 22/12/2009**

#### **1 – Porquê o fado?**

Surgiu naturalmente. Sou do Alentejo e antes de cantar o fado comecei pela música tradicional e depois surgiu o fado por influência da família, por ouvir discos, por gostar. Experimentei, gostei e não mais parei de cantar.

#### **2 – Como reage o público português ao fado?**

Reage bem. Estamos a terminar hoje aqui em Oeiras a terminar uma digressão que terminou no Redondo, Alentejo, a 4 de Dezembro percorreu o país e felizmente as reacções têm sido muito boas. As pessoas já conhecem a minha música e outras vêm à aventura para conhecer algo novo.

#### **3 – E o público estrangeiro?**

Curiosamente, e em determinados países como em França, no Brasil, já conhecem bem a minha música e o fado. E os concertos aumentam de ano para ano e acabo por ter mais público, mais afluência nestes países que propriamente em Portugal.

#### **4 – E os jovens, qual o sentimento destes face ao fado?**

Nota-se cada vez mais, nos concertos de fado, um maior número de pessoas jovens a assistir aos concertos. É mesmo o público que se fideliza e que nos contacta nos sites, nas redes sociais, há muitos jovens.

Os mais velhos mantêm-se como público, mas os mais novos estão a interessar-se a colocar questões pertinentes face ao fado, à música, à guitarra portuguesa.

#### **5 – Na sua opinião, como se relacionam o fado e a cultura portuguesa?**

O fado é a canção nacional tem uma série de características que definem Portugal. A guitarra portuguesa, a poesia cantada, a música que apesar de ter todas as características para ser exclusivamente de Lisboa se alargou a todo o país e é uma das nossas bandeiras lá fora. Graças, sobretudo, à Amália Rodrigues e agora mais recentemente à Mariza.

E portanto o fado e a cultura portuguesa têm tudo a ver, estão intimamente ligados.

#### **6 – Mas será que o fado está na moda ou é mais do que isso?**

Não considero uma moda, mas antes a consolidação de um estilo, de um género que estava um pouco afastado. Até há bem pouco tempo o público que assistia e acedia aos fados era restrito, era reduzido. O fado estava associado a uma determinada elite. Mas hoje não. A Mariza canta em estádios, o Camané esgota coliseus, a Carminho enche CCB, a Ana Moura o Tivoli. Nos últimos tempos assisti no Top de vendas de álbuns, 4 discos de fado que foram consecutivamente primeiro lugar.

Portanto considerado ser mais que uma moda, são as pazes entre o público e o fado, os músicos.

Hoje há mais oferta, e mais qualidade. Tudo isto é reconhecido com a adesão aos concertos e com a compra de discos.

#### **7 – Quando sobe ao palco o que leva de Portugal?**

Levo a poesia, as palavras, levo os poetas. Levo os portugueses. O principal elemento do fado é a mensagem que se transmite, é a poesia que se canta. É um privilégio cantarmos grandes poetas e aqueles que mais gostamos de ouvir.

#### **8 – Qual é o seu principal objectivo ao cantar Fado?**

É o prazer de cantar. Tenho a sorte de fazer o que gosto, divirto-me muito em palco. Gozo o momento, transmito algo e divirto-me.

#### **9 – Não lhe parece que pratica mecenato cultural ao mesmo tempo que desenvolve a sua profissão?**

Não penso tal dessa forma. A arte tem de sobreviver por si, não tem de estar à espera de apoios ou subsídios. Considero é que tem de existir uma política cultural diferente, um incentivo diferente.

Em Portugal não há o hábito de sair, de investir na cultura. De ir ao teatro, aos concertos, algo que se verifica no resto da Europa e em muitos outros países do mundo.

A renovação público é capaz de trazer isso, as pessoas mais novas, hoje, estudam fora, viajam mais, ganham outros hábitos e criam novas práticas entre as quais ir mais ao cinema, a concertos, a espectáculos, estão mais abertos à cultura.

**10 – Apoios ou feedback do Estado português em relação à promoção/divulgação do Fado existem?**

A RTP e a Antena1 apoiaram esta nossa digressão através da divulgação, promoção, entrevistas. Temos tido sempre algum apoio.

Mas ainda falta algo mais...

**11 – Será o fado um instrumento de promoção de Portugal no Mundo? Como?**

Sim, claro. O fado tem tudo para representar Portugal: os poetas, a música...tudo!

**12 – Sabendo da sua entrega ao fado e das inúmeras viagens que faz por este, conte-me algumas das suas experiências, os locais onde já passou, a vontade destas pessoas em aprender, em conhecer o Fado.**

Um episódio que ocorreu no Brasil, em Junho, quando fui apresentar o meu disco. O segundo concerto que fiz foi no Rio de Janeiro, no espaço de São Jubim. Eu tenho uma grande influência dos músicos brasileiros e da sua música, sempre gostei. E estar ali daquele espaço e saber dos grandes nomes que estavam na assistência (Caetano Veloso, Neymato Grosso, Chico Buarque, Roberta Sá, entre outros). Terminou o concerto e foram todos cumprimentar-me. No outro dia dei por mim a almoçar e a chorar porque não tinha acreditado naquele momento. (risos)

**14 – O que mais a agrada no Fado?**

A poesia, principalmente.

**15 – O que pensa que leva estrangeiros, cidadãos que não falam português e talvez nunca tenham vindo ao nosso país, a querer ouvir, aprender o fado?**

Pela reacção são as vozes dos cantores e também a sonoridade da guitarra portuguesa, algo que para eles é raro e que os encanta.

**16 – O fado ocupa o lugar merecido na cultura?**

Acho que sim, cada vez mais. Se a qualidade continuar, e acho que acontecerá devido à exigência cada vez maior quer dos músicos, quer do público. A tendência é para que tudo melhore.

**17 – E a cultura ocupa o lugar merecido no poder político ou mantém-se o parente pobre?**

Não, de maneira nenhuma. Mantém-se o parente pobre. E nem sei se algum dia mudará esta realidade.

Nós temos de fazer pela nossa vida, pelas nossas carreiras sobretudo lá fora.

### **18 – Deixe uma ideia, um pensamento sobre a cultura portuguesa no mundo, sobre Portugal no Mundo.**

Uma das coisas que noto em quase todos os países que toco, é que há portugueses em todo o mundo e isso ajuda á nossa afirmação.

Mas o principal ponto é manter a qualidade para que a nossa música, a nossa cultura seja atraente a todo o mundo e cada vez mais.

### **19 – O fado sobreviverá?**

Sim e aconselha-se vivamente!

**Nome: Aldina Duarte**

**Idade: 45 anos**

**Profissão: Fadista**

**Local e data: Lapa, Lisboa a 11/01/2010**

### **1 – Porquê o fado?**

Não conhecia o fado até muito tarde, até cerca dos 25 anos. Não conhecia nada para lá dos sucessos do Carlos do Carmo e da Amália. Um dia fui ouvir ao vivo por recomendação de um amigo, que queria fazer um documentário sobre três fadistas que desconhecia, Beatriz da Conceição e fiquei completamente envergonhada de desconhecer uma arte tão nossa e que era dotada de uma grandeza e aquela identidade única. Foi a primeira vez que ouvi fado ao vivo, foi numa casa de fados.

A partir deste momento nunca mais parei de ouvir, tive curiosidade em cantar e fui construindo o caminho.

### **2 – Como reage o público português ao fado?**

Neste momento tenho duas vertentes: uma da casa de fados onde o público é heterogéneo e vai para saber, para ter uma ideia, para ter a experiência de ouvir fado no seu estado e local mais genuíno. Não vão para ouvir exclusivamente um artista, salvo raras exceções porque isso muda tudo. O público anónimo vai para ter uma experiência de fado ao vivo. Os portugueses têm dois modos de reagir: quando gostam e respeitam são o público mais extraordinário naturalmente porque estão familiarizados com tudo. Mas também há o reservo disso porque como é uma arte demasiadamente próxima, se as pessoas não tiverem um boa formação tendem a achar que o fado é algo que toda a gente pode cantar. Às vezes por não

ter grande “pompa e circunstância” se as pessoas não tiveram uma boa formação artística, nem humana tendem a desrespeitar. E quando tal acontece é demasiado ofensivo e doloroso. De um modo geral, o fado hoje, porque ainda há pouco tempo vivia na sombra, é quase uma moda com tudo o que traz de bom e de mau, contribuindo para uma maior divulgação desta arte.

### **3 – E o público estrangeiro?**

A língua limita. Normalmente vão pela curiosidade de algo que é diferente e novo. Têm uma atenção redobrada. Acabam por ser agradavelmente surpreendidos pela universalidade emocional deste arte. Sentem-se tocados, emocionados mesmo sem perceberem a letra. O som da guitarra, da língua é diferente. E todo isto impõe-lhes um respeito pelo que nós fazemos.

### **4 – E os jovens, qual o sentimento destes face ao fado?**

Hoje noto diferença. Há quinze anos quando comecei a cantar eram poucos os jovens fadistas a actuarem, para além do Camané pouco mais haveria, e o público também contemplava poucos jovens.

Actualmente não. Vimos as casas de fado com muita gente nova a actuar, com elencos recheados de gente nova. A maioria até são, hoje, gente mais nova. Quando penso que o ideal é existir um intermédio e várias gerações a trabalhar em conjunto. O fado sendo uma tradição oral necessita de todas as gerações para que não se perca, para que a transmissão seja mais real, para que a passagem do testemunho se efective.

### **5 – Na sua opinião, como se relacionam o fado e a cultura portuguesa?**

A cultura é um dos cartões de identidade de um povo. E o fado é provavelmente uma das artes, a par da poesia e da literatura, que reflecte melhor a nossa identidade, o nosso povo. Não há em mais parte nenhuma do mundo. Há uma exploração desta música misteriosa. A sonoridade da própria língua que dificilmente se faz sentir de um modo tão completo noutras áreas musicais. O casamento entre as melodias tradicionais do fado e a poesia portuguesa e ainda o som da língua é perfeito. É como se aquele música já nascesse com este som, com a língua portuguesa. É perfeito!

Por outro lado se ouvirmos o repertório desde os anos 30 até hoje podemos ficar com uma ideia dos sentimentos vividos de época em época, dos acontecimentos que deixaram de ser ritual, das mudanças da vida. Podemos através da audição do repertório, construir uma visão e elaborar vários retratos dos momentos, dos anos, dos decénios vividos sobretudo na cidade de Lisboa. É uma prova de identidade. Para lá de arte é quase que um documento de um modo de vida, uma maneira de estar, de sentir.

O fado acompanha as alterações do quotidiano das pessoas. A cima de tudo acho que o fado é um retrato da vida de quem o canta e de quem se canta. Em permanente actualização; imediata e muito natural.

#### **6 – O que leva de Portugal cada vez que sobe ao palco?**

Levo-me a mim! Não me imagino se quer de outra nacionalidade. Cresci aqui em Lisboa.

Sou um produto da cultura portuguesa. Há uma ligação afectiva a este espaço, a esta cultura, a estas pessoas, à língua portuguesa que não me imagino a pensar de outro modo.

#### **7 – Qual é o seu principal objectivo ao cantar Fado?**

É cantar mais alguém para além de mim!

#### **8 – Apoios ou feedback do Estado português em relação à promoção/divulgação do Fado existem?**

Tenho um trabalho que tem um lado comercial, não por que queira, mas porque efectivamente tem. Faço um trabalho para um público mais restrito. Um trabalho muito intimista que não se compadece com multidões. Muito simples. É uma escolha!

Canto com dois músicos e se não houver boas condições acabamos como três gatos pingados. Se correr bem é divinal, é misteriosamente grandioso.

Não espero um feedback do Estado porque vivo de cantar. Vendo o suficiente para continuar a cantar e a gravar os meus cd's. Mas há um acontecimento anual que considero louvável no Castelo de Jorge, a Festa do Fado. Os auditórios nacionais solicitam concertos de fado.

Considero que neste momento é mais urgente investir por exemplo na Educação. No fado penso que a situação não está tão má. Foi comprada agora um espólio do fado a um coleccionador inglês. O Museu do Fado está cada vez mais recheado de material. Talvez a ajuda pudesse passar em algumas casas de fado que precisam de apoios para não fecharem. Mas também há que perceber o lucro, se existe ou não? Porque não podemos esquecer que a casa de fado é também um negócio. Teria de ser feito um estudo muito sério.

#### **10 – Será o fado um instrumento de promoção de Portugal no Mundo? Como?**

Sim, claro que é! Na medida em que revela aquilo em que somos únicos, em que desperta a atenção e respeito por ser uma coisa desconhecida. Por ser tão estranha! Porque é sempre de salutar quando um país consegue manter, conservar, alimentar os frutos de raízes tão antigas. Revela a nossa antiguidade, as forças das nossas tradições, numa época em que a globalização é a grande realidade. Por isso mesmo o mais importante é que cada um mantenha a diferença. É na diferença que está a riqueza da humanidade.

#### **11 – O fado ocupa o lugar merecido na cultura?**

Penso que sim. Está melhor que há alguns anos atrás. Mas temo que se confunda defesa do fado com promoção de uma nova geração do fado. Acho muito bem que tal aconteça, mas sendo o Fado uma tradição oral com cerca de 150 anos, é absolutamente superficial e redutor dizer-se que o fado está ser bem divulgado, apresentando só uma nova geração. Parece que nasce espontaneamente. É muito injusto. Há um lado superficial nesta moda do fado, aliás como qualquer moda. Mas Fado e moda não ligam. Pode ser muito preserve este efeito. Daqui a uns tempos as vozes tornam-se menos frescas, deixa de ser novidade e depois não sei até que ponto só conhecendo a nova geração estamos a divulgar a história do fado e a sensibilizar para gostarem do fado. O fado tem características muito próprias. Exige recolhimento, muita reflexão, muita atenção.

Espero que não estejamos a construir a casa pelo telhado. É o meu único receio. É bom e importante conhecer Camané, Mariza, mas é mau não conhecer Marceneiro, Amália, Beatriz da Conceição, Fernando Maurício. Todos tão diferentes e com repertórios tão vastos. Não se está a fazer um bom trabalho.

**12 – Aldina gostaria de saber quais as suas expectativas em relação a esta candidatura do Fado a património mundial da UNESCO?**

Não tenho um grande conhecimento dos critérios de avaliação da UNESCO. Se for aprovada é sempre louvável porque traz uma projecção maior da nossa arte, facultará instrumentos de defesa e de trabalho para aprofundar. Passa a existir uma instituição reguladora e promotora de meios de investigação que só poderá ser benéfico. Não sabendo os critérios não tenho formuladas as minhas expectativas logo não poderei responder a isso.

**13 – Deixe uma ideia, um pensamento sobre a cultura portuguesa no mundo, sobre Portugal no Mundo.**

É muito difícil a existência de uma cultura portuguesa no Mundo quando começa por não existir em Portugal.

Nos últimos anos é muito difícil, e olhe que sou relativamente atenta e informada em alguns aspectos, definir qual tem sido a política de cultura de Portugal. Porque nem sei se sinceramente tem existido. São uns dinheiros que se atiram para ali, umas pessoas que só são chamadas a intervir em altura de campanha política. Os artistas têm essa capacidade de movimentarem um grande grupo de pessoas com convicções distintas entre si. Um artista pode ser um grande agente de angariação de votos.

Agora, não acredito que possa existir uma grande política cultural, sem uma boa política educacional. O ultimo governo a nível de ensino foi uma vergonha. O papel do professor foi completamente desacreditado. Portanto um país que tem uma política baseada na humilhação do professor, a educação não existe, nem tão pouco a cultura.

Um país que tem um governo e uma política que não se importa com isso e que é capaz de ir a esse ponto para fazer vencer as suas políticas, mesmo que no mandato seguinte desista de tudo...é gravíssimo!

A educação e a cultura são irmãs gémeas verdadeiras. Não se pode pensar na cultura portuguesa no mundo porque é quase absurdo. Não existe, não está definida, não está defendida. Não está sequer bem cuidada em Portugal.

**14 – Considera então que a cultura é um parente pobre do poder político e permanece assim?**

É. Mas não é só a cultura, a educação também. E agora com esta argumentação lógica como é a crise. É evidente que quando não há dinheiro para o essencial não se compram discos. Agora há uma urgência. E a cultura é colocada de parte. Para a cultura ser a saída desta crise deveríamos ter começado o trabalho há muito tempo atrás.

**15 – Sente-se embaixadora de Portugal no Mundo?**

Não. Isso é uma grande pretensão.

**16 – O fado sobreviverá?**

Sim. É uma arte musical na sua génese aberta. Portanto quando à partida há um espólio de 140 melodias que estão em aberto para improviso musical e para se utilizar nessas mesmas melodias ou temas mais diversos...digamos que há uma eternidade à frente de uma arte com estas características.

**Nome: Doutor Alberto Marques**

**Profissão: Director-Coordenador da Direcção de Desenvolvimento de Produtos e Destinos**

**Local e data: Turismo de Portugal, Lisboa a 18/01/2010**

**1 – O Turismo de Portugal é responsável pela promoção externa de Portugal (e coordena essa actuação com as Agências Regionais de Promoção Turística, que promovem a respectiva Região, articulando com os agentes económicos locais.) Como se promove hoje o nosso país?**

Primeiro lugar não está totalmente correcto dizer-se que o Turismo de Portugal é responsável pela promoção externa do país. Desde logo poder-se-ia pensar só na promoção turística e relativamente a esta que é parte da promoção geral de Portugal de facto o TP é parte importante mas não exclusiva. E porquê? A nova organização do turismo português faz com que haja uma responsabilidade partilhada entre o TP e as entidades regionais de turismo. Em

Portugal, neste momento, o território está dividido por entidades regionais. Paralelamente às entidades regionais que essencialmente têm a seu cargo a estruturação da oferta turística existem as agências regionais de promoção turística (uma para cada área regional de turismo). As agências têm por missão promover as suas regiões no estrangeiro, enquanto que as entidades regionais têm por objectivo promover as regiões ao nível nacional, interno e nas regiões fronteiriças.

Por estas razões decidi em primeiro lugar clarificar o panorama da promoção turística externa de Portugal. Não quero dizer, com isto, que o TP não tem responsabilidade, porque tem mas mais global, mais estratégica. A promoção de cada regiões é tutelada pelo TP numa organização que se chama Conselho Superior de Estratégia Nacional.

Por outro lado, o TP ele próprio tem um plano de actividades promocionais no estrangeiro em dois domínios fundamentalmente: publicidade, ou seja, cada região pode fazer publicidade no estrangeiro mas a publicidade de Portugal enquanto destino global é feita pelo TP por conseguinte nesta medida também influenciamos a formação da imagem que a promoção turística elabora no estrangeiro. O TP desenvolve, ainda, uma actividade permanente de organização da participação portuguesa nas grandes feiras do turismo.

Existem grandes feiras de turismo e a participação de Portugal neste calendário de feiras internacionais é coordenado e organização pelo TP. Assim, participa na elaboração e divulgação da imagem de Portugal.

Mas, repito não é o actor exclusivo e mesmo considerando as entidades e/ou as agências regionais não nos podemos esquecer das entidades privadas, empresas que têm um papel importante, decisivo na promoção turística de Portugal no estrangeiro obviamente com um objectivo mais utilitário, mais imediato mas que não deixa de ser importante. Por exemplo a TAP, com os seus nove milhões de passageiros obviamente para os captar tem de fazer um esforço forte de promoção turística que é uma promoção de transporte mas alicerçada em termos, em pontos turísticos. Um dos seus veículos é a revista de bordo. São publicados um milhão de exemplares todos os meses e esse é um instrumento absolutamente fundamental. Nalguns inquéritos que tem feito há mesmo clientes que se mostram completamente surpreendidos com a imagem de Portugal que a revista tem apresentado.

Tudo isto para lhe mostrar que temos três grandes vectores de promoção turística externa: o TP, como organismo de super-estrutura; as agências regionais de turismo; e as empresas.

## **2 – Portugal é efectivamente um destino?**

Sim, não há qualquer duvida. O que é um destino?

É um espaço territorial organizado para captar, animar e receber turistas. E nesse sentido Portugal é um destino turístico. Segundo os últimos números e indicadores da Organização Mundial de Turismo um dos quinze destinos mais procurados do Mundo. E por isso não há duvida que Portugal é um destino turístico. Mas também é destino turístico por outro motivo: se

nós pensarmos que um destino turístico é um espaço que tem uma recepção líquida positiva de turistas, isto é, recebe mais turísticas do que expede, também segundo este critério Portugal é um destino turístico porque temos um saldo positivo. Recebemos, mais ou menos, 10/12 milhões de turistas por ano. Os hóspedes andam à volta de 10 milhões, se pensarmos em visitantes rondam os 20 milhões. E quantos portugueses saem para o estrangeiro? 3 milhões. Claramente há um saldo positivo da entrada face a saída.

Podemos dizer que é um destino turístico também por outra razão. Será um destino turístico o espaço que não só é visitado, mas no qual o turista encontra diferenças face ao seu espaço nacional, ao seu local habitual de residência. Um turista estrangeiro ao entrar em Portugal sente que está num território diferente, numa cultura distinta, com hábito e pessoas que se distinguem das do seu país.

Assim, de um ponto de vista qualitativo Portugal é também um destino turístico. Desperta no imaginário dos turistas potenciais uma imagem de diferenciação. É um território diferenciado dos territórios adjacentes onde se insere.

### **3 – Quais os produtos de destaque (os tais 10 produtos estratégicos do Plano Estratégico Nacional do Turismo)?**

Como disse correctamente Portugal tem um Plano Estratégico Nacional do Turismo que nós abreviadamente chamamos PENT. Um plano a médio prazo com vista a 2015. Neste plano estão definidos 11 eixos de desenvolvimento um dos quais tem a ver com o desenvolvimento de novos produtos ou o reforço de produtos já existentes. Antes de os definir há que entender o que é um produto turístico. O que é um produto turístico?

O produto turístico é uma forma de organizar a oferta. Não me basta ter recursos, tenho de ter o produto (por exemplo tenho mar e areia, crio a praia como produto turístico). O produto turístico é uma forma, uma fórmula de organização dos recursos.

E quais foram as fórmulas, os modelos seleccionados, foram definidos no PENT? O Sol e o Mar; o turismo de natureza; o turismo náutico; o golfe; o turismo de negócios; os resorts; os city-break; o touring. A organização da nossa oferta faz-se, então segundo estes modelos. Contudo são muitas as empresas que agarram nestes nossos modelos e os adaptam ao seu público alvo, aquilo que pretendem alcançar.

### **4 – Neste sentido quais destes produtos representa a maior parcela do turismo em Portugal?**

Hoje em dia já não falamos em tipos de turismo. Somos versáteis. A mesma pessoa opta pelo diferentes produtos turísticos disponíveis consoante o que lhe convêm, o que se adapta melhor. Desconstruir a ideia de que há tipo de turistas. Já não existe.

Disto isto não é possível quantificar como outrora se fazia. Contudo se nos reportarmos à oferta, claramente que o Sol e Mar é o produto com maior nível de dormidas, um dos

indicadores mais importantes do turismo. Verificamos, ainda, que onde há mais dormidas é no Algarve.

No entanto, não significa que é este produto, Sol e Mar, que traz mais rendimentos a Portugal. Não necessariamente.

## **5 – O fado é um produto apoiado e, simultaneamente, utilizado pelo Turismo de Portugal?**

Sim, sem dúvida. E não só o fado mas diversas expressões artísticas contemporâneas. Na estratégia do Turismo de Portugal, para a formação da imagem e, a partir daqui para a formação de preferências e captação de tráfego os aspectos, as variáveis identitárias portuguesas são muito valorizadas, nomeadamente tudo aquilo que nos diferencia dos outros destinos concorrentes, nós tentamos valorizar e colocar nos nossos instrumentos de promoção. Passa-se, por exemplo, com todos os aspectos da nossa paisagem: Portugal tem esta característica de ter uma grande variedade numa dimensão muito pequena. Numa hora de trajecto a paisagem é capaz de mudar totalmente. O mesmo face ao património edificado: temos edifícios completamente distintos dos restantes países europeus.

O mesmo se prolonga, ainda, ao património cultural imaterial onde o fado se insere. Ai também o que nos distingue dos nossos concorrentes nós tentamos por à frente em todos os instrumentos de promoção que temos. Em relação ao fado também acontece.

Como damos a conhecer esta diferença que o fado é? Em primeiro lugar através das informações que divulgamos. Temos dois portais de comunicação com os turistas: o Visit e o Descubra Portugal e aqui temos informação sobre o fado. Em segundo lugar, as nossas campanhas publicitárias onde, de um modo ou de outro, há sempre referências ao fado, a intérpretes. Em terceiro lugar, quando desenvolvemos acções integradas de promoção turística, por exemplo a quinzena de Portugal no Harrods em Londres, ou a quinzena de Portugal no El Corte Inglés, tentamos sempre que haja apontamentos de artistas portugueses, nomeadamente fadistas. Em quarto lugar nas mensagens que transmitimos, por exemplo nas músicas de espera dos nossos serviços telefónicos, muitas vezes são fado, não sempre.

Uma das acções que desenvolvemos mais, nós e as entidades regionais, é o convite a jornalistas e a agentes estrangeiros para que eles venham a Portugal e reparem, divulguem como é diferente passar uns dias em Portugal. Todos estes, ou a maioria, são confrontados com experiências de ouvirem o fado em Lisboa. Aqui há uma multiplicação da mensagem através dos artigos que escrevem, através das reportagens que as televisões fazem.

E, finalmente, também não deixa de ser significativo que o turismo de Portugal apoie projectos de terceiras entidades, quer sejam entidades privadas, quer sejam publicas. O Turismo de Portugal tem linhas de apoio financeiro para incentivar o aparecimento de novos equipamentos culturais, novas formas de animação e também, por essa via, o Turismo de Portugal já apoia

iniciativas que tem a ver com o Fado: a linha de apoio financeiro com concessão de empréstimos para as casas de fado.

Não nos podemos esquecer igualmente do facto da fadista Mariza ter ganhado uma medalha de mérito turístico, o galardão máximo. Não só porque canta bem, mas também por tudo o que representa em termos de formação de imagem de Portugal na perspectiva turística que o Turismo de Portugal pretende dar a conhecer.

## **6 – Têm a noção da potencialidade do fado enquanto meio de promoção externa do país? É possível quantificar?**

Há pouco esqueci-me de referenciar, mas o Turismo de Portugal foi um dos grandes financiadores do filme “Fados” do Carlos Saura. Aquele filme destinava-se essencialmente ao mercado externo, posicionar o fado num patamar de expressão cultural a par do flamenco, do tango.

Relativamente à pergunta que me faz, não temos números que nos permitam dizer. Não temos essa segmentação da nossa procura, no entanto o que é certo é que podemos ter indicações indirectas que têm a ver com: qual a capacidade de penetração dos nossos fadistas nos circuitos externos. Têm ou não? Têm muito ou pouco? Têm e muito.

Alguns fadistas, e não só a Mariza, têm uma enorme capacidade de penetração nos mercados internacionais da música seja ela *World Music* ou outra forma de expressão.

Outro indício é as casas de fado cheias e são de facto poucas as que fecham. Estão a surgir novas formas de organização de locais onde se pode ouvir o fado um pouco por todo o país. Uma parte importante desses espaços são feitos a pensar nos turistas e por conseguinte quer dizer que estes ao virem cá, querem ter uma experiência destas.

Não sendo possível quantificar, sabemos que os turistas que cá estão, quando vêm à procura de algo são muito atraídos pela expressão turística que é o fado. Não podemos dizer com segurança que vêm fluxos organizados de turistas só para ouvirem fado, não temos esse indicador. Mas podemos afirmar que os que estão cá vão assistir e em grande número aos espectáculos, ao concertos de fado.

E porque é isto tão importante? É importante porque é uma forma de expressão artística tão forte, tão única que é uma das experiências que eles não esquecem. Consequentemente é uma experiência que se torna ela própria, ao ser re-transmitida dentro do grupo de amigos e família nos locais onde estes residem, formas de reforço a uma vinda, a uma descoberta de Portugal.

## **7 – Mas o fado é um instrumento de promoção de Portugal no Mundo, certo? (E atrai turistas?)**

Não diria de promoção, mas de afirmação de imagem. Afirmação de identidade. Tendente para a promoção e integrando-se neste esforço de promoção.

**8 – Uma das prioridades do Turismo de Portugal consiste em atrair e realizar grandes eventos internacionais, com o objectivo de projectar a imagem e aumentar a notoriedade do Destino Portugal no exterior. A cultura está presente nestes grandes eventos internacionais?**

Sim.

### **Anexo III) Afins**

Em anexo a Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, disponível em <http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>

## **UNESCO**

### **CONVENÇÃO PARA A SALVAGUARDA DO PATRIMÓNIO CULTURAL IMATERIAL Paris, 17 de Outubro de 2003**

#### **CONVENÇÃO PARA A SALVAGUARDA DO PATRIMÓNIO CULTURAL IMATERIAL**

A Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, daqui em diante denominada “a UNESCO”, reunida em Paris de 29 de Setembro a 7 de Outubro de 2003 na sua 32ª sessão,

*Referindo-se* aos instrumentos internacionais existentes em matéria de direitos humanos, em particular à Declaração Universal dos Direitos do Homem, de 1948, ao Pacto Internacional sobre Direitos Económicos, Sociais e Culturais, de 1966 e ao Pacto Internacional sobre os Direitos Cívicos e Políticos, de 1966,

*Considerando* a importância do património cultural imaterial, crisol da diversidade cultural e garante do desenvolvimento sustentável, como se destaca na Recomendação da UNESCO para a Salvaguarda da Cultura Tradicional e do Folclore, de 1989, na Declaração Universal da UNESCO sobre a Diversidade Cultural, de 2001 e na Declaração de Istambul de 2002 adoptada pela Terceira Mesa Redonda dos Ministros da Cultura,

*Considerando* a profunda interdependência entre o património cultural imaterial e o património material cultural e natural,

*Reconhecendo* que os processos de globalização e de transformação social, a par das condições que criam para um diálogo renovado entre as comunidades, trazem igualmente consigo, à semelhança dos fenómenos de intolerância, graves ameaças de degradação, desaparecimento e destruição do património cultural imaterial, devido em particular à falta de meios de salvaguarda deste,

*Consciente* da vontade universal e da preocupação comum de salvaguardar o património cultural imaterial da humanidade,

*Reconhecendo* que as comunidades, em particular as comunidades autóctones, os grupos e, em certos casos, os indivíduos, desempenham um papel importante na produção, salvaguarda, manutenção e recriação do património cultural imaterial, assim contribuindo para o enriquecimento da diversidade cultural e da criatividade humana,

*Tendo em conta* o grande alcance da actividade desenvolvida pela UNESCO na elaboração de instrumentos normativos para a protecção do património cultural, em particular a Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural de 1972,

*Tendo em conta também* que ainda não existe nenhum instrumento multilateral de carácter vinculativo visando a salvaguarda do património cultural imaterial,  
*Considerando* que os acordos, recomendações e resoluções internacionais existentes em matéria de património cultural e natural necessitam de ser eficazmente enriquecidos e complementados por novas disposições relativas ao património cultural imaterial,  
*Considerando* a necessidade de reforçar a consciencialização, em particular das gerações jovens, para a importância do património cultural imaterial e da sua salvaguarda,  
*Considerando* que a comunidade internacional deve contribuir, juntamente com os Estados Partes na presente Convenção, para a salvaguarda deste património num espírito de cooperação e entreajuda,  
*Recordando* os programas da UNESCO relativos ao património cultural imaterial, nomeadamente a Proclamação das Obras-Primas do Património Oral e Imaterial da Humanidade,  
*Considerando* o papel inestimável do património cultural imaterial como factor de aproximação, intercâmbio e entendimento entre os seres humanos,  
*Aprova*, neste dia dezassete de Outubro de 2003, a presente Convenção.

## I. Disposições gerais

### Artigo 1º: Finalidades da Convenção

As finalidades da presente Convenção são:

- (a) a salvaguarda do património cultural imaterial;
- (b) o respeito do património cultural imaterial das comunidades, grupos e indivíduos envolvidos;
- (c) a sensibilização a nível local, nacional e internacional para a importância do património cultural imaterial e da sua apreciação recíproca;
- (d) a cooperação e assistência internacionais.

### Artigo 2º: Definições

Para efeitos da presente Convenção, 1. Entende-se por “património cultural imaterial” as práticas, representações,

expressões, conhecimentos e competências – bem como os instrumentos, objectos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, grupos e, eventualmente, indivíduos reconhecem como fazendo parte do seu património cultural. Este património cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu meio envolvente, da sua interacção com a natureza e da sua história, e confere-lhes um sentido de identidade e de continuidade, contribuindo assim para promover o respeito da diversidade cultural e a criatividade humana. Para efeitos da presente Convenção, só será tomado em consideração o património cultural imaterial que seja compatível com os instrumentos internacionais relativos aos direitos humanos existentes, bem como com a

exigência do respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos, e de um desenvolvimento sustentável. 2. O “património cultural imaterial” tal como é definido no parágrafo I supra,

manifesta-se nomeadamente nos seguintes domínios:

- (a) tradições e expressões orais, incluindo a língua como vector do património cultural imaterial;
- (b) artes do espectáculo;
- (c) práticas sociais, rituais e actos festivos;
- (d) conhecimentos e usos relacionados com a natureza e o universo;
- (e) técnicas artesanais tradicionais.

3. Entende-se por “salvaguarda” as medidas que visam assegurar a viabilidade do património cultural imaterial, incluindo a identificação, documentação, investigação, preservação, protecção, promoção, valorização, transmissão - essencialmente pela educação formal e não formal – e revitalização dos diversos aspectos deste património.

4. Entende-se por “Estados Partes” os Estados que estão vinculados pela presente Convenção e entre os quais ela está em vigor.

5. A presente Convenção aplica-se *mutatis mutandis* aos territórios visados no Artigo 33º que dela se tornem Partes, em conformidade com as condições que o referido artigo especifica. Nesta medida, a expressão “Estados Partes” refere-se também a esses territórios.

### **Artigo 3º: Relação com outros instrumentos internacionais**

Nada na presente Convenção pode ser interpretado como:

- (a) alterando o estatuto ou diminuindo o nível de protecção dos bens declarados do património mundial no quadro da Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural, de 1972, aos quais está directamente associado um elemento do património cultural imaterial; ou
- (b) afectando os direitos e obrigações dos Estados Partes decorrentes de qualquer instrumento internacional relativo aos direitos da propriedade intelectual ou à utilização dos recursos biológicos e ecológicos de que sejam partes.

## **II. Órgãos da Convenção**

### **Artigo 4º: Assembleia Geral dos Estados Partes**

1. É instituída uma Assembleia Geral dos Estados Partes, daqui em diante denominada “a Assembleia Geral”. A Assembleia Geral é o órgão soberano da presente Convenção.
2. A Assembleia Geral reúne-se em sessão ordinária de dois em dois anos. Pode reunir-se em sessão extraordinária se assim decidir, ou se tal lhe for solicitado pelo Comité Intergovernamental de Salvaguarda do Património Cultural Imaterial ou por um mínimo de dois terços dos Estados Partes.
3. A Assembleia Geral adopta o seu regulamento interno.

### **Artigo 5º: Comité Intergovernamental para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial**

1. É instituído junto da UNESCO um Comité Intergovernamental para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, daqui em diante denominado “o Comité”. É constituído por representantes de 18 Estados Partes, eleitos pelos Estados Partes reunidos em Assembleia Geral depois da entrada em vigor da presente Convenção, em conformidade com o Artigo 34o.
2. O número de Estados membros do Comité será aumentado para 24 quando o número de Estados Partes na Convenção atingir os 50.

### **Artigo 6º: Eleição e mandato dos Estados membros do Comité**

1. A eleição dos Estados membros deve obedecer aos princípios de uma repartição geográfica e uma rotação equitativas.
2. Os Estados membros do Comité são eleitos para um mandato de quatro anos pelos Estados Partes na Convenção reunidos em Assembleia Geral.
3. No entanto, o mandato de metade dos Estados membros do Comité eleitos na primeira eleição fica limitado a dois anos. Estes Estados são designados por sorteio na altura da primeira eleição.
4. De dois em dois anos, a Assembleia Geral procede à renovação de metade dos Estados membros do Comité.
5. Elege igualmente tantos Estados membros do Comité quantos os necessários para preencher os lugares vagos.
6. Um Estado membro do Comité não pode ser eleito para dois mandatos consecutivos.
7. Os Estados membros do Comité escolhem para os representar pessoas qualificadas nos diversos domínios do património cultural imaterial.

### **Artigo 7º: Funções do Comité**

Sem prejuízo das demais atribuições que lhe são cometidas pela presente Convenção, as funções do Comité são as seguintes:

- (a) promover os objectivos da Convenção, fomentar e supervisionar a sua aplicação;
- (b) dar conselhos sobre as melhores práticas e formular recomendações sobre as medidas tendentes a salvaguardar o património cultural imaterial;
- (c) preparar e submeter à aprovação da Assembleia Geral um projecto de utilização dos recursos do Fundo, em conformidade com o Artigo 25o;

- (d) esforçar-se por encontrar formas de aumentar os seus recursos e tomar as medidas necessárias para tal fim, em conformidade com o Artigo 25o;
- (e) preparar e submeter à aprovação da Assembleia Geral directivas operacionais para a aplicação da Convenção;
- (f) examinar, em conformidade com o Artigo 29o, os relatórios dos Estados Partes e fazer deles um resumo destinado à Assembleia Geral;
- (g) examinar as solicitações apresentadas pelos Estados Partes e decidir, em conformidade com os critérios objectivos de selecção estabelecidos pelo próprio Comité e aprovados pela Assembleia Geral:
  - (i.) sobre as inscrições nas listas e sobre as propostas mencionadas nos Artigos 16o, 17o e 18o;
  - (ii.) sobre a prestação da assistência internacional em conformidade com o Artigo 22o.

#### **Artigo 8º: Métodos de trabalho do Comité**

1. O Comité é responsável perante a Assembleia Geral. Presta-lhe contas de todas as suas actividades e decisões.
2. O Comité adopta o seu regulamento interno por maioria de dois terços dos seus membros.
3. O Comité pode criar temporariamente os órgãos consultivos *ad hoc* que considere necessários para a execução das suas funções.
4. O Comité pode convidar para as suas reuniões qualquer organismo público ou privado, bem como qualquer pessoa física de comprovada competência nos diferentes domínios do património cultural imaterial, para os consultar sobre questões específicas.

#### **Artigo 9º: Acreditação das organizações consultivas**

1. O Comité propõe à Assembleia Geral a acreditação de organizações não governamentais de comprovada competência no domínio do património cultural imaterial. Estas organizações terão funções consultivas junto do Comité.
2. O Comité propõe igualmente à Assembleia Geral os critérios e modalidades desta acreditação.

#### **Artigo 10º: O Secretariado**

1. O Comité é assistido pelo Secretariado da UNESCO.
2. O Secretariado prepara a documentação da Assembleia Geral e do Comité, bem como o projecto de ordem do dia das respectivas reuniões e assegura a execução das decisões dos dois órgãos.

### **III. Salvaguarda do património cultural imaterial à escala nacional**

#### **Artigo 11º: Funções dos Estados Partes**

Compete a cada Estado Parte:

- (a) tomar as medidas necessárias para garantir a salvaguarda do património cultural imaterial presente no seu território;
- (b) entre as medidas de salvaguarda mencionadas no parágrafo 3 do Artigo 2o, identificar e definir os diferentes elementos do património cultural imaterial presentes no seu território, com a participação das comunidades, grupos e organizações não governamentais pertinentes.

#### **Artigo 12º: Inventários**

1. Para assegurar a identificação com vista à salvaguarda, cada Estado Parte elabora, em moldes que se adaptem à sua situação, um ou vários inventários do património cultural imaterial presente no seu território. Estes inventários são objecto de actualização periódica.
2. Cada Estado Parte, aquando da apresentação periódica do seu relatório ao Comité, em conformidade com o Artigo 29o, presta informações pertinentes sobre os referidos inventários.

#### **Artigo 13º: Outras medidas de salvaguarda**

Com vista a assegurar a salvaguarda, o desenvolvimento e a valorização do património cultural imaterial presente no seu território, cada Estado Parte desenvolve esforços no sentido de:

- (a) adoptar uma política geral orientada para a valorização da função do património cultural imaterial na sociedade e para a integração da salvaguarda desse património em programas de planeamento;
- (b) designar ou criar um ou mais organismos competentes para a salvaguarda do património cultural imaterial presente no seu território;
- (c) fomentar estudos científicos, técnicos e artísticos, assim como metodologias de investigação para uma eficaz salvaguarda do património cultural imaterial, em particular do património cultural imaterial em perigo;
- (d) adoptar medidas jurídicas, técnicas, administrativas e financeiras adequadas para:
  - (i) estimular a criação ou o reforço de instituições de formação em gestão do património cultural imaterial e a transmissão desse património através de fóruns e espaços destinados à sua representação e expressão;
  - (ii) garantir o acesso ao património cultural imaterial respeitando as práticas consuetudinárias pelas quais se rege o acesso a aspectos específicos desse património;
  - (iii) criar instituições de documentação sobre o património cultural imaterial e facilitar o acesso a elas.

**Artigo 14º: Educação, sensibilização e reforço das capacidades**

Cada Estado Parte desenvolve esforços, por todos os meios apropriados, no sentido de:

- (a) assegurar o reconhecimento, respeito e valorização do património cultural imaterial na sociedade, em particular através de:
  - (i) programas educativos, de sensibilização e difusão de informações junto do público, nomeadamente dos jovens;
  - (ii) programas educativos e de formação específicos no âmbito das comunidades e grupos envolvidos;
  - (iii) actividades de reforço das capacidades em matéria de salvaguarda do património cultural imaterial e em particular de gestão e de investigação científica; e
  - (iv) meios não formais de transmissão do saber;
- (b) manter o público informado das ameaças que impendem sobre esse património bem como das actividades desenvolvidas na aplicação da presente Convenção;
- (c) promover a educação para a protecção dos espaços naturais e lugares de memória cuja existência é necessária à expressão do património cultural imaterial.

**Artigo 15º: Participação das comunidades, grupos e indivíduos**

No âmbito das suas actividades de salvaguarda do património cultural imaterial, cada Estado Parte desenvolve esforços no sentido de assegurar a mais ampla participação possível das comunidades, grupos e, se for caso disso, indivíduos que criam, mantêm e transmitem esse património, e de os envolver activamente na sua gestão.

**IV. Salvaguarda do património cultural imaterial à escala internacional**

**Artigo 16º: Lista representativa do património cultural imaterial da humanidade**

1. Para melhor dar a conhecer o património cultural imaterial, consciencializar as pessoas para a sua importância e promover o diálogo no respeito da diversidade cultural, o Comité, por proposta dos Estados Partes interessados, cria, mantém actualizada e publica uma lista representativa do património cultural imaterial da humanidade.
2. O Comité elabora e submete à aprovação da Assembleia Geral os critérios que irão presidir à criação, actualização e publicação desta lista representativa.

**Artigo 17º: Lista do património cultural imaterial que requer medidas urgentes de salvaguarda**

1. A fim de tomar as medidas de salvaguarda apropriadas, o Comité cria, mantém actualizada e publica uma lista do património cultural imaterial que requer medidas urgentes de salvaguarda, e inscreve esse património na Lista a pedido do Estado Parte interessado.
2. O Comité elabora e submete à aprovação da Assembleia Geral os critérios que presidem à criação, actualização e publicação desta lista.

3. Em casos de extrema urgência – cujos critérios objectivos são aprovados pela Assembleia Geral sob proposta do Comité – este pode, em consulta com o Estado Parte interessado, inscrever um elemento do património em questão na lista mencionada no parágrafo 1.

**Artigo 18º: Programas, projectos e actividades de salvaguarda do património cultural imaterial**

1. Com base nas propostas apresentadas pelos Estados Partes, e em conformidade com os critérios definidos pelo Comité e aprovados pela Assembleia Geral, o Comité selecciona periodicamente e promove os programas, projectos e actividades de carácter nacional, sub-regional ou regional de salvaguarda do património que em seu entender melhor reflectem os princípios e objectivos da presente Convenção, tendo em conta as necessidades específicas dos países em desenvolvimento.

2. Para tal, recebe, examina e aprova as solicitações de assistência internacional formuladas pelos Estados Partes para a elaboração das suas propostas.

3. O Comité acompanha a execução dos referidos programas, projectos e actividades com a difusão das melhores práticas de acordo com as modalidades que tiver definido.

**V. Cooperação e assistência internacionais**

**Artigo 19º: Cooperação**

1. Para os fins previstos na presente Convenção, a cooperação internacional compreende em particular o intercâmbio de informações e experiências, iniciativas comuns e a criação de um mecanismo de assistência aos Estados Partes nos seus esforços de salvaguarda do património cultural imaterial.

2. Sem prejuízo das disposições da respectiva legislação nacional e dos respectivos direitos e usos consuetudinários, os Estados Partes reconhecem que a salvaguarda do património cultural imaterial é do interesse geral da humanidade e comprometem-se, para esse fim, a cooperar aos níveis bilateral, sub-regional, regional e internacional.

**Artigo 20º: Objectivos da assistência internacional**

A assistência internacional pode ser prestada com os seguintes objectivos:

- (a) salvaguarda do património inscrito na lista do património cultural imaterial que requer medidas urgentes de salvaguarda;
- (b) preparação de inventários no sentido dos Artigos 11o e 12o;
- (c) apoio a programas, projectos e actividades conduzidos a nível nacional, sub-regional e regional, com vista à salvaguarda do património cultural imaterial;
- (d) qualquer outro objectivo que o Comité considere necessário.

**Artigo 21º: Formas de assistência internacional**

A assistência prestada pelo Comité a um Estado Parte é regulamentada pelas directivas operacionais previstas no artigo 7o e pelo acordo previsto no Artigo 24o, e pode assumir as seguintes formas:

- (a) estudos sobre os diferentes aspectos da salvaguarda;
- (b) disponibilização de especialistas e de pessoas com experiência prática;
- (c) formação de todo o pessoal necessário;
- (d) elaboração de medidas normativas ou outras;
- (e) criação e exploração de infra-estruturas;
- (f) fornecimento de equipamento e competência técnica;
- (g) outras formas de assistência financeira e técnica incluindo, se necessário, a concessão de empréstimos a juro baixo e de doações.

**Artigo 22º: Condições de prestação da assistência internacional**

1. O Comité define o processo de análise das solicitações de assistência internacional e especifica os elementos da solicitação tais como as medidas previstas, as intervenções necessárias e a avaliação do respectivo custo.

2. Em caso de urgência, a solicitação de assistência deve ser analisada pelo Comité com carácter prioritário.

3. Para tomar uma decisão, o Comité procede aos estudos e consultas que entender necessários.

#### **Artigo 23º: Solicitações de assistência internacional**

1. Cada Estado Parte pode apresentar ao Comité uma solicitação de assistência internacional para a salvaguarda do património cultural imaterial presente no seu território.

2. Tal solicitação pode também ser apresentada conjuntamente por dois ou mais Estados Partes.

3. A solicitação deve comportar os elementos de informação previstos no Artigo 22º, parágrafo 1, e os documentos necessários.

#### **Artigo 24º: Papel dos Estados Partes beneficiários**

1. Em conformidade com as disposições da presente Convenção, a assistência internacional prestada rege-se por um acordo entre o Estado Parte beneficiário e o Comité.

2. Regra geral, o Estado Parte beneficiário deve participar, na medida das suas possibilidades, no custo das medidas de salvaguarda para as quais é fornecida a assistência internacional.

3. O Estado Parte beneficiário apresenta ao Comité um relatório sobre a utilização da assistência que lhe foi prestada para fins de salvaguarda do património cultural imaterial.

### **VI. Fundo do património cultural imaterial**

#### **Artigo 25º: Natureza e recursos do Fundo**

1. É criado um “Fundo para a salvaguarda do património cultural imaterial”, daqui em diante denominado “o Fundo”.

2. O Fundo é constituído como fundo fiduciário em conformidade com as disposições do Regulamento Financeiro da UNESCO.

3. Os recursos do Fundo são constituídos por: (a) contribuições dos Estados Partes; (b) verbas destinadas a tal fim pela Conferência Geral da UNESCO; (c) contribuições, doações e legados que possam ser feitos por:

(i) outros Estados;

(ii) organismos e programas do sistema das Nações Unidas, nomeadamente o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, bem como outras organizações internacionais;

(iii) organismos públicos ou privados ou pessoas individuais;

(d) juros devidos sobre os recursos do Fundo;

(e) produto das colectas e receitas das manifestações organizadas em benefício do Fundo;

(f) quaisquer outros recursos autorizados pelo regulamento do Fundo elaborado pelo Comité.

4. A utilização dos recursos pelo Comité é decidida com base nas orientações da Assembleia Geral.

5. O Comité pode aceitar contribuições e outras formas de assistência para fins gerais ou específicos relativos a projectos concretos, desde que se trate de projectos aprovados pelo Comité.

6. As contribuições para o Fundo não podem estar dependentes de qualquer condição política, económica ou outra que seja incompatível com os objectivos prosseguidos pela presente Convenção.

#### **Artigo 26º: Contribuições dos Estados Partes para o Fundo**

1. Sem prejuízo de qualquer outra contribuição suplementar voluntária, os Estados Partes na presente Convenção comprometem-se a entregar ao Fundo, pelo menos de dois em dois anos, uma contribuição cujo montante, calculado segundo uma percentagem uniforme aplicável a todos os Estados, será decidido pela Assembleia Geral. Esta decisão da Assembleia Geral será tomada por maioria dos Estados Partes presentes e votantes que não tenham feito a declaração prevista no parágrafo 2 do presente artigo. Em nenhum caso esta contribuição poderá ultrapassar 1% da contribuição do Estado Parte para o orçamento ordinário da UNESCO.

2. Porém, qualquer dos Estados a que se refere o Artigo 32o ou o Artigo 33o da presente Convenção pode, no momento em que deposita os seus instrumentos de ratificação, aceitação, aprovação ou adesão, declarar que não ficará vinculado pelas disposições do parágrafo 1 do presente artigo.

3. Um Estado Parte na presente Convenção que tenha feito a declaração prevista no parágrafo 2 do presente artigo esforçar-se-á por retirar a referida declaração mediante notificação ao Director Geral da UNESCO. No entanto, a retirada da declaração só produzirá efeitos sobre a contribuição devida por esse Estado a partir da data de abertura da sessão seguinte da Assembleia Geral.

4. Para que o Comité esteja em condições de planear eficazmente as suas actividades, as contribuições dos Estados Partes na presente Convenção que fizeram a declaração prevista no parágrafo 2 do presente artigo devem ser pagas numa base regular, pelo menos de dois em dois anos, e deverão aproximar-se o mais possível das contribuições que deviam ter pago se estivessem vinculados às disposições do parágrafo 1 do presente artigo.

5. Um Estado Parte na presente Convenção que esteja atrasado no pagamento da sua contribuição obrigatória ou voluntária relativa ao ano em curso e ao ano civil que imediatamente o precedeu não é elegível para o Comité, não se aplicando esta disposição à primeira eleição. O mandato de um Estado nestas condições que já é membro do Comité cessará no momento em que tiver lugar qualquer das eleições previstas no Artigo 6o da presente Convenção.

#### **Artigo 27º: Contribuições voluntárias suplementares para o Fundo**

Os Estados Partes que desejem efectuar contribuições voluntárias para além das previstas no Artigo 26o informam disso o Comité logo que possível para lhe permitir planear as suas actividades em conformidade.

#### **Artigo 28º: Campanhas internacionais de recolha de fundos**

Os Estados Partes prestam, na medida do possível, o seu concurso às campanhas internacionais de recolha organizados em favor do Fundo sob os auspícios da UNESCO.

### **VII. Relatórios**

#### **Artigo 29º: Relatórios dos Estados Partes**

Os Estados Partes apresentam ao Comité, nos moldes e periodicidade por este estipulados, relatórios sobre as disposições legislativas, regulamentares ou outras adoptadas para aplicar a presente Convenção.

#### **Artigo 30o: Relatórios do Comité**

1. Com base nas suas actividades e nos relatórios dos Estados Partes mencionados no Artigo 29o, o Comité submete um relatório a cada sessão da Assembleia Geral. 2. Este relatório é levado ao conhecimento da Conferência Geral da UNESCO.

### **VIII. Cláusula transitória**

#### **Artigo 31º: Relação com a Proclamação das Obras-Primas do Património Oral e Imaterial da Humanidade**

1. O Comité integra na Lista representativa do património cultural imaterial da humanidade os elementos proclamados “Obras Primas do Património Oral e Imaterial da Humanidade” antes da entrada em vigor da presente Convenção.

2. A integração destes elementos na Lista representativa do património cultural imaterial da humanidade em nada condiciona os critérios definidos em conformidade com o Artigo 16o, parágrafo 2, para as inscrições futuras.

3. Não será feita qualquer outra Proclamação depois da entrada em vigor da presente Convenção.

### **IX. Disposições finais**

### **Artigo 32º: Ratificação, aceitação ou aprovação**

- 1.A presente Convenção está sujeita à ratificação, aceitação ou aprovação dos Estados Membros da UNESCO, em conformidade com os respectivos procedimentos constitucionais.
- 2.Os instrumentos de ratificação, aceitação ou aprovação são depositados junto do Director Geral da UNESCO.

### **Artigo 33º: Adesão**

- 1.A presente Convenção está aberta à adesão de todos os Estados não membros da UNESCO que a Conferência Geral da Organização convide a aderir a ela.
- 2.A presente Convenção está também aberta à adesão dos territórios que gozem de total autonomia interna, reconhecida como tal pela Organização das Nações Unidas, mas que não tenham acedido à independência plena em conformidade com a resolução 1514 (XV) da Assembleia Geral e que tenham competência para as matérias de que trata a presente Convenção, incluindo a competência para subscrever contratos sobre essas matérias.
- 3.O instrumento de adesão será depositado junto do Director Geral da UNESCO.

### **Artigo 34º: Entrada em vigor**

A presente Convenção entrará em vigor três meses depois da data do depósito do trigésimo instrumento de ratificação, aceitação, aprovação ou adesão, mas unicamente no que respeita aos Estados que tenham depositado os respectivos instrumentos de ratificação, aceitação, aprovação ou adesão nessa data ou anteriormente. Para os demais Estados Partes entrará em vigor três meses depois do depósito do respectivo instrumento de ratificação, aceitação, aprovação ou adesão.

### **Artigo 35º: Regimes constitucionais federativos ou não unitários**

Aos Estados Partes que tenham um regime constitucional federativo ou não unitário aplicam-se as disposições que se seguem:

- (a) No que diz respeito às disposições da presente Convenção cuja aplicação seja da competência do poder legislativo federal ou central, as obrigações do governo federal ou central serão as mesmas que as dos Estados Partes que não são Estados federativos;
- (b) No que diz respeito às disposições da presente Convenção cuja aplicação seja da competência de cada um dos Estados, países, províncias ou cantões constituintes, que em virtude do regime constitucional da federação não estejam obrigados a tomar medidas legislativas, o governo federal levará, com o seu parecer favorável, as referidas disposições ao conhecimento das autoridades competentes dos Estados, países, províncias ou cantões para adopção.

### **Artigo 36º: Denúncia**

- 1.Todos os Estados Partes têm a faculdade de denunciar a presente Convenção.
- 2.A denúncia é notificada por instrumento escrito depositado junto do Director Geral da UNESCO.
- 3.A denúncia produz efeito doze meses depois da recepção do instrumento de denúncia. A denúncia em nada modifica as obrigações financeiras que o Estado Parte denunciante é obrigado a cumprir até à data em que a retirada produz efeito.

### **Artigo 37º: Funções do depositário**

O Director Geral da UNESCO, na sua qualidade de depositário da presente Convenção, informa os Estados Membros da Organização, os Estados não membros a que se refere o Artigo 33a e a Organização das Nações Unidas do depósito de todos os instrumentos de ratificação, aceitação, aprovação ou adesão mencionados nos artigos 32o e 33o, bem como das denúncias previstas no Artigo 36o.

### **Artigo 38º: Emendas**

1. Qualquer Estado Parte pode, por comunicação escrita endereçada ao Director Geral, propor emendas à presente Convenção. O Director Geral transmite a comunicação recebida a todos

os Estados Partes. Se, nos seis meses que se seguem à data de transmissão da comunicação, pelo menos metade dos Estados Partes der resposta favorável à emenda solicitada, o Director Geral apresenta a proposta à próxima sessão da Assembleia Geral para discussão e eventual adopção.

2. As emendas são adoptadas por maioria de dois terços dos Estados Partes presentes e votantes.

3. As emendas à presente Convenção, uma vez adoptadas, são submetidas aos Estados Partes para ratificação, aceitação, aprovação ou adesão.

4. Para os Estados Partes que as tenham ratificado, aceite, aprovado ou a elas tenham aderido, as emendas à presente Convenção entram em vigor três meses depois do depósito dos instrumentos mencionados no parágrafo 3 do presente artigo por dois terços dos Estados Partes. A partir daí, para cada Estado Parte que ratifique, aceite, aprove uma emenda ou a ela adira, essa emenda entra em vigor três meses depois da data de depósito pelo Estado Parte do respectivo instrumento de ratificação, aceitação, aprovação ou adesão.

5. O procedimento previsto nos parágrafos 3 e 4 não se aplica às emendas introduzidas no Artigo 5o relativo ao número de Estados membros do Comité. Tais emendas entram em vigor à data da sua adopção.

6. Um Estado que passe a ser Parte na presente Convenção depois da entrada em vigor de emendas em conformidade com o parágrafo 4 do presente artigo e não tenha manifestado intenção diferente é considerado como sendo:

(a) parte na presente Convenção assim emendada; e

(b) parte na presente Convenção não emendada perante aqueles Estados Partes que não estejam vinculados pelas referidas emendas.

#### **Artigo 39º: Textos autênticos**

A presente Convenção é redigida em árabe, chinês, espanhol, francês, inglês e russo, sendo os seis textos considerados igualmente autênticos.

#### **Artigo 40º: Registo**

Em conformidade com o Artigo 102o da Carta das Nações Unidas, a presente Convenção será registada no Secretariado da Organização das Nações Unidas por solicitação do Director Geral da UNESCO.

#### **Cópia Email resposta do IC**

De: "Rita Sa Marques" <Arsmarques@instituto-camoes.pt>

Data: 1 de Fevereiro de 2010 18:07:11 WET

Para: <liliana.r.costa@gmail.com>

Cc: "Carla Silva" <carla.silva@instituto-camoes.pt>

Assunto: tese de Mestrado

Cara Dr.ª Liliana Costa

Em resposta ao seu mail solicitando informação sobre a actividade deste Instituto envolvendo a temática do Fado, cumpre-me informar que, neste momento, o Centro de documentação do IC não está acessível ao público. Assim, não será possível disponibilizar-lhe informação detalhada sobre os concertos de Fado até ao momento promovidos ou divulgados por nós. No entanto, posso dizer-lhe que, tal como no caso dos outros géneros musicais, o Fado tem merecido a nossa atenção e, ao longo os últimos anos, diversos fadistas têm marcado presença nas actividades culturais promovidas pelas Embaixadas e Centros Culturais portugueses no estrangeiro.

Efectivamente, a concretização da nossa missão, no que à actividade cultural diz respeito, traduz-se na avaliação, financiamento e acompanhamento do Plano de Actividades que, todos os anos, aquelas Missões e Centros apresentam à nossa consideração. Esses Planos têm

*Fado – Matriz para uma (nova) Política Cultural Externa. Uma Estratégia Cultural ao serviço de Portugal*

contemplado múltiplas actividades culturais, nos diversos domínios artísticos, não sendo possível, nesta fase, como lhe referi, detectar se o Fado tem recebido especial atenção. Por outro lado, repito, a programação é definida pelos responsáveis das Embaixadas e Centros Culturais que, de acordo com prioridades políticas, económicas geoestratégicas, financeiras e, naturalmente, culturais, delineiam o seu Plano.

Por outro lado, nos últimos quatro anos, o IC promoveu um Programa de Apoios à Internacionalização, que teve como objectivo financiar projectos, desenvolvidos por terceiros, em diversas áreas, nomeadamente, na música. Poderá consultar na nossa página – <http://www.instituto-camoes.pt/> - os resultados dos últimos três anos.

Desejo-lhe um bom trabalho.

Melhores cumprimentos

Rita Sá Marques Direcção de Serviços de Promoção e Divulgação Cultural Externa  
Instituto Camões R. Rodrigues Sampaio, nº113 1150-279 LISBOA  
Tel. 213109140

«A alma é divina e a obra é imperfeita.»<sup>260</sup>

---

260 **PESSOA**, Fernando, *A Mensagem*, I ALLCA XX, Balboa, p. 49.